

LETICIA OLGA MINHOT



200042253

**Uma reconstrução das teorias psicanalíticas de S. Freud segundo as
categorias da matriz disciplinar de T. Kuhn**

LETICIA OLGA MINHOT

**Uma reconstrução das teorias psicanalíticas de S. Freud segundo as
categorias da matriz disciplinar de T. Kuhn**

Tese de doutorado apresentada
ao Departamento de Filosofia
do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do
Prof. Dr. Zeljko Loparic.

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida
e aprovada pela Comissão
Julgadora em 22/11/2001.

BANCA

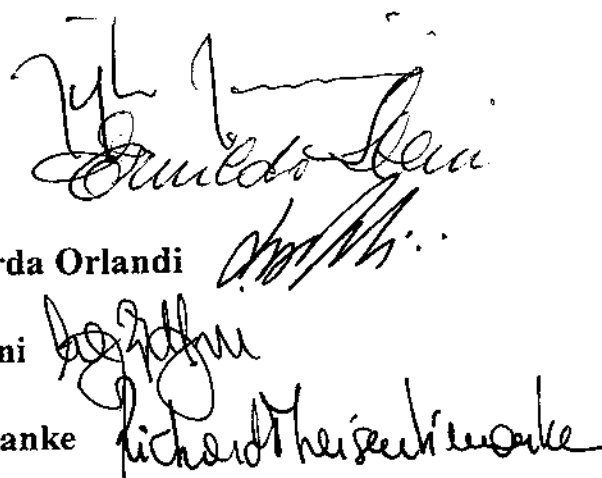
Prof. Dr. Zeljko Loparic

Prof. Dr. Ernildo Jacob Stein

Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/ UNICAMP
	M663r
V.	47802
TOM	837/02
PREC	
C	☐
D	☒
PREC	R\$ 11,00
DATA	14-02-02
N.º CPD	

CM00163474-5

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M663r **Minhot, Leticia Olga**
 Uma reconstrução das teorias psicanalíticas de S. Freud
 segundo as categorias da matriz disciplinar de T. Kuhn / Leticia
 Olga Minhot. - - Campinas, SP : [s. n.], 2001.

Orientador: Zeljko Loparic.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Kuhn, Thomas S., 1922- .
 3. Filosofia. 4. Epistemologia. 5. Psicanálise. I. Loparic, Zeljko.
 II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
 Ciências Humanas. III. Título.

“Quem, como eu, invoca os mais malignos demônios que, quase não contidos, habitam um peito humano e os combate, tem que estar preparado para a eventualidade de não sair ileso desta luta”.

Sigmund Freud

*A Olga Molina e Modesto Minhot,
que me abriram as portas da
vida; e a Pedro Ballester, que me
abriu as portas da filosofia*

Agradecimentos

Agradeço aqueles sem os quais esta tese não teria sido possível:

- CAPES, pela bolsa que permitiu levar a cabo meus estudos na UNICAMP
- FOMEC (Argentina), por ter me permitido beneficiar-me do acordo CAPES/Argentina
- Prof. Dr. Zeljko Loparic, por sua orientação e por seus questionamentos estimulantes
- Prof. Dr. Monzani e Prof. Dr. Orlandi, por suas sugestões enriquecedoras
- Adriano Correia Silva, por sua inestimável ajuda com a língua portuguesa
- Karin Lasch e Norma Horenstein, minhas duas grandes amigas, que com paciência e generosidade foram meus verdadeiros anjos da guarda nesta travessia.

Resumo

Esta tese consiste em mostrar a possibilidade de uma reconstrução da psicanálise freudiana usando categorias da matriz disciplinar tal como foi apresentada por Thomas Kuhn no *Postscript a The structure of scientific revolutions*. Tal reconstrução traz à luz as bases de um consenso para uma comunidade científica contidas na obra de Freud. A matriz disciplinar distingue, por um lado, entre uma suprateoria que atua como uma visão de mundo e que determina uma série de compromissos metafísicos, científicos e metodológicos. Por outro lado, incorpora o conhecimento que provém de certos exemplos de solução de problemas concretos. Eles servem de base para a solução de outros problemas concretos e envolvem a aplicação de um esquema de lei a diferentes tipos de situação. O espectro de compromissos determina o *a priori* a partir do qual intuiremos o objeto psicológico. A análise da rede epistêmica na qual se situa tal objeto nos mostrará a adesão de Freud aos compromissos epistêmicos do paradigma biológico, tal como foi postulado no século XIX. Neste o objeto é resultado de uma ontogênese cuja dinâmica fundamental é a do conflito. O estudo das metáforas do aparato mental revela esses compromissos, assim como a concepção de uma realidade psíquica distinta da realidade empírica. No entanto, é o outro elemento da matriz disciplinar que nos permite se em uma comunidade há consenso ou não. Se as discussões centram-se em questões da suprateoria, isso é uma prova da ausência de um paradigma nesta comunidade. Qualquer tentativa de mostrar um consenso metateórico na psicanálise é justamente uma prova da falta de consenso no sentido que requer uma ciência madura. Esta rede epistêmica tem que funcionar como *a priori*, é a obviedade do objeto. O consenso forte de uma comunidade se dá quando, dada essa obviedade, a atividade se centra na solução de problemas, adotando como modelo de solução os apresentados pelo autor de uma teoria. Eles são os exemplos paradigmáticos ou exemplares. Desse modo revela-se o papel central que desempenham os casos que o próprio Freud apresentou. Deles emergirá qualquer possibilidade de consenso futuro na prática da psicanálise freudiana, pois a *visão* é treinada a partir desses conjuntos paradigmáticos através de relações de semelhança. A partir deles é que se aprende a *ver*, entendendo este *ver* no sentido kuhniano.

Abstract

This thesis aims at showing that, using the categories of the disciplinary matrix presented by T. Kuhn in his *Postscript to The Structure of scientific revolutions*, the reconstruction of Freud's psychoanalysis is possible. Reconstructing we will learn that Freud's work has the key for a consensus among the members of a scientific community. One important sort of component of the disciplinary matrix is on one hand a supratheory that is acting like a vision of world and determining metaphysical, scientific and methodological commitments. On the other hand, incorporates the knowledge based on certain examples of concrete puzzle-solutions. This concrete puzzle-solutions, employed as models or examples apply lay-schema in a variety of situations.

The spectrum of commitments determines the *a priori* that permits to intuit psychological object. The analysis of the epistemic net, where such an object lies, shows that Freud shares the biological paradigm postulated during the 19th century. There the object was the consequence of an ontogenesis which had the conflict as its fundamental dynamic. These commitments and the conception of a psychical reality appeared in the study of the pictures of the mental apparatus.

However, the key component of the disciplinary matrix to decide when in a community exists consensus or not is the other. If the discussions are focused in matters of supratheory, this will be the proof that this community lacks paradigm. Every attempt to show metatheoretical consensus in psychoanalysis is a proof of lack of consensus in the sense that requires a mature science.

This epistemic net has to work as *a priori*. It is the obviousness of the object. The strong consensus in a community emerge when this obviousness exists and the activity is focused in the puzzle-solution, adopting the solution presented by the author of the theory as a model. They are the paradigmatic examples or exemplars. Therefore, the cases presented by Freud reveal their central role. Consequently, these exemplars permit the future consensus in the praxis of Freudian psychoanalysis, because the vision is trained by paradigmatic groups while learning the similarity relationship. From this phase on one is able to see, taking it from a Kuhnian point of view.

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1. A matriz disciplinar.....	23
Capítulo 2. A metafísica.....	37
2.1. A heurística.....	40
2.2. A ontologia.....	51
2.2.1. Modelo neurológico.....	52
2.2.2. Modelo da primeira tópica.....	60
2.2.3. Modelo da segunda tópica.....	84
Capítulo 3. A fórmula.....	103
3.1. Primeira etiologia.....	106
3.2. Segunda etiologia.....	116
3.3. Terceira etiologia.....	138
Capítulo 4. Os valores.....	149
Capítulo 5. Os exemplares.....	157
5.1. Primeiro grupo de exemplares.....	160
5.2. Segundo grupo de exemplares.....	163
5.2.1. Dora.....	165
5.2.2. Joãozinho.....	175
5.2.3. O homem dos ratos.....	182
5.2.4. Schreber.....	189
5.2.5. O homem dos lobos.....	195
Conclusão.....	207
Tabelas.....	221
Taxonomia.....	231
Bibliografia.....	233

Introdução

Quando *Galileu* deixou suas esferas rolar sobre a superfície oblíqua com um peso por ele mesmo escolhido, ou quando *Torricelli* deixou o ar carregar um peso de antemão pensado como igual ao de uma coluna de água conhecida por ele... Isso foi uma revelação para todos os pesquisadores da natureza. Deram-se conta que a razão só compreende o que ela mesma produz segundo seu projeto, que ela teria que ir à frente com princípios dos seus juízos segundo leis constantes e obrigar a natureza a responder às suas perguntas, mas sem se deixar conduzir por ela como se estivesse presa a um laço... A razão tem que ir à natureza tendo numa das mãos os princípios unicamente segundo os quais fenômenos concordantes entre si podem valer como leis, e na outra o experimento que ela imaginou segundo os seus princípios, claro que para ser instruída pela natureza, não, porém, na qualidade de um aluno que se deixa ditar tudo o que o professor quer, mas sim na de um juiz nomeado que obriga as testemunhas a responder às perguntas que lhes propõe.

Kant

Neste trabalho pretendemos levar a cabo uma reconstrução da psicanálise freudiana, que é apresentada no formato de matriz disciplinar tal como foi concebida por Thomas Kuhn. Como toda reconstrução, trata-se de um meio de descrever uma teoria científica com a finalidade de obter algum tipo de clarificação. A pretensão desta reconstrução consiste em mostrar a estrutura semântica que, de um ponto de vista kuhniano, revela-se solidária de uma prática científica cuja natureza é determinada pela resolução de problemas. A unidade de trabalho que Kuhn propõe é a matriz disciplinar, que é, por um lado, um conjunto de compromissos conceituais, teóricos e instrumentais que, organizados em tal matriz, dirigem a investigação. Tais compromissos determinam uma suprateoria que atua como uma visão de mundo científica, metafísica e metodológica. Por outro lado, essa matriz também contém o conhecimento incorporado a certos exemplos de solução de problemas concretos que servem de base para a solução de outros problemas, razão pela qual eles são o dispositivo essencial para um conhecimento consequencial da natureza. Estes problemas não são do tipo do de encontrar a cura do câncer ou a paz do mundo; referem-se a problemas semelhantes aos que apresenta um quebra-cabeça. Alan Musgrave sustenta que para Kuhn um grupo de problemas típico envolverá a aplicação de uma mesma generalização a diferentes tipos de situação¹. Desse modo, uma reconstrução que utiliza esta unidade de trabalho tem então por objetivo mostrar, por um lado, a suprateoria a que Freud aderiu e ajudou a construir, isto é, qual é a compreensão científica, metafísica e metodológica a partir da qual se estabelecem as leis que determinam os fenômenos mentais. Mas, por outro lado, o que em nossa reconstrução se trata do objetivo principal, é mostrar o papel central que jogam os casos que o próprio Freud apresentou. Estes não estão na obra como uma simples documentação, eles representam a esfera concreta de fenômenos aos quais se aplica uma teoria e, na medida em que são as soluções concretas de problemas, constituem a base para a prática futura de uma ciência. Sobre eles serão

¹ MUSGRAVE, A., 1980.

modelados os diferentes tipos de situação aos quais se tentará aplicar as leis teóricas e eles serão a base do consenso entre os cientistas, pois na visão kuhniana, uma vez aceita uma teoria, os novos adeptos a incorporam através da solução de problemas concretos.

Depois de sua aceitação, essas mesmas aplicações ou outras acompanharão a teoria no livro-texto onde os futuros cientistas aprenderão sua profissão... o processo de aprendizagem de uma teoria depende do estudo de suas aplicações, incluindo a prática na resolução de problemas².

Reconstruir uma teoria é torná-la objeto de estudo utilizando ferramentas epistemológicas determinadas. Em nosso caso a ferramenta é a matriz disciplinar de Kuhn, e a escolha de um instrumental, condição necessária de qualquer reconstrução, faz com que ela não seja a única possível. Outras reconstruções são possíveis com outras ferramentas epistemológicas. Mas mesmo utilizando a mesma, também outras são possíveis, já que toda reconstrução sempre envolve os compromissos que se têm sobre a teoria em questão. Tal como assinalam Balzer e Marcou, sobre a reconstrução que levam a cabo da teoria inicial do Inconsciente, de Freud, de fato não existem critérios independentes e absolutos que permitam decidir a adequação ou não de uma reconstrução, e o êxito sempre se mede em comparação com outras tentativas alternativas.

Nós não temos critérios independentes, “absolutos” para uma reconstrução ser adequada. A atividade de reconstruir teorias científicas é muito recente, não tem muito mais que cinquenta anos. Nenhum critério pronto para o uso foi proposto neste período. Esta situação de modo algum é excepcional, mas encontrada também em qualquer outro domínio onde as teorias científicas são aplicadas a sistemas reais. Na física, para mencionar o caso mais conhecido, 400 anos de aplicação experimental não levou a critérios prontos e rígidos acerca de quando a aplicação de uma teoria a um sistema, ou em um experimento, é adequada. Os critérios de adequação de uma reconstrução, assim como os de aplicação bem sucedida de uma teoria, ainda são principalmente os de comparação do desempenho com o de tentativas alternativas³.

² KUHN, T., 1970, p. 85.

³ BALZER, W.; MARCOU, P. : A Reconstruction of Sigmund Freud's Early Theory of the Unconscious. In *Psychological Theories from a Structuralist Point of View*, Hans Westmeyer (Ed), Springer-Verlag, Germany, p. 14.

O ponto aqui é quais são os esclarecimentos que se faz sobre a obra de Freud ao considerá-la sob a estrutura da matriz disciplinar. Consideramos esta ferramenta adequada para revelar o modo como Freud estabeleceu a semântica para os conceitos que introduziu e como essa semântica é solidária aderida a uma *práxis* específica.

Gary Gutting nota que para o ponto de vista positivista as leis empíricas específicas e as explicações são a unidade fundamental do trabalho científico, enquanto que a unidade fundamental que Kuhn propõe é muito mais rica, pois, além de leis e explicações, envolve os compromissos da suprateoria e os exemplares⁴. Desse modo, considerar uma ou outra como unidade fundamental tem como consequência diferentes *padrões* para a *atividade científica*; assim, do ponto de vista positivista, com seu limite no teórico, as disciplinas sociais não atingem o *status* de científicas. Mas se em vez disto a atividade científica é caracterizada pela matriz disciplinar, os critérios obtidos principalmente da física clássica abrem caminho a outros que permitem estender o domínio da ciência. Independentemente das dúvidas que o próprio Kuhn manifestou em relação a outros campos, as possibilidades lógicas de extensão são inerentes à matriz disciplinar. Dela se deriva como critério para o *status* científico o de consenso entre os membros de uma comunidade; podemos dizer que durante certos períodos vários cientistas sociais aderiram a determinadas suprateorias, mas o ponto destacado por Gutting é que a característica do consenso kuhniano não é uma adesão geral a uma meta-teoria, mas sim uma adesão tão forte que elimina qualquer discussão sobre questões fundacionais ou metodológicas e centra a atividade científica na solução de problemas, atividade própria de uma ciência madura. Qualquer tentativa de mostrar um consenso metateórico na psicanálise é justamente uma prova da falta de consenso no sentido que requer uma ciência madura.

Para Kuhn, o consenso surge apenas das instâncias concretas da prática científica altamente bem sucedida. Dado um consenso sobre o sucesso de algumas de tais

⁴GUTTING, G. : Introduction, in *Paradigms and Revolutions, Appraisals and Applications of Thomas Kuhn's Philosophy of Science*, Gary Gutting (Ed), University of Notre Dame Press, Indiana, p. 12-15.

instâncias (e sobre a probabilidade de sucesso futuro segundo os mesmos parâmetros), a comunidade científica (ou atentos filósofos da ciência) podem formular, por abstração das instâncias bem sucedidas, regras para a prática da ciência em questão. (De qualquer forma, nenhum conjunto de regras pode sempre expressar completamente a direção oferecida pelas instâncias-paradigma). Mas não há regras específicas para a prática bem sucedida da ciência anteriores ao aparecimento de uma realização paradigmática⁵.

Enquanto se identifique o paradigma com os compromissos metateóricos se está considerando apenas uma única função do paradigma para gerar consenso, tornando insatisfatória uma análise kuhniana, já que o consenso efetivo emerge das instâncias concretas, isto é, dos exemplares. Este consenso é o que torna possível uma semântica, pois ainda que não haja regras que derivem destes exemplares e sirvam de guia e que tampouco eles sejam estabelecidos por regras, eles fixam as interpretações possíveis da teoria. Já que as teorias científicas consistem em complexos estruturados de conceitos, a identidade de cada teoria, para Kuhn, está constituída essencialmente sobre a base de um determinado grupo de termos que estão organizados de uma determinada maneira. Essa identidade é reconstruída apenas parcialmente se se consideram unicamente as leis básicas, pois estas operam de fato como esquemas carentes de conteúdo empírico, já que só fornecem de modo incompleto o significado dos termos que introduzem. Uma teoria científica é uma estrutura conceitual com pretensões empíricas, de modo que para se estabelecer sua identidade é necessário caracterizar o domínio das aplicações da mesma e isto se obtém através dos exemplares. O que queremos mostrar aqui é que com os casos que Freud apresenta, ele está colocando as bases de uma prática científica normal.

Embora a matriz disciplinar seja a unidade fundamental para quem estuda o desenvolvimento de uma ciência, também é suscetível a um uso sincrônico, que é o que levamos a cabo aqui. Pois enquanto a matriz é uma estrutura, um conjunto ordenado de elementos que nos permite identificar os enigmas próprios da psicanálise freudiana e as soluções para estes nos limites

⁵ GUTTING, G.: Op. cit. p. 14.

de uma determinada obra. Enigmas e soluções são a pedra de toque da semântica kuhniana. Pode-se objetar inquirindo se é lícito o uso desta ferramenta quando o próprio Kuhn manifestou suas dúvidas acerca de ciências que, segundo ele, estariam em estado pré-paradigmático.

... permanece, todavia, a pergunta acerca de que partes das ciências sociais já obtiveram tais paradigmas. A história mostra que o caminho para um consenso de investigação firme é muito árduo⁶.

Mas a reconstrução que aqui queremos levar a cabo tem como base a separação que estabeleceu Kuhn entre o conceito de matriz disciplinar e o de comunidade científica; por conseguinte, não estamos analisando a comunidade dos psicanalistas. O que nos interessa é o modo como Freud fundou uma nova linguagem que doravante será utilizada por uma comunidade. Além disso, as dúvidas de Kuhn se enquadram sob certos compromissos epistemológicos que tornam visível uma rede específica de similaridades determinante do referente de *atividade científica*. Assim, as diferenças entre ciências sociais e naturais são estabelecidas por nossas metateorias e não supõem diferenças transcendentais entre dois tipos de conhecimentos, sendo as nossas metateorias o que nos permite *ver* demarcações. Conseqüentemente, a rede de similaridades não é estável, ela muda, e novas relações de analogia entram em jogo, modificando as características destacadas e determinando novos referentes. E esta possibilidade tem origem na estrutura da matriz disciplinar e sua fecundidade depende de que não associe o paradigma unicamente à visão de mundo que propõem as suprateorias, mas justamente a aquilo que o próprio Kuhn considera ser seu sentido mais profundo: os exemplares.

Embora o consenso seja a base do paradigma, determinando os aspectos sociológicos da atividade científica, quando apresentamos os compromissos suprateóricos através dos modelos heurísticos e ontológicos e dos valores epistemológicos adotados, o que interessa é o modo como Freud utilizou as *possibilidades de ver*⁷ disponíveis e como estabeleceu uma nova visão. A

⁶ KUHN, 1970, p. 40.

⁷ Cf. KUHN, T.: 1970, p. 188.

referência a esquemas conceituais de uma época tem com única finalidade apresentar essas *possibilidades de ver* como compromissos assumidos por Freud e como eles operam na rede teórica. Não entram nesta reconstrução os elementos extrínsecos do saber psicanalítico; o meio teórico da teoria serve para revelar certas heurísticas que o autor efetivamente usa e não para determinar influências. Esta é uma análise filosófica de uma matriz determinada, não se trata de um trabalho de historiografia. Nosso objeto de estudo é a teoria psicanalítica freudiana tal como aparece nos escritos de Freud, em vista do que também deixamos de lato outras leituras existentes da obra do autor.

Capítulo 1: a matriz disciplinar

Ao examinar a ciência normal... deveríamos aspirar por fim descrever essa pesquisa como uma tenaz e dedicada tentativa de forçar a natureza em caixas conceituais fornecidas pela educação profissional.

T. S. Khun

O uso da matriz disciplinar em nossa reconstrução exige as seguintes ferramentas epistemológicas que detalharemos em seguida. Em seus aspectos essenciais elas se encontram no *Posfácio* de 1969 que Thomas S. Kuhn adicionou a seu livro *As estruturas das revoluções científicas*, com a finalidade de dissipar alguns dos equívocos que surgiram dele e para esboçar as novas direções seguidas por seu pensamento. Um dos conceitos mais polêmicos tinha sido o de *paradigma*, e com a intenção de precisá-lo melhor, o separou do de *comunidade científica*⁸. Para tal fim, diferenciou dois sentidos em que se pode entender o termo *paradigma*: um deles se refere ao conjunto de crenças, valores, etc. que compartilham os membros de uma determinada comunidade científica; o outro significa as soluções concretas de problemas técnicos. Em *A tensão essencial* (1977) aparece um artigo intitulado *Reconsiderações acerca dos paradigmas*, que explicita o segundo sentido como um subconjunto do primeiro⁹. O primeiro sentido é o sociológico, pois representa os compromissos compartilhados; ao segundo, como já assinalamos, se refere como o mais profundo.

Os membros de uma comunidade científica são aqueles que praticam uma especialidade científica. Na realidade, tratam-se de escolas que se diferenciam entre si por tratar temas específicos de modo incompatível umas com as outras. Na ciência estas não são de fato muito numerosas. Uma das características de tais comunidades é que o juízo profissional é unânime. O número de membros que as compõem é normalmente cem, e às vezes menos – mais adiante Kuhn fala de vinte e cinco. Quando um paradigma se constituiu, a quantidade de escolas é significativamente menor e começa uma prática da ciência cujo traço principal é a eficiência na solução de problemas. Os elementos que em seu conjunto são considerados como paradigmas estão presentes nos períodos anteriores ao alcance da maturidade pela ciência em questão; o que se modifica, portanto, não é o fato de existir, mas o seu modo de existência. Este último refere-se ao fato de que o êxito de alguém que trabalha em uma ciência madura depende da identificação dos problemas e das chaves de sua solução. Desse

⁸ Cf. KUHN, T.:1970, p. 269.

modo, o paradigma não rege os temas que se estudam, mas os que praticam a ciência¹⁰.

Deixando de lado seu domínio na comunidade científica, o paradigma pode ser considerado em si mesmo, nos dois sentidos que foram assinalados mais acima; o primeiro, o sociológico, é mais global que o segundo e é o que possibilita a comunicação entre eles e a concordância de seus juízos. Tendo em mente esse sentido de paradigma é que o autor cria o conceito de *matriz disciplinar*.

*"Disciplinar" porque se refere à posse comum daqueles que praticam uma determinada disciplina particular; "matriz" porque é composta por elementos ordenados de várias índoles, em que cada um dos quais requer uma especificação ulterior*¹¹.

Os elementos que enumera como pertencentes à matriz não constituem uma lista completa, mas simplesmente dos elementos principais. Estes estão organizados nas seguintes classes: *generalizações simbólicas, partes metafísicas, valores e exemplos*. A primeira classe refere-se às partes formais ou suscetíveis de formalização e dela depende o poder de uma ciência. Embora o nome de *simbólicas* comprometa uma formalização, não é necessário que se apresentem desse modo. Estas generalizações têm uma dupla função e uma delas reside em seu caráter legislativo – são apresentadas como leis que regem os fenômenos e nesse sentido elas indicam como procedem os objetos denotados pelos termos que contêm. A segunda função reside em sua natureza definidora, já que, muitas vezes, elas estabelecem os significados dos termos que envolvem e para aceitar a lei é necessário aceitar essas redefinições. Muitos filósofos da ciência as separam em sua análise e Kuhn centra a diferença na natureza do compromisso, pois enquanto leis podem ser corrigidas, mas enquanto definições consistem em tautologias e, por conseguinte, não são suscetíveis de modificação:

⁹ Cf. KUHN, T.: 1977, p. 354.

¹⁰ Cf. KUHN, T.: 1970, p. 276.

¹¹ KUHN, T.: 1970, p. 279-280.

*o equilíbrio entre sua inseparável força legislativa e definidora muda com o tempo*¹².

Deixando de lado as distinções de suas naturezas de compromisso, não há diferenças substanciais entre ambas as funções. Por outro lado, muitas vezes o processo causal de um fenômeno expressado pela função legislativa passa a tomar parte nas características mais destacadas deste fenômeno, e nesse sentido as leis têm também um poder constitutivo baseado na força definidora da generalização. Para Kuhn, muitas revoluções são consequência da perda deste poder.

O segundo tipo de componente é o chamado de *partes metafísicas*. São crenças em modelos particulares, tanto heurísticos quanto ontológicos. Em primeiro lugar, cabe assinalar que Kuhn não utiliza o termo *modelo* em seu sentido técnico¹³.

*Ainda que varie a intensidade dos compromissos do grupo, com consequências não triviais, ao longo do espectro dos modelos heurístico ao ontológico, todos os modelos têm, todavia, funções similares. Dentre outras coisas, fornecem ao grupo suas analogias e as metáforas preferidas ou permitidas*¹⁴.

As explicações e soluções aceitas, assim como os problemas considerados relevantes, são determinados por estas metáforas. Os cânones explicativos são solidários das teorias, já que o êxito destas assegura também o êxito do modo explicativo que lhe está associado. A importância deste último reside no seguinte:

*Os cânones de explicação aceitos fazem parte daquilo que lhes diz quais os problemas que ainda estão por resolver e quais os fenômenos que permanecem inexplicados. Além disso, quaisquer que sejam os problemas em que o cientista trabalha, os cânones correntes de explicação condicionam muito as espécies de soluções a que ele pode chegar. Não se pode compreender a ciência de qualquer período sem se terem apreendido os cânones explicativos aceitos pelos seus praticantes*¹⁵.

¹² KUHN, T.: 1970, p. 281.

¹³ O termo *Modelo*, em seu sentido técnico, refere-se à interpretação lógica da teoria, isto é, um universo de variáveis às quais chegam os quantificadores da teoria e uma atribuição de denotações aos termos da mesma – nesse universo os axiomas da teoria são verdadeiros. A partir deste sentido técnico os modelos que tornam verdadeiros os esboços de leis são fixados pelos exemplares. Cf. Daniel Goldman Cedarbaum, em *Studies in History and Philosophy of Science*, September 1983, V. 14, n. 3, p. 173-213.

¹⁴ KUHN, T.: 1970, p. 282-283.

¹⁵ KUHN, T.: 1977, p. 60.

Kuhn assinala em seu artigo *Conceitos de causa no desenvolvimento da física* (1971) que o desenvolvimento da ciência permite a explicação de fenômenos cada vez mais sutis, mas deve-se destacar que esta última é uma propriedade apenas dos fenômenos e não das explicações.

*Uma vez abstraída da teoria em que funcionava, a gravidade quase não se diferencia de uma tendência inata em direção ao centro, o conceito de campo é meramente diferente do da força. Considerados em si mesmos como dispositivos explicativos, sem referência ao que as teorias que os invocam, podem explicar, os pontos de partida admissíveis para a explicação física não parecem ser intrinsecamente mais avançados numa época ulterior do que numa anterior*¹⁶.

Nesse mesmo artigo, seguindo Piaget, associa a idéia geral da explicação à de causa, visto que explicar é fornecer as causas pelas quais um fato se desencadeou. Isto não significa todas as explicações apresentam a relação agente-paciente ou sejam redutíveis a essa forma¹⁷.

Além de determinar os cânones explicativos, em *Metaphor in science* (1979) as metáforas constituem também um processo pelo qual se estabelece a referência dos termos científicos. Quando os cientistas aplicam seus termos à natureza, não o fazem através de critérios que determinam os referentes que correspondem a eles e essa função do processo metafórico não se restringe aos termos teóricos da ciência:

¹⁶ KUHN, T.: 1977, p. 61.

¹⁷ Historicamente, os cânones explicativos mudaram da seguinte forma: para Aristóteles, a física lidava com a ordem natural e o modelo explicativo, por conseguinte, se baseava nas causas formais; no século XVII estes cânones foram objeto de crítica e depois de Galileu e Kepler toda explicação deveria ser mecânica – se impunha um novo padrão explicativo. *As únicas formas admissíveis eram as configurações e as posições dos corpúsculos últimos da matéria... As causas eficientes de Aristóteles, empurrões e trações, dominavam então a explicação da mudança.* Kuhn assinala que o padrão era tão dominante que quando Newton introduz a ação à distância esta não foi aceita por todos e as forças newtonianas eram consideradas análogas às forças de contato e a explicação permaneceu predominantemente mecânica; durante o século XVIII a eletricidade, o magnetismo, etc., basearam suas explicações nas causas eficientes. No século XIX se regressou aos padrões explicativos de Aristóteles, nos quais as causas formais explicam a ordem e as eficientes o desvio da ordem. Kuhn destaca justamente a semelhança estrutural entre os modelos explicativos de Aristóteles e os da física moderna, já que as formas de explicação eram diferentes. Na realidade, no caso das segundas, se tratavam de versões matemáticas das formas mecânicas que dominaram deste o século XVII e XVIII. Só pelo final do século XIX é que há um abandono das formas mecânicas, com as equações de Maxwell para o eletromagnetismo, pois supõem propriedades formais que podem ser traduzidas apenas em termos matemáticos. Este é o ponto de partida dos modelos explicativos no século XX, cuja semelhança com os de Aristóteles é maior ainda: os efeitos são inferidos de propriedades específicas que têm o mesmo *status* lógico que as formas aristotélicas. Mas a analogia com Aristóteles repousa na estrutura causal e não nas formas particulares, já que para ele se tratavam de formas qualitativas e agora se tratam de formas matemáticas.

*...desenvolvimentos recentes em filosofia da ciência têm privado a distinção teórico/observacional de tudo o que lembra seu tradicional valor. Talvez ela possa ser preservada como uma distinção entre termos avaliáveis previamente e termos novos introduzidos em momentos específicos em resposta a novas descobertas ou invenções científicas. Mas, se for assim, o paralelo com a metáfora se aplicaria a ambos.*¹⁸.

O processo metafórico é aquele por meio do qual novos termos são introduzidos no vocabulário da ciência. Mas este processo também se dá quando tais termos são ensinados ao estudante por quem já sabe usá-los. A metáfora tem assim uma função pedagógica. Mas tem, além disto, uma outra função: ela joga um papel importante no processo por meio do qual se estabelecem os referentes dos termos da ciência. Isto significa que o processo metafórico é também um meio através do qual a linguagem se relaciona com o mundo. As metáforas jogam, então, um papel constitutivo das teorias. No artigo mencionado, Kuhn critica Boyd, para quem metáforas como *os átomos são sistemas solares em miniatura* têm apenas uma função heurística, servem para ensinar ou explicar teorias e são substituídas por técnicas não metafóricas. Kuhn está de acordo com Boyd em relação ao fato de que uma determinada relação analógica é substituída, mas não o processo metafórico. Por exemplo:

*Bohr e seus contemporâneos forneceram um modelo no qual elétrons e núcleos eram representados por partículas de matéria carregadas interagindo sob leis da mecânica e da teoria eletromagnética. Aquele modelo substituiu a metáfora do sistema solar, mas não, por assim dizer, um processo metafórico (metaphorlike). O modelo dos átomos de Bohr se destinava a ser empregado apenas mais ou menos literalmente: elétrons e núcleos não foram tidos como correspondentes exatos de pequenas bolas de bilhar ou de ping-pong; apenas algumas das leis da mecânica e da teoria eletromagnética foram consideradas aplicáveis a elas; descobrir quais se aplicariam e onde residiriam as semelhanças com as bolas de bilhar foi uma tarefa central no desenvolvimento da teoria quântica*¹⁹.

Embora a exibição seja o processo básico para estabelecer referentes, no caso dos nomes

¹⁸ KUHN, T.: 1979, p. 534.

próprios um único ato de exibição é suficiente, mas para os nomes comuns são necessários vários de tais atos. No caso de termos como *carga elétrica*, são necessárias leis e teorias para estabelecer seu referente. Para Kuhn a metáfora é uma versão do processo através da qual o ato de exhibir estabelece a referência dos nomes comuns. Independentemente do potencial da analogia, o modelo é essencial à teoria, já que muitas vezes os termos se referem ao modelo e não à natureza. Se houvessem critérios para identificar as entidades teóricas, estas poderiam ser eliminadas da ontologia da teoria, mas isto não se dá desse modo, uma vez que a teoria exige estas entidades²⁰. Os modelos não são apenas heurísticos.

Como todos os modelos implicam um processo metafórico, a única diferença entre modelos ontológicos e heurísticos repousa no modo como são defendidos. Já em *A tensão essencial* são tratados como idênticos na natureza de suas funções cognitivas.

*Os modelos... fornecem ao grupo as analogias preferidas ou, quando profundamente defendidos, uma ontologia*²¹.

E em nota de rodapé acrescenta:

*É óbvio que o grau de empenhamento de uma comunidade varia na medida em que se vai dos modelos heurísticos para os metafísicos, mas a natureza das funções cognitivas dos modelos parece manter-se a mesma*²².

A diferença do grau de defesa se reflete nos exemplos. Entre os heurísticos coloca:
um gás comporta-se como uma coleção de bolas de bilhar microscópicas em movimento aleatório.

E para os ontológicos, os quais ele considera objetos de compromissos metafísicos:

*O calor de um corpo é a energia cinética de suas partículas constituintes*²³.

Os modelos heurísticos normalmente são expressos propriamente como analogias, enquanto

¹⁹ KUHN, T.: 1979, p. 538.

²⁰ KUHN, T.: 1970, p. 300-301, n. 14.

²¹ KUHN, T.: 1977, p. 358.

²² KUHN, T.: 1977, p. 358, n. 9.

²³ KUHN, T.: 1977, p. 358, para ambos os exemplos, o grifo no segundo é do autor.

os segundos são expressos através de afirmações categóricas. Independentemente de suas formas, ambos têm em sua base um processo metafórico. Metáfora é um processo no qual a justaposição suscita similaridades por meio das quais se destacam certas características, o que permite estabelecer os referentes dos termos científicos. Quando se estabelecem novas relações de analogia, são geradas mudanças na rede de semelhanças e novas famílias naturais são constituídas, pois se modificam as características destacadas que determinaram o referente dos termos envolvidos. E determinar os referentes é um modo de determinar as ordens fáticas, isto é, a possibilidade de ver.

Incluimos entre as partes metafísicas o que em *A revolução copernicana* Kuhn define *esquema conceitual*. Este não se trata de um *corpus* teórico acabado, mas de uma estrutura para além das observações – e, portanto, anterior. Transformar uma lista de observações em um todo coerente é uma das principais funções lógicas que um esquema conceitual deve levar a cabo. Mas quando esse todo coerente se constitui, emerge um espaço no qual se distribui tudo aquilo que consideramos empírico. O esquema conceitual determina, desse modo, as ordens fáticas, pois é como uma rede que torna possível as semelhanças, analogias e diferenças com as quais as coisas se relacionam entre si. Uma coisa adquire sua possibilidade de ser somente se é possível situá-la nessa rede epistêmica, cumprindo o esquema conceitual, assim, também funções constitutivas. Enquanto este é adotado por uma comunidade científica, apenas as explicações que lidem com os fatos que são derivados dele serão reconhecidas como satisfatórias. O esquema conceitual gera os compromissos compartilhados com as crenças que determinarão aquilo que consideramos empírico, os problemas que envolvem e, por fim, as explicações que a comunidade científica aceitará como tais por que dele surgirão as ficções cognitivas aceitáveis. Podemos dizer do esquema conceitual que sua função é análoga à que Eliot atribui à arte: impor uma ordem plausível à realidade ordinária para dali obter alguma percepção de uma ordem real. A visão de mundo que oferece é a que serve de guia no caminho do conhecimento. Ele não é adotado por ser considerado definitivo nem porque garanta a verdade, mas por seu poder constitutivo e heurístico. No sentido em que determina as

possibilidades de ver, envolve também um processo metafórico:

A lua pertencia à família dos planetas antes de Copérnico, não depois; a Terra pertenceu à família dos planetas depois, não antes. Excluir a lua e acrescentar a Terra à lista dos indivíduos que poderiam ser justapostos como paradigmas para o termo "planeta" modificou a lista de aspectos destacados que determinam os referentes do termo... A Terra era realmente um planeta no mundo dos astrônomos pré-copernicanos, que falavam uma linguagem na qual os aspectos proeminentes para o referente do termo "planeta" excluía seu vínculo com a Terra? Tem, obviamente, mais sentido falar de adaptar a linguagem ao mundo que falar de acomodar o mundo à linguagem? Ou é o modo de falar que cria as distinções aparentes? Ou ainda: aquilo a que nos referimos como "o mundo" não é talvez um produto da adaptação mútua entre experiência e linguagem?²⁴

Durante muitos séculos filósofos e astrônomos compartilharam o mesmo esquema conceitual cosmológico, o universo das esferas. O universo era composto por duas esferas, uma esfera interior para o homem e outra exterior para as estrelas. Tratava-se de um marco estrutural que enquadrou diferentes concepções sobre o universo. Diferentes sistemas astronômicos, muitos deles contraditórios entre si, surgiram deste marco estrutural. Uma vez aceito, a discussão recaía sobre as teorias que se derivavam dele e não sobre ele. O esquema era o dado²⁵.

O terceiro componente da matriz disciplinar é a classe dos valores. Tratam-se de valores epistemológicos e se referem tanto às predições como às teorias mesmas. As primeiras devem ser, por exemplo, quantitativas; as segundas devem ser coerentes, compatíveis com outras teorias, etc. compartilhados por mais de uma comunidade, sua aplicação apresenta muitas vezes, no entanto, variações que dependem dos indivíduos. Isto não significa que haja um relativismo científico; adotar uma nova teoria significa correr riscos e estes se definem em função dos valores que marcaram as pautas independentemente das aplicações individuais. Esta classe não é mencionada em *Reconsiderações acerca dos paradigmas*, mas é considerada em *Objetividade, juízo de valor e*

²⁴ KUHN, T.: 1979, p. 540-542.

²⁵ Cf. KUHN, T.: 1957, p. 52ss.

escolha teórica, artigo também incluído em *A tensão essencial*. Os critérios de exatidão, consistência, alcance, simplicidade e fecundidade são vistos como critérios padronizados para a avaliação de uma teoria. Mas estes critérios são suscetíveis a diferentes interpretações, de modo que sua aplicação depende dos campos de trabalho dos cientistas, das situações históricas e até das personalidades dos cientistas. No segundo caso, Kuhn exemplifica:

A eleição de Kepler pelo copernicanismo ficou a dever-se em parte à sua imersão nos movimentos neoplatônicos e herméticos da sua época; o Romantismo Germânico predis pôs aqueles que afetou para o reconhecimento e a aceitação da conservação da energia; o pensamento social britânico do século XIX teve uma influência semelhante sobre a disponibilidade e aceitabilidade do conceito de Darwin da luta pela existência²⁶.

O quarto componente que Kuhn analisa são os *exemplares*, para o qual havia reservado o segundo dos sentidos do termo *paradigma*, razão pela qual se trata do elemento central da matriz. São:

As concretas soluções de problemas que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos problemas restantes da ciência normal²⁷.

Estes problemas concretos, com as respectivas soluções, são aquilo a que chamei “exemplares”, os exemplos padronizados de uma comunidade²⁸.

Estes exemplos compartilhados de soluções para problemas técnicos ilustram as generalizações simbólicas, de modo que podemos dizer que dão o conteúdo empírico a esses componentes formais. Na prática, quando se aplica uma determinada generalização simbólica, há toda uma variedade de situações para as quais o esboço de lei deve adquirir a forma que permite a interrelação entre elas. O procedimento por meio do qual se aplicam as leis não é apenas sintático, visto que se trata de dar-lhes um conteúdo empírico. Esta inter-relação se baseia na analogia entre as distintas situações e por isso a fórmula pode ser aplicada tanto em uma coisa como em outra. E

²⁶ KUHN, T.: 1977, p. 388.

²⁷ KUHN, T.: 1970, p. 269.

²⁸ KUHN, T.: 1977, p. 368.

isto é algo que se aprende com a prática, enquanto que não ocorre o mesmo para a invenção de uma fórmula. Nesta analogia se fundamenta a função dos exemplares como modelos de soluções.

*Os cientistas resolvem os enigmas modelando-os em soluções anteriores de enigmas, freqüentemente recorrendo apenas às generalizações simbólicas*²⁹.

O conhecimento se baseia no aprendizado destas semelhanças, porque isso supõe adquirir uma forma de ver – daí a centralidade dos exemplares na matriz disciplinar. As generalizações funcionam quando se associam com estes padrões de soluções, porque são exemplos concretos do comportamento da lei na realidade. Mas este aprender a ver as semelhanças não é algo que se faça através de regras, mas sim algo que se adquire através da própria prática científica, sendo anterior inclusive a qualquer critério de analogia. Este modo de ver semelhanças requer uma explicitação do meio através do qual se processam os dados em situações semelhantes. A base deste conhecimento é a interpretação e não a percepção; e nesse sentido é que se deve entender o *adquirir uma forma de ver*. Os processos de percepção e interpretação,

*Não são a mesma coisa e o que a percepção deixa para a interpretação completar depende radicalmente da natureza e da quantidade da preparação e da experiência anteriores*³⁰.

Por meio da educação se pode aprender a distinguir certos padrões que eram indistintos antes do processo educativo. Os dados são o resultado da manipulação de sensações, mas estas últimas são diferentes dos dados já que dos mesmos estímulos se podem obter dados diferentes. A educação foi a responsável pelo fato de que pessoas de uma mesma comunidade possam compartilhar os mesmos dados. A exibição é o primeiro modo no qual uma pessoa aprende a identificar objetos. Por meio do treinamento uma pessoa consegue que o mecanismo neurônico no qual processa os estímulos seja programado de modo tal que possa estabelecer novas diferenças entre objetos. Estes vão constituindo grupos diferentes no espaço de percepção³¹ e assim vão

²⁹ KUHN, T.: 1970, p. 290.

³⁰ KUHN, T.: 1970, p. 302.

³¹ Cf. KUHN, T.: 1977, p. 372.

surgindo diferentes padrões de identidade e diferença. Estes grupos são famílias naturais discretas, só que estas famílias não foram fornecidas pela natureza, mas sim adquiridas através do processo educação. Este processo é independente de qualquer critério de semelhança prévio. Este modo de aprendizagem é o que se combina com outros, que já apresentamos acima, tais como a generalização simbólica, a modelização e constitui a base do conhecimento científico. Aprender a identificar esses primeiros grupos é aprender a aplicar os nomes à natureza e esses primeiros objetos que agora se diferenciam de outros são as soluções para os problemas que a comunidade à qual o indivíduo está começando a pertencer já haviam resolvido. Essa técnica é essencial para a ciência, não importa qual seja o grau de abstração que esta tenha.

...os exemplos partilhados têm funções cognitivas essenciais, prévias a uma especificação de critérios com respeito aos quais ele são exemplares³².

A aprendizagem da aplicação dos termos científicos se dá por meio de uma combinação do processo metafórico, definições que dão suporte às generalizações simbólicas e o meio mais básico de exibição, através dos exemplares. Estes últimos fixam estes significados que são compartilhados por todos os membros da comunidade e desse modo servem para preservar as interpretações dos estímulos que vêm das sensações. Leis e metáforas servem para estabelecer uma semântica, mas fundamentalmente os exemplares, porque ensinam a ver de uma determinada maneira. Eles dizem: *id é um exemplo da lei x.*

Uma das técnicas fundamentais por meio das quais os membros de um grupo – seja ele toda uma cultura ou uma subcomunidade de especialistas dentro dela – aprendem a ver as mesmas coisas quando se encontram diante dos mesmos estímulos, é o colocar-se diante de exemplos de situações que seus predecessores no mesmo grupo já haviam aprendido a ver como semelhantes e como diferentes de outras espécies de situações³³.

Como vimos, esse aprender a ver responde a um processo interpretativo e não a um processo perceptivo. Através dos exemplos é que aprendemos a “ver” entidades teóricas. Ver não

³² KUHN, T.: 1977, p. 376

no sentido de percepção, mas de interpretação. Este ver não é o resultado de regras de aplicação, mas sim da prática, que, partindo dos exemplares que aparecem no texto se baseia em ver, por semelhança, outras situações como casos dessas entidades teóricas – nesse sentido, os exemplares fixam uma interpretação. Mas um conjunto de percepções tem várias opções de interpretação. Como a semelhança não é aprendida por critérios de semelhança, não há critérios que determinem uma interpretação: estas se justificam por um êxito histórico. Essa separação entre interpretação e critérios se reflete na separação entre leis, enquanto esquemas de leis, por um lado, e exemplares, por outro, separação que representa a não dedutividade dos segundos a partir dos primeiros. As primeiras não são critérios de semelhança, nem sua aplicação aos exemplares é derivada dedutivamente. A interpretação depende da prática. As palavras são aprendidas por sua aplicação direta a exemplares. A presença de exemplares é a base para a aceitação de qualquer teoria e a base para seu ensino, pois ensina a ver as entidades que introduz. Em vista disto, sua presença é a condição necessária para a constituição de uma comunidade científica.

³³ KUHN, T.: 1970, p. 296.

Capítulo 2. A metafísica

Quero pôr em palavras, mas sem descrição, a existência da gruta que faz algum tempo pintei —e não sei como. Só repetindo o seu doce horror, caverna de terror e das maravilhas, inverno e inferno, substrato imprevisível do mal que está dentro de uma terra que não é fértil. Chamo a gruta pelo seu nome e ela passa a viver com seu miasma. Tenho medo então de mim que sei pintar o horror, eu, bicho de cavernas ecoantes que sou, e sufoco porque sou palavra e também o seu eco.

Clarice Lispector

Neste capítulo trataremos da classe que constitui o segundo tipo de componente da matriz disciplinar: as partes metafísicas da psicanálise freudiana. Kuhn inclui nesta classe tanto os modelos heurísticos quanto os ontológicos. Vimos que a razão desta inclusão de ambos os tipos de modelos em uma mesma classe se deve ao fato de que todos eles se identificam na qualidade do processo metafórico que envolvem. Este processo tem para Kuhn um importante papel na determinação da semântica das teorias, pois a metáfora é uma versão do processo através do qual o ato de exibição estabelece a referência dos nomes comuns. É o que vimos como sendo a função constitutiva do processo metafórico, pois este não apenas introduz novos termos no vocabulário científico, também estabelece a referências dos mesmos. Há assim uma dupla função das metáforas, a constitutiva e a heurística, e como todos os modelos são metáforas, todos eles cumprem ambas as funções e da união de ambos resulta o que Kuhn chama de *partes metafísicas*. A diferenciação entre modelos ontológicos e heurísticos deve-se mais ao grau em que são defendidas que a diferenças substanciais dos mesmos. É esse grau de defesa o que permitiu a Kuhn diferenciar duas categorias de metáforas é o que nos servirá de guia na análise das partes metafísicas da obra de Freud.

Os escritos freudianos são ricos na apresentação de analogias e o que tratamos de mostrar aqui é a importância do papel que desempenham. Os modelos ontológicos são tomados mais literalmente que os heurísticos e nesse sentido podemos dizer que eles incorporam as entidades próprias da teoria para as quais carecemos de critérios de identificação *a priori*. Os modelos heurísticos normalmente estabelecem similaridades com outras áreas do conhecimento, o que não representa uma semelhança exata, mas apenas algumas analogias de processos; determinar o alcance de tais semelhanças será uma das tarefas deste capítulo. A metapsicologia freudiana se inclui nas partes metafísicas da psicanálise e ela é constituída por ambos os tipos de modelos.

2.1. A heurística

E o esplendor dos mapas, caminho abstrato para a
imaginação concreta,
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.

Fernando Pessoa

Começaremos apresentando aquelas analogias cuja função heurística consiste normalmente em expressar os cânones explicativos que determinam os problemas a resolver e as soluções a que se pode chegar.

Em *A etiologia da histeria* (1896) ele estabelece uma analogia entre a etiologia da tuberculose e a das psiconeuroses. Esta analogia tem por objetivo apresentar o modelo explicativo ao qual ele adere, mas pontualmente lhe serve para escapar das objeções à equação etiológica que formulou em *A propósito das críticas à "neurose de angústia"* (1895). A estrutura causal que propôs estabelece a causa específica da histeria, que é caracterizada como aquela que não pode estar ausente quando se apresenta o efeito; esta é a verdadeiramente determinante. Estabelecer a etiologia é estabelecer a necessidade lógica da enfermidade, que, como assinalamos, é constituída pela causa específica junto aos fatores que estabelecem a condição. A diferença entre causa específica e condição é que a primeira não se encontra em outras equações etiológicas ou se encontra em muito poucas. Além disto, a condição é um estado que existe desde antes e sofre poucas alterações; a causa específica, de um ponto de vista temporal, atuou mais próxima do efeito que a condição.

O que Freud quer mostrar com esta analogia com a tuberculose é que uma etiologia é falseável apenas se se encontra um efeito no qual não se realizem a causa específica ou a

condição³⁴. Como esta última é o dado, a rigor a falsificação requer um efeito sem a causa específica. Esta analogia é usada na época em que ele aderiu à teoria do trauma. Da operação de ambos, modelo explicativo e teoria, resulta uma causa eficiente da enfermidade proveniente da realidade empírica externa ao aparato psíquico. A causa específica reside nas vivências sexuais infantis e a objeção que apresentaram os críticos se baseia na grande frequência com que muitas pessoas que passaram pelas mesmas experiências não se tornaram histéricas.

*Acaso o bacilo da tuberculose não é onipresente e não o contraem muito mais homens do que os que adoecem de tuberculose?*³⁵

Para que o bacilo seja considerado causa específica, basta que a tuberculose não se dê sem sua presença e esta característica é o que ele quer destacar também em seu modelo explicativo. No caso da psicose há uma ameaça que vem do exterior e penetra no aparato psíquico na forma de representação e esta última constitui a autêntica causa específica. Mas trata-se de uma representação que tem como referente uma *coisa do mundo*³⁶: neste sentido é a realidade empírica determinando a realidade psíquica. O trauma é o resultado de uma vivência efetiva que desencadeou um afeto e por um mecanismo psíquico gerou representações patológicas. Essas vivências se caracterizam por serem vivências sexuais infantis que o sujeito quer esquecer. O realismo requerido do objeto hostil culmina em uma conceitualização das enfermidades mentais que, distintamente das conceitualizações que analisaremos depois, será solidária a um modelo de enfermidade construído a partir de uma ontologização do mal. Georges Canguilhem³⁷ assinala que esta concepção do mal é própria dos modelos das enfermidades infecciosas, onde há uma luta do organismo contra um ser estranho. É muito comum no período em que Freud adere a esta teoria o uso de analogias com este tipo de enfermidade. Trata-se de uma representação ontológica da enfermidade onde o mal é algo

³⁴ As etiologias, enquanto generalizações, não têm conteúdo empírico, de modo que não são falseáveis de modo direto, mas sim através de suas instâncias. Cabe esclarecer também que aqui não se usa o termo *etiologia* como estudo das causas, mas sim no mesmo sentido em que Freud o utiliza, como as conclusões que se extraem de tal estudo.

³⁵ FREUD, S. AE, III, p. 208. Nas traduções dos textos de Freud tomamos por base a edição da Amorrortu Editores (AE), embora tenhamos também consultado sempre a *Standard Edition*.

³⁶ FREUD, S. AE, II, p. 397.

externo.

*A recordação do trauma psíquico, como um corpo estranho*³⁸,

continua operando depois que ocorreu. Esta referência expressa a analogia da teoria psíquica da histeria com as teorias dos micróbios. Embora a comparação seja de Breuer em *Sobre o mecanismo psíquico de fenômenos histéricos* (1893), Freud a retoma. Em *Estudos sobre a histeria* (1893-5) compara a aplicação do método catártico com a do médico frente a uma enfermidade infecciosa aguda³⁹. Os fatores etiológicos atuaram no passado fora da influência do médico e se tornam manifestos quando passou um período de incubação. O método terapêutico catártico é como uma lente que permite ver a representação patológica, mas que não permite modificar a constituição histérica e sim eliminar os sintomas. A ontologização do mal exige um modelo denotativo do significado dos sintomas, isto é, o referente último está no mundo externo, nas vivências e reações que o desencadeiam.

A analogia entre o destino de Pompéia e a repressão atravessa todo o texto de *O delírio e os sonhos na "Gradiva" de W. Jensen* (1906). O objetivo é o de mostrar como algo anímico que é inacessível se conserva, todavia, e como o terapeuta trabalha como um arqueólogo que faz ressuscitar o que estava enterrado⁴⁰. O enterro é comparado com a repressão e a cidade de Pompéia com a infância. A analogia com a exumação de uma cidade enterrada já apareceu em *Estudos sobre a histeria* (1893-95), em vista da análise de um caso, mas ali está no contexto de concepção da enfermidade como padecimento de recordações inacessíveis e aqui a intenção é outra. Na análise da obra de Jensen, a aproximação se enquadra em um modelo explicativo diferente. No uso anterior, a cidade enterrada era a recordação dessa vivência hostil. Em *Fragmento de análise de um caso de histeria* (1905), a comparação do método terapêutico, que já não é o catártico, com o trabalho dos arqueólogos tem como objetivo mostrar o caráter construtivo do método. Freud leva a cabo sua

³⁷ Cf. CANGUILHEM, G. *O normal e o Patológico*, Forense Universitária, Brasil, 1995

³⁸ FREUD, S.: AE, II, p. 232.

³⁹ Cf. AE, II, p. 270.

⁴⁰ Cf. AE, IX, p. 34 e 70.

interpretação à maneira dos arqueólogos, que trazem à luz restos mutilados do passado e em seguida estruturam o todo a partir destas partes seguindo outros modelos.

*Completei o incompleto de acordo com os melhores modelos que me eram familiares por outras análises, mas, tal como faria um arqueólogo consciencioso, em nenhum caso deixei de assinalar onde minha construção se justapõe ao autêntico*⁴¹.

Esta heurística arqueológica é solidária à ontologia do inconsciente. A consciência nos permite alcançar o inconsciente reprimido apenas de maneira incompleta e esta característica do psíquico exige o traço construtivo que envolve uma interpretação. Esta analogia determina a possibilidade de uma hermenêutica.

O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real; nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior e nos é dado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta quanto o é o mundo exterior pelas indicações de nossos órgãos sensoriais ⁴².

Mas o acesso incompleto não implica uma existência desgastada do inconsciente reprimido, ... o aterramento significou para elas a conservação⁴³.

Uma inacessibilidade de algo que se mantém intacto e ameaça constantemente a partir da sombra é captado apenas através de sucessivas interpretações, as quais nunca são completas.

Em *Fragmento de análise de um caso de histeria* (1905) utiliza a analogia de corrente aquática que ao ter seu curso obstaculizado voltam a um curso antigo⁴⁴. A analogia visa destacar a relação entre influências acidentais da vida adulta e o retorno a mobilizações sexuais perversas da vida infantil. Em *Três ensaios de teoria sexual* (1905) a utiliza com a mesma intenção⁴⁵. Esta heurística é fundamental para mostrar a estrutura causal das psiconeuroses depois que Freud abandonou a teoria do trauma. A ameaça que determina a enfermidade não se trata de algo que vem do exterior. O mundo externo fornece as frustrações da satisfação da libido e esta última é a

⁴¹ FREUD, S.: AE, VII, p. 11.

⁴² FREUD, S.: AE, V, p. 600.

⁴³ FREUD, S.: AE, X, p. 140.

⁴⁴ Cf. AE, VII, p. 45.

corrente que busca as vias colaterais para alcançar a satisfação. A inclinação dos psiconeuróticos à perversão é condicionada colateralmente porque o fator interno, a repressão, atua em conjunto com os fatores externos. A repressão provocou a satisfação colateral, isto é, inclinações pervertidas nos psiconeuróticos. Em 1920 ele adicionou em uma nota uma analogia que se completa com esta: a dos vasos comunicantes. A libido se desloca através de caminhos que são como vasos comunicantes⁴⁶. Em *Conferências de introdução à psicanálise* (1917)⁴⁷ as mobilizações pulsionais são uma rede de vasos comunicantes e por isso quando uma se frustra a outra a compensa e desse modo a estrutura causal se conserva. A etiologia requer uma condição indispensável e ao conceber o deslocamento da libido como o de um fluxo colateral através de vasos comunicantes permite visualizar a etiologia como a concorrência de dois fatores: um interno, a fixação libidinal, e outro externo, a frustração. A analogia foi usada também em *Cinco conferências sobre psicanálise* (1910) quando analisa um caso apresentado por Breuer, mas nessa circunstância a utiliza para explicar a intensidade da expressão das emoções nas histéricas. Há congestão em um canal porque há um obstáculo no outro⁴⁸.

Em *O ego e o id* (1923) usa a analogia do cavaleiro e do cavalo para explicar a relação entre O ego e o id⁴⁹. O primeiro é o ginete que com empenho de força deve controlar a força do cavalo, que representa o *id*. Esta analogia serve para mostrar o conflito entre estes dois dispositivos e como às vezes o *ego* atua segundo a vontade do *id*, porque o cavaleiro deve usar a estratégia de ir até onde o cavalo quer se dirigir. A mesma analogia, com as mesmas finalidades, é apresentada em *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933). Esta analogia serve para lançar luz no conflito que operará como causa na etiologia das psiconeuroses nos novos modelos ontológicos.

Em *Introdução do narcisismo* (1914) expressa sua dívida para com a heurística biológica.

Precisamente porque sempre me esforcei por manter separado da psicologia tudo que lhe é alheio, incluído o pensamento biológico, quero confessar de maneira expressa

⁴⁵ Cf. AE, VII, p. 155, 212.

⁴⁶ Cf. AE, VII, p. 137, n.16.

⁴⁷ Cf. AE, XVI, p. 283 e 314.

⁴⁸ Cf. AE, XI, p. 15.

nesse lugar que a hipótese de pulsões sexuais e egóicas separadas, e, portanto, a teoria da libido, repousa minimamente em bases psicológicas e no essencial tem apoio biológico⁵⁰.

Em geral parece-me duvidoso que sobre a base da elaboração do material psicológico possam ser obtidos indícios decisivos para a divisão e classificação das pulsões. Ao final desta elaboração parece mais necessário tributar ao material determinados pressupostos acerca da vida pulsional; e seria desejável que se pudesse tomá-los de outro âmbito para transferi-los à psicologia. O que a biologia diz disto por certo não contraria a separação entre pulsões egóicas e pulsões sexuais⁵¹.

A segunda citação pertence a *Pulsões e destinos de pulsão* (1915). As considerações biológicas consistem em conceber o indivíduo como tendo um fim em si mesmo e outro na espécie a que pertence. Na mesma obra sustenta que para elaborar o mundo dos fatos psíquicos são necessárias certas premissas

Já mencionamos a mais importante delas, resta-nos apenas destacá-la de maneira expressa. É de natureza **biológica**, trabalha com o conceito de tendência (eventualmente, o de condição de adequado a fins) e afirma: o sistema nervoso é um aparato que se depara com a função de se livrar dos estímulos que chegam a ele, de rebaixá-lo ao nível mais baixo possível; dito de outro modo: é um aparato que, se fosse possível, desejaria conservar-se isento de todo estímulo⁵².

Aqui se está referindo ao princípio de constância que expressa o propósito ideal do organismo e a partir do aspecto biológico considera o anímico e introduz o conceito de pulsão. Em *Conferências de introdução à psicanálise* (1917) a teoria das pulsões é traduzida não apenas em termos psicológicos, mas também assinala expressamente a dívida de tal teoria com certas indicações que vêm da biologia. E em *Além do princípio de prazer* (1920) diz o seguinte:

... assinalemos bem que a incerteza de nossa especulação se viu ampliada em alto grau pela necessidade de tomar empréstimos à ciência biológica⁵³.

⁴⁹ Cf. AE, XIX p. 27.

⁵⁰ FREUD, S.: AE, XIV, p. 76.

⁵¹ FREUD, S.: AE, XIV, p. 120.

⁵² FREUD, S.: AE, XIV, p. 115.

⁵³ FREUD, S.: AE, XVIII, p. 58.

E em *Dois artigos de enciclopédia: "Psicanálise" e "Teoria da libido"* (1923) volta a insistir no fato de a teoria das pulsões estar apoiada na biologia⁵⁴. Em *Novas Conferências de introdução à psicanálise* (1933), assinala que no que diz respeito à gênese do *superego* o fato biológico se enlaça com o psicológico, constituindo ambos premissas de grande importância⁵⁵. A investigação psicológica chega em um momento dado a fatos biológicos. A independência da psicologia não pode ser total.

*...aqui se está na retaguarda do fato biológico imóvel de que o indivíduo vivo serve a dois propósitos: sua própria conservação e a conservação da espécie... Nesse ponto se cultiva, a rigor, uma **psicologia biológica**, estuda-se os fenômenos psíquicos concomitantes de processos biológicos*⁵⁶.

Deixemos por um momento a heurística biológica para considerar a física. O apelo aos termos *inércia* e *entropia* leva a inferir uma heurística física.

*Uma certa inércia psíquica, um certo peso no movimento da libido, que não quer abandonar suas fixações, não pode ser bem-vinda para nós; a aptidão da pessoa para a sublimação desempenha um grande papel...*⁵⁷

Esquema da psicanálise (1940)

*Concebemos a dificuldade do desenvolvimento cultural com uma dificuldade universal do desenvolvimento; a reconduzimos, com efeito, à inércia da libido, a sua relutância em abandonar uma posição antiga por uma nova*⁵⁸.

Mal-estar na civilização (1930)

*Se estas últimas são neuróticas, se faz a desagradável descoberta de que em circunstâncias aparentemente iguais não se pode desfazer nelas algumas alterações que em outras pessoas foi possível dominar com facilidade. Portanto, também nas transposições entre processos psíquicos cabe considerar o conceito de uma **entropia** que contraria, em proporção a sua medida, a involução do acontecido*⁵⁹.

Da história de uma neurose infantil (1918)

⁵⁴ Cf. AE, XVIII, p. 253.

⁵⁵ Cf. AE, XXII, p. 62.

⁵⁶ FREUD, S.: AE, XXII, p. 88.

⁵⁷ FREUD, S.: AE, XXIII, p. 182.

⁵⁸ FREUD, S.: AE, XXI, p. 105.

⁵⁹ FREUD, S.: AE, XVII, p. 106.

*Esta inércia é, de fato, um extremo peculiar; não é genérica, mas especializada em alto grau; tampouco reina sozinha em seu domínio, pois luta com tendências ao progresso e à recuperação que não se apaziguam depois da formação de sintoma da neurose. Se se pesquisa o ponto de partida dessa inércia especial, ela se revela como a exteriorização de alguns vínculos, precocemente estabelecidos e muito difíceis de romper, de pulsões com emoções e com os objetos dados nestas; em virtude destes vínculos se deteve o desenvolvimento ulterior destes componentes pulsionais. Ou, para dizê-lo de outro modo, esta "inércia psíquica" especializada não é mais que uma expressão distinta, ainda que dificilmente melhor, do que na psicanálise estamos habituados a chamar de **fixação**⁶⁹.*

Um caso de paranóia que contradiz a teoria psicanalítica (1915)

Embora seja Jung quem dá o nome de *inércia* para o que Freud chama de *fixação*, mais adiante também ele o adota, como mostram as referências de 1930 e 1940. A diferença entre *inércia* e *fixação* não é conceitual, mas no papel etiológico que cumprem. Para Jung é a causa principal, enquanto que para Freud será condição, podendo encontrar-se também em pessoas normais, já que se trata apenas de um fator interno que predispõe. O modelo explicativo que supõe esse apelo à *inércia* é um modelo mecânico; na física trata-se de um tipo de explicação do movimento cuja lei principal é a *inércia*. A inibição do desenvolvimento da libido, fator de predisposição, é comparada à força inata da matéria, que é um poder de resistir por meio do qual os corpos se opõem às modificações – isto significa que o movimento da libido é tratado segundo a heurística do movimento dos corpos.

Adotar esse modelo implica supor que haja uma similaridade entre a alma humana e os fenômenos físicos; esta é apenas estrutural e se assenta no fato de que ambos podem ser explicados causalmente. Mas o físico em Freud nunca foi mais que uma heurística. O físico sempre teve um caráter de construção auxiliar, enquanto que o biológico é algo mais que uma heurística, já que é defendida como uma ontologia. A heurística biológica transforma-se em ontologia, pois o biológico

é entendido como genético e somente quando se alcança uma biologização do indivíduo é que se pode conectar o passado do indivíduo, sua histórica de vida, com sua estrutura psíquica. Esta última pode ser descrita através de heurísticas mecânicas, mas isto se justifica apenas se é o resultado da luta pela sobrevivência. Desse modo revelam-se os compromissos de Freud com um esquema conceitual mais amplo, próprio da ciência da época.

Tentar reconstruir *o universo das duas esferas* que iluminou a psicanálise, do modo como Kuhn o fez para a astronomia em *A revolução copernicana*, é tentar pensar a partir de que crenças, de que espaço empírico, foi pensada a alma humana, revelando desse modo o esquema conceitual ao qual Freud adere. Não se trata de fazer aqui a história dos antecedentes de Freud nem de suas influências, mas de entender o esquema que atua como uma heurística e uma ontologia na obra de Freud. Esta obra kuhniana encontra-se no limite entre dois tipos de história filosófica, às quais Ian Hacking se refere como história epistemológica e história arqueológica, cujos respectivos representantes são Kuhn e Foucault. Enquanto a categoria *paradigma* constitui uma tentativa de construir uma teoria que explique as mudanças de visões de mundo, a história arqueológica não pretende explicar as mudanças que descreve. A história epistemológica das ciências toma como norma a ciência constituída e situa-se no umbral da cientificidade para perguntar-se como ele pôde ser cruzado. Trata-se de ver, por exemplo, como uma prática se transformou em uma prática científica. A história arqueológica, por sua vez, situa-se no umbral da epistemologização. Não busca captar o processo que vai do não-científico ao científico, mas o que quer de fato captar são as formações discursivas que possibilitaram a instauração de uma ciência⁶¹. A reconstrução de um esquema conceitual parte de uma história arqueológica e conclui com uma história epistemológica, pois tal reconstrução começa com a colocação da pergunta pelas condições que tornaram possível a psicanálise para, finalmente responder à questão sobre como esta se transformou em uma prática científica. A história arqueológica nos falará da constituição fenomênica e a história epistemológica

⁶⁰ FREUD, S.:AE, XIV, p. 271-272.

nos falará do modo pelo qual se gera o consenso que permite a um grupo determinado resolver problemas.

Para reconstruir o esquema conceitual que tornou possível o discurso freudiano, tomamos o fio de Ariadne que nos estende Ian Hacking⁶² em sua obra *Rewriting the Soul*. Nesta nos chama a atenção para como, em nossa época, *memória* é o conceito principal para diferentes projetos em diferentes áreas de conhecimento e práticas humanas. Tornou-se uma ferramenta poderosa para compreender a justiça e o conhecimento. No campo político, a memória serve para curar as feridas, restaurar a dignidade, incitar a sublevações. Memórias do Holocausto e da escravidão são passadas de geração em geração. Memórias de muitos, mas também memória do indivíduo. Este conceito já foi considerado um critério de identidade pessoal, só que em nossos tempos é a chave científica para conhecer a alma humana. Através do desenvolvimento da informática ela tornou frágil a linha divisória entre ser vivo e máquina. Porém acontece que este conceito não adquire sua força organizadora em nossos dias, mas sim no século XIX.

A memória é a metafísica do século XIX, declara Michel Foucault em *As palavras e as coisas*. A pergunta é acerca de que associações, de que visão de mundo ela conseguiu seu *status*. Que transformações foram necessárias para que a memória fizesse de *alma* um conceito laico? O primeiro tem sua raiz em algo que jogou um papel decisivo nesta mesma época: o conceito de *história*. A primeira característica que se destaca no âmbito no qual se insere o pensamento freudiano é que, distintamente do que ocorria em séculos anteriores, a história deixa de ser um pano de fundo diante do qual se deslocam sucessões cronológicas; a novidade é que a história passou a ser um modo de ser. Os objetos são constituídos de modo tal que são o resultado de sua própria história, eles são sua ontogênese. Uma história que chegou até as estrelas e a própria Terra adquiriu seu modo de ser no tempo. No Iluminismo, a história era a razão do conceito de *progresso*, mas no

⁶¹ Cf. HACKING, Ian: Cinco parábolas, em *La filosofía en la historia*, Rorty, Schneewind, Skinner (ed), Ediciones Paidós, 1990, España.

século XIX a historicidade que constitui os objetos de conhecimento é estreitamente relacionada a outro conceito, o de *conflito*, o que a transforma em um conceito diferente e adquire os diferentes matizes através das diferentes ciências. Há uma historicidade da economia na qual as diferentes formas de produção se constituem historicamente, há uma historicidade da natureza na qual ambas as diferentes condições de existência dos seres vivos se constituem historicamente. Ambas historicidades enfatizam a finitude do homem: a economia o concebe como um ser que tem necessidade e que para satisfazê-las é levado a situações de conflito; a biologia o concebe como um ser orgânico que como qualquer organismo se encontra entre a vida e a morte – e de uma morte que não vem do exterior, mas sim a partir de sua própria constituição. Como ser vivo está em conflito com o meio e seus interesses individuais com os da sua espécie. Ambas historicidades confluem no início do século XX nas previsões de Thomas Malthus: a economia se relaciona com a biologia e o conflito ao qual se reduzem todos os conflitos é o da vida frente à morte. Com Darwin a autoconservação foi o traço fundamental inerente de todo ser vivo e sua justificação teórica são as necessidades que lhe impõe o meio, necessidades duramente contestadas pelo antidarwinismo de Nietzsche, para quem a característica fundamental e desencadeante do conflito é a vontade de poder.

Uma outra historicidade também joga um papel fundamental, a da linguagem. Não é a história que estabelece a filogênese das línguas, mas a que estabelece sua ontogênese. A filologia estuda essa história interna das palavras: a exegese das palavras transformou-se no modo de analisar o pensamento, a linguagem tem um sentido oculto no qual se descobre não um referente, mas o homem que fala – em vista disto a interpretação passou a ser mais importante que a verdade. A linguagem permite que vários homens se identifiquem entre si, deixando de ser um discurso sobre as coisas, para ser concebido como uma atividade humana. Neste sentido, a historicidade da linguagem vincula-se com a historicidade da economia política.

⁶² Cf. HACKING, I. : *Rewriting the Soul. Multiple personality and the sciences of memory*, Princenton University Press, 1995, USA, pags. 198-209

Em suma, o esquema conceitual do século XIX nos ensinou que o empírico é o constituído historicamente segundo a dinâmica de um conflito que deixa marcas mnemônicas. Este esquema conceitual não é discutido, é o dado, e parece ser essa a razão os modelos biológicos são sempre defendidos com uma força maior do que os modelos mecânicos, isto é, uma ontologização do biológico e não do mecânico. A partir desse dado biológico, desenvolvem-se diferentes sistemas e são esses os objetos de discussão, não o esquema conceitual.

2.2. A ontologia

A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada cousa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra.
E quanto isso me basta.
Basta existir para se ser completo.

Fernando Pessoa

Os modelos que representam o aparato mental têm como uma de suas principais funções a de introduzir o registro lingüístico com o qual serão analisados os diferentes fenômenos da alma humana. Estes modelos foram construídos pelo próprio Freud e representam a adesão ao pressuposto de que de um mesmo aparato mental serão inferidos os processos etiológicos das neuroses e de todos aqueles fenômenos mentais que até o momento eram considerados arbitrários, inclusive os da normalidade. A concepção do aparato mental será a metáfora através da qual serão expressos muitos dos compromissos da psicanálise, mas nem sempre aderirá a tais metáforas com a mesma força. Apresentamos as três metáforas como modelos ontológicos, para mostrar a diferença de força e determinar exatamente os modelos, ou parte deles, que adquirem a característica de ontológico. Mostraremos, além disto, as heurísticas que o autor utilizou na construção destas ficções.

2.2.1. Modelo neurológico

Para eles, tudo é estar ou não estar em um corpo.
Luigi Pirandello

A primeira metáfora que aqui apresentamos é a que se encontra no *Projeto de psicologia* (1895). Aqui Freud trabalhará de acordo com as pinturas teóricas psico-fisiológicas de fins do século XIX. Nelas todo fato psíquico é também um fato do sistema nervoso. Os princípios evolucionistas aplicados à psicologia resultam em uma continuidade hierárquica entre o corporal e o psíquico e o dispositivo da memória será justamente o que a torna possível, resolvendo desse modo a relação alma-corpo.

Como o psíquico é também neurológico, a tentativa de se dar uma explicação puramente psicológica das enfermidades mentais se realizará em termos fisiológicos. Isto justifica a apresentação da mente como um sistema neurônico. Com este se pretende explicar os processos tanto da vida normal como das patologias psicológicas. A metáfora pretende ser mecânica, isto é, a conceitualização dos processos psíquicos se fará em termos de magnitudes de energia reguladas automaticamente por princípios derivados do princípio de inércia. As considerações biológicas são consideradas ontogênicas e entram em jogo primeiro para superar os problemas teóricos que não alcançam uma solução mecânica; e segundo para dar uma justificação genética do modelo.

O objetivo desta metáfora é oferecer uma explicação mecânica dos processos mentais à maneira da fisiologia da época, isto é, em termos de processos econômicos de descarga de energia. Para isso, no *Projeto...* articula-se uma ensambladura na qual o aparato psíquico é representado como um sistema neurônico. Ele mesmo é composto de neurônios, os quais podem estar vazios ou investidos, isto é, cheios de uma certa quantidade. Esta quantidade é a excitação nervosa que flui

através da ensambleadura. Em uma organização primária os neurônios⁶³ estão divididos em motores e sensíveis. Isto implica que o processo fundamental que se dá em sua interior parte da percepção e culmina na motilidade, isto é, percebem-se estímulos que são descarregados através de ações. Esta cisão entre sensível e motor é regida pelo *princípio de inércia*⁶⁴, segundo o qual o sistema busca eliminar as excitações percebidas e provocando o movimento reflexo que é o meio de liberar-se dos estímulos. Tal princípio associa causalmente o motivo com o movimento reativo, isto é, o estímulo externo com a descarga, e este processo de fuga do primeiro é a função primária do sistema neurônico.

A regência do *princípio de inércia* requer um nível zero de excitações, mas dados certos estímulos que vêm do interior do sistema, seu objetivo deve ser modificado pelo que enuncia o *princípio de constância*, isto é, a manutenção do nível de excitação o mais baixo possível⁶⁵. Desse modo, ambos os princípios são correlativos: o primeiro é mais geral e o segundo é a adaptação necessária do primeiro para que possa reger o processo de descarga destes novos estímulos. A interioridade surge como as condições específicas às quais tem que se adaptar o princípio de inércia. Não há, assim, uma resignação de objetivo, mas uma adaptação a novas exigências.

O aparato psíquico funciona evitando o desprazer e buscando o prazer, que é sentido como descarga, de modo que o princípio de constância se identifica com o *princípio de prazer*⁶⁶. Os estímulos endógenos são percebidos apenas quando provocam prazer ou desprazer.

Os estímulos endógenos provêm das células do corpo produzindo as necessidades de fome, respiração e sexualidade. Destes estímulos o sistema não pode fugir, mas apenas na fome e na sexualidade a descarga da excitação que provocam se dá em determinadas situações do mundo exterior e exigem uma ação específica que modifiquem o meio. Esta *coação da vida* requer uma alteração do meio; sendo assim, esta ordem vital é o que o coloca frente a um conflito com o meio.

⁶³ O termo neurônio foi introduzido por Waldeyer em 1891, AE, IV, p. 10.

⁶⁴ Cf. AE, I, p. 340.

⁶⁵ Cf. AE, I, p. 341.

A ação específica é uma ação que é aprendida e que inicialmente se dá por meio de um auxílio alheio. A satisfação da necessidade por meio da ação específica é o modo de descarga da excitação cuja fonte está no interior do corpo. Este modo de descarga é o que é percebido como prazer. Evitar a dor é um dos principais objetivos do sistema neurônico. A excitação sensível torna-se dolorosa quando aumenta o estímulo⁶⁷.

Um dos principais objetivos da concepção deste aparato psíquico é o de oferecer uma explicação sobre a possibilidade da memória, que deve ser o resultado de uma gênese. Se se permanece na primeira cisão (sensitivo/motora) não se obtém uma explicação nem da satisfação de uma necessidade, sentida como prazerosa, nem do desprazer. Por conseguinte, exige-se uma modificação da arquitetura do sistema nervoso, que explique como se aprende uma ação específica, seja para ganhar prazer ou para evitar a dor. Explicar a possibilidade da memória demanda uma arquitetura do sistema nervoso que lhe permita configurar a dualidade influído-inalterado, que representa o primeiro problema na construção teórica deste instrumento. Inalterado e alterado devem conservar as alterações que vêm dos estímulos e deve, por sua vez, manter-se aberto, receptivo, a novas alterações. A memória teve que ser conceitualizada como um conjunto de células ao qual chamou *células de recordação* e que se diferenciam das *células de percepção*. As últimas não retêm nada e não oferecem resistência; as primeiras resistem e retêm. As de recordação são as que tornam possível a memória, isto é, o poder de uma vivência de seguir produzindo um efeito. E isto deve poder ser conceitualizado em termos de quantidades de energia e do princípio de constância.

A primeira consideração para que a memória se produza reside na magnitude da impressão e na frequência da mesma⁶⁸. Os neurônios de percepção são chamados de *passáveis*. Para que surja um sinal da excitação esta tem que ter vencido uma resistência e para isto precisou dos neurônios de

⁶⁶ Cf. AE, I, p. 357, n. 44.

⁶⁷ Cf. AE, I, p. 351.

⁶⁸ Cf. AE, I, p. 345.

recordação, que não são *passáveis*. O grau de resistência é o grau de facilitação que torna possível a memória.

Da vivência de satisfação resulta uma facilitação dos neurônios de recordação, isto é, um sinal mnemônico. O desejo é uma associação das representações: a necessidade, o que satisfaz a necessidade e a descarga do estímulo interno. É uma atração pelo objeto, o qual é um sinal mnemônico do que alguma vez permitiu a satisfação da necessidade. Mas a recordação do objeto que satisfaz não produz a satisfação, isto é, não produz prazer, na medida em que não realiza a descarga.

Da dor se seguiu uma repulsa pelo objeto hostil e por sua recordação. Quando a imagem mnemônica do objeto que provocou dor é investida de novo, estabelece-se um estado de desprazer parecido com a dor e que tende à mesma descarga que este, resultando em uma defesa reativa. A reprodução da vivência de dor é um afeto e aumenta a quantidade de desprazer que vem do interior do corpo. Na realidade, não há razões mecânicas para que a recordação tenda à mesma excitação que a vivência, posto que a percepção é mais intensa que aquela. Desse modo, prazer e desprazer não funcionam como processos inversos. A recordação do objeto hostil tem uma intensidade que não tem a do objeto gratificante. Se o segundo é investido por muito tempo, provoca alucinação, mas nunca satisfação. De onde se origina a força do primeiro?

Dor e desejo, defesa e atração têm como fim último sair ilesos do conflito com o mundo exterior ao qual foi levado pelas necessidades que lhe impôs sua própria interioridade. O fim é biológico, mas como as representações que estão envoltas são as de prazer e desprazer e ambas são o resultado de excitação, assim, defesa e atração pretendem ser processos mecânicos. Só que enquanto o segundo o consegue, o primeiro encontra sérias dificuldades.

Dos três estímulos que vêm do interior do corpo, já havíamos deixado de lado a respiração e como a sexualidade não está desde o começo, pois aparece na puberdade do indivíduo, a fome é o único estímulo que cumprem os dois requisitos para determinar a historicidade do indivíduo: está

desde os primeiros momentos de vida do indivíduo e impõe uma modificação do mundo externo. Portanto, a fome é a necessidade que primeiramente o leva a enfrentar-se com o meio, a tentar modificá-lo e a modificar-se a si mesmo, constituindo um modo de armazenamento. Quando a própria sexualidade irrompe como necessidade, nos anos da puberdade, seguirá o caminho de satisfação que lhe ensinou a fome. Isto significa que a necessidade que chamamos de *sexualidade* requer de um objeto que a satisfaça permitindo a descarga. O desejo que se desprenderá dela vai estar constituído pela marca mnemônica do objeto. O desejo será uma atração por este objeto.

Freud queria um aparato que explicasse a memória e a explicação que buscava era de tipo genético, por isso a fome – enquanto necessidade primeira – é a que faz do homem um ser biológico, ao dotá-lo de historicidade em seu conflito com o meio. Portanto, é a necessidade para cuja satisfação posterior demandou o aprendizado da ação específica, o que resultou na diferença entre células *passáveis* e *não passáveis*. A memória é, a partir do prazer, concomitante à necessidade de satisfazer a fome. A alma humana é o resultado do instinto voraz. Deste modo, a diferença celular não responde a uma característica essencial, mas a sua condição de existência – é justamente o que o torna possível como ser vivo.

*Recordemos agora que o sistema de neurônios tinha desde o começo duas funções: recolher os estímulos do exterior e descarregar as excitações endogenamente geradas. É deste último compromisso, pela coação da vida, que resultava a compulsão para o desenvolvimento biológico ulterior*⁶⁹.

A memória tem uma justificação genética e se resolve em marcas mnemônicas que são adquiridas no desenvolvimento da ontogênese. A organização do aparato psicológico é o resultado do conflito que o indivíduo teve que estabelecer com o meio e o que possibilitou sua sobrevivência. A memória é o dispositivo que tornou possível a *instrução biológica*. O biológico é o que tem uma gênese, uma organização que o tornou apto para existir e que adquiriu nesta luta pela existência. As funções de adaptação ao meio externo vão sendo adquiridas progressivamente e a organização do

⁶⁹ FREUD, S.: AE, I, 347-8.

arco reativo é a mais primitiva e funciona de maneira automática. As necessidades básicas demandam uma organização mais complexa; a memória é o dispositivo que permite a continuidade entre o físico nervoso e o psíquico. Em Freud, como veremos mais adiante, o estado de desejo é o que incita à descarga, para o qual precisa de uma valorização correta dos sinais de realidade para evitar a frustração de não alcançar a satisfação, o que levará a uma nova complexidade na organização.

Pois bem, esta justificação genética da memória deveria ser agora traduzida em termos mecânicos. O problema surge, como já o assinalamos, das marcas mnemônicas de objetos hostis. O que se pede é que se dê razões da intensidade destas em termos puramente quantitativos. A defesa de recordações dolorosas requer razões para a intensidade da recordação.

Em suma, temos uma defesa primária na qual a corrente de pensamento foge de modo reativo ante um choque com um neurônio cujo investimento provoca desprazer⁷⁰. Este modo de defesa nos revela uma modificação na estrutura do aparato psíquico. No sistema de neurônios não *passáveis* formou-se uma organização perturbadora. Trata-se do “ego”, que é a totalidade das respectivas investiduras dos neurônios não *passáveis*. O *ego* busca liberar suas investiduras mediante a satisfação. Para ter êxito, influi sobre a repetição de vivências que provocam desprazer. Seu modo de influência é o da inibição, em vista do que o *ego* opera segundo a instrução biológica. Fundamentalmente, ele inibe os processos psíquicos primários. Quando a investidura-desejo é demasiado grande e busca a descarga ou quando o desprazer provocado pela representação do objeto hostil não provém da vivência, mas de uma circunstância colateral associada, desejo e repulsa podem ser *nocivos biologicamente*⁷¹. Os processos psíquicos primários são tanto as investiduras de desejo como o desenvolvimento de desprazer fluindo para seus destinos apropriados, independentemente do mundo externo. Ambos produzem desprazer, um por frustração da satisfação e o outro por seu fim constitutivo, em vista do que evitar o desprazer é um comando

⁷⁰ Cf. AE, I, p. 398.

biológico. Os processos secundários são uma debilitação dos anteriores por meio da investidura do *ego*. Este influi nos primeiros inibindo-os e permitindo ao indivíduo sua sobrevivência no meio. Para poder influir corretamente, o aparato psíquico teve que poder distinguir percepção de representação. O conceito de defesa permitiu diferenciar entre um processo psíquico primário e outro secundário através do acionamento do *ego*, e foi necessário introduzir o segundo para explicar como o indivíduo pode enfrentar o conflito com o meio e evitar a morte. Mas só se alcançou sua tradução mecânica para o fluxo de energia em direção às imagens mnemônicas gratificantes, já que o desprazer que se quer evitar nesse caso é o da frustração da não satisfação.

A energia que percorre a ensambladura entendida em termos econômicos como a excitação nervosa a que Freud se refere como uma dada quantidade pode, então, estar em dois estados, livre ou vinculada. A primeira busca a descarga de modo imediato, modo de descarga que descrevem os processos primários. E no estado de repouso sua descarga está retardada e é a dos sistemas psíquicos nos quais a corrente que está em um neurônio se encontra influída pelas investiduras que a rodeiam. No *ego* a energia está ligada e a razão deste estado é a que se deve dar em termos mecânicos, mas, como vimos, sua introdução se deveu a razões biológicas. Este estado energético é descrito através de processos secundários, que por causa da inibição o livre fluir transforma-se em uma excitação tônica ou tensão nervosa⁷¹. Prazer e desprazer referem-se à quantidade de excitação livre com a qual os processos anímicos têm que tratar, ligando-a para conseguir uma drenagem mais tarde, levando a cabo esta tarefa através de investiduras elevadas, mas com deslocamentos débeis da energia⁷². Ambos estados de energia provocam descargas diferentes: a livre, de modo direto e imediato; a vinculada busca, a partir da inibição, a drenagem nas modificações do mundo externo. Portanto, a excitação é o pressuposto necessário para que o aparato, regido pelas modalidades do princípio de inércia, comece a funcionar buscando a descarga. Os estímulos endógenos atuam como condição, mas não constituem os princípios que regem os modos de descarga do aparato.

⁷¹ Cf. AE, I, p. 370.

⁷² Cf. AE, II, p. 206, n.6.

A defesa opera contra representação de objetos hostis. O que não pode explicar mecanicamente é a elevada intensidade destas representações que desencadeiam os processos secundários. A memória tem uma justificação genética, mas a intensidade de seus conteúdos não tem o que o modelo exige, uma conceitualização em termos de quantidades de energia. Não sabemos porque certas marcas mnemônicas são investidas que provocam o mesmo desprazer que as percepções à quais correspondem, mobilizando o processo de defesa. A intensidade destas recordações não é explicada por razões internas do sistema, por isso se exige uma conceitualização não mecânica, por elas se introduzem considerações biológicas.

Como já havíamos visto, a memória mesma se deveu a razões biológicas⁷⁴ e foram estas razões as que exigiram um modelo denotativo das representações. As representações exigem uma referência ao meio, tanto os sinais de objetos gratificantes quanto os dos hostis correspondem a vivências que se deram efetivamente na realidade. Será de particular importância para a etiologia das psiconeuroses o fato de que a representação do objeto hostil tem um referente no mundo externo, e sua intensidade se explicará em função desta referência.

Esta conceitualização dos fenômenos mentais tem em Freud apenas parcialmente o caráter de uma *constructio*.

*Pois bem, quem se dedica a edificar hipóteses científicas só começa a levar a sério suas formulações quando as conectam no saber a partir de mais de um lado e quando nelas se pode mitigar a arbitrariedade das **constructio ad hoc**... De onde se extrairia então um fundamento para essa divisão entre classes? ... Pretende-se saber se as duas classes de neurônios podem haver tido no biológico um significado diferente e, em caso afirmativo, o mecanismo através do qual se desenvolveram seus caracteres diferentes do passável e o não passável. O mais satisfatório seria, desde então, que o mecanismo buscado resultasse, por sua vez, do papel biológico primitivo; ... Então não teríamos inventado a ϕ e a ψ , mas sim que as teríamos encontrado⁷⁵.*

⁷³ Cf. AE, I, p. 416.

⁷⁴ Cf. AE, I, p. 347.

⁷⁵ Cf. AE, I, p. 347.

A prova da existência reside no modo de ser biológico do aparato psíquico, isto é, em sua ontogênese. Justamente o caráter biológico é o que forneceu a condição de ser à *ensambladura* que em primeira instância ajustou-se como mera construção teórica. Enquanto era apenas uma construção mecânica, não tinha a condição de realidade, esta veio apenas quando adquiriu sua justificação genética. No entanto, como assinalamos acima, estas considerações biológicas entraram na rede teórica como *hipóteses ad hoc*. De fato, o núcleo explicativo é totalmente mecânico, mas nem todos os elementos alcançam uma conceitualização em termos de quantidades de energia: por exemplo, a diferença entre células *passáveis* e *não passáveis*, a defesa primária, a recordação privilegiada do objeto hostil⁷⁶ e a introdução do ego com os processos secundários que envolve⁷⁷.

2.2.2. Modelo da primeira tópica

Feliz é aquele que não tem lar; ele ainda o vê em seus sonhos.

Hannah Arendt

A segunda metáfora com a qual Freud apresenta o aparato mental é a que se encontra em *Interpretação dos sonhos* (1900). A partir desta época ele se dedica à tarefa de encontrar a *solução psicológica* de diferentes problemas, tais como o sonho e os sintomas neuróticos. O propósito que tem em mente quando constrói a estrutura que permite compreender a alma humana é o de conseguir uma explicação apenas em termos psicológicos, sem apelar a qualquer coisa em termos neurológicos. Isto significa que a explicação se dará através de processos de descarga de energia psíquica e não através das magnitudes de excitação neurológica. Paradoxalmente, o modelo heurístico que adota é o que Hughlings Jackson começara a desenvolver a partir de 1863. Trata-se de uma fisiologia do sistema nervoso em uma organização hierárquica de centros escalonados que surgem na medida em que as espécies vão evoluindo. As funções destes centros aparecem durante o desenvolvimento do indivíduo e sua estrutura é sensório-motora. Jackson propõe uma integração da

⁷⁶ Cf. AE, I, p. 365-6 y 419.

hierarquia das funções, fundamental no momento de passar da tópica à dinâmica do aparato psíquico. A pintura jacksoniana funciona aqui como um esquema com funções heurísticas e poderíamos compará-lo com o esquema das bolas de bilhar que pode ser aplicado tanto para explicar a estrutura do sistema solar como a do átomo.

Por um lado, Freud adota esta estrutura evolutiva neurológica, mas por outro pretende fornecer uma exposição totalmente psíquica do aparato mental. Para o último Freud compara o aparato psíquico com um aparato fotográfico, com a finalidade de postular a idéia de um espaço psíquico⁷⁸. Tal aparato é uma organização composta de uma seqüência fixa de sistemas. Tais sistemas são chamados de “sistemas ψ ”. Há uma excitação percorrendo-os em uma série temporal, o que implica uma direção. Estes sistemas percorridos por excitações constituem uma descrição de um caminho topológico cuja atividade específica é apresentar o lugar de origem dos processos excitadores. Esta tópica permitiu articular os conceitos de consciente e inconsciente, que embora já estivessem no modelo anterior, adquiriram aqui o caráter de sistemas com suas próprias funções e são considerados fundamentais em tal estrutura. A analogia com o aparato fotográfico cumpre sua função apenas se diferenciarmos lente de placa fotográfica, pois é importante destacar que as imagens não se formam em um lugar do aparato. No interior desse instrumento encontra-se o espaço psíquico. Esta idéia, que possibilitou a descrição tópica, acomoda-se ao princípio jacksoniano segundo o qual os centros poderiam ter localização fisiológica, mas suas funções não. Estas últimas, segundo o neurologista, poderiam ser decompostas em fenômenos sensório-motores que constituíam a base empírica da teoria. Para Freud a idéia de espaço psíquico substitui qualquer tentativa de localização anatômica dos fenômenos mentais e, por conseguinte, de qualquer explicação em termos neurológicos. Esta é a primeira grande diferença em relação ao modelo anterior.

A linha evolutiva proposta por Freud mantém como organização mais primitiva para o

⁷⁷ Cf. AE, I, p. 409.

aparato psíquico é a de reflexos. Nesta, a direção da excitação que a percorre parte de estímulos que podem ser tanto internos como externos e termina com a descarga da mesma. A este último processo Freud se refere com o nome de inervações e supõe um sistema condutor. Temos então um ponto de partida, a extremidade sensorial que recebe as percepções, e um ponto de chegada, a extremidade motora. Assim, o processo psíquico básico, assim como no modelo anterior, é sensório-motor.

Deparamo-nos aqui com uma das dificuldades teóricas que já enfrentamos no modelo anterior, o sistema deve ser ao mesmo tempo inalterado e alterado. A solução consistiu aqui em conceber um primeiro sistema como aquele que somente recebe e não conserva, seguido por outro que converte as percepções recebidas em sinais mnemônicos. No *Projeto* tratavam-se de células e aqui estas passaram a ser sistemas psíquicos com funções determinadas dentro do aparato anímico.

O sistema de percepção confere ao aparato psíquico as qualidades sensoriais; os sistemas de memórias são inconscientes e quando se tornam conscientes são distintos das percepções. Estas estão ligadas entre si na memória, seguindo a forma do mesmo momento em que ocorreram. Este enlace chama-se *associação* e se baseia nos sistemas mnemônicos. A excitação que teve origem no sistema-percepção passou aos sistemas-memória e é fixada por estes últimos de modo diferente, produzindo associações diferentes, na medida em que se afasta do sistema que a recebera.

Pelo sistema-percepção o aparato percebe o mundo exterior⁷⁹, mas se requer de um sistema que permita que o aparato se perceba a si mesmo. Só desse modo poderá diferenciar entre um “dentro” e um “fora”⁸⁰, fundamental no processo de adaptação ao meio ambiente. O sistema que será incluído é a consciência, mas tal inclusão deve conservar a dupla propriedade do aparato de

⁷⁸ Espaço psíquico não implica um espaço anatômico. Cf. AE, V, p. 529.

⁷⁹ Cf. AE, V, p. 603.

⁸⁰ Em “*Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos*” (1917), a consciência é um terceiro sistema psíquico; ali este coincide com o que em “*A interpretação dos sonhos*” ele chamou sistema percepção, visto que é um sistema de percepção. Sua função é a de tornar-se consciente. Assim, por exemplo, a alucinação é uma investidura do sistema consciente que vem de dentro do aparato e que é o resultado de um processo regressivo.

alterar-se e de ser inalterado. Portanto, este novo sistema não pode conservar as excitações⁸¹. Como os sinais mnemônicos serão produzidos apenas quando a excitação se propagar nos sistemas internos, a consciência substituirá tais sinais⁸² e sua única função será a de tornar consciente. Desse modo, são nossas recordações que constituem nosso caráter e não os conteúdos da consciência, funcionando assim a memória como critério de identidade pessoal.

Este sistema consciência é como um órgão sensorial que, sendo excitável a partir da periferia e a partir do interior do aparato, reproduz a articulação originária de aparatos reativos do aparato psíquico⁸³ e seus caracteres mecânicos são semelhantes aos do sistema de percepção. Em suma, ela é excitável e sem memória. A consciência percebe o mundo externo através dos estímulos sensíveis que aquele envia e percebe o interior psíquico apenas através dos atributos de prazer e desprazer.

Até agora tínhamos sistemas de memória aos quais chamamos de inconscientes para diferenciá-los da consciência, mas nossa estrutura adquirirá uma complexidade maior e a memória se organizará em dois sistemas diferenciados. Um chamado de subconsciente, sistema criticador cuja função é função é a de nos permitir tomar decisões conscientes e se situa na extremidade motora. Ao sistema que está por trás chamamos de inconsciente e ele só chega à consciência através

⁸¹ Em *Notas sobre a "lousa mágica"* volta a tratar desta dupla propriedade do aparato anímico: capacidade ilimitada de recepção e conservação de sinais duradouros. Ambas propriedades parecem ser incompatíveis, pois ou a superfície receptora se renova ou os signos registrados se desvanecem. A solução, a mesma que se deu em *A interpretação dos sonhos* (1900), é a de recorrer a dois sistemas diferentes. Um sistema percepção-consciência que recebe as percepções, mas não as conserva, é uma superfície nova para cada recepção. São os sistemas que se encontram detrás, onde serão registrados os sinais das percepções. Os sistema percepção-consciência está situado sob uma proteção anti-estímulo externa que opera rebaixando o grau das excitações que aparecem. Inervações de investidura são enviadas do interior ao sistema percepção-consciência. Recebe as percepções acompanhadas de consciência e transmite a excitação até os sistemas mnemônicos inconscientes. Quando a investidura é retirada, extingue-se a consciência. O inconsciente, por meio do sistema percepção-consciência, vai ao encontro do mundo exterior e se distancia rapidamente depois de haver detectado as excitações. Estas propriedades do sistema anímico são representadas em uma lousa escolar chamada de lousa mágica. Trata-se de uma tábua de cera escura colocada em um quadro de cartolina, coberta por uma folha delgada fixa apenas na extremidade superior. A folha é composta por duas camadas separáveis entre si, exceto em suas margens. A de cima é uma folha de celulóide transparente e a de baixo um papel encerado também transparente. Escreve-se sobre ela com um punção; o objetivo não é marcar a superfície receptora. Por onde passa o punção o papel encerado comprime a tábua de cera, tornando visíveis os sulcos de um tom obscuro sobre a superfície do celulóide. Para eliminar o registro se separa a folha da tábua de cera.

⁸² Cf. AE, I, p. 343ss; AE, V, p. 531-3; AE, XVIII, p. 25, AE, XIX, p. 244.

do subconsciente. Este novo sentido do termo *inconsciente* é o verdadeiramente revolucionário no aparato psicológico freudiano, pois se distancia do que normalmente se entendeu por tal palavra. A implicação metafísica fundamental desta inovação reside na possibilidade que este novo conceito de inconsciente oferece de conceber uma realidade psicológica irreduzível à realidade empírica.

O ponto agora é como a consciência percebe o que acontece tão longe dela. Dissemos que essas excitações são perceptíveis apenas como prazer ou desprazer. Para que os processos de pensamento alcançassem a consciência o sistema subconsciente teve que vinculá-los aos signos da linguagem. O fato de que as representações subconscientes se vinculem às representações-palavra tem várias implicações. Primeiro, segundo um ponto de vista teórico, apenas as representações ligadas são suscetíveis a tornarem-se conscientes, de modo que as que se encontram no inconsciente e estão livres de tal vínculo não o são. Segundo, de um ponto de vista epistemológico possibilita-se a passagem de um modelo que apenas descreve o aparato psíquico em termos de espaços psíquicos a um que explica os processos de descarga da energia⁸⁴.

No primeiro sentido do termo *inconsciente* tínhamos apenas uma caracterização que descrevia o que se dava por trás da consciência. Com o inconsciente *dinâmico* abriu-se uma nova dimensão cujos conteúdos são indestrutíveis e a partir dali estão sempre espreitando. Mas na vida de vigília o homem normal atua como se sua alma não comportasse tais demônios; é o acionar do sistema subconsciente o que produz este não querer saber. Todo este mundo inconsciente está sempre ativo e, apesar de ser intenso, não chega à consciência, exterioriza-se como efeitos energéticos. Com Freud, o inconsciente deixou de ser um epifenômeno da consciência, na medida em que ele lhe atribuiu suas leis essenciais.

A passagem entre o sistema inconsciente e o subconsciente está resguardada por uma força chamada censura; outra de tais forças se encontra na passagem do subconsciente ao sistema consciência. Estas forças inibem a atividade dos sistemas anteriores em uma espécie de controle

⁸³ Cf. AE, V, p. 566.

hierárquico.

Vimos a direção seguida pela excitação que percorre o aparato psíquico no sentido progressivo quando, partindo do sistema percepção, dirigia-se ao sistema motor. Depois vimos que se pode partir não apenas do sistema percepção, isto é, da periferia, mas se pode também partir das excitações que vêm do interior do aparato. Também neste segundo caso a direção é progressiva se se dirige ao sistema motor. No primeiro caso teríamos um esquema no qual a percepção desencadeia a ação, algo assim como *percepção-ação*. No segundo caso, a percepção é de uma necessidade interna e, simplificando, o esquema seria algo no qual a necessidade desencadeia a ação: *necessidade-ação*. Mas acontece que também é possível a direção oposta, a regressiva. Mais adiante veremos como se modificam os esquemas anteriores com esta nova direção.

A regressão pode ser considerada a partir de três pontos de vista diferentes: ponto de vista tópico – regressão através dos sistemas da localidade psíquica; ponto de vista temporal – regressão segundo a ontogênese do indivíduo; e ponto de vista formal – retorno a modos de figuração primitivos. Deste modo, o conceito de regressão vincula a história do indivíduo com a estrutura de seu aparato psíquico e a ontogênese recapitula o desenvolvimento filogenético chegando à herança figurativa. O caráter de organização transforma-se na premissa necessária de qualquer ontogênese e a regressão é uma consequência de ambos. Mas por tratar-se de uma organização, a soberania pertence às funções dos sistemas e a historicidade reside na aquisição destas funções diferenciadas. Para Spencer, a lei que se opõe à da evolução é a da dissolução na qual o indiferenciado volta ao diferenciado. Jackson aplicou esta lei às enfermidades do sistema nervoso – dissolução dos controles hierárquicos. As dissoluções spencerianas e jacksonianas trabalham como leis formais das quais a direção regressiva da excitação no aparato psíquico é uma aplicação. A regressão é a peça chave de todas as *soluções psicológicas* de Freud.

Vejamos agora como a estrutura do aparato psíquico é o resultado de adaptações que o

⁸⁴ Cf. AE, V, p. 598n.

organismo teve que levar a cabo para adaptar-se ao meio ambiente e de como essa necessidade de adaptar-se surge de certas necessidades provenientes da própria estrutura, em vista do que também nesta pintura temos uma justificação biológica dos processos mecânicos. Do conflito com o meio resultou a gênese do aparato psíquico e os conflitos são as distintas etapas da evolução. Uma guerra darwiniana permanente estrutura a alma humana. Quando o aparato é aquela organização primitiva de arco reativo tem como propósito ideal dominar excitações – não sendo assim, se dariam sensações penosas. Embora este propósito se conserve sempre, vai se adaptando às condições impostas pelo meio e pelas complexidades que adquire sua própria estrutura. A primeira tendência foi a de manter-se isolado dos estímulos externos, tendência expressa no princípio de constância. Pela vigência deste princípio descarregava doravante toda excitação que chegava de fora. Este modo de descarga responde ao esquema acima mencionado – *percepção-ação*. Esta descarga se dava através de movimentos musculares que por serem adequados ao fim se converteram em disposição herdada⁸⁵. A herança dos caracteres adquiridos e a adaptação dos movimentos é o lugar reservado ao lamarckismo no aparato concebido por Freud.

Também neste modelo estão presentes os estímulos endógenos cujas exigências não podem ser descarregadas desta forma. Esta constelação que vem do interior, que Freud chamou *a coação da vida*, cessa sob condições têm que se dar no mundo exterior. Estes estímulos são anulados por uma vivência de satisfação que dá lugar a uma percepção cuja recordação fica associada à da excitação⁸⁶. A excitação buscou uma drenagem na motilidade (o choro no caso do menino quando está faminto), mas se alcança a satisfação apenas por um caminho diferente, tal como o cuidado alheio. Temos aqui o segundo esquema mencionado acima, *necessidade-ação* (choro). Daí resulta uma outra ação, tal como sugar o seio, que é também uma ação motivada por estas necessidades básicas e que não toma em consideração nem pensamentos nem afetos. Nesse caminho indicado ao acaso pelo meio, por alguém que cuida da criança, por exemplo, registra-se a presença de padrões

⁸⁵ Cf. AE, XIV, p. 116.

⁸⁶ Cf. AE, V, p. 557.

darwinianos. É necessário registrar essa vivência de satisfação e o caminho através do qual se chegou a ela. Passamos assim à necessidade de uma estrutura mais complexa de aparato psíquico e se incorporaram os sistemas de memória, os quais são, inicialmente, indiferenciados. Quando a coação da vida se faz de novo presente se desejará produzir novamente a percepção de satisfação – este querer é o que se denomina *desejo*. Temos assim um novo esquema no qual a necessidade, como não consegue uma descarga direta na motilidade, desencadeia o *desejo*. Em breve, o esquema seria *necessidade-desejo*. Este é a busca de uma *identidade perceptiva*, algo idêntico à vivência de satisfação. Se este último esquema culmina em uma ação, o caminho para a descarga da energia psíquica é progressivo. O esquema completo seria *necessidade-desejo-ação*. Mas o caminho mais curto é regressivo no interior do aparato⁸⁷. O desejo é o resultado de um processo que começou percebendo um acúmulo de excitação como desprazeroso e em seguida tende a uma descarga que é identificada como prazerosa⁸⁸. Só o desejo tem a capacidade de pôr em marcha esta engrenagem psíquica. A primeira atividade cognitiva do indivíduo se deriva deste desejar originário que investiu alucinatoriamente a recordação da satisfação primária. O processo psíquico desta nova satisfação atua segundo o *princípio de prazer*⁸⁹ e é totalmente independente de qualquer consideração da realidade. Mas o resultado não é o desejável, a satisfação não é alcançada, já que não culmina na ação que permite a descarga. Este caminho regressivo é o que encontramos em sonhos. O esquema anterior se converte em *necessidade-desejo-alucinação (identidade perceptiva)*. Em suma, as necessidades internas levaram o sistema a renovar a satisfação primária, primeiro alucinatoriamente e depois por ação.

O que temos que explicar agora é porque se insiste nesta via regressiva se ela não culmina no processo de descarga. Principalmente, porque se insiste nesta espécie de auto-engano em situações que não são as oníricas. As percepções de prazer e desprazer regulam automaticamente a

⁸⁷ Cf. AE, V, p. 558.

⁸⁸ Cf. AE, XVIII, p. 7.

⁸⁹ Em “*A interpretação dos sonhos*” Freud o chama de “princípio de desprazer”. Cf. AE, V, p. 589.

excitação dentro do sistema inconsciente⁹⁰, diferenciado do subconsciente. Tampouco este último atua independentemente do princípio de prazer; neste sistema tal princípio atua evitando o desprendimento de desprazer das recordações desprazerosas, impedindo que algo desagradável entre no sistema inconsciente, de modo que este pode apenas desejar⁹¹. Há, assim, uma inibição da drenagem da excitação segundo os princípios de prazer e de constância⁹² – este último o faz conservando mínima a acumulação de excitação, já que o contrário é identificado como desprazer. Todo ato que acumula excitação é sentido como desprazer, de modo que se é obrigado a reprimi-lo⁹³; nesse sentido o princípio de prazer se deriva do princípio de constância e o princípio de inércia mencionado no *Projeto* é a base do de prazer. Estas transformações do princípio de inércia são as que nos revelarão a estrutura da alma humana. Deste querer evitar o desprazer decorrem conteúdos inconscientes reprimidos, isto é, desejos inibidos pela censura que controla a passagem ao sistema subconsciente. O auto-engano provém do domínio isolado do princípio de prazer, o que torna equivalentes o desejo e sua realização, confundindo fantasias com recordações de fatos efetivos. A descarga da excitação para estes desejos se dá através da satisfação alucinatória que já assinalamos e através dos sintomas nas enfermidades psiconeuróticas. Estes últimos concedem ao sistema inconsciente, que está submetido pelo subconsciente, uma *válvula de escape* para a descarga de sua excitação. Esta descarga se dá no interior do organismo, alterando-o, e na interação com o meio não produz modificações no exterior⁹⁴. Mantenhamos por enquanto esta primeira característica que aproxima os fenômenos oníricos dos sintomas: ambos são um modo de descarga de um desejo inconsciente reprimido.

A satisfação por via regressiva não produz a mesma satisfação que a alcançada fora do organismo. Deste modo a necessidade perdura. Pela ausência de realização do desejo se abandona

⁹⁰ Cf. AE, V, p. 566.

⁹¹ Cf. AE, V, p. 590.

⁹² Freud também se refere ao princípio de constância como “princípio do gasto mínimo de inervação”. Cf. AE, V, p. 590.

⁹³ Cf. AE, V, p. 588 e AE, XII, p. 224.

⁹⁴ Cf. AE, V, p. 572 e RAPAPORT, D., p. 14.

esta tentativa de satisfação pela via alucinatória. A regressão se detém na imagem mnemônica e a partir daí se dirige ao mundo exterior, que deve ser representado pelo aparato psíquico. A identidade perceptiva deve se estabelecer a partir do mundo exterior. Isto se dá em consonância com um outro princípio, o *princípio de realidade*⁹⁵.

Pelo princípio de prazer diferenciava o prazeroso do desprazeroso e pelo de realidade diferencia o verdadeiro do falso. O princípio de prazer regula o modo de operar primário do aparato psíquico e é incompatível com a autoconservação do organismo no mundo externo. O princípio de realidade surge destas exigências de autoconservação e coincide com a diferenciação entre os sistemas inconsciente e subconsciente. Por este novo princípio não se renuncia ao prazer, mas sim o adia. Sem o princípio de realidade o organismo está em risco⁹⁶. O princípio de realidade é condição de vida, para o qual a consciência entendida como sistema de percepção dispõe de uma inervação motriz que lhe permite distinguir o que é realidade fática do que não o é.

A realidade é reconhecida quando por meio de uma ação uma percepção desaparece – neste caso esta percepção é do exterior. Se a ação não a modifica se supõe que a percepção vem do interior. Esta inervação é o que se chama *exame da realidade*. Em obras posteriores o exame da realidade junto às censuras situadas entre os sistemas psíquicos será uma das *instituições do ego*⁹⁷. Adquirindo valor o mundo externo, também se dá o mesmo com os órgãos sensoriais voltados para percebê-lo. Institui-se a atenção como uma função que explora o mundo externo e um sistema de registro que guarda estes resultados; este último seria uma parte do que chamamos memória⁹⁸. E estes sinais mnemônicos da realidade são os que decidirão a verdade ou falsidade de uma representação e são os que permitem o trabalho do segundo sistema.

O princípio de prazer não é, portanto, deposto pelo princípio de realidade, mas sim

⁹⁵ Os princípios de prazer e de realidade estão presentes no *Projeto*, mas não atingem a formulação nem têm a força teórica que adquirem em *A interpretação dos sonhos*. O *princípio de realidade*, tal como aparece nesta última obra, é uma derivação lógica do *teste de realidade* que figura no *Projeto*.

⁹⁶ Cf. AE, XVIII, p. 10.

⁹⁷ Cf. AE, XIV, p. 232.

garantido por ele. Abandona-se um prazer rápido, mas inseguro, por outro mais seguro que se apresentará depois. Esta é a base do mecanismo da repressão⁹⁹. Pelo princípio de constância havia uma descarga motriz que servia para manter os estímulos o mais baixos possível, e como sua finalidade é a identidade perceptiva, a descarga se dá no interior do aparato. Pelo princípio de realidade essa descarga dirige-se ao mundo externo buscando alterá-lo em função de fins – a finalidade que se adota agora é a de uma identidade de pensamento. O processo de pensar, que permitiu suportar a acumulação do estímulo enquanto se esperava o momento adequado para a descarga¹⁰⁰, é um caminho mais amplo que o regressivo e vai da recordação da satisfação até chegar a uma investidura idêntica do mesmo pela via das experiências motrizes. O pensar substitui assim o desejo alucinatório¹⁰¹. Para a superar as dificuldades que teve que enfrentar o princípio de prazer teve que adaptar o sistema inibindo ele o privilégio deste. Esta inibição dos conteúdos inconscientes em função da conservação da vida resulta em um conflito de desejos que pertencem a sistemas diferentes.

A visão dinâmica do aparato psíquico permitiu integrar as funções dos sistemas descritas pela tópica. Os termos *processos primários* e *processos secundários*, que são retomados em *A interpretação dos sonhos*, completam com a visão econômica do aparato psíquico. Eles expressam tanto a ordem hierárquica quanto a cronológica. A tópica já apresentou os sistemas consciente, inconsciente e subconsciente como sistemas organizados hierarquicamente. Embora subconsciente-inconsciente não tenham uma coordenação biunívoca com processos primários-processos secundários, as leis que governam tais sistemas estão nos termos de tais processos. De fato não existe um aparato psíquico que possua apenas processos primários, mas estes estão presentes desde o começo. Parecera que há um momento em que são a única classe de processos anímicos¹⁰². Tais

⁹⁸ Cf. AE, XII, p. 225.

⁹⁹ Cf. AE, V, p. 590.

¹⁰⁰ Cf. AE, XII, p. 226.

¹⁰¹ Cf. AE, V, p. 558.

¹⁰² Cf. AE, V, p. 592. Como não existe um aparato psíquico que tenha apenas processos primários, o sistema Inconsciente no qual se dão é uma ficção teórica. Mas em AE, XII, p. 224, reconhece-se uma fase do

processos são os do sistema inconsciente e são o núcleo de nosso ser. Os secundários vão se constituindo pouco a pouco, inibindo os primários, superpondo-os até subordiná-los em um certo nível na idade adulta. Há assim um núcleo de coerência primitivo em torno do qual se constitui a organização do aparato psíquico. E nesse núcleo residirá a força teórica da explicação psicanalítica porque enlaçará origem, causalidade e história da alma humana.

A passagem de uma tópica a uma dinâmica constituiu a passagem de uma descrição a uma explicação, da apresentação de caracteres distintivos a forças ocultas que, partindo do primitivo, produzem vínculos causais. Nesse sentido, a diferença com a pintura anterior reside no fato de que naquele a explicação era fundamentalmente econômica e aqui o peso da explicação cai na dinâmica, isto é, descansará nos processos de ligar a energia e no modo como as representações são investidas a partir de lugares diferentes. A força da explicação não recai nas quantidades de excitação, mas nos processos de descarga de energia psíquica; daí a relevância de diferenciar as funções do sistema inconsciente com o subconsciente. Outra diferença importante é que no *Projeto...* a excitação era uma energia neutra que investia células; nesta metáfora, a investidura é de representações por uma energia psíquica. Agora as realizações alucinatórias de desejos requerem vivências prévias de satisfação, do contrário não haveria um prazer que se reativasse na recordação. A pintura anterior estava organizada segundo a necessidade da fome, pois era a única das três necessidades básicas que estava presente desde o início e que movia o aparato a uma ação no mundo externo – embora já no *Projeto...* se reconheça que as únicas pulsões que podem provocar repressão sejam as sexuais, uma vez que os desejos provocados pela fome não são de uma natureza tal que possam mobilizar as forças da censura. O problema ali é que ao tratar de necessidades que surgem na puberdade não se pode explicar mecanicamente por que conservam sua força as vivências sexuais de uma época em que tais pulsões estavam ausentes. Por conseguinte, demanda desejos que possam provocar a censura e desejos cujas experiências anteriores de satisfação estejam presentes desde o começo.

desenvolvimento em que são únicos, de modo que haveria sim aparatos que têm apenas estes processos, os que estão nesse momento do desenvolvimento.

Impõe-se uma modificação à única necessidade básica que pode atender a estes pré-requisitos: a sexualidade¹⁰³ deve estar desde o começo. Cabe esclarecer aqui que a conexão entre sexualidade e processos inconscientes não se deriva diretamente de considerações teóricas do aparato, mas sim que vem dos registros clínicos. Assim, a sexualidade se diferenciara do modelo da fome, pois ela não demanda um objeto para a sua satisfação; tendo, portanto, um modo de funcionamento próprio.

*Apenas mediante a introdução destas forças sexuais se pode salvar-se das lacunas registráveis, todavia, na teoria da repressão*¹⁰⁴.

Desse modo, a dinâmica do aparato psíquico demandará uma conceitualização muito mais complexa da sexualidade. A teoria das pulsões, tal como se encontra em *Três ensaios de teoria sexual* completa esta construção do aparato psicológico. Nesta obra as pulsões são necessidades que podem ser sexuais ou de nutrição. Se a necessidade é a fome, lhe corresponde a pulsão de nutrição; e se se trata da necessidade sexual, a pulsão é a libido¹⁰⁵. No modelo anterior tínhamos estímulos que provinham do interior e outros provenientes da superfície, agora os primeiros são referidos ao conceito de pulsão e ao diferenciá-lo do de estímulo amplia-se mais a distância que separa o corporal do mental¹⁰⁶. O nome *estímulo* é reservado àquelas excitações que provêm de fora e com o de *pulsão* serão representadas as internas¹⁰⁷ – é uma fonte de excitação interna¹⁰⁸. Outra diferença entre pulsão e estímulo reside no modo como ambas as forças atuam: o estímulo atua como uma força de choque momentânea, enquanto a pulsão o faz como uma força constante¹⁰⁹. Mas a diferença fundamental é que a pulsão se trata de um representante psíquico da excitação endógena. No entanto, conserva-se um referente externo da psique, posto que o representado é orgânico. Com este conceito novo se obtêm novas implicações ontológicas. Em primeiro lugar afasta-se definitivamente da base sobre a qual se construiu o evolucionismo do século XIX, na qual as

¹⁰³ Mais adiante precisaremos o conceito de sexualidade. Por agora diremos apenas que não tem a ver com o que popularmente se entende por sexualidade.

¹⁰⁴ FREUD, S.: AE, V, p. 595.

¹⁰⁵ Cf. AE, VII, p. 123 y AE, XVI, p. 285.

¹⁰⁶ Cf. AE, XIII, p. 185.

¹⁰⁷ Cf. AE, VII, p. 153.

¹⁰⁸ Cf. AE, XVIII, p. 34.

fronteiras do psíquico e do corporal se confundiam, resultando em uma ligação de ambas as dimensões. Nesta metáfora, a excitação orgânica não é determinante do funcionamento do aparato psíquico; aqui há um reducionismo psíquico no qual o determinante é o destino do representante psíquico, o processo de descarga desta energia psíquica, de modo que o representado orgânico não tem valor explicativo. A tópica nos deu o conceito de *inconsciente*, a dinâmica tornou possível o de *pulsão* e ambos abrem a porta para uma realidade psicológica paralela à da realidade fática, isto é, irredutível à segunda. Embora a tese do paralelismo já estivesse em Jackson, é com Freud que a realidade psíquica adquire seus direitos de cidadania. Em segundo lugar, a pulsão como força constante e o inconsciente, como sempre espreitando, não permitem a fuga como o fazem os estímulos; desse modo provocam uma seqüência causal que retira de muitos fenômenos a arbitrariedade que até o momento os caracterizava. Se substituirmos nos esquemas anteriores *necessidade* por *libido*, temos *libido-desejo-ação/alucinação*.

Uma das características desta pintura teórica do aparato psíquico que terá importantes conseqüências metafísicas é a de tornar paradigmáticos os sonhos. Quando se quiser conceitualizar as enfermidades mentais segundo o modelo de aparato mental construído no *Projeto...* se seguirá a heurística da dor física, pois o mental é determinado pela realidade física. Com este segundo modelo apresentado por Freud a enfermidade seguirá a heurística dos fenômenos oníricos e a realidade psíquica se torna independente da material e nisso reside a importância mais fundamental na comparação entre sonhos e sintomas. O aspecto que se destaca nesta comparação é que ambos pertencem à mesma realidade e como o primeiro é um fenômeno da normalidade e o segundo das patologias, o que definitivamente se estabelece é a continuidade entre saúde e enfermidade.

... nos sonhos, que poderiam ser concebidos como análogos aos sintomas...¹⁰⁹ os mecanismos da formação do sonho são paradigmáticos no que se refere ao modo como se geram os sintomas neuróticos¹¹¹.

¹⁰⁹ Cf. AE, XIV, p. 114.

¹¹⁰ FREUD, S.: AE, XIV, p. 19.

¹¹¹ FREUD, S.: AE, XV, p. 167.

A interpretação dos sonhos teve como objetivo teórico o de oferecer o melhor caminho para conhecer o inconsciente¹¹². Como os sonhos se encontram entre as produções da enfermidade mental e a vida normal da vigília supõem uma modificação na concepção metafísica da enfermidade.

O sonho e os distúrbios mentais permitem conhecer os fenômenos psicológicos melhor que os estados da vida normal da vigília. Por conseguinte, o que aqui se está colocando é uma homogeneidade entre o patológico e o normal – o patológico não é um mal externo que se introduz no organismo, nem uma força que luta em seu interior contra o equilíbrio da saúde. A diferença entre o normal e o patológico é uma diferença de quantidade. Nietzsche considerava a enfermidade como uma lente de aumento através da qual se conseguia ver o que nos estados normais não se conseguia¹¹³. A enfermidade como disfunção mostra a função do aparato anímico. Os mesmos princípios regem a saúde e a enfermidade, há uma continuidade entre ambos os estados. Já Jackson aderira a esta homogeneidade entre sonhos e distúrbios mentais¹¹⁴, de modo que o conhecimento do primeiro permite um melhor conhecimento do segundo.

A saúde se associa usualmente ao conceito de normalidade. O normal é o regular, biologicamente, o que é comum em uma espécie determinada. Parece que o normal se esgota como conceito estatístico. Ser anormal é ter alguns aspectos constitutivos que separam o indivíduo daqueles outros com os quais se deve comparar. O anormal é o que se coloca fora de uma ordem determinada. Mas nem toda anomalia é patológica, e embora possa chegar a sê-lo não o é em si mesma. Seguindo Darwin, certas anormalidades podem resultar vantajosas. Nesse sentido, *normal* é mais que um conceito estatístico, sem chegar obviamente a ser ontológico. A luta com o meio pela sobrevivência impõe um *dever ser* constitutivo, ainda que tanto as condições que impõem como o devir imposto sejam casuais. Para Canguilhem, o *normal* é um conceito axiológico e diferente do

¹¹² Cf. AE, XI, p. 29.

¹¹³ Cf. CANGUILHEM, G.: Op. cit. p. 25.

¹¹⁴ Cf. AE, V, p. 560.

conceito de média. Axiológico aqui significa uma normatividade funcional. O que devemos acrescentar para que o anormal seja patológico? O último supõe dois acréscimos, um *pathos*, um sofrimento, e a interrupção de um processo no tempo¹¹⁵. Este algo mais da enfermidade é o que não permite uma redução total da qualidade à quantidade. Mas a medicina do século XIX é fundamentalmente continuista – saúde e enfermidade respondem aos mesmos princípios, a enfermidade não se opõe à saúde nem como um ser maligno externo nem como uma força interna. Portanto, estes acréscimos têm que poder ser inferidos dos mesmos princípios com que explicamos a saúde.

O conceito de hierarquia de Hughlings Jackson o levou a conceber as enfermidades como dissoluções nas funções hierárquicas. Como estas funções são o resultado de níveis diferentes de evolução, a dissolução supõe uma regressão. Há um descenso no nível evolutivo no qual as atividades inferiores são eximidas do controle das funções superiores. No modelo darwiniano, por sua vez, a evolução não segue uma ordem coaxial, isto é, não há uma hierarquia piramidal na qual cada camada se constrói sobre a anterior, dando lugar, assim, ao surgimento de conflitos nas etapas da evolução. A diferença em relação ao modelo jacksoniano é que o mais primitivo não cai totalmente sob o controle hierárquico do mais evoluindo, mas permanece espreitando. Desse modo, o patológico é o resultado desses conflitos e na adaptação freudiana se associa com o temporal no conceito de *fixação*. Regressão e fixação são dois dos conceitos-chave para uma causal da neurose que sintetiza os esquemas jacksoniano e o darwiniano. De novo, a estrutura organizacional é um resultado da história, a enfermidade volta atrás no curso dessa gênese. A regressão supõe uma perda das condições de existência. A fixação supõe um não poder adquirir novas condições de existência, isto é, uma não adaptabilidade às condições que impõe o meio. Com a adoção dessas duas heurísticas Freud adere também aos padrões de continuidade com a saúde e de detenção de um processo no tempo em sua nova concepção da enfermidade.

¹¹⁵ Cf. CANGUILHEM, G.: Op. cit. p. 105-114.

Para Freud, em qualquer um dos modelos considerados os neuróticos são considerados normais, em oposição a Janet, para quem o histérico padecia de uma espécie de degeneração orgânica no cérebro somada a uma certa incapacidade psíquica. Colocar os processos oníricos como paradigma dos processos formadores de sintomas neuróticos é um caminho para provar a homogeneidade entre saúde e enfermidade. Os sonhos mostram com lente de aumento o que na vigília da vida normal não conseguimos ver. O sonho é um caminho para conhecer o inconsciente, assim como as enfermidades psíquicas. Os processos normais e patológicos são regidos pelos mesmos princípios. As enfermidades que podem ser tratadas pela terapia psicanalítica são os ataques histéricos e os sintomas da neurose obsessiva. Os fenômenos normais que podem ser compreendidos são os sonhos e as ações malogradas¹¹⁶. Embora ambos os campos possam ser considerados de modo independente, respondem aos mesmos princípios e a conceitualização que deles se alcança pode ser realizada nos termos da pintura teórica do aparato psíquico.

O esquema básico ao qual havíamos chegado se formulava como *libido-desejo-ação/alucinação*. Os sintomas e os sonhos consistem no processo que culmina com a identidade perceptiva, isto é, a alucinação ou descarga interna, mais especificamente dos sintomas. A conexão entre estes três elementos é uma conexão de conteúdos; recordemos que o desejo é uma conjunção de representações e que tem como modelo vivências de satisfação, mas a tensão que gera é psíquica. O processo de drenagem desta energia se baseia nos processos primários através de associações. Por isso aquelas vivências não cumprem uma função explicativa, porque o que interessa é o destino da pulsão, através de um trabalho próprio, e não o referente das representações, possibilitando assim uma hermenêutica. É o desejo e não a vivência primária de satisfação o que desencadeia conteúdos oníricos e de sintomas. Não é a representação do objeto que satisfaz o desejo, o qual atua como causa – que nesse caso seria uma causa final. É a energia livre que flui através de cadeias associativas, o que permite que o conteúdo do desejo seja transmitido ao conteúdo do sonho. O

¹¹⁶ Cf. AE, XIII, p. 170.

conteúdo do desejo que produz a seqüência causal é o que representa a pulsão. Entendidos assim, este enlace causal de conteúdos nos coloca frente a problemas relativos ao que, no campo da psicanálise, se considera significativo. A tese principal segundo a qual todo sonho é a realização de um desejo nos coloca frente a uma nova linguagem, a do inconsciente, em sua modalidade dinâmica que nos fala através dos fenômenos oníricos e de sintomas psiconeuróticos. Para descobrir o significado dessa linguagem precisamos de uma hermenêutica, isto é, uma arte de ler que restabelece os motivos que os provoca.

Se por semântica entendemos a necessidade de um referente como algo externo ao interpretado, a pintura anterior se baseava em uma concepção denotativa do significado, pois este tinha que ser buscado na realidade empírica, nas vivências que deram o conteúdo às representações. O significado de um sintoma, por exemplo, residia em representações de vivências efetivas e o método catártico as buscava na memória para atualizar sua recordação. A interpretação semântica era solidária de uma estrutura causal na qual os sintomas eram efeitos de um trauma.

Nesta metáfora, por seu turno, não há algo externo ao interpretado que preencha de significado os sonhos e os sintomas. Parece-se muito com uma interpretação filológica, que trabalha no estilo de uma exegese – por isso falamos de uma hermenêutica. Enquanto uma semântica nos remete à unicidade de uma verdade, uma hermenêutica realça o caráter polissêmico daquilo que interpreta. Quando se saca uma interpretação, nunca se pode assegurar se ela é completa, pois uma característica dos sonhos e sintomas é sua polissemia. Isto não se deve a uma deficiência do trabalho de interpretação, mas sim de uma característica inerente aos pensamentos inconscientes. Cada um deles não toma parte em uma única cadeia de pensamentos, mas sim de várias, e isso é o que abre um leque de significados que demandam uma exegese hermenêutica que traga à luz a polissemia que esconde e determina um sintoma. Gama até incompatível de significados na qual se dissipa um sintoma. Em uma hermenêutica a compreensão não é um ato definitivo, pois não se pode alcançar o sentido total.

...um sintoma significa a figuração – realização – de uma fantasia de conteúdo sexual; vale dizer, de uma situação sexual. Melhor dizendo: pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à figuração de uma fantasia sexual, enquanto que os outros significados não estão submetidos a essa restrição em seu conteúdo. Logo se averigua, quando se empreende o trabalho psicanalítico, que um sintoma tem mais de um significado e serve para a figuração de várias ilações inconscientes de pensamento. E ego acrescentaria que, no meu entender, uma única ilação de pensamento ou fantasia inconscientes dificilmente baste para a produção de um sintoma¹¹⁷.

Uma semântica é ahistórica, uma interpretação hermenêutica nunca. Carnap assinalou que a semântica abstrai daquele que usa a linguagem.

Se a investigação ignora o falante, mas se concentra nas expressões da linguagem e seus designata, então o investigador pertence ao território da semântica¹¹⁸.

A hermenêutica, por sua vez, não pode prescindir nem dele nem de seu tempo. Esta última supõe a reconstrução do processo genético do objeto que estamos interpretando. Seu significado é o resultado desse processo, processo que lhe conferiu também suas condições de ser. Esta conexão estrutural entre linguagem e condições de existência torna possível que ao compreender a primeira possamos reproduzir as circunstâncias históricas do que resulta. A hermenêutica revela a historicidade interna da linguagem onírica que lhe permitiu ter um ser próprio do qual surgem os princípios que o regulam. Os sonhos, os sintomas, são como monumentos, documentos, uma manifestação da filogênese da alma que se fixou nessa figuração, mas, além disso, é a linguagem ontogênica do indivíduo e esse é seu sentido fundamental. O sentido que interessa desvelar é o que está impresso nessa linguagem e não o que resulta da relação que esses signos têm com algo externo a eles. Só se pode alcançar esse sentido se o aborda com uma mentalidade histórica. A forma que contém o significado é uma forma ontogênica porque ela se constitui no desenvolvimento, levando sempre a marca de seu conteúdo. O originário ao qual nos remete não é no sentido de referente, mas

¹¹⁷ FREUD, S.: AE, VII, p. 42.

¹¹⁸ CARNAP, R., 1958, p. 79.

ao mais primário, no sentido de processo com o qual se liga o presente, e nisso reside o poder explicativo da hermenêutica. Este modo de interpretar adere a uma estrutura causal diferente da anterior. Não se trata de um passado traumático que causa uma enfermidade, mas de uma força atual psíquica que se acopla ao passado.

Quando Freud fala de *representações-coisa* não significa que haja uma imagem à qual corresponda uma coisa na realidade. Para entender a que ele se refere temos que opor este conceito ao de *representação-palavra*. E o que entendemos primeiramente é uma representação que não está associada à linguagem conceitual, uma espécie de pensamento sem linguagem. Não interessa a relação dessa representação-coisa com a coisa-representada, nem a representação-coisa adquire seu significado por essa relação, mas por associação com outras representações-coisa, e chegamos a elas graças a seu vínculo com as representações-palavra. Tampouco aqui temos uma relação referencial; as representações-coisa não são referentes das representações-palavra com as quais se vinculou. Uma representação-palavra não significa denotativamente uma representação-coisa, mas sim que a primeira é uma tradução da segunda, já que se tratam de duas linguagens. E como toda tradução é sempre incompleta, sempre escapa uma parte de sentido. Por isso o inconsciente *nos é dado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta*. Mas o que nos é dado é sua realidade dinâmica, porque seus conteúdos são os representantes das pulsões e sua linguagem é o trabalho mecânico dos processos primários ao qual chegamos quando se liga a palavras. Por isso é possível a interpretação que, como uma exegese, não busca algo externo ao que se interpreta. Todo o sentido está contido no signo, no texto. A intuição biológica da ontogênese do indivíduo é a base desta abordagem hermenêutica dos sonhos e dos sintomas. Só que neste modelo a hermenêutica do desejo é apenas um nó em um espaço determinado por causas eficientes. O conteúdo pulsional do desejo atua como causa eficiente. É como se a gênese se concentrasse nesses nós e daí atuasse causalmente.

Não interessa aqui os referentes externos das palavras, mas como os processos anímicos são

desencadeados. A psicanálise é fundamentalmente exegese de uma linguagem que fala como processo primário e não como reflexo de conteúdos não pulsionais. Interpretar tal linguagem é encontrar a força pulsional que a ontogênese do indivíduo fez atuar nela. Etimologicamente, a palavra *exegese* nos leva à idéia de extração e supõe que o continente não se diferencia do conteúdo e é por isso que do continente mesmo é que emerge o significado. A arte interpretativa de Freud, distintamente da catártica e da associação livre, que buscam o momento da formação do sintoma ou mesmo um momento anterior, é animada apenas pelo propósito de preencher as lacunas da recordação, de poder compreender o que compreende o indivíduo – só que essas lacunas não são preenchidas com a recordação das vivências, não são esses conteúdos inconscientes que são restaurados. Sem negar a realidade do mundo externo, a hermenêutica psicanalítica se desenvolve segundo a ordem do psíquico. De fato, o onírico e o sintomático têm um significado oculto que os determina e, como uma filologia, a psicanálise pretende trazê-lo à tona. Destes fatos psíquicos se quer averiguar o sentido, sem recorrer a fatores fisiológicos; trata-se de uma investigação psicológica sobre o sentido, o significado pulsional destes fatos.

*Interpretar significa encontrar um sentido oculto*¹¹⁹.

O que a exegese revela é o significativo do que antes era considerado arbitrário. Ser arbitrário e desprovido de sentido é também estar fora de uma seqüência causal. Ter um significado é estar determinado causalmente; por isso a hermenêutica trabalha revelando uma estrutura causal. Dizer que um sonho é a realização de um desejo é dar uma regra para a interpretação, pois o sentido surge justamente da fixação do desejo. Mas os desejos, por sua vez, são as causas internas dos sonhos. Conhecer o significado é conhecer as causas e conhecer as causas é compreender o sentido¹²⁰. A hermenêutica permite explicar porque sabendo o significado pulsional do desejo sabemos como o desejo opera como processo primário.

A explicação, por sua vez, permite compreender por que o conteúdo se transmite

¹¹⁹ FREUD, S: AE, XV, p. 78.

¹²⁰ Cf. HOPKINS, James, 1996.

causalmente. Enquanto para Kant os fenômenos naturais se diferenciavam da interioridade humana porque aqueles constituíam o reino da necessidade, em Freud ambos os reinos supõem um determinismo, supõem que seus respectivos fenômenos estão submetidos a leis do tipo das leis naturais, isto é, leis causais. Embora haja independência entre um e outro, há uma analogia estrutural, pois ambos se explicam causalmente. O mundo dos fenômenos da psicanálise está constituído por todos aqueles fatos que as demais ciências consideram insignificantes ou, pior ainda, que consideram o seu estudo suspeito de misticismo, como é o caso dos sonhos. Para aí é que se dirige a observação da psicanálise. Mas estes fatos não podem quebrar o determinismo da natureza, eles devem responder também a leis¹²¹. Assim como os fenômenos naturais, a realidade psíquica está determinada e tem suas leis; não existe algo como liberdade psíquica¹²² e por isso é que são interpretáveis, porque podemos aceder a suas leis. A psicanálise foi a primeira a ver que o sintoma tem um sentido e se emaranha com o vivenciar psíquico do enfermo¹²³.

Neste modelo a estrutura causal se constrói como uma teleologia das intenções. Como estas intenções são reguladas pelo princípio de prazer, a hermenêutica associada a esta causalidade interna está sujeita a um modelo não teleológico. Normalmente estamos mais acostumados a associar a hermenêutica com leis de caráter teleológico que com leis de caráter causal (causa eficiente). Nesta ficção teórica podemos dizer que se trata de uma teleologia interna na qual a finalidade é imanente ao encadeamento causal de todos os fatos, de modo que, no fundo, trata-se de um uso mecânico do conceito de intenção. O desejo funciona como causa eficiente e não como causa final. Por outro lado, a teleologia aqui proposta deriva-se da hierarquia de sistemas e processos na qual sistemas posteriores controlam os anteriores. Dissemos que os sintomas permitem ao subconsciente dominar o inconsciente – a intencionalidade, por exemplo, em uma fobia histérica, é a de evitar a angústia¹²⁴. Também no sonho detecta-se a mesma função, dominar a excitação

¹²¹ Cf. AE, XV, p. 25.

¹²² Cf. AE, XV, p. 43.

¹²³ Cf. AE, XVI, p. 235.

¹²⁴ Cf. AE, V, p. 572.

inconsciente, servindo assim o sonho também como válvula. Embora na origem não fosse um processo intencional, a finalidade surgiu no próprio desenvolvimento. Essa tendência é a que dá significado. Há motivos para adoecer que existem antes do acometimento pela patologia e funcionam como causas da mesma. O motivo é obter um ganho, que pode ser de dois tipos: primário, quando é interno, isto é, o que responde às leis formais da doença – permitir fugir de um conflito psíquico; e secundária, quando o ganho responde a fatores externos¹²⁵. Estas intenções que se intercalam entre as moções de pulsões reprimidas e a descarga através dos sintomas permitirá explicar os afetos que não se correspondem com os processos excitatórios óbvios, pois o que dá significado a estes atos é o propósito ao qual servem¹²⁶. A explicação e a interpretação se juntam no ponto no qual revelam a arquitetura oculta do inconsciente que se oferece à consciência de modo fragmentário através de sonhos e sintomas. O objetivo principal da hermenêutica não é a decifração de um texto e sim sacar à luz o modo como opera o significado. A intencionalidade não deve ser entendida aqui como a direção do psíquico para um objeto, mas que esse objeto é imanente no psíquico e está marcado na mesma arquitetura oculta, constituindo assim a própria condição de ser da linguagem de um sistema que apenas deseja. Segue sem resposta as razões mecânicas para o surgimento dos traços mnemônicos, mas aqui isso não é uma deficiência, porque a explicação psíquica apenas pede razões dos destinos de pulsão, de sua tendência própria e não de seus momentos anteriores ou posteriores.

Como o princípio de prazer é o que rege nossos sonhos, não se pode distinguir entre verdade e falsidade, distinção que apenas permite o princípio de realidade; as referências ao mundo externo não entram em consideração para compreender o significado. As partes diurnas da vivência do mundo da vigília entram em uma lógica diferente e não como constituintes do significado do sonho. Nossos desejos operam sem ter que enfrentar os impedimentos da realidade externa. Portanto, há uma atividade psíquica independente de toda realidade empírica cuja compreensão e

¹²⁵ Cf. AE, VII, p. 39, n.32.

¹²⁶ Cf. AE, XV, p. 36.

explicação pode ser dada apenas em termos psicológicos. Mas isto não significa que o mundo externo é ignorado ou que não intervém de modo algum. Com isto simplesmente se quer dizer que as variáveis que representam estímulos que provêm do meio não intervêm como variáveis causais principais. Por outro lado, quando se fala de realidade psicológica não se quer dizer que é uma realidade reduzida a representações, não é apenas da ordem mental, mas sim da ordem da existência. A realidade psíquica é composta pelo que se viveu, não enquanto experiência efetiva, externa, mas como pensamento que tem um efeito na pessoa; trata-se de um pensamento que se vive, que se sente, que deixa sua marca, e não um pensamento que é produto de um mero trabalho intelectual, o que seria a situação de uma realidade reduzida a representações.

De um ponto de vista epistemológico, esta metáfora não tem pretensões de descrição verdadeira do que ocorre na psique, não é sua pretensão a de denotar. Tratam-se de construções auxiliares cujo objetivo é compreender. Nesse sentido este é um modelo heurístico.

Tais analogias não buscam outro propósito que o de servir-nos de apoio no intento de tornar compreensível a nós a complexidade da operação psíquica decompondo-a e atribuindo a componentes singulares do aparato cada operação singular... Temos direito, creio, a dar livre curso a nossas conjecturas a esse respeito contanto que no empenho mantenhamos nosso juízo frio e não confundamos os andaimes com o edifício. Posto que para uma primeira aproximação de algo desconhecido não precisamos de nada mais que umas representações auxiliares, anteporemos a tudo o mais os supostos mais toscos e apreensíveis¹²⁷.

No entanto, em *O inconsciente* (1915) o conceito de *inconsciente* é reificado.

E se depois se demonstra que sobre o pressuposto do inconsciente podemos construir um procedimento que nos permite influir com êxito sobre o curso dos processos conscientes para conseguir certos fins, esse êxito nos fornecerá uma prova incontestável da existência do pressuposto desse modo¹²⁸.

Como o inconsciente é o verdadeiramente psíquico e como seus processos são independentes da realidade empírica, a reificação deste conceito institui a realidade psíquica como

uma realidade diferente e irredutível à da consciência. Um dos aspectos desta realidade é a atemporalidade. Os processos que se dão no inconsciente são independentes do tempo. Esta característica marca os limites da heurística física que se seguiu na construção tópica do aparato mental. A atemporalidade não permite a aplicação das leis físicas na realidade psíquica. Por isso, como assinalamos mais acima, o uso de modelos físicos é apenas heurístico e a semelhança estrutural que destacam é a do determinismo dos fatos psíquicos.

2.2.3. Modelo da segunda tópica

Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser.

F. Nietzsche

A terceira metáfora com que se apresenta o aparato mental se encontra em *Além do princípio de prazer* (1920), em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921) e em *O ego e o id* (1923).

Em *Três ensaios de teoria sexual* se introduziu o conceito de *pulsão*, mas o desenvolvimento do conceito alcança seu ponto máximo em *Além do princípio de prazer*. Em um primeiro momento as pulsões foram concebidas como os representantes psíquicos de necessidades internas, sejam sexuais, sejam de nutrição. Quando a necessidade é a fome, fala-se de pulsão de nutrição; quando a necessidade é sexual lhe corresponde a pulsão da libido¹²⁹. Nesta pintura o pulsional alcançará um *status* ontológico maior que o de representante psíquico. Desde *Três ensaios...* a psicanálise é uma teoria sobre o amor na qual tudo que se refere a este se encontra resumido na libido. Em *Introdução do narcisismo* (1914) o amor é o que salva o indivíduo da enfermidade.

Um forte egoísmo protege do adoecer, mas no fim tem-se que começar a amar para

¹²⁷ FREUD, S.: AE, V, p. 530.

¹²⁸ FREUD, AE, XIV, p. 163.

¹²⁹ Cf. AE, VII, p.123, AE, XVI, p. 285.

não cair enfermo; e seguramente adoecerá se por causa de uma frustração não pode amar¹³⁰.

Trata-se de um conceito econômico¹³¹ com o qual é possível referir-se a toda uma gama de afetos diferentes, embora para Freud o núcleo deste leque é aquele amor cuja meta é a união sexual. Modificada esta última, decorrem os outros tipos de amores. Em *Além do princípio de prazer* a libido se separa do *Eros* platônico, no sentido de as pulsões sexuais serem uma classe das pulsões de amor.

O conceito de *pulsão* serviu primeiro para separar o anímico do corporal, por encontrar-se no limite entre o fisiológico e o psicológico¹³², diferenciando-se do estímulo, que é apenas um conceito neurológico. Diferenciou-se por sua origem endógena¹³³ e por seu caráter de força constante¹³⁴. Em um artigo publicado em 1915, intitulado *A repressão*, ofereceu-se uma nova precisão para o conceito de *pulsão*, na qual se distingue entre a representação que é investida a partir da pulsão e o que representa a pulsão – o que se chamará *montante de afeto*. Este segundo elemento é econômico e parecia retomar a idéia do *Projeto...* de certas quantidades que investem células, ainda que agora não se trate de células. Com esta modificação a pulsão deixa de ser uma representante psíquica¹³⁵ de estímulos internos. As representações são investidas de sinais mnemônicos; o montante de afeto é o resultado de uma descarga que se percebe como sensação¹³⁶, isto é, uma mobilização de desejo¹³⁷. Uma pulsão não se encontra no interior de um sistema, pois ali estão apenas as representações que a representam, e sabemos dela pelo estado afetivo que está unido a uma representação¹³⁸. O afeto é o modo de ser quantitativo da pulsão, mas o econômico aqui,

¹³⁰ Freud, S.: AE, XIV, p. 82.

¹³¹ Cf. AE, XVIII, p. 86.

¹³² Cf. AE, XIII, p. 185.

¹³³ Cf. AE, VII, p. 153, AE, XVIII, p. 34.

¹³⁴ Cf. AE, XIV, p. 114.

¹³⁵ Cf. com *Três ensaios de teoria sexual*, p. 153; e como a considera em *Pulsões e destinos de pulsões*, p. 117.

¹³⁶ Cf. AE, XIV, p. 174.

¹³⁷ Na medida em que este montante de afeto que representa a pulsão quer descarregar sua investitura, são moções desejos. Cf. AE, XIV, p. 183.

¹³⁸ Cf. AE, XIV, p. 173.

distintamente do que se dá na primeira metáfora, é uma economia da libido.

Em *Três ensaios de teoria sexual* toda pulsão tem objeto, meta e fonte, componentes introduzidos especificamente para a pulsão sexual; *objeto sexual* é aquele pelo qual se sente atração sexual; e *meta sexual* é a ação que satisfaz a pulsão¹³⁹. Em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915) a satisfação que provê a meta supõe o fim da estimulação na fonte. Além desta meta última há uma série de metas intermediárias combináveis entre si. Alcança-se o objeto com a meta e não está ele desde o começo, mas de fato advém depois. O objeto pode ser tanto alheio ao indivíduo como uma parte de seu próprio corpo. Mas principalmente o que aqui acrescenta é já um elemento que enfatiza ainda mais o aspecto econômico da pulsão, o *esforço*. Este se refere ao fator motor, é a quantidade de trabalho necessária que a pulsão representa. Na realidade, este elemento já estava no *Projeto...* e se referia à aspiração de descarga que provocava o investimento dos neurônios pela excitação endógena¹⁴⁰. Todas as pulsões têm esta propriedade. A *fonte* é o processo somático relativo a um órgão cujo estímulo é representado no aparato psíquico pela pulsão¹⁴¹. Esta foi a pulsão como concebida na pintura anterior.

Naquela a hipótese de que o aparato mental se esforça por manter a quantidade de excitação presente nele tão baixa quanto seja possível, ou ao menos constante, era a expressão que definia o princípio de prazer. Tal princípio era controlado apenas pelo princípio de realidade, o qual se justificava por considerações biológicas, pois resultava da interação com o meio e servia para a sobrevivência do indivíduo. No entanto, era uma outra forma de garantir o prazer, consistia em um esperar por um momento oportuno para a satisfação; por isso em seu propósito ele é uma adaptação do de prazer. A lei fundamental da teoria dos sonhos, segundo a qual estes são realizações de desejos, se baseava no princípio de prazer. Mas, como assinala em *Além do princípio de prazer*, parecia que aquela lei encontrava seu contra-exemplo nos sonhos presentes nas neuroses

¹³⁹ Cf. AE, VII, p.123.

¹⁴⁰ Cf. AE I, p. 362.

¹⁴¹ Cf. AE, XIV, p. 117-8.

traumáticas que retrotraem o indivíduo a momentos que estavam longe de ser prazerosos. Estes sonhos tendem a elevar a quantidade de excitação, contrariando assim o princípio de prazer. Considerando o impulso a agir na criança e as repetições transferenciais, Freud admitiu a compulsão a repetir presente na vida mental, que será conceitualizada de modo tal que não contradiga o princípio de prazer, mas que efetivamente estabeleça um espaço independente deste.

O pulsional ficou longe daquela necessidade orgânica que aparentava a pulsão com os estímulos. Em *Além do princípio de prazer* será o conjunto de forças que em sua luta explicam a vida mesma, fazendo deste pintura uma explicação psíquica biológica – isto quer dizer que os princípios explicativos principais se situarão na ordem do vital. O conceito que permite este grande salto é o de *repetição*. De uma repetição na ordem do existencial chega a uma repetição na ordem da natureza. A compulsão à repetição é o *definiens* para o pulsional. Trata-se de uma compulsão interente a todo ser vivo, de modo que não apenas pretenderá uma heurística do mental, mas da vida e da cultura, considerados os três a partir de um organicismo vital. A analogia é estabelecida com os seres vivos e o pulsional adquire então a força de um princípio explicativo que é hipostasiado. Esta compulsão busca reproduzir um estado anterior que foi resignado devido a forças externas¹⁴²; a repetição é, desse modo, uma regressão. Há uma inércia orgânica que se expressa através do conceito de pulsão. De um modo lamarckiano, o pulsional incorpora na repetição as mudanças que tiveram de ser acrescentadas à raiz do influxo das forças externas, mas sua intenção é conservadora.

Então aquilo a que as pulsões querem regressar tem que ser algo já vivido, o que leva a concluir que o vivo quer regressar ao inorgânico, pois o inanimado foi o estado anterior. A vida pulsional está, desse modo, a serviço da morte do organismo; esta tendência ao inanimado constitui a compulsão a repetir, tendência que se denomina *pulsão de morte*.

*A meta de toda vida é a morte*¹⁴³.

A primeira grande divisão entre pulsões foi entre as chamadas egóicas e as sexuais e do

¹⁴² Cf. AE, XVIII, p. 36.

conflito entre ambas surgiu a explicação para muitas das neuroses. As investidas enviadas pelas pulsões sexuais se chamam *libido* e as enviadas pelas pulsões egóicas se chama *interesse* – às vezes *interesse egoísta*¹⁴⁴. Libido e interesse são, por assim dizer, a energia das respectivas pulsões. Durante muito tempo ocupou-se mais das sexuais, posto que parecia mais fácil uma operacionalização delas. A primeira vez em que foram mencionadas as pulsões egóicas foi em 1910¹⁴⁵ no artigo *A perturbação psicógena da visão segundo a psicanálise*. Uma análise do ego já esteve presente na hipótese do narcisismo de 1909, assim como em suas aplicações no estudo sobre Leonardo da Vinci (1910) e no caso Schreber (1911). Em *O inconsciente* (1915) houve uma modificação importante, o ego passou a ter as funções que antes eram atribuídas ao sistema consciência¹⁴⁶. É assim que através das funções do ego temos notícia deste dispositivo e a partir destas é possível tentar compreender sua estrutura. Através delas ficou associado a processos tais como resistência, repressão e exame de realidade¹⁴⁷. Na nona conferência, em *Conferências de introdução à psicanálise*, a censura que atua na formação dos sonhos é exercida pelas propensões do ego contra desejos que se opõem a ele¹⁴⁸. Quando as pulsões egóicas e as sexuais entram em oposição recíproca, as segundas têm que iniciar processos regressivos para alcançar a satisfação; por isto é mais fácil associá-las com estados de angústia, mais próprios da libido insatisfeita.

Pulsões egóicas são, em princípio, pulsões de autoconservação. A distinção entre ambos os tipos de pulsão é expressa no ditado *por fome e por amor*¹⁴⁹. Mas também está presente nos dois fins que a biologia propõe para o indivíduo: fim em si mesmo e fim para a manutenção da espécie. Deste modo o conceito de pulsão se vincula com a teleologia biológica.

A pergunta que se impõe agora é se as pulsões de autoconservação são um contra-exemplo da tendência pulsional ao inanimado. Talvez elas representem uma outra tendência que aspira evitar

¹⁴³ FREUD, S.: AE, XVIII, p. 38.

¹⁴⁴ Cf. AE, XVI, p. 377 e n. 2.

¹⁴⁵ As pulsões egóicas são aquelas que têm como meta a autoconservação do indivíduo. Cf. AE, 11, p. 211.

¹⁴⁶ Cf. Também com a 31ª conferência, *A decomposição da personalidade psíquica*, 1933.

¹⁴⁷ Cf. AE, XIV, p. 232.

a morte. De modo algum, enquanto forem consideradas como pulsões opostas às sexuais, as pulsões de autoconservação garantem que o organismo morra segundo sua natureza, por suas próprias leis internas, sendo a morte algo que espreita no fundo da própria vida. Se a pulsão de morte restabelece um estado anterior, a morte, por razões internas, não é algo que se adquire com o tempo, mas trata-se de algo imanente, próprio do organismo. Assim, as pulsões de autoconservação são pulsões de morte que buscam restabelecer o inorgânico. Vejamos o que sucede ao outro tipo de pulsão que se lhe opôs. Estas expressariam uma tendência que não pretende regressar ao inanimado; tratam-se das pulsões sexuais cuja tendência é a de conservar a vida para além do indivíduo, opondo-se às de autoconservação. Seu trabalho para chegar à meta consiste em unir, sua dinâmica consiste em ligar. Estas pulsões sexuais não devem ser confundidas com a sexualidade genital, que é apenas uma de suas manifestações, cuja origem se explica sobre uma base darwinista. Portanto, a genitalidade não está desde a origem junto às pulsões sexuais. A união sexual ocorreu primeiro por casualidade e se conservou por ser vantajosa. O fim em si mesmo do indivíduo expressa, através das pulsões egóicas, a meta de uma morte segundo as leis constitutivas deste; o fim para a manutenção da espécie expressa, através das pulsões sexuais, a meta de prolongar o trajeto retomando-o a partir de algum ponto anterior — como compara Assoun, trabalha à maneira de Penélope. Seguindo Schopenhauer, a morte é o genuíno resultado da vida e a pulsão sexual é a vontade de viver. Pulsões egóicas e pulsões sexuais implicam dois desenvolvimentos, o do *ego* e o da sexualidade, ambos têm uma origem filogenética e é o que chamaremos de explicação biológica nesta pintura.

A pulsão sexual se apresenta na psique como libido, as pulsões egóicas como fome, sede e vontade de poder¹⁴⁸. As segundas adaptam-se melhor às exigências da realidade, pois somente desse modo podem alcançar a satisfação. As pulsões sexuais não necessitam adaptar-se à realidade, pois não precisam dela para alcançar sua satisfação. Nesta ficção as pulsões sexuais dependem apenas da realidade psíquica para alcançar sua meta; portanto, não precisam modificar o mundo externo e esta

¹⁴⁸ Cf. AE, XV, p. 135.

¹⁴⁹ Cf. AE, XIV, p. 76.

característica é a que dá sua aparência de irrazoabilidade. A diferença entre pulsões sexuais e egóicas não é uma diferença originária. No princípio toda libido investe o ego sem considerá-lo objeto e sai dele apenas para satisfazer as necessidades vitais. Dado que nosso aparato anímico é regido automaticamente pelo princípio de prazer, os destinos das excitações são anímicos, na medida em que devem ser dominados por tal aparato. Os destinos das pulsões equivalem ao modo como este aparato se defende das pulsões sexuais. Como estas querem obter prazer e as egóicas querem evitar o desprazer, já que estão a serviço das exigências vitais, é claro que o ego obedece ao princípio de realidade e só aceita o prazer coerente com essa realidade. Quando os destinos são os destinos das grandezas de excitação estamos ante o ponto de vista econômico.

Na base do narcisismo se introduz um novo conceito, o de *libido egóica* ou *pulsão sexual egóica*. Por conseguinte, o conceito anterior de pulsão sexual se cinde em pulsões libidinais egóicas e de objetos. As primeiras se referem a um interesse sexual pelo ego, as segundas a um interesse sexual dirigido a objetos¹⁵¹. Quando se começou a trabalhar com as neuroses narcisistas se viu que a libido se originava no ego (em *O ego e o id* será o id), para daí dirigir-se ao objeto. A criança aprende a amar no egoísmo, pois primeiro ama a si mesmo e depois os outros e seus primeiros objetos de amor responderam primeiramente à necessidade¹⁵². Quando a libido permanece dentro do ego é narcisista, do que resulta que parte das pulsões egóicas é libidínosa. A oposição pulsão egóica/pulsão sexual de objeto se conserva, dado seu valor heurístico para iluminar a neurose de transferência. Só que já não se trata de uma oposição qualitativa, mas mais propriamente de diferença no lugar para onde se dirige a força pulsional e que no fundo todas as pulsões sexuais, relativizando, desse modo, a força da autoconservação. Pois bem, se as pulsões de autoconservação também são libidinosas, quais seriam as pulsões de morte? Diluída a oposição pulsões de autoconservação/pulsões sexuais por seu conteúdo libidinoso comum, será a partir do próprio Eros que se deduzirá o novo dualismo: agora amor-ódio. No Eros se dá esta mescla pulsional que explica

¹⁵⁰ Cf. AE, XVII, p. 129.

¹⁵¹ Cf. AE, XIV, p. 75.

a conhecida ambivalência amor-ódio da vida amorosa. Ambivalência central no modo de operar do trabalho mental, com profundas implicações na própria estrutura do aparato. Em 1915, a bipolaridade amor-ódio responde ao domínio econômico da vida anímica, pois dependem do princípio de prazer e alcançam uma oposição na puberdade quando a organização sexual chegou a seu desenvolvimento definitivo. Em *Além do princípio de prazer* a ambivalência amor-ódio será originária porque a premissa da qual se derivará não será a libido de objeto, mas a libido egóica. Isto exigirá uma solução para o problema do destino, isto é, requer-se que se distingam as pulsões egóicas da libido egóica.

No seio do ser vivo se estabelece o conflito eterno entre ambas as pulsões, emaranhando-se e desemaranhando-se em combinações constantes¹⁵³. Na mescla se combinam harmonizando suas finalidades, no desemaranhar-se se separam. Quando se enfrentam no seio do ser vivo, Eros trabalha para que a pulsão destrutiva não alcance seu objetivo no organismo e o faz dirigindo-a ao mundo externo. O resultado é o sadismo e como a pulsão de morte está a serviço de Eros, há uma mescla de pulsões. Desse modo, as pulsões nunca estão em estado puro, sempre uma aparece tingida pelos aspectos da outra. Não temos uma proporção fixa de pulsões em uma mescla nem a proporção de pulsão de morte que escapa da subordinação de Eros¹⁵⁴. Tanto o masoquismo quanto o sadismo originário são pulsões de morte deslocadas que surgiram da relação com a libido egóica.

O princípio de prazer, na medida em que tem origem no princípio de inércia, busca suprimir a tensão interna e como a morte é ausência de excitações, o princípio de prazer estaria então a serviço da pulsão de morte, que está presente desde a origem, pois nasce da animação do inorgânico. Esta pulsão rechaça, através do princípio de prazer, as forças externas, mas o princípio de prazer também protege o organismo das excitações internas. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924) Freud pretende esclarecer o masoquismo a partir de um ponto de vista

¹⁵² Cf. AE, XV, p. 186.

¹⁵³ Cf. AE, XVIII, p. 253.

¹⁵⁴ Cf. AE, XIX, p. 170.

econômico. O princípio de prazer torna incompreensível este fenômeno quando o considera o único que rege o aparato anímico. Por outro lado, o princípio de prazer é o guardião da vida, pois nos protegeria do perigo que representa o masoquismo – por isso é importante saber até onde vai seu domínio.

O princípio de prazer deriva da tendência à estabilidade do aparato anímico, cujo propósito é manter o mais baixo possível o montante de excitação que chega até ele. Já em *Além do princípio de prazer* havia aceitado o nome de *princípio de Nirvana* que Bárbara Low havia dado a este propósito do aparato e que naquela obra foi identificado com o princípio de prazer¹⁵⁵. Para coincidir, todo desprazer deveria com um aumento e todo prazer com um rebaixamento da excitação. Nesse caso, o princípio de prazer estaria a serviço das pulsões de morte. Mas esta consequência não é aceita neste trabalho. Na realidade, há tensões que são prazerosas, como é o caso da excitação sexual. Assim, nem sempre coincidem prazer com diminuição e desprazer com aumento da excitação.

Efetivamente, o princípio de Nirvana experimentou no ser vivo uma modificação em vista da qual se transformou em princípio de prazer, mas não podem ser identificados. O princípio de Nirvana expressa a pulsão de morte, o princípio de prazer a exigência da libido e o princípio de realidade o influxo do mundo exterior¹⁵⁶. Os três princípios trabalham juntos, ainda que às vezes entrem em conflito.

Em suma, em *Além do princípio de prazer* a dinâmica da repetição marcou a tendência a regredir, dela resultou um dualismo pulsional no qual as pulsões sexuais, sejam narcisistas ou de objeto, se opõem às que nascem no interior do ego, pulsões de destruição dirigidas a objetos externos e ao próprio organismo. Eros enfrenta desde o início a pulsão de morte e dessa luta resulta a vida, que é um compromisso de ambas. As pulsões de morte realizam sua meta em silêncio, as sexuais gerando tensões; o conflito dá lugar a uma autêntica hermenêutica organicista, pois dele

depende o propósito da vida. Organicista significa aqui um todo que tende a um fim. Eros se coordena com o processo fisiológico anabólico e a pulsão de morte com o catabólico.

A especulação busca então desvendar o enigma da vida mediante a hipótese dessas duas pulsões que lutam entre si desde as origens¹⁵⁷.

Ambas as forças atuam regredindo: a pulsão de morte a um estado inanimado; a pulsão de vida também quer restabelecer um estado anterior, concebível apenas através do mito – é o estado do andrógino que separado em duas metades condenaria estas a andar pelo mundo sonhando com o reencontro, desejo que se encarna na dinâmica da pulsão sexual que sempre quer ligar.

Pelo caminho que a repetição nos traçou chegamos a um dualismo pulsional originário anterior ao princípio de prazer, já que tende a restabelecer um passado independentemente de ser fonte de prazer ou desprazer. Desse modo, o que está *Além do princípio de prazer* é o que está antes, o originário indispensável para que possa reinar. Esse “antes” é um antes temporal, topológico e lógico. Dado que o modelo biológico no qual se apóia Freud é o darwiniano, é razão suficiente para considerá-lo de modo temporal; topologicamente são as tendências que se realizam em lugares diferentes e a segunda deriva logicamente da primeira. A repetição nos pôs então completamente no caminho do biológico, de onde se obtém uma justificação filogenética e as heurísticas são subsumidas sob um modelo no qual a teleologia pulsional é seu aspecto fundamental. Eros se separou da libido, sendo a segunda seu registro econômico e o primeiro o princípio dinâmico explicativo. O que se hipostasia é Eros, não a libido.

Este conflito pulsional que explica a vida também lança luz sobre as vicissitudes de nossa alma. Aceita a diferença entre pulsões sexuais e pulsões egóicas, um conflito entre ambas é um conflito entre uma força libidinosa e uma força repressora. Quando, em vez disto, referimo-nos à oposição entre libido de objeto e libido egóica, o conflito entre ambas é um conflito entre o amor ao outro e o amor a si e a função repressora virá deste segundo quando se consurna como *ideal do ego*.

¹⁵⁵ Cf. AE, XVIII, p. 54.

¹⁵⁶ Cf. AE, XIX, p. 166.

O amor a si é a libido narcisista e o amor ao outro impõe o sacrifício de uma parte do narcisismo.

A distinção entre pulsão sexual e egóica revelou-se ao compreender o conflito que origina a neurose de transferência. O pressuposto de que a pulsão sexual pode se decompor em libido egóica e libido de objeto foi imposto pela inteligência das neuroses narcisistas. Quanto a libido se volta para o ego, isto é, se torna narcisista, não pode se voltar para os objetos e é neste caso que é patológica. Mas trata-se de um narcisismo secundário, na realidade Freud postula também um narcisismo primário, originário, presente tanto nas crianças quanto nos povos primitivos. Como vimos, a pulsão sexual não precisa adaptar-se à realidade para alcançar sua satisfação; este aspecto se manifesta na superestimação dos pensamentos, superestimação própria da magia e das concepções animistas do universo. Este narcisismo primitivo quer conservar o ego e, para consegui-lo, o projeta em um eterno retorno do mesmo, histórias que se repetem através de gerações. Quando esse narcisismo primário tiver que ser reprimido, porque assim o exige o princípio de realidade, aquele retorno que se sentia como uma reafirmação do ego e que, portanto, dava segurança, passa a ser sentido como algo sinistro¹⁵⁸. O inofensivo converte-se em algo demoníaco quando retorna indefinidamente. A força que exigiu a repressão do amor de si originário é também a responsável pelo fato de que nesse retorno se projete o que se rechaça, provocando angústia ante aquilo que retorna e que não deveria retornar – um *eterno retorno do igual* que o indivíduo vive como independente de seu controle, como um destino fatal¹⁵⁹. Invocando Schelling, Freud encontra no sinistro a certeza *do que deveria estar oculto e que veio à luz*; oculto, reprimido, mas nunca eliminado, pois é o resultado de uma pulsão sexual. Força constante que sempre está espreitando, buscando sua satisfação independentemente das exigências da realidade empírica. O reprimido que nos traz vem da vida infantil, do narcisismo originário e de suas conseqüências.

Para situar esse reprimido, essa libido egóica que nos mostra a compulsão a repetir

¹⁵⁷ FREUD, S.: AE, XVIII, p. 59, n. 27.

¹⁵⁸ Cf. AE, XVII, p. 234-5.

¹⁵⁹ Cf. AE, XVIII, p. 22.

precisará de uma segunda tópica. Em *Além do princípio de prazer* a oposição consciente-inconsciente é substituída pela oposição ego coerente-o reprimido. A primeira deixa de ser totalmente válida ao descobrir-se no interior do ego muito de reprimido¹⁶⁰. No prólogo de *O ego e o id* declara que este trabalho retoma os pensamentos de *Além do princípio de prazer*, mas desta vez sem sair do campo da psicanálise. Esta continuidade significa uma biologização do aparato psíquico no sentido de tratar-se de *fenômenos psíquicos concomitantes a processos biológicos*¹⁶¹.

A origem da vida foi explicada através da ação recíproca das forças pulsionais, mas esta reciprocidade de ação não é uma interação causal, como pretendia nas pinturas anteriores. O originário não é causa, é fim, e isso é o que faz pensar em uma teleologia. A especificidade do psíquico emerge quando o dinamismo das forças vitais que se manifesta na evolução das espécies também o faz na ordem do existencial. A continuidade entre o biológico e o psíquico supõe uma unidade analógica entre o macrocosmos e o microcosmos, cuja expressão mais precisa encontra-se na lei biogenética de Haeckel, lei, por outro lado, fundamental para a extensão do paradigma psicanalítico a outros campos de conhecimento. Para o zoólogo, a ontogenia é um resumo da filogenia, o desenvolvimento das formas naturais é análogo ao desenvolvimento das formas culturais e ambos são análogos ao desenvolvimento da psique de cada indivíduo. A ontogênese não deriva dedutivamente da filogênese, a relação entre ambas é de analogia. A atividade de Eros em sua origem filogenética não é causal, porque não é instauradora de ordem.

Em *Além do princípio de prazer* o aparato mental é concebido através da metáfora de uma vesícula indiferenciada. O uso deste tipo de símiles já está presente no *Projeto...*, mas enquanto aqui estamos ante um autêntico modelo biológico, o mesmo não se dava no primeiro modelo analisado. Aqui a metáfora é usada para expressar as origens filogenéticas do aparato mental; por isso é constante neste modelo a pergunta pelo originário, pelo primário, não apenas psíquico, mas também vital e cultural. E a partir desse originário se produzem os vínculos com os aspectos

¹⁶⁰ Cf. AE, XIX, p. 30.

mecânicos, embora não vínculos causais. A intenção do primeiro modelo é encontrar a expressão mecânica de todos os processos e embora o biológico entre para justificar certas constituições do aparato mental, estas aspiram por uma tradução em linguagem mecânica. Podemos dizer que a primeira pintura se trata de uma explicação mecânica do biológico e neste modelo temos uma biologização do aparato mental. Marcando, deste modo, uma separação entre o ponto de vista orgânico da primeira metáfora e o ponto de vista organicista da segunda. Nas duas metáforas explica-se o todo pela estrutura funcional de suas partes, as quais são distinguíveis e explicadas por si mesmas. Todavia, como se vê na primeira, há processos que não se permitem explicar mecanicamente e se lança mão da explicação biológica como de uma hipótese *ad hoc* que intenta salvaguardar a pintura teórica. Nesta ficção, as partes existem apenas no todo e o organismo como um todo não se explica como uma estrutura funcional, mas como uma totalidade que tem uma meta, concebida no marco darwiniano da medicina e da psiquiatria do século XIX – fim em si mesmo e fim da espécie. Como assinala Elster, a busca de significado começa com a biologia moderna, um significado que se origina das estruturas vitais e não de algo externo a elas. Darwin proporcionou uma análise causal da adaptação biológica, mas é importante esclarecer que em Freud a biologia darwiniana não é uma base dedutiva para a psicanálise, mas sim que é usada como analogia, como heurística, de modo que o psíquico não é subsumido sob o biológico, mas sim que os fenômenos mentais se explicam através da realidade psíquica, a qual é da ordem do organicista e não da ordem do orgânico.

Reconhecer no ego também elementos reprimidos exigirá uma nova construção da sua representação. Esta é construída a partir da diferença entre percepção externa e interna. Para isso pensará o aparato anímico como uma vesícula cuja superfície é capaz de ter percepções, ela é a consciência do mesmo. São conscientes as percepções sensoriais que vêm de fora e as sensações e afetos que vêm de dentro. Estas últimas são percebidas como prazer e desprazer e são mais

¹⁶¹ FREUD, S.:AE, XXII, p. 88.

originárias que as externas. Como o aumento da energia no interior do aparato é sentido como desprazer, as sensações desprazerosas exigem a descarga dessa energia. Essas sensações internas podem transformar-se em pulsões sem ser conscientes; nesse sentido se pode falar de sensações inconscientes. Distintamente das representações inconscientes, não é necessário reconstruir os elos de conexão porque se transmitem diretamente para adiante, isto é, o subconsciente não é necessário para que as sensações tornem-se conscientes e elas são conscientes ou inconscientes. Por meio das representações-palavra os processos internos de pensamento se transformam em percepções.

Em *O inconsciente* se admitiu que a diferença entre uma representação inconsciente e uma subconsciente consiste em que a segunda se conecta com representações-palavra, diferença que já havia admitido no modelo anterior e que lhe permitiu passar de uma topologia a uma dinâmica do aparato psíquico. As representações-palavra são vestígios mnemônicos de percepções. Os vestígios mnemônicos são sistemas contíguos ao sistema percepção-consciência; os elementos do último sistema são transmitidos para dentro via sistemas mnemônicos. Com isto se diferenciou recordação de alucinação e de percepção. Os vestígios de palavra provêm de percepções acústicas, pois é o vestígio mnemônico da palavra ouvida, com o que se outorga esta origem sensorial ao sistema subconsciente. O pensar em imagens é mais próprio dos processos inconscientes que o pensar em palavras e tanto ontogênica como filogeneticamente é anterior. O trabalho analítico restabelece os elos do subconsciente para tornar consciente o reprimido.

Agora o *ego* parte de uma superfície que em seu caminhar para a interioridade encontra em primeiro lugar o subconsciente, construído de vestígios mnemônicos. O *id* é aquilo em que o *ego* permanece e se comporta como inconsciente. No *id* lutam as pulsões de morte e Eros, mas ele não sente nem ódio nem amor pelo *ego*. A expressão “*id*” é tomada de Groddeck, que segue o exemplo de Nietzsche e a utiliza para o impessoal a fim de expressar as necessidades da natureza¹⁶².

Geneticamente, o *ego* é a parte do *id* alterada pela influência do mundo exterior através do

sistema percepção-subconsciente. O *ego* se originou no *id* e dele conserva as energias que dispõe. O *ego* encontra-se, assim, por um lado, com as exigências do *id* que requer dele a satisfação de seus desejos; mas por outro lado com as exigências do mundo exterior, que querem controlar o *id*. O *ego* é um mediador no conflito que se mantém entre o *id* e a realidade exterior e para ter êxito nesta mediação, partem dele as forças da repressão. O resultado é o reprimido que tem uma parte no *id* e outra no *ego*. Mas este também governa a motilidade, controlando assim também a relação entre o desejo e a ação. O *ego* é o meio através do qual o *id* sai ao mundo exterior, já que lhe oferece a percepção e a capacidade de atuar. Distintamente do modelo do arco reativo, a relação percepção-motricidade é uma relação tingida de libido. Outra diferença, especificamente em relação ao modelo anterior, reside que naquele os sistemas subconsciente e inconsciente eram sistemas perfeitamente diferenciados; esta continuidade entre o *ego* e o *id* é a prova do caráter organicista do aparato mental.

Todavia, a representação do *ego* não termina aqui, é necessário incluir outro dispositivo. Trata-se do *superego*, que se vincula com a aquisição filogenética do indivíduo. A diferença entre O *ego* e o *id* é totalmente biológica, pois se deve ao influxo do mundo exterior. A separação do *superego* é antropológica e surge do processo de identificação. Esta separação fornecerá os valores morais e esta instância nova constitui o modo como o mundo exterior penetra no *ego*.

A identificação¹⁶³ é a primeira exteriorização de uma relação afetiva com outro indivíduo. Durante a fase primitiva oral esta forma originária de laço afetivo não pode ser distinguida de outras formas de amar. Isto significa que neste momento a libido narcisista não se diferencia da libido de objeto. A identificação é anterior ao amor de objeto. Quando a diferença começa, a libido contida no *id* se dirige para os objetos e quando por alguma razão tem que renunciar a estes, inicia-se uma nova identificação, isto é, perda do objeto amado provoca uma regressão àquele laço originário,

¹⁶² Cf. AE, XIX, p. 25, n. 12.

¹⁶³ Não se deve confundir a identificação narcisista com a identificação histórica, pois na primeira cancela-se a investidura de objeto e na segunda não. Aqui tratamos da narcisista, que é mais originária que a histórica.

introjetando o que renunciou no ego. Por meio desta identificação é que o *id* pode abandonar a investidura de objetos. A identificação é assim uma forma de amar que tem por modelo a fome, é a incorporação própria da fase oral. Incorpora no sentido de que devora, tentando eliminar o objeto, concebido como algo separado¹⁶⁴. São os impulsos deste momento do desenvolvimento libidinal os que ensinaram o *ego* a distinguir-se do *outro*.

Cada renúncia a um objeto amado provoca uma regressão à forma de amar originária e cada uma destas identificações se deposita no *ego*, resultando no que chamamos seu caráter. Mas destes saldos de amor os que se originaram na primeira infância terão os efeitos mais duradouros. O *ego* é assim o resultado do que se amou e isto marca a diferença fundamental com o primeiro modelo, no qual o *ego* era o resultado da luta pela sobrevivência que o indivíduo teve que empreender. Os limites impostos pelo mundo exterior levam a incorporá-lo, a torná-lo parte da estrutura da subjetividade.

O primeiro objeto que se introjeta é o pai, identificação que tem por fim a eliminação. O resultado é uma ambivalência e uma modificação na estrutura do *ego*. Constituiu-se o *ideal do ego* ou *superego*. Modelou-se segundo a época na qual o *ego* se aceitava a si mesmo, época do narcisismo originário na qual não se diferenciava a libido egóica da de objeto. Através da educação seu *ego* foi se empobrecendo e para compensá-lo constituiu o *ideal do ego*. Este dispositivo é uma formação reativa ante as primeiras escolhas de objeto do *id*, instância que se separa do *ego* e o enfrenta como instância crítica. Será agora o *superego* quem realizará as funções de observação de si, de censura onírica e de repressão. O *superego* foi tomado do mundo exterior; a crítica do *ego* é o lugar da consciência moral, confrontando-se à moralidade do *id*. Os conteúdos do mundo exterior que penetram no interior provêm da percepção auditiva, meio fundamental da instrução. Mas a energia com que investe esses conteúdos provém do *id*, por ser uma herança do narcisismo originário.

¹⁶⁴ Cf. AE, XIV, p. 133.

Dissemos que a identificação é o modo através do qual o *id* renuncia ao objeto amado. E ao adquirir o *ego* os aspectos fundamentais do que se amou, a libido que investia o objeto fora transposta agora em libido egóica. Disso resulta uma dessexualização que, como libido narcisista, funciona com uma energia deslocável e indiferente. Ela se encontra tanto no *ego* como no *id*. Este *Eros dessexualizado* pode se unir tanto a uma mobilização erótica como a uma moção destrutiva e aumentar a investidura. Funciona como um comutador e é a responsável pela conversão do amor em ódio e vice-versa, explicando a ambivalência diante do pai. Ambivalência que não tem como premissa principal a libido de objeto, mas sim, através da identificação, sua premissa principal é a libido narcisista, que como *ideal do ego* cumpre agora o papel de agente repressor. Já havíamos assinalado que a ambivalência se explicava pela mescla e desmescla pulsional que se dava no interior do ser vivo. Esta energia agora incorporada é regida pelo princípio de prazer e seu caráter de dessexualizada nos permite chamá-la de *sublimada*. Se considerarmos, como em *Além do princípio de prazer*, que este está a serviço das pulsões de morte, a dessexualização ou sublimação da libido do *id* é uma forma de se opor às pulsões de vida, já que é a sexualidade que gera as tensões, enquanto as pulsões de morte desejam repouso.

Para finalizar, nesta segunda tópica, o aparato mental é apresentado como um organismo e suas divisões internas são o resultados dos conflitos de Eros e as pulsões de morte em sua própria interioridade. Dessa dinâmica interna saem as respostas às perguntas pelo significado. A repetição nos ensinou as metas pulsionais e instaurou com isso uma teleologia. Não uma teleologia que desemboca em uma estrutura causal, nem em uma hierarquia de formas, já que o que se postula é uma analogia de formas. O dualismo pulsional foi uma hipótese necessária para preservar toda a dinâmica do conflito, cujo poder heurístico lança luz sobre os processos mentais. E esse dualismo pulsional colocou o fator dinâmico além do domínio mecânico ao centrar-se em um problema de destinos das energias envolvidas, deixando o segundo domínio para a economia libidinal. Dualismo que na trama teórica da psicanálise funciona como princípio transcendental de todo movimento

psíquico, cultural e vital. Mas apenas uma delas pode ser vista nos fenômenos, apenas Eros pode ser rastreado no domínio empírico, a outra pulsão trabalha muda, como uma variável oculta, difícil de ser apreendida.

Se não fosse pelas considerações desenvolvidas em Além do princípio de prazer e, ultimamente, pelas contribuições sádicas ao Eros, ficaria difícil para nós manter a intuição básica dualista. Pois bem, posto que nos vemos forçados a mantê-la, impõe-se a nós a impressão de que as pulsões de morte são, no essencial, mudas e quase todo o alvoroço da vida parte do Eros¹⁶⁵.

Considero que esse *precisar manter* a postura dualista é uma prova da adesão freudiana à empiricidade, como esta é concebida no século XIX, uma empiricidade na qual os objetos adquirem uma historicidade através da dinâmica do conflito. Na primeira pintura a satisfação sexual seguia o caminho que a satisfação da fome lhe havia ensinado, pois aquela só é incorporada depois. Aqui toda pulsão adquire sentido em relação ao conflito pulsional originário. Eros como princípio transcendental trava uma luta com as pulsões de destruição e essa luta dá origem às totalidades vitais. O propósito de Eros é o de unir, de converter o múltiplo em uno, não como um propósito criador, mas como retardador do efeito da pulsão de morte. Entendida sua força de coesão desse modo, exige a presença de uma força que se oponha a ela; ela só tem sentido frente a uma força desagregadora, que surge como hipótese necessária. Freud adere, em *Além do princípio de prazer*, a este dualismo originário como uma tentativa, como um *advocatus diaboli*, mas isso não significa que *tenha entregado sua alma ao diabo*¹⁶⁶. Mas em *O mal-estar na civilização* (1930), dez anos depois, a heurística do conflito pulsional adquire o pleno direito de uma ontologia.

No começo ego havia sustentado, apenas ao modo de uma tentativa, as concepções aqui desenvolvidas, mas no curso do tempo adquiriram tal poder sobre mim que já não posso pensar de outro modo¹⁶⁷.

Em *Esquema da psicanálise* (1940) o edifício do aparato psíquico e as forças pulsionais que

¹⁶⁵ FREUD, S.: AE, XIX, p. 47.

¹⁶⁶ FREUD, S.: AE, XVIII, p. 57.

¹⁶⁷ FREUD, S.: AE, XXI, p. 115.

o atravessam estão na base das funções que constituem a vida anímica. A vida anímica é uma função desse aparato e nesta obra se usa a analogia com o telescópio ou microscópio, o que faz pensar em um retorno ao uso heurístico da segunda metáfora. O que é característico e único do psíquico são o que ele chama de *qualidades psíquicas* e elas são conscientes, subconscientes e inconscientes. Estes três termos designam agora qualidades de processos psíquicos. As divisões da segunda tópica são consideradas como instâncias pressupostas, de modo que é claro o papel heurístico deste modelo. O vínculo entre as qualidades psíquicas e o aparato mental concebido na terceira metáfora faz do inconsciente a qualidade a governar de maneira exclusiva o *id* e o subconsciente é a qualidade do *ego*. A concepção do aparato psíquico

... nos habilitou a erigir a psicologia sobre bases parecidas com as de qualquer outra ciência natural, por exemplo, a física... mas vemos que precisamos traduzir todo o novo por nós deduzido, por seu turno, para a linguagem de nossas percepções, da qual nunca podemos nos liberar. Então: estes são, justamente, a natureza e o caráter limitado de nossa ciência... ensaiamos ampliar ao máximo a capacidade de operação de nossos órgãos sensoriais mediante alguns recursos auxiliares artificiais, mas é lícita a expectativa de que no fim tais empenhos não farão mudar a situação. O real-objetivo permanecerá sempre "não discernível" ¹⁶⁸.

A analogia com a física serve para destacar o aspecto de construto da psicanálise. O papel das metáforas científicas, tal como o destaca o próprio Freud, serve para inteligir nexos que nos permitam preencher as lacunas dos fenômenos na consciência. O que separa a psicologia da física é o fato de que

...na psicologia nem sempre se trata, como na física, de coisas do mundo que poderiam despertar apenas um frio interesse científico ¹⁶⁹.

Freud estava totalmente consciente do caráter metafórico do modelo que representa o aparato psíquico. A psicologia é uma ciência como as outras, como a física, só que seu conteúdo, a alma humana e a realidade com a qual trabalha, a psíquica, exigem certas adaptações à atividade

¹⁶⁸ FREUD, S.: AE, XXIII, p. 198.

¹⁶⁹ FREUD, S.: AE, XXIII, p. 199.

científica.



Capítulo 3. A fórmula

... A terceira, aquela de onde procede o princípio do movimento, e a quarta, a que se opõe a esta, isto é, a causa final ou o bem (pois este é o fim de qualquer geração e movimento)

Aristóteles

No capítulo anterior apresentamos três construções de aparatos mentais. O aparato mental foi concebido independentemente da consideração da saúde ou da doença, já que suas construções contêm os princípios a partir dos quais se deriva o patológico e o normal. Estas metáforas cumpriram dois papéis fundamentais na compreensão dos fenômenos mentais: papéis constitutivo e heurístico. Freud avaliou a utilidade de uma delas remetendo à simplificação dos fatos a que se aspira no trabalho científico¹⁷⁰, pois é a base sobre a qual se podem configurar os nexos de forma panorâmica¹⁷¹. Mas isto se pode aplicar às três.

Neste capítulo lidaremos com as *generalizações simbólicas*, ainda que o nome mais apropriado para estas no caso da psicanálise seja o de *generalizações guia*¹⁷². Este é o segundo elemento que consideraremos como sendo parte da matriz disciplinar. Conquanto muitas vezes estas são consideradas leis que regem os fenômenos, sua função não é só essa. Também servem como definições e a partir deste ponto são consideradas como tautologias, na medida em que não são suscetíveis de correção; uma revolução científica sempre comporta a modificação destas generalizações. Antes que estas possam ser aplicadas a diferentes situações, é preciso identificar as classes de fenômenos às quais se pode aplicar a teoria. Mas esta identificação não se realiza através de regras ou de leis. Estas similaridades e diferenças que mudam de uma pintura para outra modificam, com efeito, os traços destacados que determinam os referentes dos termos da generalização, mas seu reconhecimento é anterior à lei e só se adquire através da prática. Não se consegue reconhecer a rede de similaridades na qual os objetos são distribuídos mediante a aplicação de regras, razão pela qual estas generalizações não são regras de aplicação.

Dado que os distintos problemas que demandarão estas ferramentas vão envolver variações, versões especiais delas, nas quais só permanece o esquema, neste capítulo vamos nos ocupar das generalizações simbólicas sem considerar a sua aplicabilidade. Cairemos naquela instância em que

¹⁷⁰ Cf. AE, XXI, p. 115.

¹⁷¹ Cf. AE, XIX, p. 155.

elas são esboços de leis, esquemas de generalização; dispensamos aqui as versões para nos dedicar ao permanente independente das classes de fenômenos às quais podem ser aplicados, isto é, independente de seu conteúdo empírico. O que interessa aqui fundamentalmente é ver como funcionam as leis nos modelos construídos que representaram o aparato mental.

*O esboço de lei, como por exemplo f=ma funcionou como instrumento, informando ao estudante as semelhanças que deve buscar, mostrando-lhe a Gestalt em que se pode ver a situação*¹⁷³.

3.1. Primeira etiologia

Las sombras llaman a mi puerta
con un murmullo de voces olvidadas,
y el alma sabe que ya están muertas
y que son sombras que vuelven de la nada,
que sólo son recuerdos amargos del ayer,
que sólo son fantasmas que se obstinan en volver.

H. Manzi

Para determinar os processos que desencadeiam a enfermidade psíquica, Freud segue a heurística do desprazer. Na pintura, o resultado da vivência da dor foi uma repulsão da imagem mnemônica do objeto hostil; a esta repulsão nos referimos como *defesa da recordação*. Ela atua de modo reativo, que foi o modo como se defendeu na vivência da dor. Esta foi a defesa primária que já tratamos no capítulo anterior. Agregamos agora as leis que constituem a etiologia e a taxonomia das patologias psíquicas. No modelo, defesa da recordação coincide com a repressão da imagem-recordação, de modo que se trata de um esforço de expulsão da investidura¹⁷⁴. Recordemos que neste modelo o nível de excitação que confere a rememoração do objeto hostil é de intensidade tal que põe em marcha a defesa que provém do *ego*. Como este modo de defesa foi aprendido pela experiência biológica, a patologia psíquica se enlaça com o modo de ser histórico do indivíduo. As

¹⁷² Este nome de *generalizações guia* é sugerido por Zeljko Loparic.

¹⁷³ KUHN, T.:1970, p. 290.

¹⁷⁴ Cf. AE, I, p. 367. *Verdrängung*: esforço por expulsar, reprimir.

patologias são então um problema que se refere aos neurônios não passáveis, porque vem a ser a defesa não da vivência, mas da representação do objeto hostil, de sua recordação. Vejamos agora as generalizações que se agrupam para estabelecer os processos causais.

Nos referimos à defesa patológica como *defesa secundária* e em primeiro lugar vamos considerá-la como um processo primário, que se relacionará com os processos oníricos. No que se refere a estes últimos, seu fim e sentido residem em que os sonhos são *realização de desejos*, o que os faz ser processos primários baseados nas vivências de satisfação. Estas geraram uma associação entre marcas mnemônicas e neurônios investidos pela excitação endógena. O investimento produz uma aspiração de descarga por uma via motora, pois com a drenagem da satisfação a energia também é drenada da imagem recordada. Quando a aspiração de descarga se apresenta novamente, os sinais mnemônicos são reavivados e esta aspiração é o que se chama *desejo*. Este é definido então como um esforço e é o elemento motor do aparato anímico. As marcas mnemônicas, além de serem o resultado da energia que investe os neurônios, podem substituí-la. Como vimos na descrição da pintura, são a consequência, porque na aspiração originária desencadeada pelos estímulos endógenos o sistema neurônico precisou de energia acumulada e para isto se multiplicaram os neurônios não passáveis, porque estes foram o resultado desse impulso vital. Mas a memória também equivale à investidura, pois pela associação por simultaneidade própria da atividade dos neurônios não passáveis a investidura pode passar de um neurônio a outro se ambos forem em algum momento anterior investidos ao mesmo tempo. Esta é uma lei da psique primária que sob a forma de *compulsão a associar* produz os absurdos oníricos e neuróticos, pois a investidura da recordação não provém do mundo externo, o que seria uma percepção, mas por associação nos neurônios não passáveis. É o domínio desta lei que possibilita a interpretação dos fenômenos primários e ela governa com exclusividade as recordações. Outra lei do processo primário expressa o caráter alucinatório que resulta da investidura-desejo e só é controlada pelos processos secundários. Desse modo, desde a recordação primária de uma percepção até as

representações dos sonhos, os quais são uma alucinação que resulta do cancelamento da motricidade, o que obriga a uma investidura percepção a partir dos neurônios não passáveis, investidura retrocedente, uma vez que a direção normal da energia vai desde a percepção até a motilidade. A alucinação no sonho é precedida pela representação da aspiração de descarga, o sonho representa somente a satisfação de descarga. O desejo é inferido, pelo que a fórmula do sonho como uma realização de desejos resulta de uma inferência à melhor explicação, pois a investidura da representação do esforço não pode ser mais intensa que a necessidade que a origina. Mas esta última operou somente como circunstância específica, não como causa da consciência descontínua da representação nos sonhos; a causa reside nos próprios processos primários que culminam na alucinação.

Na histeria se pode registrar a mesma compulsão de associar, pela qual compartilha com o sonho o traço do absurdo. Mas esta se esclarece quando se compreende o processo patológico que permite ver os anéis intermediários que a faz congruente com a ensambladura. Esse processo é primário e seu modo de operação é idêntico ao dos sonhos, por deslocamento da energia de um neurônio a outro. Este processo será um dos traços destacados da histeria que permitirão estabelecer uma analogia com os sonhos. Para chegar a compreender seu modo operatório nas patologias introduzimos, em caráter de definição, o que se entende por trauma. Este é o resultado de uma vivência mais uma determinada circunstância que a acompanhou neste momento.

O trauma é designado como um estímulo externo ao sistema nervoso, o qual trabalha mecanicamente aumentando o nível de excitação do sistema. É este traço o que exige seguir a heurística do desprazer e não a da vivência da satisfação. Só que aqui o trauma não se refere a uma lesão física, posto que se está falando de um trauma psíquico e para isso a vivência que o desencadeia tem que cumprir certos requisitos para ter tal poder. O acontecimento deve haver estado acompanhado do sentimento de horror e ser experimentado como inesperado, e por estes afetos associados o indivíduo não quer recordar o acontecido substituindo-o por uma circunstância

colateral e nesta substituição se descobre o processo primário de deslocamento. Isto permite explicar por que cada vez que surgem reproduções do que o acompanhou emerge um sofrimento incompreensível. O que se esqueceu foi justamente o nexo entre o associado e o principal. A imagem mnemônica da vivência foi reprimida e a do fato associado se transformou em hiperintensa. O *hiperintenso* refere-se aos caracteres quantitativos desproporcionais da representação. A repressão é assim um conceito econômico, trata-se de um despojamento da quantidade de energia do sinal que corresponde à vivência e se desloca ao que representa a colateral. Este deslocamento é um processo primário e relaciona a compulsão com a repressão.

Esta representação hiperintensa emerge na consciência de modo compulsivo e injustificado, abrindo espaço para sintomas e desencadeando todo o *pathos* do enfermo. Também na normalidade temos este tipo de representações hiperintensas, mas, distintamente das patológicas, naquelas sabemos suas razões, e a falta deste conhecimento da raiz do deslocamento é o que dá às segundas seu aspecto de incongruência e é só mediante a análise que se esclarece então se consegue reconstruir o vínculo esquecido. Assim como no sonho, o deslocamento tem como consequência um devir consciente descontínuo.

A defesa secundária vista como um processo primário explicou seu aspecto incompreensível e incongruente¹⁷⁵. Mas isto só explica a forma da defesa histórica, o que não é mais que uma modalidade de defesa psiconeurótica, já que no caso das neuroses obsessivas, por exemplo, não há deslocamento. Portanto, o núcleo do problema não é o deslocamento. O olhar deve se dirigir à força que o provocou, e tal força está estabelecida no processo da repressão. Este movimento de energia foi provocado por uma defesa que partiu do *ego* e isto faz com que se trate de um processo secundário. Temos assim um agregado em seus traços destacados que a separam dos processos primários, e o que resta por explicar é porque eles foram produzidos por um processo secundário.

¹⁷⁵ Cf. AE, I, p. 394-399.

A defesa secundária acarreta os mesmos problemas teóricos com que nos defrontamos com a defesa primária, isto é, não se consegue explicar através de considerações mecânicas o elevado nível de intensidade da recordação para que se ativem as defesas do *ego*. Assim como na defesa primária, o *ego* atua para evitar o desprazer, mas esta é uma consideração biológica, já que seu fim é a sobrevivência do indivíduo. O fato de os processos secundários não terem razões mecânicas exige que as condições específicas que devem ser agregadas para justificar a intensidade da recordação sejam modalidades da vivência e do estímulo endógeno com o qual se relaciona.

As condições específicas relativas ao acontecimento desencadeante recaem no modo como se reagiu ante a vivência hostil. Dizemos que o afeto que acompanhou a vivência foi o horror e este provoca normalmente uma série de atos reativos, tais como gritos, gemidos, palavras – é o que se chama de *reação* ante o acontecimento. Por ela se alivia o horror, mas quando é sufocada o afeto entra na recordação e para evitar este desprazer é que atua a defesa da recordação provocando o esquecimento da vivência traumática. Esta concepção do afeto que não foi descarregado tem sua base no princípio de constância – por isso a força do afeto que pede a descarga e cada vez que este é reativado a pessoa decide esquecê-lo. Mas como a representação da vivência, junto ao afeto que a acompanha, se instalam, não podem ser eliminados e por meio de processos egóicos tenta-se debilitar tais recordações vedando-lhes o afeto, mas com isso o *ego*

*lançou sobre si o obstáculo de um símbolo mnemônico que habita a consciência como um parasita... que continuamente retorna...*¹⁷⁶

Em vista disto, a amnésia se corresponde com um esforço além do tolerável no interior da consciência. Em síntese, defesa da recordação significa amnésia e sempre corresponde a um trauma que não foi descarregado, desse modo a força traumática não depende de quantidades de energia. Paradoxalmente, esta falta de uma explicação mecânica é o que levará Freud a observar o meio, a considerar o social, e com isto abre a porta ao fator sexualidade.

¹⁷⁶ FREUD, S.: AE, III, p. 51.

Como o enfermo não decide sobre estas recordações, mas elas atuam como sombras que espreitam através de representações hiperintensas, é necessário explicar onde se encontram as marcas mnemônicas da vivência, por isso se postula a tese de uma cisão da psique, em *Estudos sobre a histeria* (1893-95) se fala de uma memória normal e de uma memória do hipnotizado¹⁷⁷, ou como dois estados de consciência¹⁷⁸ entre os quais não era possível a confluência, estes estados também são postulados como consciente e inconsciente¹⁷⁹. O inconsciente é uma espécie de lugar no psiquismo onde se encontram arquivadas as impressões que provocam desprazer. Em *As neuropsicoses de defesa* (1894) especifica que esta cisão da consciência é adquirida e se encontra à margem das relações associativas com o conteúdo que se encontra na consciência, marcando com isto sua distância de Janet, para quem a cisão é primária e caracteriza a estrutura própria do aparato mental patológico. Ao mesmo tempo em que é secundária, Freud sustenta que esta divisão responde a um ato voluntário no sentido de ser o resultado do propósito de alcançar uma meta que fracassa.

As razões que impediram a reação adequada podem ser consideradas pelo dâo do conteúdo das recordações ou pelo lado do estado psíquico em que se encontrou o indivíduo quando ocorreu o acontecimento traumático. Em ambos os casos as recordações não são eliminadas nem utilizáveis. O segundo tipo de consideração levou a postular os estados hipnóticos, mas como Freud considerará decisivos os do primeiro grupo e a teoria dos estados hipnóticos não cumprirão um papel no edifício teórico da psicanálise, vamos deixá-la de lado aqui. O primeiro tipo de consideração conduzirá ao postulado da sexualidade na etiologia das neuroses, sendo sua natureza a circunstância específica que faz da vivência um trauma psíquico.

A defesa surge na base do desprazer que essas recordações despertam no *ego*, e o conflito é resultado da luta do *ego* para evitar o desprazer. Para que conservem a força traumática, têm que ter sido traumas não descarregados pela própria natureza da vivência. A clínica indicou a ele que essas

¹⁷⁷ Cf. AE, II, p. 37.

¹⁷⁸ Cf. AE, II, p. 69.

¹⁷⁹ Cf. AE, II, p. 235.

recordações rechaçadas devem conter situações que provêm da vida sexual. Neste momento é necessário explicar o caráter da representação da sexualidade, fundamental para explicar a repressão. Este aspecto se refere ao retardamento da puberdade no desenvolvimento do indivíduo.

As representações sexuais têm uma particularidade que as diferenciam das outras. Chegada a puberdade se compreendem recordações que antes não se sabia de que se tratavam. Se previamente a esta etapa o indivíduo foi excitado sexualmente, dessa experiência se tem uma recordação que só se torna compreensível quando surgem as próprias excitações sexuais. A sexualidade entra na etiologia das neuroses como recordação de um desprendimento prematuro e o trauma constitui seu efeito retardado. Este desprendimento sexual prematuro, possibilitado por uma sexualidade que não está desde o começo do desenvolvimento do indivíduo é o que provoca os movimentos de defesa do *ego*.

A recordação de uma vivência de dor provoca desprazer, o que reforçou o sinal mnemônico com a quantidade de energia que foi desprendida. Isto porque na vivência da dor a energia vem a partir de fora, mas no desprazer a energia vem de dentro e sua intenção é a do alívio. Mas com a intervenção dos processos secundários ela seguirá através de investiduras colaterais, limitando quantitativamente o desprendimento de desprazer. Toda vez que este se apresenta, o *ego* deve iniciar uma defesa para evitar novas vivências de dor. Quanto maior o desprazer, mais intensas devem ser as investiduras colaterais que coloca o *ego*, mas as quantidades de energia endógena não podem ser inibidas completamente, de modo que um processo primário sempre é admitido mas só tolerará pequenas quantidades de energia, se bem que o *ego* quer evitar por completo o desprazer e inibir totalmente qualquer processo primário. Para alcançar seu objetivo se serve da atenção, que se dirige às percepções das quais se desprende o desprazer, mas se uma recordação que o provoca escapa a ela, o *ego* chegaria tarde para opor-lhe suas investiduras colaterais. Foi assim uma recordação e não uma percepção o que surpreendeu o *ego* provocando desprazer de modo inesperado. No caso do trauma, a recordação surpreende o *ego* porque a atenção que se dirigiu à

vivência não a compreendeu, devido ao retardamento da puberdade. Por isso, o efeito retardado do trauma: isto significa que não houve patologia quando se deu a vivência. Foi este retardamento da sexualidade a condição de possibilidade dos efeitos traumáticos.

A chegada da puberdade, ao compreender a vivência do passado, provoca o desprazer da recordação e mobiliza a defesa do *ego* que a essa altura só conseguir reprimir a marca mnemônica que corresponde à vivência mediante o processo primário do deslocamento, este processo não teve lugar no momento da vivência, pois nesse momento a defesa normal nem sequer se ativou porque não sabia o *ego* o que estava sucedendo.

Sendo o dispositivo da memória o aspecto que caracteriza a enfermidade, já que o sofrimento está desencadeado por recordações se quer sepultar, mas não se consegue devido ao afeto que em seu momento a acompanhou, agora, por vínculos falsos provoca representações hiperintensas.

*Na maior parte das vezes o histérico padece de reminiscências*¹⁸⁰.

O método terapêutico adequado é aquele que o libere de tais recordações, tornando consciente o vínculo entre a vivência e o afeto, conseguindo descarregar o trauma. Com a recordação, o afeto deixa de estar sufocado. Este método deve ser capaz de superar a defesa que impede que o enfermo tome consciência de tais reminiscências. Este método é o catártico, que vem a ser uma arte da recordação e a memória é seu fundamento metafísico. A eficácia da recordação se mede pela capacidade de conseguir aliviar a excitação que foi sufocada no momento da vivência, em vista do que é fundamental a recordação do afeto¹⁸¹.

Este método não só é terapêutico, mas também é um método de investigação da patogênese, pois sua aplicação desafiou o médico com a mesma força psíquica que desencadeou os processos primários e que agora impedem o enfermo recordar. Há assim uma identidade de forças que operam na resistência e na repressão – por isso a defesa é a base sobre a qual se edifica a psicanálise. O *ego*

¹⁸⁰ Cf. AE, II, p. 33.

do enfermo continua se defendendo com a repulsa da representação que lhe provoca desprazer, impedindo o devir consciente desta. Com o método catártico o *ego* torna a se defrontar com o reprimido que resiste à recordação¹⁸² e é forçado a drenar a excitação por meio da fala.

O método catártico é um tratamento cujo objetivo é eliminar os sintomas eliminando as causas e sua efetividade pretendida se desprende, justamente deste trato com as causas; só que a causalidade é algo que diz respeito à teoria e não à clínica. Tal como assinala Hacking¹⁸³, quando conhecemos as causas, cremos ter razões suficientes para pensar que estamos ante uma entidade patológica, isto é, algo além de um conjunto de sintomas. Quando Freud estabelece a etiologia de um grupo de enfermidades mentais, está transcendendo o juízo clínico. A equação etiológica que formula em *A propósito das críticas à "neurose de angústia"* (1895) não se trata de fatos que causam outros fatos, mas de toda uma estrutura causal geral.

A estrutura casuística que propõe, que já foi tratada no capítulo anterior, distingue entre condição, causa específica, causa concorrente e causa desencadeante. A condição e a causa concorrente são fatores dos quais só aqueles a que se refere a primeira devem estar presentes. A causa desencadeante também é um fator, temporal, é o que precede imediatamente o efeito e por isto muitas vezes é confundida com a causa específica. Esta última é aquela que não pode estar ausente quando se apresenta o efeito e é a verdadeiramente determinante. A etiologia consiste então na causa específica junto aos fatores que a condição estabelece.

Pois bem, a causalidade também tem poder constitutivo, já que a condição necessária que se estabeleceu passou a formar parte dos aspectos destacados da entidade patológica, posto que passar de um grupo de sintomas a uma entidade implicou a passagem de uma descrição dos fatos a uma teoria deles.

A primeira classificação que Freud oferece leva em consideração a equação etiológica e

¹⁸¹ Cf. AE, II, p. 33.

¹⁸² Cf. AE, II, p. 275-276.

permite diferenciar duas entidades patológicas, a neurose simples e as psiconeuroses de defesa. Nas neuroses simples temos como condição o fator hereditário e como causa específica uma tensão somática sexual que não pode ser dominada pelo psíquico. A emoção e o esgotamento psíquico são causas concorrentes.

Para as psiconeuroses de defesa, a fórmula etiológica estabelece como condição a passividade sexual no período anterior à puberdade. A causa específica é uma irritação efetiva dos genitais na infância (trauma).

As neuroses simples são a neurastenia e a neurose de angústia. Estas se caracterizam por não ter um mecanismo psíquico próprio; a causa necessária é somática, é uma influência perniciosa sexual. As neuroses de defesa ou psiconeuroses são a histeria e a neurose obsessiva e têm causas endógenas, pois se trata da recordação de danos sexuais e não dos danos mesmos. Estas duas fórmulas nos permitem ver o papel da sexualidade na patogênese. No primeiro grupo, constitui um princípio explicativo, ela é a enfermidade específica da sexualidade entendida como um excesso de quantidade; no segundo ela carece de valor explicativo, a sexualidade opera como condição, não como causa específica, ela não desencadeia a enfermidade, pois é a recordação da vivência sexual traumática.

Adotada esta estrutura causal, quando no artigo já referido *Novos esclarecimentos sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) quer aplicar sua equação etiológica às neuroses obsessivas não fornece uma exposição tão bem sucedida como no caso da histeria. Em primeiro lugar, há uma coincidência no caráter significativo das vivências sexuais infantis; a diferença é que não há passividade sexual como na histeria e sim uma participação prazerosa, porque essa vivência não cumpre os requisitos exigidos por um trauma psíquico. A fórmula para a neurose obsessiva se resolve em representações obsessivas, as quais são censuras a ações sexuais infantis vividas com prazer e são resultantes da repressão. O problema teórico é o prazer, o modo de solucioná-lo é a

¹⁸³ HACKING, Ian: *Rewriting the soul*, p. 81-82.

redução da forma da neurose obsessiva a uma forma histérica. A causa específica continua sendo a sedução sexual para possibilitar depois a repressão. Recordemos que repressão equivale à defesa de uma recordação desprazerosa, em vista da qual a vivência requer um efeito traumático, do contrário não há mobilização de processos egóicos de defesa. Este é o pano de fundo histórico da neurose obsessiva. Logo se seguem ações de agressão sexual para com o outro sexo e são sobre estas que recaem as censuras quando chega a puberdade e é destes que o *ego* se defende, substituindo-os por um sintoma. As representações obsessivas são *formações de compromisso* entre aquelas que foram reprimidas e as que têm por finalidade reprimir. Estas formações servem para proteger-se do retorno do reprimido como o que o *ego* deve agora lutar; elas são formações secundárias.

Para o caso das neuroses obsessivas, a equação etiológica deve agregar alguma condição a mais, o que o leva a sugerir um fator temporal, a idade em que se deram as vivências infantis. Em *A etiologia da histeria* (1896) admite que a escolha da neurose recai sobre o modo como estas vivências infantis foram vividas, se com prazer ou com passividade. Mas se foi com prazer, caso das neuroses obsessivas, se tira o sentimento de horror que acompanhou estas vivências. A única forma de salvar o esquema etiológico consistiu em apelar ao pano de fundo histórico.

A título de conclusão da etiologia apresentada, nas psiconeuroses de defesa a causa específica exige uma realidade empírica externa ao aparato psíquico, de onde provém a causa eficiente da enfermidade; embora esta seja uma representação, tem como referente uma *coisa do mundo*¹⁸⁴ para a qual se dirige o método catártico: é a realidade empírica determinando a realidade psíquica.

3.2. Segunda etiologia

El deseo nos junta
y el honor nos separa...

¹⁸⁴ FREUD, S.: AE, II, p. 397.

y aunque amar no es disculpa
que salve de culpa, el amor.
C. Bahr

O problema da escolha da neurose na estrutura anterior levou a considerar o fator temporal para as cenas sexuais na infância. Ali os sintomas eram o resultado de uma defesa da recordação do objeto hostil, enquanto que os sonhos eram o resultado da atração que exercia o objeto que permitiu originariamente a satisfação de uma necessidade, isto é, do objeto desejado. As generalizações simbólicas que agora agregamos resultarão em uma nova estrutura causal, a qual, a partir dos registros de inconsciente dinâmico e de pulsão apresentados como nossa segunda ontologia no capítulo anterior, obterá sua linguagem. Agora tanto sonhos como sintomas se resolvem na mesma fórmula, ambos são a realização de desejos. Do mesmo modo que o significado de um sonho é o vínculo com um feito diurno, simultâneo a um acontecimento modelo da infância, todo sintoma também tem um modelo de satisfação infantil¹⁸⁵. Já a etiologia das neuroses obsessivas na estrutura anterior abriu a porta à possibilidade de viver com prazer certos acontecimentos conectados com a sexualidade. Faltaram razões para esse prazer na ausência de sexualidade. A primeira modificação, e a mais substancial no que se refere à equação etiológica anterior, é a referida à que ali operava como condição. A sexualidade já não é algo que advém com a puberdade; há uma atividade sexual na criança, que é o que a permite viver com prazer certas sensações. Com a admissão da sexualidade infantil foi possível admitir experiências prévias de satisfação; desse modo, o desejo que põe em movimento o aparato psíquico é o que tem por objeto o que sentiu com prazer na infância. Na primeira pintura teórica apresentada no capítulo anterior se chegava à sexualidade quando se partia da fome e se iniciava um processo adaptativo que estruturava uma hierarquia de desejos. Admitir agora uma sexualidade infantil vai exigir uma redefinição do que se entende por esta e da qual as realizações alucinatórias dos desejos funcionarão como provas. Dos desejos que a sexualidade provoca na infância se inferirá o conflito irreduzível posterior. Este último constituirá a

¹⁸⁵ Cf. AE, VII, p. 91.

dinâmica da ontogênese na qual a sexualidade como princípio organizador alcançará um significado etiológico. A repressão de conteúdos inconscientes se articulará com a gênese da atividade sexual, ganhando força assim o que foi sugerido na equação anterior, o fator temporal. Naquela foi uma condição postulada quase *ad hoc*, aqui é substancial.

Apresentaremos agora a teoria da sexualidade e suas implicações profundas na equação etiológica. Em *Três ensaios de teoria sexual* (1905) dedica-se à formulação do conceito de sexualidade infantil, para o qual postula o conceito de *pulsão*, ao qual já nos referimos. Este termo designa a coisa em si, e só chegamos a ela por sua representabilidade no inconsciente dinâmico. O que interessa aqui é sua decomposição em três elementos – objeto, meta e fonte –, em função dos quais definirá o traço fundamental de tal sexualidade infantil, a perversão. *Objeto sexual* é aquilo que exerce a atração sexual e *meta sexual* é a ação por meio da qual se alcança a satisfação¹⁸⁶, o que supõe, tal como assinala em *Pulsões e destinos de pulsão*, o fim da estimulação na fonte. A meta é então o prazer, o que faz o conceito de pulsão ser totalmente mecânico, uma excitação que como força passiva busca a descarga. Além desta meta última, há uma série de metas intermediárias combináveis entre si. O objeto só advém depois que a pulsão começou a exercer sua força e pode ser externo ou residir no corpo do indivíduo. Na última obra mencionada, acrescenta ainda um elemento, o *esforço*, com o qual se refere ao fator motor e que já estava no *Projeto...*; trata-se da quantidade de trabalho representada pela pulsão, é um excesso de tensão que se lhe impõe à psique a partir de fora. Com a *fonte* indica o estímulo do órgão¹⁸⁷ e a ele se refere com *zona erógena*. A erogeneidade orgânica envia ao anímico a tensão sexual que é representada pela pulsão. Em *Introdução ao narcisismo* destaca que qualquer órgão é capaz de erogeneidade¹⁸⁸, porque a tensão sexual não é provocada somente pela genitalidade. Para Assoun¹⁸⁹ a precariedade ontológica pulsional se resolve no intervalo de uma necessidade de satisfazer a uma necessidade satisfeita,

¹⁸⁶ Cf. AE, VII, p.123.

¹⁸⁷ Cf. AE, XIV, p. 117-8.

¹⁸⁸ Cf. AE, XIV, p. 81.

¹⁸⁹ Cf. ASSOUN, P.L.: 1980.

desde o estímulo da fonte até o fim de tal estimulação. Desse modo, princípio e fim são somáticos em tal intervalo, mas o intervalo em si mesmo não o é, é psíquico. E é essa força psíquica a que tem valor etiológico; não é a sexualidade como efeito tóxico das neuroses simples apresentadas na taxonomia anterior, é a energia psíquica e seus modos de descarga, seus destinos próprios o que deve entrar nesta nova equação. O psíquico tem o prazer como fim, a tendência da força é a descarga, e o desprazer já não é a recordação de algum objeto hostil, é simplesmente o aumento para além do tolerável da tensão pulsional.

Entendida assim a sexualidade é necessário agora ver por que seus representantes psíquicos foram reprimidos, isto é, porque despertam desprazer. As *perversões sexuais* em geral são conceitualizadas como desvio seja no que se refere ao objeto, seja no que se refere à meta. O que se opõe a estas perversões é o que resulta da intervenção de certas forças anímicas que funcionam como diques para a tensão sexual. A patologia se definirá por um atuar desmedido destas forças¹⁹⁰. *Patologia* aqui se refere à psiconeurose e elas e as perversões sexuais são as duas extremidades de um mesmo fio; no meio, estão as forças que redirecionam: asco, vergonha e moral. Prefigura-se então a forma conflitiva da enfermidade entre uma força passiva que se dirigindo a seu destino se encontra com outras forças que a obrigam a buscar caminhos diferentes para chegar a seu fim.

O segundo dos ensaios dirige-se à sexualidade infantil e sua finalidade é mostrar sua presença e o caráter perverso desta. Os traços característicos através dos quais se exterioriza são: sua origem em uma função que serve para a conservação da vida, o auto-erotismo e o domínio de uma zona erógena. A sexualidade dos primeiros anos se resolverá em uma multiplicidade anárquica de pulsões sexuais partindo de diferentes fontes orgânicas e com metas definidas pelo prazer do órgão envolvido em cada caso. A exteriorização modelo é a chupeta. Sua origem reside na satisfação da fome; como não há um objeto sexual, cumpre o segundo dos traços mencionados e os lábios constituem a zona erógena que a governa. A origem é a fome, mas a repetição da ação

¹⁹⁰ Cf. AE, VII, p. 150.

satisfatória sem a exigência do alimento, a pulsão que opera é a sexual¹⁹¹.

Outra zona erógena que impera em uma exteriorização posterior da libido infantil é a zona anal. Também a estimulação sexual desta está associada a uma importante função corporal. A retenção das fezes é o estímulo erógeno do ânus, a mucosa excitada é a do reto. Para a criança as fezes são parte de seu próprio corpo e são o primeiro presente por meio do qual expressa sua obediência ou desafio a seu meio. Só pela educação que se gera o asco para com as fezes, o que se transferirá às relações adultas com o dinheiro¹⁹². Outra de tais zonas é a associada à função corporal da micção. As estimulações masturbatórias nestas são o começo da vida sexual genital.

Todas estas exteriorizações são independentes entre si e só no adulto estão a serviço da reprodução, por isso são chamadas de *pulsões parciais* e apenas quando constituem uma organização se pode alcançar a meta sexual em um objeto alheio. A satisfação auto-erótica esta regida pelo princípio de prazer, pois ao não precisar de um objeto para sua drenagem, a atenção ao princípio de realidade faz-se desnecessária. Somente quando se alcança a organização definitiva se considerará o mundo externo. Este traço é próprio das pulsões sexuais. Frente a elas se colocou a pulsão de nutrição, que é uma representante das pulsões de autoconservação que não podem ser satisfeitas auto-eroticamente porque precisam de algo externo¹⁹³, em vista do que devem considerar o princípio de realidade. Em *Três ensaios de teoria sexual* a gênese pulsional supõe uma organização progressiva de uma anarquia a uma organização definitiva.

É necessário assinalar que junto ao erotismo das pulsões parciais já há certos aspectos que alcançam sua satisfação em uma pessoa alheia e não em determinadas zonas erógenas. Estes componentes são as pulsões de ver, de exhibir e de crueldade e determinam a classe pulsional que se manifesta através da oposição ativo-passivo. Tal classe está constituída pelos pares sadismo (ativo)-masoquismo (passivo), prazer de ver (ativo)-exibicionismo (passivo). Considerar esta classe é

¹⁹¹ Cf. AE, XVI, p. 286.

¹⁹² Cf. AE, XVI, p. 288.

¹⁹³ Cf. AE, XIV, p. 129, n 30.

considerar o psíquico mecânico próprio, pois é ver os modos de defesa do desprazer que provoca o excesso de tensão, é lidar com o destino pulsional¹⁹⁴, assim é que o faz em *Pulsões e destinos de pulsão*. Um desses modos de defesa é o da conversão no contrário e os exemplos de partes mencionados são uma modificação da atividade em passividade, não da pulsão que sempre é ativa, mas da meta. Da meta ativa, martirizar e observar, se passa à meta passiva, ser martirizado e ser observado. A conversão no contrário pode ser também de conteúdo: é o amor que se converte em ódio.

Outro destino possível é o voltar-se para a própria pessoa, o que supõe uma modificação do objeto, não da meta. O masoquismo resulta em um sadismo dirigido ao *ego* e o prazer de ser observado em um observar o próprio corpo. Em ambos os casos coincidem o voltar-se para o *ego* com a modificação em passividade, coincidência que nos permite diferenciar três momentos: o sadismo tem por objeto outra pessoa; essa outra pessoa é substituída pela própria, o que implica além de uma mudança de objeto uma mudança de meta, de ativa a passiva; por último se busca uma pessoa alheia que cumpra o papel ativo – aqui a meta passiva é conservada. O gozar da dor só se constitui como meta pulsional em quem é originalmente sádico. Por isso aqui Freud não adere a um masoquismo originário.

Os mesmos momentos estão presentes no par prazer de ver-exibição, só que distintamente do anterior, teria que se agregar um primeiro momento originário no qual o prazer de ver é auto-erótico e tem por objeto o próprio corpo. O sadismo originário, por sua vez, sempre se dirige a outra pessoa. Cabe esclarecer que estes momentos desmesclados do desenvolvimento da pulsão coexistem uns com os outros. Estes destinos de pulsão supõem uma organização narcisista do *ego*¹⁹⁵, sobre a qual nos deteremos mais adiante.

Em relação ao amar, há três opostos: o amar-odiar, o amar-ser amado e tomado como o amar-odiar uma unidade a ele se opõe a indiferença. O segundo destes opostos é o que se

¹⁹⁴ Cf. AE, XIV, p. 122.

corresponde com o processo da volta da atividade à passividade. A oposição amor-ódio reproduz a polaridade prazer-desprazer¹⁹⁶, pois os afetos de atração e repulsa em relação a um objeto dependem do prazer ou desprazer que este produz no *ego*. Esta oposição expressa a relação que ele mantém com seus objetos, mas se eles estão em função da conservação do *ego* o afeto que despertam não é de amor, mas o de que necessita deles. O amor está, assim, exclusivamente ao serviço da pulsão sexual que já alcançou sua organização definitiva. O ódio, por sua vez, se dirige indiscriminadamente a tudo o que provoca desprazer ao *ego*, seja da ordem da pulsão sexual ou das de autoconservação. Amor-ódio não é exatamente uma oposição; só chegam a ser uma oposição na relação prazer-desprazer.

A origem do amor é narcisista e se dirige aos objetos fazendo deles fonte de prazer no momento em que há uma organização sexual. A primeira das etapas anteriores é a de incorporar o de devorar pretendendo eliminar o que se concebe como algo separado do sujeito. Na etapa sádico-anal há uma pretensão de apoderar-se do objeto independentemente do dano do mesmo, posto que neste momento as pulsões egóicas governam as sexuais, sendo amor e ódio diferenciáveis, predominando a característica do segundo. O ódio, anterior ao amor se origina no rechaço do *ego* narcisista pelo mundo externo. A oposição pulsões egóicas/pulsões sexuais é análoga à oposição amor-ódio.

Quando se alcançam entre os três e os cinco anos surge uma nova pulsão, a de saber. Esta é derivada do prazer de ver-exibição¹⁹⁷. Esta pulsão surge de interesses práticos, normalmente pela chegada de um irmão ou irmã, que é uma ameaça da perda do amor de seus pais. São pulsões egoístas que os levam a querer saber de onde veio o/a rival: de onde vêm os filhos? Esta pergunta é resultante da exigência da vida¹⁹⁸. Em *Cinco conferências sobre psicanálise* (1910) Freud sustenta que esta atividade intelectual é consequência do governo do complexo mais adiante chamado de

¹⁹⁵ Cf. AE, XIV, p. 127.

¹⁹⁶ Cf. AE, XIV, p. 131.

¹⁹⁷ Cf. AE, XI, p. 40.

complexo de Édipo, o qual não está reprimido ainda¹⁹⁹. Trata-se de uma investigação solitária, porque quando exige uma resposta sempre obtém evasivas ou explicações falsas ou são repreendidos. Desconfiando dos adultos, a criança continua suas investigações em solidão²⁰⁰. A pergunta original sobre de onde vêm as crianças dá lugar a diferentes teorias sobre o nascimento. Estas teorias, embora falsas, contêm uma parcela de verdade.

Só depois surge a curiosidade pela diferença entre os dois sexos²⁰¹, em especial no homem, porque em princípio para ele todas as pessoas têm pênis e eles tratam de manter esta teoria o máximo possível e ainda quando vêem os genitais femininos recorrem a hipóteses *ad hoc* para salvá-la. Hipóteses tais como *Não é que não tem, é que é pequeno e logo crescerá* são freqüentes. Somente quando se alcançou a organização definitiva e a libido se dirige a um objeto é que começa a preocupar-se com esta diferença; antes era indiferente, pois o auto-erotismo das zonas erógenas das pulsões parciais era igual para ambos os sexos.

O conflito teórico pela origem da vida no menino começa quando o pai diz a ele que é também filho seu e não só da mãe; isto lhe revela a participação paterna no processo criador. O problema reside em que tanto a mãe quanto o pai têm pênis e não consegue imaginar como o filho chega ao ventre, já que ele sabe que o nascimento do irmão/irmã foi precedido pelo crescimento do ventre materno. Sem encontrar uma solução, abandona suas investigações. O problema principal de como chega o filho ao ventre da mãe deu lugar a diferentes teorias das quais a mais comum é a dos filhos serem concebidos por alimentos e assim nascidos pelo ânus, assim como as fezes pelas quais ainda não sente asco. Nesse caso, então, tanto o homem como a mulher podem ter filhos. Quando já não podem salvar mais a teoria de que todos têm pênis e devem admitir a existência de um genital diferente, perdem a calma e se desencadeia o que se chama de complexo de castração, no qual nos

¹⁹⁸ Cf. AE, IX, p. 190.

¹⁹⁹ Cf. AE, XI, p. 43.

²⁰⁰ Cf. AE, IX, p. 120.

deteremos mais adiante.

Quando a sexualidade atinge sua organização definitiva e a pulsão sexual encontra um objeto, a zona erógena que tem primazia é a dos genitais e a libido quando chega à puberdade estará a serviço da reprodução. A excitação sexual é provocada seja por estímulos nos genitais, ou surge a partir do interior do organismo²⁰², ou a partir do psíquico, provocando ereção do pênis e umectação da vagina por transferência da excitação a partir do clitóris.

A excitação sexual parecia contradizer o princípio de prazer, pois é uma tensão que paradoxalmente é prazerosa; na verdade se trata de uma excitação que pede por mais prazer. Há um prazer prévio cuja função é a de aportar a energia motora necessária para alcançar o prazer final e máximo, pois se elimina a tensão. O prazer prévio é análogo à libido infantil; o prazer final é o novo.

As patologias sexuais derivam do prazer prévio que no caso da perversão sexual adulta culminam na descarga das substâncias genésicas, enquanto que a sexualidade infantil não. No caso do adulto uma pulsão parcial impõe sua meta abandonando a da reprodução²⁰³. Na sexualidade normal o prazer das pulsões parciais reforça o ato sexual genital enquanto preparações.

Em síntese, a função libidinal não surge como algo acabado e sim vai se constituindo através da passagem por diferentes fases. Começa com um estágio na infância em que caracterizamos como auto-erotismo, por não haver escolha de objeto. É seguido por outro cujo traço principal é a integração das pulsões parciais que a serviço dos genitais se dirigem a um objeto externo. Em *Totem e tabu* (1913) admite entre ambos estádios um intermediário. Este tem características de ambos: com o último coincide na organização das pulsões em uma unidade e na

²⁰¹ Esta ordem de interesses vale, na realidade, para os homens, pois supõe que todos têm pênis como ele; por isso seu interesse primário é pela origem da vida. No caso da menina é diferente, o interesse pela diferença dos sexos é anterior. Cf. AE, XVI, p. 289 e AE, XIX, p. 271, n.8.

²⁰² Este caminho não pode ser exclusivo, pois uma doutrina que se baseie na produção de substâncias genésicas não explicaria nem a sexualidade infantil nem a feminina nem a de homens castrados. Cf. AE; VII, p. 195.

²⁰³ Cf. AE, XVI, p. 289.

presença de um objeto; com o primeiro em que esse objeto não é externo, mas que as pulsões estão dirigidas ao *ego* do indivíduo constituído até essa época. Esta fase chama-se de narcisismo²⁰⁴. As etapas da sexualidade são então: auto-erotismo, narcisismo e escolha do objeto.

A etiologia das psiconeuroses colocará a energia da pulsão sexual como a fonte energética constante e a mais importante, manifestando-se nos sintomas. Por outro lado, também é possível detectar o acionamento da repressão sexual para além do normal através de um desmedido aumento da vergonha, do asco e da moral. No entanto, não é essa sexualidade normal adulta a que atua, mas a que provém das pulsões parciais e se não se chocasse com a repressão resultaria em perversões; nesse sentido, *a neurose é o negativo da perversão*²⁰⁵.

Em *Minha tese sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1906) abandona explicitamente a equação que coloca os traumas como causa específica e ao mesmo tempo aumenta o valor das fantasias. Elas são construídas a partir de recordações infantis, porém estas são distorcidas e com esse conteúdo passam aos sintomas. Os traumas foram substituídos por um *infantilismo da sexualidade* e este, com sua anarquia de pulsões parciais, nos permite articular uma continuidade entre saúde e enfermidade, na qual a perversão e psiconeurose são os dois desvios possíveis da normalidade.

O que se modifica na equação etiológica é o fator accidental a favor de fatores constitutivos, mas eles são referidos à constituição sexual e não à disposição neuropática. A repressão é o outro elemento que entra na equação; não se trata de defesa psíquica de recordações, mas de uma repressão sexual orgânica que foi o modo como se reagiu ante a prática sexual infantil – em vista do que o neurótico, quando chega à maturidade, já traz algo de repressão sexual e a manifesta ante a tensão sexual da puberdade. Os sintomas são compromissos entre as exigências da sexualidade e os da repressão. Com a repressão nosso contínuo resulta em uma normalidade que reprime certas disposições sexuais infantis e integra as funções parciais na da reprodução, uma perversão que

²⁰⁴ Cf. AE, XIII, p. 92.

consiste na não repressão e de um aumento hiperpotente das metas de algumas das pulsões parciais e, por último, em uma neurose que é o resultado de uma elevada repressão dessas metas.

A estrutura causal nova coloca como causa eficiente da psiconeurose o conflito entre as aspirações sexuais e a repressão. Nossa equação se expressaria nos seguintes termos: se estivermos diante de uma psiconeurose de conflito então estamos necessariamente diante de um conflito entre desejos sexuais e forças da repressões.

Por outro lado, ao dizer que os sintomas são a prática sexual dos enfermos se estabelece a causa formal da patologia. É a sexualidade reprimida ou, o que é o mesmo, o metabolismo sexual perturbado que se lê na linguagem dos sintomas. Do caráter dos efeitos dessa perturbação é que agora se separam as psiconeuroses do que antes se chamou neurose simples e aqui neuroses reais. Para as segundas eles são somáticos e para a primeira são psíquicos – a psicanálise se ocupa destes. Portanto, os sintomas psiconeuróticos mantêm uma relação de causalidade formal com as chamadas fantasias históricas²⁰⁵ ou sonhos diurnos. O que causou a perturbação é a causa eficiente. Se a causa formal é a que estabelece uma ordem, aqui se estabeleceu a continuidade entre saúde e enfermidade, pois essas figurações de realizações de desejos reprimidos se estabelecem mediante processos figurativos que ocorrem em ambas. Na natureza de ambas há processos sexuais perturbados, a diferença radica na intensidade. A causa eficiente é a que provoca o movimento de uma força que é essencialmente passiva; a força da repressão é a que a obriga a tomar caminhos diferentes para alcançar a drenagem. A força ativa surge para diminuir o desprazer que a emergência de um desejo sexual infantil inconciliável com a ordem ética atual do indivíduo provoca. Em *Cinco conferências sobre a psicanálise* (1910) declara que as forças repressoras respondem às exigências éticas do *ego* do indivíduo.

O desejo sufocado permanece no inconsciente figurando outras formas para a consciência, o

²⁰⁵ FREUD, S.: AE, VII, p. 150.

²⁰⁶ Cf. AE, IX, p. 141-147.

que torna difícil reconhecê-lo sob essas máscaras, das quais uma é o sintoma²⁰⁷ e outra os conteúdos oníricos. Detenhamo-nos um momento nestes últimos. Eles são de dois tipos: manifesto e latente. O primeiro é o que lembramos deles, sempre com esse caráter de estranheza em relação à vida de vigília. Há vezes em que é totalmente absurdo, há vezes em que o é em parte, mas sempre escapando às leis lógicas de nossa realidade diurna. O segundo contém os pensamentos oníricos latentes que nos permitem compreender o conteúdo manifesto. O processo que leva a este a partir dos pensamentos latentes é o que Freud chamou de “trabalho do sonho” e é o que leva a cabo a desfiguração. Esta vai do pensamento latente aos manifesto, a interpretação dos sonhos segue a direção inversa.

O processo de desfiguração dos sintomas é análogo ao do processo onírico, pois o conteúdo manifesto dos sonhos é para os pensamentos oníricos latentes como os sintomas para as fantasias inconscientes nos histéricos. Ambas desfigurações são formas substitutivas de desejos que pela ação da resistência devem ser inconscientes²⁰⁸. A técnica psicanalítica faz com que tais desejos sejam aceitos ou sublimados ou rechaçados, porém por vias conscientes. A psicanálise através dos sintomas descobre que as fantasias histéricas inconscientes coincidem com as que os pervertidos têm conscientemente. Os ataques histéricos²⁰⁹, por exemplo, são a projeção delas sobre a motilidade como figurações mímicas. O ataque hístico, com seus movimentos pantomímicos como o conteúdo manifesto do sonho, deve ser interpretado como uma realização de desejos reprimidos. As fantasias histéricas realizam fantasias sexuais antigas que o indivíduo se representava durante a masturbação, a qual é agora reprimida; muitos daqueles movimentos são figurados na motilidade pantomímica do ataque. A masturbação utiliza a fantasia para alcançar o prazer da zona erógena. Se há amor de objeto a fantasia não é completamente satisfeita, pois o auto-erotismo não substitui o ser amado, que exige uma confrontação com o mundo. Impedido o ato masturbatório e sem sublimação, a fantasia inconsciente utiliza os sintomas para manifestar-se retornando desse modo à

²⁰⁷ Cf. AE, XI, p. 24.

²⁰⁸ Cf. AE, XI, p. 31.

satisfação sexual original. Em vista disto, os sintomas implicam que a repressão fracassou e que os elementos que caíram sob ela encontraram uma válvula de escape; o reprimido, desse modo, retornou.

Um dos processos de desfiguração é o de condensação, o qual trabalha a partir de um núcleo de elementos comuns de várias fantasias; por ele diferentes objetos se identificam e aparecem como único na figuração. Outros processos também em comum com o onírico são o deslocamento, a transformação de elementos em seu contrário e a inversão da seqüência temporal. Todas estas desfigurações são o resultado da resistência aos elementos reprimidos, que incluem tanto a investidura libidinal como a fantasia que é seu conteúdo representado. O ataque associa um elemento consciente e outro reprimido, com a finalidade primária de fugir do desprazer que a tensão sexual gerada pelas causas orgânicas provoca e com a finalidade de chamar a atenção de determinadas pessoas às quais está dirigido.

Em resumo, temos como causa eficiente a relação conflitiva entre desejos e repressão e como causa formal as realizações de desejos. Estes últimos são figurados tanto nas psiconeuroses como nos processos oníricos através dos processos mencionados próprios do inconsciente. Quando falamos da repressão, dizemos que esta força responde às exigências éticas do *ego* do indivíduo, em vista do que é lícito que nos detenhamos neste último.

Em *A perturbação psicógena da visão segundo a psicanálise* (1910) Freud recusa a idéia de uma dissociação entre processos conscientes e inconscientes, dissociação que torna impossível qualquer tipo de comunicação e, mais ainda, de síntese entre ambos. Esta postura não pode se apoiar em uma ciência dinâmica como a psicanalítica e estes processos na realidade são o resultado de forças que lutam entre si. O fato de que certas representações não podem vir a ser conscientes significa que houve um conflito entre elas e outras representações. As que se opõem às inconscientes são agrupadas sob o conceito de *ego*. Estes dois conjuntos de representações, as

²⁰⁹ Cf. AE; IX, p. 207-211.

repressoras e as reprimidas, na realidade são as expressões das pulsões egóicas e sexuais. Neste artigo é que pela primeira vez aparece a referência às pulsões egóicas. As primeiras têm por meta o prazer sexual e as segundas a autoconservação. Temos assim um *ego* que além de ser um conjunto de representações é justamente a força ativa que se opõe à força sexual; é seu impulso o que obriga esta última a retroceder e buscar outros destinos.

Os órgãos envolvidos na pulsão egóica são os mesmos que no caso das pulsões sexuais. Já vimos como cada pulsão parcial se erguia sobre uma necessidade que servia à sobrevivência. A luta consiste em que cada uma busca exercer poder sobre os órgãos; uma quer obter prazer e a outra quer que esta sirva para a autoconservação.

Provido o *ego* de força pulsional, é lícito substituir em nossa equação anterior repressão por pulsão egóica e desejos sexuais por pulsão sexual, de modo que temos o seguinte: se estivermos diante de uma psicose, estamos necessariamente diante de um conflito entre pulsão e pulsão egóica.

A causa eficiente nos revela deste modo uma concepção da patologia que resulta de uma química psíquica pulsional. Essa química produz efeitos que são suscetíveis de interpretação e não efeitos que sejam reflexos do inconsciente. A causalidade se encontra no registro da dinâmica e não da tópica. Esta consideração do *ego* o levou a acrescentar em 1920 uma nota em sua obra *Três ensaios de teoria sexual* que completava o enunciado dos sintomas ser a prática sexual dos enfermos com o seguinte:

*Os sintomas neuróticos se baseiam, por um lado, na exigência das pulsões libidinais, e por outro no veto do ego, na reação contra aqueles*²¹⁰.

A equação de um conflito pulsional não pode ser aplicada sem mais a todas as psicoses; ela só serve para a histeria, as fobias e a neurose obsessiva. Considerar psicose como a *dementia praecox* exigirá certas modificações dos componentes do conflito pulsional. Essa

²¹⁰ FREUD, S.: AE, VII, p. 149, n. 41.

realidade clínica levou Freud a considerar o narcisismo. Havíamos nos referido a ele como uma etapa no desenvolvimento sexual regular do homem. As referências ao narcisismo apareceram já no caso Schreber (1911) e em *Totem e tabu* (1912) e o termo é usado pela primeira vez na segunda edição dos *Três ensaios de teoria sexual* (1905) em nota de rodapé²¹¹ e na mesma obra aparece uma seção que data de 1915 na qual aparece mencionada a *libido egóica*. O reconhecimento desta última faz do narcisismo algo mais do que um momento no caminho para a organização definitiva. Dado que o termo *libido* expressa uma pulsão sexual, *libido egóica* significa um interesse sexual pelo *ego*. Esta libido também pode ter variações quantitativas com as quais expressa os processos da excitação sexual. Enquanto energia psíquica, também tem um caráter qualitativo que lhe permite diferenciar-se de outras pulsões psíquicas. Esta libido é facilmente perceptível quando se transformou em *libido de objeto*, isto é, quando investe representações de objetos sexuais, antes é mais difícil. A libido egóica é chamada de *libido narcisista* e a partir dela são emitidas as investidas do objeto. O reconhecimento desta nova modalidade de pulsão sexual tem profundas consequências teóricas, pois o narcisismo entra também na etiologia de algumas patologias, o que nos obrigará a fazer alguns ajustes em nossa última equação.

Cabe agora estabelecer o que é efetivamente o narcisismo. Deixando de lado o significado de perversão, se trata do complemento libidinoso do egoísmo, traço principal da pulsão de autoconservação, em vista do que haveria um narcisismo primário e normal. O narcisismo patológico é secundário e se constrói sobre o primário. As manifestações empíricas deste último se encontram não só nas crianças, mas também nos povos primitivos. Mas outra forma de chegar a ele é através da vida amorosa do indivíduo. Vimos que as pulsões sexuais se constroem sobre a base das pulsões egóicas – prova disso é o fato de que a escolha do primeiro objeto sexual recaia sobre a pessoa que o alimentava, a mãe. Quando o objeto posterior de amor é escolhido segundo o modelo da mãe, estamos diante do tipo reforço. Quando a escolha se dá segundo sua própria pessoa, o tipo

²¹¹ Cf. AE, VII, p. 132, n.

de escolha do objeto é narcisista. Todo indivíduo tem ambas possibilidades para a escolha de seu objeto. Assim, o narcisismo é uma pulsão sexual que tem por objeto a própria pessoa.

Na etapa do auto-erotismo, não há, contudo, uma unidade tal como o *ego*, o qual é um pressuposto para o narcisismo. Em sua origem, o *ego* está investido de pulsões que se satisfazem auto-eroticamente, e esse é o estado do narcisismo. O auto-erotismo do narcisismo primordial não exige o mundo externo, porque há um domínio do princípio de prazer. O mundo externo é visto como hostil, pois não pode satisfazer por si mesmo as excitações que aquele lhe apresenta; o objeto vem do mundo externo e exige a consideração do princípio de realidade.

Ao querer ampliar o campo de aplicação do expresso em nossa última fórmula à *dementia praecox* é que se viu obrigado a reconhecer esta pulsão narcisista. A falta de consideração pelo princípio de realidade é justamente o que permite articular narcisismo com este tipo de enfermidade. A diferença entre os histéricos e os neuróticos obsessivos é que neles há uma inversão da libido, isto significa que renunciam a modificar o mundo externo com a finalidade de conseguir o objeto amado, mas não renunciam ao objeto; na realidade o substituíram por um objeto imaginário. A partir de agora nos referiremos a elas como *psiconeuroses de transferência*. As patologias como a *dementia praecox* são chamadas de *psiconeuroses narcisistas* e sua característica fundamental é que nelas a relação erótica com o objeto é rompida, de modo que são incuráveis pelo tratamento psicanalítico. Estas enfermidades são análogas à indiferença, afeto que se opõe ao amor-ódio tomados como uma unidade.

Junto à *dementia praecox* encontra-se a paranóia e se refere a ambas como *parafrenias*. Entre seus sintomas destacam-se o delírio de grandeza e o estranhamento da realidade exterior. O primeiro destes se originou por trás da libido de objeto²¹², isto é, retira-se a libido do mundo externo e a retorna ao *ego*. Se quisermos manter a fórmula do conflito, este deve ficar sob esta retirada e os componentes da luta seriam as pulsões sexuais dirigidas a objeto e as pulsões sexuais dirigidas ao

ego. Nas parafrenias a libido dirige-se ao *ego* e nas neuroses de transferência aos objetos imaginados.

A estrutura definitiva da etiologia fica assim: se estivermos diante de uma psicose de transferência, então estamos necessariamente ante um conflito entre pulsões sexuais e pulsões egóicas; e se estivermos diante de uma psicose narcisista, estamos necessariamente diante de um conflito entre libido de objeto e libido egóica.

Para completar esta estrutura causal é necessário retomar o conceito de repressão. Na medida em que é um modo de defesa da pulsão, ela é considerada como um dos destinos possíveis que ela pode ter. Não é o único; a reversão no contrário, o retorno para a própria pessoa e sublimação são outros de tais destinos²¹³. A necessidade da defesa da pulsão deve-se ao conflito que ela desencadeia, pois o prazer para o qual se dirigem os desejos contradiz outras representações, provocando uma mudança de afeto: o que se sentia como prazeroso passa a ser sentido como desprazeroso e isso é o que determina a repressão²¹⁴. Seu objetivo é manter afastada da consciência a representação que desencadeia tal conflito. A mudança no contrário e o retorno para a própria pessoa são modos de defesa próprios de uma época em que ainda não estava nítida a separação entre o consciente e o inconsciente; a repressão a supõe.

Em termos gerais podemos determinar duas fases da repressão. Uma primeira na qual temos uma repressão primordial e uma segunda com uma repressão propriamente dita. A primeira consiste em impedir que se tornem conscientes certas representações de satisfação fixadas. A segunda constitui-se através de associações que partem daquelas fixações e reprime todas as representações que se associam à primordial. Por este processo de associação é que há afetos que são percebidos como incoerentes; o que ocorre é que eles se manifestam com as representações associadas, pois o

²¹² Cf. AE, XIV, p. 72

²¹³ Cf. AE, XIV, p. 122.

²¹⁴ Cf. AE, V, p. 593.

único reprimido foi a representação e não o afeto²¹⁵. Assim, a única coisa inconsciente é a representação, não o afeto²¹⁶.

Os sintomas não são criados pela repressão, mas eles são indícios do retorno do reprimido e em sua formação intervêm vários processos²¹⁷. No capítulo anterior, quando reconstruímos o segundo modelo do aparato mental, chegamos a um esquema que expressava modos de descarga. Para as patologias e os sonhos ele era: *libido-desejo-alucinação*, o que significava que estávamos diante de um modo de realizar desejos que não se dava através da ação, que seria o modo normal e da vigília de fazê-lo. Este modo alternativo de descarga se deveu ao fato de que a força da representação impedia que o montante de afeto alcançasse a consciência. Esta controla a afetividade e a motilidade e normalmente sua efetividade é mais bem alcançada com a segunda. Devido a esse controle sobre a ação as representações reprimidas através de formações intermediárias, tais como sintomas, não chegam à consciência. Então, o conflito está fundamentalmente determinado pelo fator quantitativo, isto é, pelo montante de afeto, mais que pela representação em si mesma. O conflito não surge até que a libido não tenha atingido intensidades suficientes, por mais que estejam presentes as representações. E este aspecto quantitativo é o que permite diferenciar as disposições dos seres humanos²¹⁸.

Os sintomas substituem a frustração da satisfação sexual normal, a realidade lhes nega a satisfação de seus desejos sexuais. A partir daí é que seguem os caminhos anormais, pois a satisfação normal é substituída por uma pervertida, na neurose obsessiva, por exemplo, os sintomas substituem mobilizações sexuais sádicas. Esse modo substitutivo é o que estabelece a forma da patologia.

Nas equações etiológicas às quais chegamos limitamo-nos a estabelecer a causa específica, temos que agora completar com as condições. Estas devem expressar os fatores sem os quais o

²¹⁵ Cf. AE, XIV, p. 174.

²¹⁶ Cf. AE, XIV, p. 175.

²¹⁷ Cf. AE, XIV, p. 148.

efeito não se produz, mas por si sós não geram. No caso das psiconeuroses estão contidos nos aspectos congênitos da constituição sexual e em influências do meio durante a infância. Em *A predisposição à neurose obsessiva. Contribuição ao problema da escolha da neurose* (1913) os fatores constitutivos são tratados como predisposições, mas em escritos posteriores incluirá também vivências infantis²¹⁹ e assim o consideraremos aqui.

Na estrutura causal anterior a realidade fornecia a causa específica determinante; cabe perguntarmo-nos aqui como é que ela intervém. O principal fator externo é o da frustração²²⁰, que paralisa a libido. A psiconeurose surge quando o indivíduo adulto perde um objeto real do mundo exterior que satisfazia suas necessidades amorosas. Diante da frustração da satisfação, a enfermidade só evitada se é possível encontrar outra pessoa a quem se dirija a libido ou se se sublima esta última. Na realidade, para que haja patologia é necessário que se ativem fatores que já existiam; por estes a libido é introvertida, o que supõe um estranhamento do princípio de realidade, assim a satisfação é alcançada no âmbito da fantasia com a regência total do princípio de prazer. O caminho foi regressivo e se ativaram recordações reprimidas da infância. Quando as fantasias são inconciliáveis com a vida real do indivíduo desencadeia-se uma luta entre estes desejos contidos em tais recordações e a parte do indivíduo que exige sua inserção no mundo. Surgem então os sintomas para substituir as satisfações negadas pela realidade e para evitar o desprazer do conflito. A realidade não intervém como uma causa determinante, pois nem toda frustração desencadeia patologia.

Há, todavia, outro modo de se ficar enfermo, no qual o fator principal vem do interior. O indivíduo fica enfermo quando não consegue se adaptar às exigências que lhe expõe o mundo externo devido a dificuldades interiores. É sua própria rigidez ou – o que vem a ser o mesmo – fixações de sua libido intensas demais que atuam desde antes da enfermidade. Enquanto na situação

²¹⁸ Cf. AE, XVI, p. 341.

²¹⁹ Cf. AE, XII, p. 337, n. 1.

²²⁰ Cf. AE, XII, p. 239ss.

anterior se resiste a abandonar uma forma de satisfação, nesta não pode atingir uma forma de satisfação conciliável com a realidade. Aqui a frustração vem das aspirações do *ego*.

Em ambos os casos a quantidade da libido aumentou tanto que provocou as disfunções patológicas. Essa quantidade não pode ser dominada pelo *ego*, por isso não pode mantê-la nem sublimá-la nem satisfazê-la. Em suma, a fixação da libido é o fator primário e a frustração, seja por razões externas ou internas, provoca a insatisfação da excitação sexual que agora requer outros modos de drenagem, e é por isso que desenvolve processos regressivos. A frustração atuou de modo análogo ao não acesso à motilidade no estado adormecido.

Uma fixação é a detenção do desenvolvimento das funções psíquicas em algum ponto ao qual Freud se refere como o *lugar de fixação*. E ali regressará quando a realidade se apresenta a ele como algo tão brutal que é algo do qual é necessário fugir. O lugar de fixação será seu refúgio. As predisposições à enfermidade são esta inibição do desenvolvimento. As vivências libidinais são relevantes apenas no regresso. A libido regressa porque algo atrai, de modo que a fixação é a condição necessária da regressão. O que exerce a atração é a satisfação daquela época; os modelos de satisfação estão em sua própria história e o sintoma apenas o repete.

A fixação e a regressão são os dois perigos para algo que se constitui geneticamente como é o caso da função libidinal. Uma fixação é uma inibição do desenvolvimento. Uma regressão é um retrocesso de etapas mais avançadas a outras que o são menos. Fixação e regressão não são independentes entre si, pois as dificuldades externas provocam regressão a fixações fortes, debilitando a resistência às dificuldades²²¹.

O retrocesso pode ser de duas classes: aos primeiros objetos de amor, que são incestuosos; e à organização sexual de etapas anteriores. Na neurose de transferências ambas estão presentes. Nas narcisistas predomina fortemente a segunda. Se a comparamos com a repressão, podemos dizer que também estamos diante de uma regressão, só que na tópica psíquica e sem nenhuma relação com a

sexualidade²²², embora de um ponto de vista dinâmico interesse apenas o ato psíquico retido no inconsciente. A repressão é um conceito tópico dinâmico e a regressão é um conceito descritivo. A regressão temporal da libido é independente da repressão: a primeira é mais ligada ao orgânico, a segunda ao psíquico.

Na histeria há um regresso a objetos primários, mas não a etapas de desenvolvimento anteriores. A regressão resulta da repressão, pois a resistência do subconsciente conduz a uma organização genital no inconsciente. Na neurose obsessiva há regressão a uma etapa pré-genital, a sádico anal; o amor se disfarça de ódio e há uma regressão referida ao objeto. Também aqui a regressão se vincula com a repressão. Nas neuroses narcisistas o mecanismo é o mesmo que o das neuroses de transferência, só que o ponto de fixação está em fases anteriores. Como vimos, a repressão sempre tem que estar presente nas psiconeuroses, senão estaríamos diante de uma perversão.

Temos então a frustração como fator externo, accidental, unida à fixação da libido como fator interno, predisponente, e ambas entram na estrutura causal da neurose como condições. A fixação terá ainda um papel mais determinante, pois dela se deriva a forma da patologia, pois o lugar para onde se regressa marca as características dos desejos perversos que se realizam nos sintomas. Mas não devemos perder de vista que a causa específica na etiologia é o conflito, já que também temos fixações nos pervertidos e nos normais, só que apenas nos primeiros há luta entre os desejos. Se as regressões não despertam a recusa do *ego*, não há neurose, há perversão e é o caso do esquema *libido-desejo-ação*. Dado que o *ego* controla as vias motrizes, a excitação sexual nas psiconeuroses tem que buscar satisfação sem enfrentar este controle do *ego* e para isso volta ao lugar das fixações. As representações que encontra são as do inconsciente submetidas a condensação e deslocamento. A representação que lhe opõe o *ego* é a contra-investidura. Com isto repetimos o que já havíamos estabelecido como causa específica das psiconeuroses de transferência,

²²¹ Cf. AE, XVI, p. 310.

conflito de representações. A vivência traumática da estrutura anterior volta a aparecer, mas jogando aqui um papel totalmente diferente. Não é um trauma do passado, mas do presente, a frustração, e não é a causa específica, mas uma das condições.

A realidade externa não entra em consideração quando nos referimos a modelos antigos de satisfação, já que as cenas infantis nas quais a libido está fixada nem sempre são verdadeiras e na maioria das vezes completamente falsas. Estas recordações falsas são as manifestações de uma dimensão diferente da realidade empírica, são a prova da realidade psíquica, na qual impera apenas o princípio de prazer.

*No mundo das neuroses a realidade psíquica é a decisiva*²²³.

O conteúdo destas fantasias é mais ou menos sempre o mesmo: observação de relações sexuais, especialmente dos pais, abusos sexuais por parte de adultos e a ameaça de castração. Estes fatos podem ter ocorrido, mas não tão freqüentes quanto as ocorrências da neurose, quanto efetivamente tratam-se de recordações falsas respondendo a desejos. A primeira responde à pulsão de ver. A segunda coincide com o fantasiado durante a masturbação no período auto-erótico. A terceira responde à percepção da proibição que recais sobre a satisfação auto-erótica e de saber que é possível um ser humano sem pênis. Em sua origem ontogênica elas pertencem à realidade psíquica, mas nem sempre foi assim; em algum momento elas foram fatos efetivos da realidade empírica, mas esse momento transborda a vida do indivíduo; tratam-se de raízes filogenéticas destas fantasias. A vida psíquica do indivíduo se vincula com a pré-história da humanidade: é a lei de Haeckel atuando²²⁴.

A estrutura causal tem então como causa eficiente uma pulsão que busca a descarga e outra que o impede de fazê-lo diretamente, isto é um conflito pulsional. Os nós hermenêuticos são dados pelas causas formais. O esquema ontológico que relacionava *libido-desejo-alucinação* se baseava

²²² Cf. AE, XVI, p. 312.

²²³ FREUD, S.: AE, XVI, p. 336.

²²⁴ Cf. AE, XVI, p. 338.

em uma transmissão de conteúdos. A explicação mecânica centra-se nos destinos que a tensão sexual teve que seguir diante do conflito, a interpretação centra-se no modo como trabalha o significado. O desejo se constituiu a partir de modos de satisfação prévios, o que está pressuposto no conceito de fixação; a exegese busca extrair o conteúdo ontogênico e filogenético que como realização de desejo se figura em sintomas. Interpretar é captar a causa formal da patologia. O conteúdo do desejo desencadeia o acionar de outra força, mas ele mesmo se baseia na história do que lhe deu satisfação em outro momento e dali exerce sua atração.

O método terapêutico já não pode ser o catártico, já não se busca algo no passado que dali produz o *pathos* psiconeurótico, porque não é o passado traumático que provoca a enfermidade. A interpretação freudiana não busca o momento de formação dos sintomas e sim vencer as resistências da repressão no momento presente, as quais são a mesma força que provocou a regressão da pulsão sexual. O indivíduo se refugiou no mundo de suas fixações porque a realidade se apresentou como algo desagradável. O que a psicanálise tem como tarefa é vencer a atração que exercem os lugares de fixação, tem que cancelar a repressão para que estes pontos aos quais se regressou deixem de ser inconscientes. Passou-se de uma etiologia que buscou as causas no passado a uma etiologia que se baseia em uma força atual que se enlaça com o passado, e essa diferença se revela na arte interpretativa.

3.3. Terceira etiologia

Fiebre
de pasiones maldecidas,
que uno trae desde otras vidas,
y las sufre hasta morir!
E. S. Discépolo

Na estrutura etiológica anterior o desenvolvimento da sexualidade consistiu em uma organização progressiva à qual se chegava a partir de uma anarquia de pulsões parciais. Os estados

prévios à sexualidade madura não constituíam organizações. Agora o desenvolvimento da libido se dará através de organizações sucessivas. Em *A predisposição à neurose obsessiva* (1913) aparece pela primeira vez o conceito de *organização* aplicado às fases pré-genitais. Em 1915 adicionou a *Três ensaios de teoria sexual* uma seção na qual fala explicitamente de *organizações pré-genitais*. Na obra antes citada se referia apenas à organização sádico-anal, aqui considera também a oral. Esta organização oral ou canibalesca tem como meta sexual a incorporação do objeto, o qual será modelo da *identificação*. A segunda organização pré-genital é a sádico-anal e se caracteriza pela presença do par de opostos ativo-passivo – o ativo resultará da pulsão de apoderamento e o passivo terá como órgão da meta sexual a mucosa erógena do intestino.

Em um trabalho de 1923, *A organização sexual infantil*, demonstra sua insatisfação com a tese de que o primado dos genitais só se consuma na puberdade. Apesar de não haver uma unificação das pulsões parciais sob o primado dos genitais, há de fato um interesse pelos genitais. Na realidade, trata-se mais de um primado do falo, pois só se conhecem os genitais masculinos e essa é uma das diferenças desta organização definitiva da do adulto; este primado fálico se dá para ambos os sexos²²⁵. A outra diferença, tal como reconhece em nota adicionada em 1924 a *Três ensaios de teoria sexual*, é a maturidade genésica.

Deixemos por um momento a linha evolutiva da sexualidade e consideremos agora seus vínculos com o *ego*. Na primeira das ontologias apresentadas, o *ego* atuava na defesa de idéias que podiam provocar desprazer. Na segunda, esta função inibidora passou a ser executada pelo pré-consciente. Em *A perturbação psicógena da visão segundo a psicanálise* (1910), quando se reconhece a presença das pulsões egóicas, o *ego* é visto como o conjunto de representações repressoras. Em *Formulações sobre os dois princípios da ocorrência psíquica* (1911) distingue entre *ego-prazer* e *ego-realidade*. O primeiro só deseja, sua meta é obter prazer e evitar o desprazer; o segundo implica um processo que partindo do *ego-prazer* e seguindo o ditame do princípio de

²²⁵ Cf., AE, XIX, p. 146.

realidade tem na sexualidade a consequência do abandono do auto-erotismo inicial para chegar ao amor de objeto.

Em *Introdução do narcisismo* (1914) o *ego* volta a ser o repressor na forma do respeito por si mesmo. Embora em 1921 sustentará que o *ideal do ego* é o conjunto de todas as restrições que o *ego* deve acatar, em nota trata de conciliar ambos os conceitos, dizendo que o *ideal* é a condição da repressão²²⁶. Este *ideal do ego* ou *ego ideal* se constitui no interior do *ego*; trata-se de uma formação que lhe permite avaliar seu *ego atual*. Se o amor de si mesmo se dirige a esse *ego ideal*, temos um narcisismo que se desloca do *ego real* a este novo dispositivo. Na infância se dirigia ao *ego real* e esse narcisismo infantil é deste modo recuperado. O caráter libidinoso desta formação se torna claro se temos em mente a diferença entre *sublimação* e *idealização*. A primeira é própria da libido de objeto, a segunda também envolve a egóica. Pela sublimação a pulsão procura outra meta diferente da satisfação sexual; pela idealização o objeto é realçado psiquicamente. Em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921) considera a idealização com a culpada por distorcer o juízo quando o sujeito está apaixonado. Se a escolha do objeto amado se fez com base no *ideal do ego*, amar essa pessoa é uma forma de satisfazer o narcisismo. Se se dá uma inversão proporcional entre o empobrecimento do *ego* e o aumento do valor do objeto, este último *devora* o *ego* no sentido de consumir todo o amor de si mesmo do *ego*. O objeto substitui o ideal do *ego* e os traços empíricos em que isto se manifesta são as humilhações e toda variedade de danos, em especial naqueles amores fracassados.

Vimos então que se sublima a pulsão e se idealiza o objeto. No caso da sublimação a meta da aspiração sexual está inibida, em vista do que é um destino alternativo à repressão. Idealizar o *ego* não significa, portanto, ter sublimado as pulsões sexuais. Em *O ego e o id* (1923) a sublimação, enquanto dessexualização acompanhou o caminho desde a libido de objeto até a narcisista. Pergunta-se se quicá toda sublimação é alcançada por meio do *ego*, isto é, se teria mudado a meta

²²⁶ Cf. AE, XVIII, p. 124 e n.

da satisfação sexual uma vez alcançado o narcisismo secundário. Isto está intimamente relacionado com o tema das mesclas e desmescla de pulsões que apresentamos na última das ontologias do capítulo anterior.

Da avaliação do *ego real* pelo *ego ideal* surge a consciência moral. Principiou-se com a crítica dos pais, depois vieram a dos professores até chegar à da sociedade. Todas elas são interiorizadas até formar a consciência moral, cujas atividades principais são a censura e a observação de si. A memória subjetiva e a temporalidade se constroem sobre a consciência moral, prova disso é que ambas estão ausentes nos processos primários²²⁷. Em suma, na estrutura do *ego* está o *ideal do ego*, cujas manifestações empíricas são a consciência moral e a censura onírica. Em *O ego e o id* (1923) o termo técnico *ideal* é primeiro identificado e em seguida substituído pelo *superego*.

Novas idéias a respeito do *ego* começam a prefigurar-se em *Luto e melancolia* (1915), seguindo a heurística de utilizar modelos normais para as enfermidades psíquicas. O dormir é o modelo normal para o narcisismo, o apaixonar-se enquanto amor de objeto será o modelo para a neurose de transferência e o pesar é o modelo normal para a melancolia. Embora neste trabalho se esteja ainda na estrutura causal anterior, o tratamos aqui em virtude do conceito de *identificação*. A frustração na realidade como perda de um objeto amado é a condição inicial da enfermidade. Na maioria das vezes a perda é de fato mais ideal que efetiva, distintamente do pesar. A partir do mundo externo se dá uma separação com o objeto, porém adquire nesta patologia o caráter de não saber exatamente o que se perdeu do objeto²²⁸. Desta perda resulta um narcisismo secundário no qual se identifica o *ego* com o objeto. O primeiro pode, portanto, ser tratado como se fosse um objeto e isso explica um dos sintomas que chama a atenção de Freud, o rebaixamento no sentimento de si que se manifesta em delírios de insignificância predominantemente moral. Na realidade é uma perda do *ego* por causa da identificação. Podemos dizer que melancolia foi o caminho que se abriu

²²⁷ Cf. AE, XIV, p. 93, n. 8.

para o conhecimento do *ego*.

O que possibilitou a identificação foi a escolha narcisista do objeto. No esquema da enfermidade temos a perda do objeto amado, isto é, a frustração amorosa, o que provoca uma regressão ao estado de narcisismo (não originário)²²⁹, que serviu de base para a escolha do objeto. A identificação narcisista com o objeto substitui o amor, que não é eliminado, mas muda de cenário, pois pertence agora a alguém em que não domina o princípio de realidade.

Nesta primeira aproximação a estrutura do *ego* consistiria de duas partes contrapostas. Uma delas é a instância crítica da qual já falamos, a que se separa do *ego* e muitas vezes atua com autonomia. Na melancolia a luta entre o *ego* e a pessoa amada reflete esta separação entre o *ego* crítico e o alterado pela identificação.

A identificação precedeu a escolha do objeto e segue o modelo da organização oral. Assim, o amor responde ao instinto de eliminar o objeto diferente de si, incorporando-o ou devorando-o²³⁰. Na identificação narcisista a pulsão sai do objeto, algo que não se dá na identificação histérica. Na neurose obsessiva há ambivalência afetiva e o ódio se dirige ao *ego* se houve previamente identificação narcisista. Em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921) a identificação é o primeiro vínculo amoroso com outra pessoa. A figura paterna é o primeiro modelo que o menino tem, ele que ser como seu pai. Paralelamente a esta identificação com o pai, a mãe é escolhida como seu objeto de amor segundo o tipo de escoramento. O complexo de Édipo é um resultado desta identificação e desta libido de objeto primárias. A expressão “complexo de Édipo” foi usada pela primeira vez²³¹ somente em *Sobre um tipo particular de escolha de objeto no homem* (1910), embora já figurassem seus elementos desde antes. Na realidade, incesto com a mãe e parricídio são os dois crimes de Édipo e as duas grandes proibições do totemismo, primeira instituição religiosa,

²²⁸ Cf. AE, XIV, p. 243.

²²⁹ Nas enfermidades narcisistas, como a esquizofrenia, a regressão se dá de um tipo de escolha de objeto ao narcisismo originário. Cf. AE, XIV, p. 247.

²³⁰ Cf. AE, XIV, p. 133.

²³¹ Cf. AE, XI, p. 164.

como se constata em *Totem e tabu* (1912-3). Mas para que este conceito tivesse eficácia explicativa foi necessária, em primeiro lugar, uma concepção do desenvolvimento da sexualidade como sucessão de organizações e não como organização progressiva, sendo a fase fálica a premissa necessária. Em segundo lugar, a segunda tópica forneceu a identificação como o mecanismo central na gênese do *ego*, sem o qual não se pode conceber o vínculo afetivo com os pais.

Uma vez constituído este complexo, a figura paterna, que antes era um ideal, é vista como um ser que incomoda em sua relação amorosa com a mãe. A identificação segue os impulsos da fase oral. Quando o complexo de Édipo se inverte, o objeto de amor é o pai, escolha que se realiza com base na identificação. Na escolha de objeto anterior a figura paterna simboliza o que o menino queria ser, aqui simboliza o que o menino queria ter.

Quando o complexo de Édipo é reprimido há uma regressão à identificação, para a qual há duas opções: o *ego* se identifica com o que ama ou com aquele que possui a pessoa amada. A identificação é parcial, pois não copia o conjunto total de características.

A identificação em vista da qual se substitui o objeto amado é uma introjeção do objeto no *ego*, tal como acontece na melancolia. Já analisamos a cisão que resulta de tal introjeção. Esta identificação modela o *ego*. No apaixonar-se, por exemplo, o objeto se conserva às custas do *ego*, a diferença está em que aqui o objeto substitui o *ideal do ego*; na identificação substitui o *ego*.

Com base na metáfora apresentada em terceiro lugar no capítulo anterior o desenvolvimento da libido segue as diferentes fases: a primitiva oral na qual não se pode distinguir entre amor de objeto e identificação. Mais tarde, a partir disto a libido se dirige aos objetos. O *ego*, que já começou a desenvolver-se, autoriza tais vínculos afetivos ou os reprime. Se os reprime, os introjeta. Esta identificação tem como consequência o *ego* que se modelou segundo os objetos amados e conservará essas identificações para sempre.

Superar o complexo de Édipo significa romper o vínculo erótico com a mãe e substituí-lo ou por identificação com ela ou por tornar mais forte a identificação com o pai. A bissexualidade

constitutiva joga um papel fundamental nestas alternativas. Mas ela também está presente no caso do homem, quando há uma atitude feminina para com o pai e hostil para com a mãe. Destas marcas deixadas pelas identificações surge o dispositivo do *superego*, do qual emanam a consciência de culpa e a consciência moral. A novidade teórica principal apresentada em *O ego e o id* no que se refere a esta formação e à *do ideal do ego* tratados em obras anteriores é que o *superego* substitui o complexo de Édipo, o que significa que a estrutura mesma da psique resulta de ontogênese que teve por dinâmica as identificações.

Na melancolia o rigor do *superego* explica o sadismo do indivíduo que se voltou para o *ego*, governado pela pulsão de morte. Como o objeto não é resignado na neurose obsessiva, a segurança do *ego* não corre riscos, já que o sadismo secundário se dirige ao objeto.

O *ego* deve defender-se dos influxos do mundo exterior, da libido do *id* e da severidade do *superego*, o que supõe o defender-se de três tipos de angústia. Da angústia ante o *id* foge através de recursos como o das fobias. A consideração do princípio de realidade o ajuda em seu enfrentamento com o mundo. A ameaça de castração que veio do pai e a angústia que provoca tal ameaça se correspondem com a angústia da consciência moral. A angústia patológica é a representada pela ameaça do *id*, particularmente nas psiconeuroses de transferências. Nas narcisistas há angústias como a da morte, que é, ante o *superego*, a que se modela de acordo com a angústia do nascimento e da angústia infantil quando se sente separado da mãe. Angústia de morte e a angústia da consciência moral derivam da angústia de castração.

Em *O sepultamento do complexo de Édipo* (1924) Freud intenta explicar porque ele é sufocado. Para isso há duas hipóteses: uma ontogênica e outra filogenética. A primeira se deve à própria impossibilidade interna – o menino não pode ser efetivamente o amante da mãe. A outra sustenta que ao ser determinado pela herança, em um determinado momento se deve seguir o curso evolutivo. Ambas explicações são compatíveis entre si. Como este complexo se desenvolve na fase fálica, a ameaça da castração constitui a premissa principal para seu sepultamento. O interesse

narcisista pelo membro masculino se enfrenta com o vínculo amoroso com a mãe, optando-se normalmente pelo primeiro. A patologia surge quando se faz a outra opção; mas ela é reprimida e a partir do inconsciente se busca sua drenagem.

No caso da menina, o complexo da castração cumpre o mesmo papel, mas como para ela é um fato consumado, não há angústia, em vista do que tampouco deixa suas marcas no *superego*. Pode-se dizer que na mulher a consciência moral resulta de ameaças externas, em especial a de não ser amada. Há uma inversão da ordem temporal no que se refere ao menino. Nela primeiro o complexo de castração e em seguida o de Édipo – por isso não há motivo para sepultar o segundo; no homem o motivo é a ameaça da castração.

*O nível do eticamente normal é diferente no caso da mulher*²³².

O *superego* constitui o modo no qual o mundo externo participa na gênese da psique. Como o meio entra como arquétipo, suas influências são traduzidas em uma outra realidade. Estes saldos de amor que se conservam nesta formação através de identificações parciais não conservam uma relação denotativa com as pessoas do mundo externo, mas estas é que entram nos labirintos da realidade psíquica cujas transformações tornam possível qualquer denotação; e as recordações falsas que são fabuladas não permitem sair do labirinto, os restos amorosos investidos pela energia que não vem da percepção, mas do *id*, pertencem assim a uma outra ordem. O *superego* não reflete o meio, o interpreta.

Na estrutura causal anterior, o complexo de Édipo exercia seu ponto de atração para a regressão porque havia sido reprimido e como tal permanecia no inconsciente. Com a nova estrutura da psique, o complexo de Édipo é substituído pelo *superego*; esta diferença de direção assinala a diferença com a normalidade; e como foi resultado de uma identificação, a idealização é substituída por uma sublimação, o que implica uma dessexualização, enlaçando-se desse modo com a pulsão de morte e adquirindo assim seu traço de dureza e crueldade. O complexo de Édipo, como

²³² FREUD, S.: AE, XIX, p. 276.

complexo nuclear das neuroses, não significa que este só se apresente no desenvolvimento libidinal dos psiconeuróticos, mas que é uma referência a seu destino, pois todo ser humano tem que enfrentá-lo e tentar dominá-lo²³³. Presente sempre, também a perversão é a consequência de um desenvolvimento até o complexo de Édipo, e quando este foi reprimido, reaparecem as metas sexuais mais fortes²³⁴. A diferença entre o patológico e o normal reside na repressão para o primeiro caso e destruição no segundo. Deste modo é que agora se pode dar uma justificação teórica da atração que exerce nos casos de enfermidade. Se é reprimido, permanece no inconsciente do *id* como lugar de fixação; na normalidade, é destruído dentro do *id*. O complexo é cancelado, mas se o cancelamento não se efetiva, mais tarde se sentirão seus efeitos²³⁵, pois não houve uma dessexualização completa. Em outros casos, em vez de repressão há uma regressão da libido a uma organização anterior, por exemplo, no caso da neurose obsessiva²³⁶. Este complexo de Édipo mal resolvido, seja por sua repressão, seja por degradação da libido, é a condição das psiconeuroses, e por isso um complexo nuclear.

A condição não determina a estrutura causal completa. Com a nova ontologia de uma psique dividida em três partes, o conflito continua sendo a causa específica. Em *Neurose e psicose* (1924) a etiologia se estabelece nos seguintes termos:

*A neurose de transferência corresponde ao conflito entre o ego e o id, a neurose narcisista ao conflito entre o ego e o superego, a psicose ao conflito entre o ego e o mundo exterior.*²³⁷

As equações etiológicas resultantes são: se estivermos diante de uma psiconeurose de transferência, então estamos necessariamente diante de um Complexo de Édipo reprimido que atua como predisposição e um conflito entre o *ego* e o *id*. E se estamos diante de uma psiconeurose narcisista estamos necessariamente diante de um Complexo de Édipo reprimido que atua como predisposição e um conflito entre o *ego* e o *superego*.

Por fim, resta por fazer algumas referências às neuroses traumáticas, das quais se ocupou,

²³³ Cf. AE, VII, p. 206, n. 28.

²³⁴ Cf. AE, VII, p. 148, n. 37.

²³⁵ Cf. AE, XIX, p. 185.

²³⁶ Cf. AE, XXII, p. 85.

entre outros lugares, em *Além do princípio de prazer* (1920). O estado que sobrevém depois de acidentes mecânicos, em especial choques ferroviários ou de perigos pelos quais o sujeito teve que passar em situações de guerra, é o que se conhece como neurose traumática e a guerra mostrou que se trata de um problema psíquico e não do sistema nervoso.

De acordo com a equação etiológica apresentada, as psiconeuroses têm como causa específica um conflito, o qual tem como elemento principal a sexualidade; isto não se verificou nas neuroses de guerra. Muitos críticos da psicanálise consideraram que estas refutavam a tese do conflito. Freud pretendeu demonstrar que se não a confirmavam, tampouco a refutavam²³⁷. Do mesmo modo que para aplicar a fórmula do conflito às neuroses narcisistas foi necessário incorporar o conceito de libido egóica, para aplicá-la às traumáticas de tempos de paz serão necessários novos conceitos. Eles surgem das relações entre terror, medo e libido narcisista.

Neste tipo de neurose atuam os mesmos fatores que nas outras. Elas diferem pelo lugar de fixação segundo o qual se formam os sintomas. Uma das características das neuroses traumáticas é a reprodução onírica do acidente, onde se reproduz não apenas a situação, mas também o terror que a acompanhou. O enfermo está fixado psiquicamente ao trauma.

A adaptação da tese do conflito para estas neuroses consiste em fazer dele um conflito egóico. No caso das de guerra, por exemplo, onde há uma mudança radical de situação, o *ego* se divide em um *ego* de paz e outro de guerra e ambos entram em conflito. A neurose traumática permite ao *ego* de paz proteger-se dos riscos que o obrigam a enfrentar o *ego* guerreiro. É esta atividade egóica a que busca proteção dos perigos que o levaram a contrair a enfermidade. Outro tipo de neuroses traumáticas o das que se dão em acidentes graves. Tanto nas neuroses traumáticas como nas de transferência o *ego* teme um perigo: no caso das segundas é interno, a sexualidade, naquelas é externo e os sintomas surgem para evitar as situações de perigo.

²³⁷ FREUD, S.: AE, XIX, p. 158.

²³⁸ Cf. AE, XVII, p. 206.

A sexualidade não participa na etiologia destas neuroses; trata-se da pulsão de autoconservação fortemente ameaçada. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926) ele duvida da hipótese de que uma neurose seja desencadeada somente na base de um perigo mortal, sem a participação do inconsciente; mas neste não há nada que possa dar conteúdo à morte. Nesta obra sugere uma analogia entre a angústia de castração e a de morte. O temor do *ego* é o de ser abandonado pelo *superego* protetor: Deus, destinos, etc., não importa como este se chame. Por outro lado, com o perigo que enfrentaram ingressaram grandes quantidades de excitação a partir do exterior, colocando uma situação econômica diferente da das outras psiconeuroses²³⁹.

Para finalizar, resta por relacionar as generalizações simbólicas que aqui adicionamos com a ontologia do capítulo anterior. A ficção teórica de uma psique dividida em três partes foi o resultado de uma gênese na qual o complexo de Édipo jogou um papel decisivo, pois de seu sepultamento se completou a psique com a formação do *superego*. Consideramos que tal complexo reprimido é a condição para o desencadeamento das psiconeuroses, com exceção das traumáticas. Mas se vemos o complexo de Édipo em sua relação com a psique, independentemente de seu destino na saúde ou na enfermidade, acreditamos que é lícito considerá-lo como a causa formal do anímico. Se entendermos por causa formal a estrutura inata específica das entidades das quais os efeitos se derivam²⁴⁰, o complexo em questão, junto com o de castração, são os que tornam possível o sujeito. Eles constituem o sujeito e explicam a norma. A causa eficiente que explica a disfunção é quantitativa, portanto mecânica. A libido, elemento indiscutível do complexo de Édipo, é a força das pulsões sexuais²⁴¹, é o modo no qual se exterioriza a força de Eros²⁴². Em *Três ensaios de teoria sexual*, Eros e libido coincidiam, agora se separam. Eros é um conceito dinâmico, a libido é sua tradução econômica, quantitativa e mensurável; Eros é uma força ativa não criadora, mas geradora de tensões, porque tem uma finalidade: unir; e o *id*, pelo princípio de prazer, quer descarregar esta

²³⁹ Cf. AE, XX, p. 122-123.

²⁴⁰ Cf. KUHN, T.: 1977, p. 51-61.

²⁴¹ Cf. AE, XIX, p. 215.

²⁴² Cf. AE, XXI, p. 117.

tensão buscando defender-se dela mediante a satisfação e com isso segrega o Eros; por isso em *Além do princípio de prazer*, a libido estava a serviço da pulsão de morte. Desse modo, a causa final do Eros se transforma com a libido em causa eficiente.

Eros hipostasiado como princípio que subsume a libido e enquanto princípio mítico não se reflete na clínica; nela vemos apenas a causa eficiente que passou a ser parte do protótipo.

Capítulo 4. Os valores

Quem toma a sério a coerência como único critério da verdade, deve considerar as lendas poéticas tão verdadeiras quanto um relato histórico ou as proposições de um manual de química, sendo suficiente que as lendas sejam de tal tipo, que não encerrem nenhuma contradição.

Schlick

Os valores que uma comunidade de cientistas compartilham determinam a pauta de desenvolvimento dessa ciência. Vimos que se tratam de critérios padronizados para a avaliação de uma teoria, mas estes critérios são suscetíveis de diferentes interpretações e sua aplicação depende de certas circunstâncias da prática da ciência que envolvem desde a área de conhecimento até as características pessoais daqueles que a constroem. Apesar destas diferentes aplicações, os valores em geral determinam as atitudes do grupo diante do que aceita e do que recusa. Quando a psicanálise surgiu na comunidade científica da época, despertou uma grande oposição. Determinar se se trata de uma arte ou de uma ciência não é mais do que a formulação da suspeita que apresentava para a comunidade científica.

Freud pretende mostrar que as resistências a sua obras se devem a uma afronta ao narcisismo da humanidade. E que assim como aconteceu com Darwin e com Copérnico, o mundo científico apresenta suas resistências. Ao situar a psicanálise na sequência das revoluções científicas Freud está colocando o problema da cientificidade fora do âmbito dos valores epistemológicos. A resistência às obras de Darwin, de Copérnico e à psicanálise não se devia a questões de exatidão, objetividade, simplicidade, etc.; a explicação que ele sugere provém da própria psicanálise e através desta pode colocar sua obra como continuidade daquelas outras duas afrontas que provém da própria ciência e usar isto como uma apologia da cientificidade própria da psicanálise²⁴³.

Esta afronta ao narcisismo da humanidade é apresentada em *Uma dificuldade da psicanálise* (1917) nos seguintes termos. O narcisismo universal sofre três humilhações: a primeira foi cosmológica, com Copérnico, e já antes com os pitagóricos, que prova que a morada do homem, a Terra, já não é o centro do universo nem está em repouso, mas sim se move como outros planetas e tem um posto insignificante na imensidão do cosmos. Já não tem um papel predominante no universo. A segunda foi a biológica, quando Darwin prova que a arrogância do homem frente às outras espécies é injustificada, enfatizando a animalidade deste. A terceira foi a psicológica: o

homem também não domina sua própria alma, uma parte dela escapa à vontade e ao autoconhecimento. Esta terceira é levada a cabo pela psicanálise, que prova a força dos desejos ocultos desconhecidos e indomáveis.

A partir de um ponto de vista epistemológico Freud adota as concepções da lógica da explicação científica próprias do século XIX, prova disso é o recurso às heurísticas da física e da biologia. A resistência não é a seus modelos explicativos, a resistência se dá em relação aos enigmas que tenta resolver, o quais são mais de caráter filosófico que científico. Dentre essas questões problemáticas se destaca a relação entre o neurológico e o psicológico. Em *Deve-se ensinar a psicanálise na universidade?* (1919) defende que as relações entre a vida psíquica e a somática são o fundamento dos tratamentos psíquicos²⁴⁴ e deveriam ser expostas em um curso introdutório de uma cátedra de psicanálise. Na realidade, a resistência principal se dirige ao objeto de estudo, o anímico, que até esse momento teve seu lugar na metafísica e na religião, mas como situá-lo na visão científica do mundo? As constantes analogias com as diferentes ciências e práticas consideradas científicas servem para se aproximar de uma visão científica do psíquico, mas, tal como destaca em *Novos caminhos da terapia psicanalítica* (1919), estas comparações isoladas não podem refletir natureza do psíquico²⁴⁵. A ciência que lida com ela deverá, portanto, oferecer uma interpretação adequada dos valores epistemológicos.

Dado que a psicanálise é uma disciplina médica, cada paciente pode se considerar como um enigma que solicita uma tentativa de solução e que exige uma versão especial daquelas generalizações simbólicas que serão aplicadas. Nesse sentido, a prática mesma da psicanálise tem que ser alcançada pelos valores epistemológicos da comunidade. Mas Freud sublinha em *Conselhos ao médico sobre o tratamento psicanalítico* (1912) uma diferença importante entre a técnica que serve à investigação e a que serve ao tratamento, pois

²⁴³ Cf. AE, XVII, p. 131-5

²⁴⁴ Cf. AE, XVII, p. 170.

²⁴⁵ Cf. AE, XVII, p. 156-7.

Enquanto o tratamento de um caso não estiver encerrado, não é bom elaborá-lo cientificamente: compor seu edifício, pretender deduzir sua direção, estabelecer de tempos em tempos pressupostos sobre seu estado atual, como o exigiria o interesse científico. O êxito corre perigo nos casos em que se destina de antemão ao emprego científico e se trata segundo as necessidades deste; pelo contrário, certifica-se melhor quando se procede como ao acaso, deixando-se surpreender por suas reviravoltas, abordando-os toda vez com ingenuidade e sem premissas²⁴⁶.

Considerados os pacientes a partir deste ponto, são propriamente exemplares aqueles que foram elaborados posteriormente ao tratamento com fins científicos. Mas em um sentido mais fraco, no curso do tratamento cada paciente pode ser visto como um enigma no sentido considerado. Como já vimos, para Kuhn a aplicação das generalizações não se faz através de regras, mas aprendendo a *ver* pelo próprio exercício da atividade científica em questão, isto é, resolvendo os enigmas que a realidade coloca. Uma das condições para exercer a psicanálise é a familiaridade com a técnica, mas esta não se pode aprender dos livros²⁴⁷, quer dizer, não se pode aprender através de regras de aplicação. O paradoxal é que muitas das reclamações se baseavam nesta falta de tais regras, falta que fazia da psicanálise uma arte e não uma ciência. Porém tampouco o cirurgião aprende a operar através de regras de aplicação e em vista disto temos que inferir que há outros valores em jogo.

Em *Conselhos ao médico sobre o tratamento psicanalítico* (1912) apresenta uma série de regras que extraiu da prática e em *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (1911) argumenta que a interpretação dos sonhos no tratamento psicanalítico está submetida a regras técnicas, só que estas regras não estão apresentadas em um manual, por que não há uma mecanização da técnica. A ausência de um manual de interpretação significa que Freud não publicou uma sistematização das regras interpretativas. A aplicação desta técnica repousa, desse modo, na empatia e na intuição clínica. A auto-observação, regra que sugere o próprio Freud em mais de uma ocasião é uma base pouco sólida, de um ponto de vista metodológico. De um ponto de vista kuhniano, um

²⁴⁶ FREUD, S.: AE, XII, p. 114.

método adquire sua legitimidade científica quando se pode figurá-lo em um manual, pois isto é uma prova de que pode ser formalizado, ainda que o seja ao menos em princípio. Pode ser que o manual tenha muitos defeitos, mas deve existir e talvez este reconhecimento tenha sido o que levou Freud a tentar essa sistematização na qual as técnicas interpretativas eram apresentadas mais como conselhos que propriamente como regras. O fundamento da exigência de um manual se baseia no valor da reprodução da prática científica. Este é um dos valores principais do conhecimento científico e o manual é a garantia da reprodutibilidade do método.

O fato de que a psicanálise não pode ser aprendida na universidade, mas apenas através do exercício prático, também lança um véu de suspeita sobre esta prática que parece esotérica. Mas se pensarmos um pouco, ocorre o mesmo com o cirurgião²⁴⁸ e sua atividade não está envolta em tais suspeitas.

Que Freud compartilhava os valores de sua época é claro, uma prova disto é a publicação *Jahrbuch*, que revela a pretensão da psicanálise de ser considerada como ciência, porquanto os artigos publicados deviam responder aos valores dos anuários científicos, deviam ter o estilo científico, o que inclui desde as notas de rodapé à bibliografia, feito que deu certas vantagens da escola de Zurique frente ao grupo de intelectuais de Viena que se reunia com Freud.

Ter que defender constantemente sua ciência dos embates da comunidade científica foi um fato que fez dele um grande epistemólogo. Muitas vezes se referiu a sua obra como um edifício que vai sendo construído lentamente, com progressos e retrocessos, e esta analogia com um edifício é a prova de que aceitava os valores de outras ciências. Na 35ª conferência de *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933), as referências que faz à empresa científica valem para qualquer ciência, incluída a psicanálise.

Com efeito, o caminho da ciência é lento, ensaiador, laborioso. É algo que não se pode desconhecer nem modificar... O progresso no trabalho científico se consuma

²⁴⁷ Cf. AE, XI, p. 226.

²⁴⁸ Cf. AE, XVII, p. 171.

*exatamente como em uma análise. Fornece-se ao trabalho certas expectativas, mas vê-se forçado a refreá-las. Por meio da observação se averigua algo novo, ora aqui, ora ali; os fragmentos inicialmente não concordam entre si. Elaboram-se conjecturas, criam-se construções auxiliares que se retira quando não são corroboradas; é necessária muita paciência, estar pronto para todas as possibilidades, renunciar a convencimentos prematuros, sob cuja compulsão talvez se passaria por alto de fatores inesperados e ao final todo este dispêndio recebe sua recompensa: os achados dispersos se harmonizam*²⁴⁹.

Freud tinha uma profunda consciência dos valores epistemológicos de sua época e repreendia os que o atacavam justamente por ele não assumir tais valores na hora de adotar uma atitude frente ao que aceita ou recusa. No prólogo à última obra aqui mencionada este é o espírito que predomina.

*Também nesta vez guiou-me o propósito de não sacrificar nada em benefício de uma simplicidade, uma perfeição e um acabamento aparentes; de não escamotear os problemas nem desmentir as lacunas e incertezas. Em nenhum outro âmbito do trabalho científico seria lícito ufanar-se de tais designios de sobriedade e modéstia. Em qualquer parte são considerados óbvios e o público não espera outra coisa. Nenhum leitor de uma exposição de astronomia se sentirá desiludido nem desdenhará essa ciência porque são mostrados os limites além dos quais nosso conhecimento do cosmo se perde no nebuloso. Apenas na psicologia se dá de outro modo; aqui vem à luz em toda sua dimensão a inépcia constitutiva do ser humano para a investigação científica. Parece que não se exige da psicologia progressos no saber, mas satisfações de outra índole; repreendem-na por cada problema não resolvido, por cada incerteza admitida*²⁵⁰.

A desconfiança em relação a um pensamento psicológico se deve ao tipo de enigma, que não é comum nas escolas de medicina da época e que é considerado mais apropriado a filósofos e poetas. A relação entre o corporal e o anímico é o problema que a psicanálise pretende enfrentar, dando-lhe uma base psicológica unindo suas forças à psiquiatria para torná-lo inteligível²⁵¹. O

²⁴⁹ FREUD, S.: XXII, p. 160-1.

²⁵⁰ FREUD, S.: AE, XXII, p. 6.

²⁵¹ Cf. AE, XV, p. 18.

desafio foi justamente tratar este problema com os valores epistemológicos das outras ciências.

Capítulo 5. Os exemplares

... não é a sangria que chama o poder. É o consentimento.

M. Renault

Para Kuhn, a atividade dos cientistas durante o período de ciência normal, consiste na solução de enigmas. Um exemplar, dissemos, é uma solução concreta de problemas que serve como base para a solução dos problemas restantes. Também assinalamos que deles emerge o consenso de uma comunidade científica, pois resolvendo problemas concretos baseado em soluções estabelecidas é que se adquire uma determinada forma de ver. Um modo pelo qual os membros de um grupo aprendem a ver as mesmas coisas quando se encontram diante dos mesmos estímulos reside em ver-se frente a exemplos cujos predecessores já aprenderam a ver como similares. Tais exemplos ensinam a *ver* as entidades teóricas. A importância de tais exemplares não consiste em que eles sejam utilizados para estabelecer a superioridade de uma matriz disciplinar sobre outra, pois eles são percebidos através da própria matriz. O que temos que esclarecer é qual é a lógica do que Kuhn chama de *solução de enigmas*. Com isso se refere à atividade dos cientistas, mas não se deve entender com isto nem a tentativa de refutar teorias ou matrizes disciplinares nem a tentativa de confirmá-las. Esta solução de enigmas que representa cada exemplar que introduz o autor de uma teoria é um desafio que diz o *explanans* e não o *explanandum*. O primeiro está constituído por leis explicativas e por enunciados auxiliares; o segundo é o fato que se quer explicar. Hilary Putnam²⁵² sustenta que o desafio que colocam tais enigmas é o de encontrar mais pressupostos acerca das condições iniciais e limítrofes que regem um determinado sistema. Nos exemplares a teoria não funciona como hipótese, mas sim a supõe como dada, assim como o fato que se quer explicar. O fracasso não é o de uma predição a partir de uma teoria, mas o de não poder estabelecer as condições iniciais, isto é, certos fatos que nos permitam incluir a explicação do fato particular a partir da teoria. Neste esquema lógico que propõe Putnam para enigma revela-se a adequação deste termo para este tipo de problemas:

Quando enfrentamos um problema deste tipo, buscamos algo para preencher um "orifício" – freqüentemente algo de uma classe muito pouco especificada – e id é uma

²⁵² PUTNAM, H.: 1974

*espécie de enigma*²⁵³.

O êxito que representam os exemplares é o êxito de haver encontrado os fatos a partir dos quais um outro fato é explicado pela teoria. Putnam fala de fatos empíricos e como aqui estamos lidando com a realidade psíquica, esses fatos podem ser sonhos cujo caráter empírico reside apenas no relato. O preenchimento deste orifício é o que resolve o caso.

A análise dos casos seguirá esta lógica, tratando de revelar aqueles fatos que permite solucionar o enigma que cada um deles representa. Com esta finalidade, os dividiremos em dois grupos: aqueles que pertencem à época em que aderiu à teoria do trauma; e aqueles que pertencem às etapas da segunda e da terceira etiologias.

5.1. Primeiro grupo de exemplares

O Letes, rio do torpente olvido:
Quem dele bebe, logo esquece tudo,
Tudo, té mesmo a si; nem mais lhe lembram
Dores, prazeres, alegrias, mágoas...
Por mais penas sentir, passam, repassam
Do Letes sonolento as tardas ondas,
Com ânsia ardente trabalhando os tristes
A ver se obtêm, tão perto de tocá-la,
Da tentadora veia uma só gota
Que no suave olvido lhes consuma
Todas as dores as desgraças todas,
Todas de uma só vez...

Milton

Estes exemplares são aqueles casos de solução bem sucedida para o problema de encontrar uma versão adequada à generalização que coloca como causa dos sintomas a recordação de um momento traumático. Eles são um conjunto de históricos clínicos que datam do período que vai de 1889 a 1892. Os pacientes são mulheres cujos diagnósticos são diferentes tipos de histeria. A

²⁵³ PUTNAM, H: 1974, pag. 141

fórmula etiológica que aqui se aplica é simples, como já vimos: fatos reais traumáticos nos quais a reação normal foi reprimida, dando lugar, posteriormente, a um sintoma. Em todos estes casos, distintamente dos que analisaremos depois, os sintomas são vistos como símbolos mnemônicos daquele fato desagradável. O fato traumático pode ser de diversas índoles: uma tentativa de abuso sexual por parte de algum adulto em uma época na qual o indivíduo não compreende exatamente o que ocorre; uma humilhação; o ficar na presença de objetos impressionantes, tais como cadáveres, animais assustadores, etc. O fundamental é que o fato teve que despertar uma reação tal como desejo de gritar, de chorar, de fugir, ou de devolver a afronta, e isto não foi realizado, essa reação foi reprimida. Em todos estes casos o analista sempre trata de eliminar o sintoma eliminando ou tornando indefinida a recordação que previamente traz à consciência. Emmy sofre de fobias, resultante de coisas assustadoras que viu quando era uma menina pequena. A tarefa que se propõe o terapeuta é a de fazer desvanecer essas imagens, o que é feito por meio da hipnose. O tratamento consiste justamente na eliminação dessas reminiscências patogênicas. Os sintomas são eliminados um a um, reconstruindo a cadeia associativa que os liga com o fato traumático respectivo, para em seguida tornar indefinida a própria recordação. A sugestão é seu instrumento principal na eliminação da imagem mnemônica. Assim vão se revelando camadas de recordação. Eliminado um sintoma, este é substituído por um novo, que leva a um fato anterior ao que provocava o sintoma já eliminado. *Eliminada a causa, eliminado o efeito* – essa é a fórmula terapêutica. Todos os sintomas somáticos das histéricas são símbolos mnemônicos daqueles fatos dolorosos. Cada caso deste grupo apresenta muitíssimos exemplos deste tipo. Para cada sintoma trata-se de identificar os diferentes fatos nos quais se apóia e encontra sua força. Lucy, apesar de ter o interior do nariz totalmente anestesiado e sem reflexos, sentia um intenso cheiro de farinha queimada. O fato foi associado à recordação de uma cena com as meninas que tinha sob seus cuidados em que estas lhe mostraram todo seu carinho e na qual havia efetivamente se queimado uma torta que as meninas estavam fazendo. Como o sintoma não desaparecia por completo, era de se supor que estava vinculado a algum outro fato. Mas à medida que o sintoma desapareceu, apareceu outro. A jovem sentia agora

um forte cheiro de tabaco. Mediante a sugestão, a jovem se lembra de uma cena na qual o pai das meninas repreende de maneira agressiva o contador da família por tentar beijar suas filhas. Freud já havia revelado que a jovem se sentia inclinada amorosamente pelo dono da casa, homem viúvo que lhe havia confiado a educação das meninas. Mas esta recordação, por sua vez, a levou a outra na qual o homem pelo qual conservava esperanças de um amor correspondido a repreendia duramente por haver deixado uma senhora amiga beijar suas filhas. Este fato acaba com tais esperanças, que havia começado quando este, uma vez, a tratou de forma cordial e carinhosa. Durante muito tempo esperou que esse diálogo se repetisse, mas, pelo contrário, foi repreendida por algo que ela considerava de menor importância. Essa foi a cena traumática primordial, encoberta por recordações sucessivas, gerando cada uma um sintoma também encobridor do anterior.

No grupo de exemplares que analisaremos depois, o desejo cumpre um papel fundamental. Esta fantasia de ser algo mais que a babá da família serve para compreender por que a cena na qual foi repreendida é traumática, mas o sintoma, distintamente de como será visto depois, não é um símbolo desse desejo, mas sim da cena traumática, é um símbolo da recordação dolorosa.

O caso de Catarina é considerado o mais típico destes exemplares, porque entra o elemento sexual. Há um fato traumático sexual antes da compreensão sexual; os sintomas surgem apenas quando a menina vê uma cena sexual que lhe reaviva esta recordação, só que dessa vez compreende o que se sucede. Neste segundo momento é que se geram os sintomas.

O caso de Isabel também mostra como a descoberta e a eliminação, por camadas sucessivas das recordações traumáticas, leva à supressão dos sintomas. Também aqui se chega a um desejo, mas desta vez o desejo é o próprio traumático, pois deseja o marido de sua irmã. Desejo que se opõe absolutamente a seus valores morais. Mas também aqui o desejo é visto distintamente de como o é nos casos do segundo conjunto. O desejo é uma representação intolerável da qual tem que se defender, mas no caso de Lucy não era assim. Aqui o sintoma é um símbolo da recordação do desejo traumático, nos casos posteriores o sintoma é associado ao conflito que o desejo estabelece

com a moral e não ao desejo. Dessa representação reprimida surgem outros momentos traumáticos, os quais são a repetição de acontecimentos análogos ao que provocou pela primeira vez a representação intolerável. Um momento traumático serve de modelo a outros. A análise do caso permite identificar toda a família de tais momentos.

Os casos de Rosália e de Cecília servem para mostrar como um fato reaviva a recordação de outros fatos análogos, transformando-se no símbolo mnemônico. Cada símbolo é visto como um exemplo de simbolização no sentido assinalado. A mudança de visão dos sintomas implicará uma mudança da terapia. No método interpretativo estes não serão eliminados mediante a eliminação da recordação, porque o patogênico já não são as reminiscências.

5.2. Segundo grupo de exemplares

Então Satã, que prodigiosas forças
Naquele dia em si tinha provado
Sem anjo achar que lhe impedisse o impulso,
Viu, quando sob o fogo punha em ordem
Os serafins que a guerra dispersara,
A espada de Miguel que alto brandida
Descarrega feroz, rompendo os ares,
O acicalado gume, e a cada golpe
Abola e talha batalhões inteiros;...
Combate inexprimível...
Em ações, em grandeza, em porte, em armas,
Pugnando ou quedos, pareciam Numes
Aptos a disputar dos Céus a posse.

Milton

Na anamnese de um caso podemos distinguir dois momentos. Um primeiro no qual se apresentam os dados empíricos sem se estabelecer nexos entre eles; mas só podemos falar com propriedade de que estamos diante de um caso quando o psicanalista reconstrói os nexos. Para isto teve que reconstruir algumas cenas, aquelas que não estavam presentes na consciência do paciente.

A partir delas se vão desvelando camadas mais profundas do inconsciente e se chega tão longe quanto permitiu a duração do tratamento. Os exemplares que apresentamos mostram a regressão a um ponto de fixação no desenvolvimento da libido, e esse ponto pertence à atividade sexual infantil, a qual é pervertida e por isto gera repulsa e mobiliza as forças da repressão. De acordo com o caso da patologia, esta fórmula adquirirá uma versão especial, a qual dependerá do ponto de fixação. Na progressão cronológica dos casos há um abandono substancial das vivências com valor etiológico; cada vez mais elas têm a função de causas acidentais, frustrações atuais, não do passado, que desencadeiam o que estava predisposto, isto é, a regressão a pontos de fixação. Na medida em que este ponto de fixação vai se constituindo segundo o complexo paterno, podemos falar de uma solução do enigma que apresentam as patologias através do complexo de Édipo – isto significa uma solução nos termos de um retorno a objetos libidinais da primeira infância. Vemos assim uma progressão na colocação dos casos que vai da figura paterna a um complexo paterno do qual o complexo de castração é uma parte. Esse complexo paterno é o de Édipo, o qual alcança seu status de esquema paradigmático no caso do Homem dos lobos. Os casos anteriores incluídos neste segundo grupo, são preparações para a aplicação deste esquema, pois para que este funcione é necessário conceber o desenvolvimento da libido através de organizações e de uma realidade psíquica que resulta desse desenvolvimento; tais organizações são analisadas apenas neste caso. O complexo de Édipo não se refere a um pai efetivo, mas a um esquema que determina uma cena na qual tem lugar um conjunto de representações. Resolver os casos através deste complexo paterno não significa reconhecer neste a etiologia da patologia que representam. Resolver os casos através deste complexo significa reconhecer a força da repressão que o mantém no inconsciente, ou, o que vem a ser o mesmo, trata-se de reconhecer os afetos primários que foram sufocados, mas não eliminados, e que se manifestam nos sintomas. O que vem à tona é a relação entre a frustração atual que se enlaça com uma força do passado, que gera um conflito. Cada caso é um esforço por dar conteúdo empírico a estes elementos. Se compararmos os casos que Freud apresentou quando aderiu à teoria do trauma com os casos que analisaremos adiante, revela-se que naqueles se aprende a ver

fatos do passado que provocam estados presentes, enquanto que nestes se vêem frustrações presentes que levam ao passado.

5.2.1. *Dora*

Um sítio selvagem! tão sagrado e encantado
quanto o que, alguma vez, sob a lua minguante, foi
assombrado
por uma mulher chorando o seu amante-demônio

Coleridge

Dora, enquanto exemplar, é uma tentativa de solução do problema da histeria. Como o próprio Freud reconhece, não é a solução completa.

*É evidente que um único histórico clínico, ainda que fosse completo e não deixasse espaço para dúvidas, não poderia dar resposta a todas as perguntas que coloca o problema da histeria. Não pode colocar-nos a par de todos os tipos de contração da enfermidade nem de todas as conformações da estrutura interna da neurose, nem de todas as variações de relação entre o psíquico e o somático possíveis na histeria*²⁵⁴.

O caso tampouco é um dos mais interessantes, como assinala Freud, e há registros muito mais detalhados de outros históricos de histéricos. Por que então Dora é um caso paradigmático?

*Permito-me observar, porém, que todos os conjuntos de casos de histeria com fenômenos raros e assombrosos não nos fizeram avançar grande coisa no conhecimento dessa enfermidade, que segue sendo enigmática. O que nos faz falta é justamente o esclarecimento dos casos mais habituais e freqüentes e os sintomas típicos neles*²⁵⁵.

Este esclarecimento é uma tentativa de solução do enigma que coloca a histeria, e porque Dora se encontra entre esses casos mais habituais é que estamos ante um caso paradigmático. Dora é legitimamente um exemplar da teoria psicanalítica. Sua função não é a de oferecer provas para a teoria, sua função é a de mostrar como funcionam as leis na realidade. Situar Dora como um caso

²⁵⁴ FREUD, S.: AE, VII, p. 12.

típico é oferecer por meio de uma exibição o significado de *histeria* e de todos aqueles termos que envolvem as leis que a explicam; do enigma que coloca a enfermidade e da tentativa de solução. A *mudança de afeto* é o traço padrão que a caracteriza. Conceitualmente é introduzido por sua relação com a excitação sexual, se esta provoca predominantemente ou exclusivamente desprazer há mudança de afeto e, portanto, estamos diante de uma histeria²⁵⁶. Explicar esse mecanismo constitui o enigma principal que a histeria apresenta. Quando falamos de solução não nos referimos à solução terapêutica, mas teórica, isto é, solução de enigmas. A cura de Dora interessa apenas enquanto consequência do esclarecimento do que se considera o mecanismo principal da patologia. Solução aqui significa esclarecer a mudança de afeto. Isso determinará que de todo o histórico de Dora a reconstrução interpretativa começará com uma cena específica, a qual dará ostensivamente o significado de *mudança de afeto*, e através dela se pode dizer que Dora é uma histérica típica. Essa cena será o nó a partir do qual será tecida a trama da interpretação. Nos referiremos a ela como a cena do beijo.

As generalizações simbólicas que definiram e legislaram este mecanismo deixam de ser um mero esquema; estas fórmulas adquirem conteúdo empírico através do caso. Dora nos *permite ver* sintomas como realizações de desejos reprimidos, os quais pertencem à vida psicosexual do indivíduo, como também a relação entre sintomas histéricos e sonhos e, fundamentalmente, nos *permite ver* as diferenças entre o método interpretativo e o catártico. Enquanto que no segundo se partia dos sintomas, para ir eliminando-os um a um, o método interpretativo trabalha à maneira dos arqueólogos e a partir dos fragmentos obtém a interpretação completa. Por que fragmentos? A relação entre sintomas patológicos e memória é perfeitamente mostrada através do caso. A biografia do paciente está cheia de lacunas, de dúvidas, de imprecisões, de amnésias,

*Tal estado das recordações relativas ao histórico da enfermidade é o correlato que a teoria exige, o correlato necessário dos sintomas patológicos*²⁵⁷.

²⁵⁵ FREUD, S.: AE, VII, p. 23.

²⁵⁶ Cf. AE, VII, p. 27.

²⁵⁷ FREUD, S.: AE, VII, p. 17.

O objetivo não é eliminar os sintomas, mas preencher essas lacunas da recordação, e estas se preenchem por meio de um processo construtivo.

Um dos aspectos que é de grande importância no histórico clínico de um paciente é o meio familiar. Os vínculos familiares são decisivos e somente a partir dessa inserção social do paciente que o caso presente é que o complexo de Édipo, tal como o apresentamos no capítulo das generalizações simbólicas, adquire sua significação empírica.

A anamnese de Dora é apresentada na tabela 1, que reproduz o resumo cronológico que apresenta James Strachey em sua nota introdutória²⁵⁸. O círculo familiar de Dora estava constituído por seus pais e um irmão um ano e meio mais velho. A pessoa dominante é o pai, um industrial ao qual a filha estava apegada com ternura. Desde pequena presencia as enfermidades do pai, devido às quais a família teve que se mudar. Uma vez é o pai; suas ausências continuam, pois tem que visitar suas fábricas. As simpatias de Dora se dirigem à família paterna, um tio solteirão hipocondríaco e uma tia que padecia de psiconeurose. A mãe era uma mulher de pouca cultura com quem não mantinha uma relação não muito amistosa. O irmão mais velho foi seu modelo em sua infância. K²⁵⁹ é um casal amigo; a esposa cuidou do pai doente e Dora cuidava dos filhinhos do casal. Um dia, quando tinha 18 anos, os pais encontraram uma carta de despedida na qual manifestava que não podia mais suportar a vida. A partir deste fato o pai determinou que Dora começaria o tratamento com Freud. O diagnóstico era histeria, com seus mais típicos sintomas somáticos e psíquicos:

*Fadiga, tosse nervosa, afonia, talvez também enxaquecas; além disso desgosto, insociabilidade histérica e um taedium vitae provavelmente não levado a sério*²⁶⁰.

Até aqui, como se pode notar, a anamnese está constituída por um conjunto de fatos empíricos, aparentemente sem conexão entre si. Agora começa a reconstrução do psicanalista, cuja finalidade é a reconstrução da gênese dos sintomas histéricos, que significa estabelecer o modo

²⁵⁸ Cf. AE, VII, p. 6.

²⁵⁹ K representa o nome o casal amigo. Freud utiliza este recurso para preservar a identidade do paciente.

como estes foram determinados. Todos os fatos que figuram na anamnese são importantes, mas haverá alguns que serão chaves na constituição do estado patológico. Destes últimos se derivarão as implicações que tecerão a construção do caso. Um de tais fatos será a cena do beijo. Quando tinha 14 anos, em uma ocasião em que se encontra a sós com o Sr. K, ocasião aparentemente planejada por ele, foi beijada por este. De tal situação ela fugiu animada por um sentimento de profundo asco. Deste fato guardou segredo e ainda que evitasse encontrar-se a sós com ele, não se modificou substancialmente o tratamento que antes mantinham.

Freud constrói a ontogênese do estado patológico histérico a partir desta cena porque, dentre outras coisas, ela lhe serve para compreender a origem da formação de alguns sintomas. Por que esta cena e não outra? É importante destacar que neste caso, entretanto, Freud está sob certas influências de construção de casos anteriores da época em que aderiu à teoria do trauma. Essa influência se nota no fato de buscar uma vivência com força traumática. A determinação de sintomas por vivências mostra que ainda não estão de todo rompidos os vínculos com soluções anteriores; há partes deste caso que se resolvem seguindo o modelo de solução que apresentaram exemplares anteriores. Mas também cabe assinalar que aquela teoria é explicitamente considerada incompleta e de reconhece a necessidade de ir além desta²⁶¹. A vivência que se considerará traumática é utilizada apenas para explicar a origem de certos sintomas, pois ela reúne os requisitos que devem ser verificados para explicar e determinar a especificidade destes. A solução do caso virá de fato da realidade psíquica e dos desejos que esta contém e não da realidade empírica. Esta é a diferença fundamental em relação aos exemplares da teoria do trauma.

De modo algum o caso pretende generalizar a determinação específica dos sintomas; o que o exemplar pretende ensinar a ver é a intencionalidade psíquica do sintoma, isto é, o sentido deste. E para ter sentido este tem que estar determinado, não pode ser arbitrário. A anamnese de Dora revela um grupo deles que se manifestam na infância, entre os 7 e os 12 anos. A cena do beijo se dá

²⁶⁰ FREUD, S.: AE, VII, p. 22.

quando a paciente estava com 14 anos e, em consequência, não serve para determinar aqueles sintomas. No entanto, há três que foram revelados pela paciente no curso do tratamento que podem efetivamente ser determinadas por aquelas vivências. Os sintomas em questão são: certa repugnância pelos alimentos, a sensação de pressão na parte superior do corpo e o medo dos homens quando estão mantendo um diálogo amoroso com alguma mulher.

Para estabelecer os nexos entre os sintomas e a vivência Freud reconstrói a cena. O asco provém da sensação provocada pelo beijo, mas Dora não devia sentir apenas os lábios do Sr. K, mas também seu membro ereto em seu clitóris. Esta percepção foi reprimida e substituída pela alucinação da persistência da pressão do abraço em seu tórax. O deslocamento é um dos processos próprios e atua tanto na figuração dos sonhos como na dos sintomas. A sensação se deslocou da parte inferior à superior do corpo. A fobia em relação aos homens que supõe sexualmente excitados provém da recordação sem lesões nem perdas e está destinada a protegê-la de um reavivar da excitação da zona erógena reprimida. Esta reconstrução tem o caráter de hipotética e para que adquira um alto grau de verificação Freud recorre à seguinte estratégia: pergunta a Dora se sabe o que sucede no corpo de um homem quando este está excitado. Tal conhecimento é o nexo entre a fobia e a cena do beijo. Antes um homem em relação amorosa com uma mulher ela o supõe tão excitado sexualmente quanto o estava o Sr. K naquele momento e, portanto, também com o membro ereto. Feito que se nega a recordar. Ante a pergunta estratégica ela responde que agora sim, embora creia que aos 14 anos não o sabia. Não conseguia recordar como é que veio a sabê-lo. Repressão singular sobre tal fonte. Durante algum tempo Freud pensou que a fonte da informação era uma governanta de opiniões liberais que lia sobre a vida sexual e comentava com Dora tais leituras. Esta mulher foi a primeira a levantar suspeitas sobre as relações do pai de Dora e a senhora K²⁶². Mas a partir da análise de um sonho se deduzem outros dados. Neste Dora se representa em um bosque denso e no fundo da imagem se vêem *ninfas*. Para Freud não há dúvidas de que se trata de uma

²⁶¹ Cf. AE, VII, p. 25 e n. 14.

²⁶² Cf. AE, VII, p. 33.

espécie de *geografia sexual, simbólica*²⁶³. Acontece que somente os médicos chamam de *ninfas* os lábios menores situados ao fundo do véu pubiano. Este uso de nomes técnicos revela a leitura de livros de anatomia ou enciclopédias. Uma prova destas leituras é obtida a partir do fato da suposta apendicite de Dora, doença que agora ampliará a lista das produções históricas. A doença começou com febre e uma dor no baixo ventre, tal como havia lido na enciclopédia. Da doença ficou como seqüela arrastar o pé direito. Os médicos consultados se espantaram com esta seqüela. A doença era o resultado do que havia lido na enciclopédia, era um castigo por esta leitura – só que tal castigo era por outro artigo, não tão inocente, de que ela não se lembrava²⁶⁴. Através da análise de um segundo sonho se revela outra fonte do conhecimento sexual. O curioso é que Dora não podia se lembrar da fonte de todo esse conhecimento perturbador. Tal fonte é a senhora K²⁶⁵.

Continuamos agora a rede a partir da Sra. K. Para introduzir esta personagem nos remetemos à cena do lago. A família de Dora e o casal K foram passar o verão em um lago alpino. O projeto original era que Dora passaria várias semanas com o casal, mas que o pai regressaria antes. Mas quando o pai estava se preparando para regressar Dora decidiu que o faria junto com ele. Logo explicou ela a sua mãe que sua conduta se devia ao fato de que o Sr. K, em um passeio pelo lago, lhe havia feito uma proposta amorosa. Este negou a acusação de Dora ante a reclamação do pai e em sua defesa alegou que Dora havia imaginado toda a cena, excitada talvez pelas leituras referentes ao sexo, tal como o sabia pela Sra. K²⁶⁶. Para Dora não havia dúvidas sobre a relação amorosa entre seu pai e a Sra. K. E essa era a causa pela qual se ignorara a acusação dela.

Durante o tratamento com Freud várias repreensões eram constantemente dirigidas a seu pai. A repetição incessante de pensamentos sobre essa relação foi amplamente aproveitada no tratamento. O característico de tais pensamentos não está no conteúdo, mas no fato de que não podem ser eliminados – daí seu nome, *hiperintenso* ou *reforçado*. As repreensões revelam auto-

²⁶³ AE, VII, p 88.

²⁶⁴ Cf. AE, VII p. 99.

²⁶⁵ Cf. AE, VII, p. 105n.

repreensões de igual conteúdo. Repreensões ao pai: ele não queria saber sobre a conduta do Sr. K para com ela, pois não queria que isto afetasse sua relação com a Sra. K. Auto-repreensão: ela era cúmplice da relação destes últimos.

Não se pode resolver o *itinerário hiperintenso* por um trabalho conceitual, pois sua origem está no inconsciente. E o pensamento inconsciente é sempre o oposto, e isto se deve à repressão. A reconstrução permitirá ir descobrindo camadas de repressões mais profundas no inconsciente. Assim se desvelarão o amor ao Sr. K, o amor ao pai e o amor à Sra. K.

O Sr. K estava muito ligado a seus filhos, dos quais Dora se ocupava com muito carinho. Durante o tratamento tornou-se muito difícil não saber que estava apaixonada pelo Sr. K, ainda que reconhecesse que teve esses afetos apenas em B, mas que na cena do lago já não os teve. Retomando as repreensões que marcaram o itinerário de pensamentos hiperintenso se chega à auto-repreensão, segundo a qual ela era cúmplice, porque isso era o mais cômodo para sua própria paixão²⁶⁷.

As muitas doenças do pai fizeram com que se apegasse a este com grande ternura. Ele, por sua vez, admirador de sua precoce inteligência, a tornou sua confidente e só admitia os cuidados que ela lhe oferecia. A Sra. K veio suplantá-la e não a sua mãe. No tempo em que era amiga de sua rival, não exteriorizava os sentimentos de amor em relação a seu pai e até chegou a favorecer a relação entre eles, tal como o revelam as auto-repreensões. Este antigo amor se renova posteriormente,

*manifestamente como sintoma reativo, para sufocar alguma outra coisa que, portanto, era, todavia, mais poderosa no inconsciente. Tal como se apresentava a situação, não pude senão pensar, em primeiro lugar, que o sufocado era o amor pelo Sr. K. tive que supor que a paixão dela perdurava (...) e que a moça havia retomado e reforçado sua antiga inclinação pelo pai a fim de não ter que notar nada em sua consciência desse primeiro amor adolescente que havia se tornado penoso*²⁶⁸.

²⁶⁶ Cf. AE, VII, p. 24.

²⁶⁷ Cf. AE, VII, p. 34.

²⁶⁸ AE, VII, p. 33.

Temos assim uma frustração, o amor ao Sr. K, e uma regressão a um antigo amor, seu pai. Mas há ainda um outro objeto de amor que se esconde por trás das reiteradas repreensões: este era a própria Sra. K. As repreensões também estavam destinadas a sufocar não apenas o amor pelo Sr. K, mas também pela Sra. K. Aquela terna confiança havia sido traída pela Sra. K quando esta revelou ao marido sobre a leitura daqueles livros. A Sra. K não a amava, mas sim a seu pai, e não queria que esta relação fosse ameaçada. A repreensão ao pai, de que a havia preterido em nome da Sra. K, era menos intensa que a repreensão à Sra. K, que a sacrificava por seu pai. O amor pela Sra. K era inconsciente, por isso não podia se lembrar da fonte de seu conhecimento proibido, a mesma que a acusou por sua curiosidade em relação a tais temas²⁶⁹.

A homossexualidade, enquanto perversão, é vista como um germen presente na disposição sexual indiferenciada do menino. Na realidade, não se torna pervertido, mas sim se permanece pervertido. É o que Freud chamou de *fixação* ou *inibição do desenvolvimento*. Dora se revela como um exemplar do negativo das perversões, as quais se encontram nas fantasias inconscientes. A fixação está intimamente associada ao conceito de *regressão*. Este último é um dos que Freud introduziu para explicar as psiconeuroses; a regressão temporal tem uma estreita vinculação com o material clínico. A regressão tópica que nos conduzia até o inconsciente é uma formulação completamente teórica, seus conteúdos empíricos estão dados pela regressão formal e especialmente pela temporal. A regressão formal se refere à volta aos modos de figurar primitivos. Por esta volta se explicam as formas que adquirem os desejos inconscientes no conteúdo onírico manifesto. A regressão temporal se refere à volta aos momentos do passado do indivíduo em que este ficou fixado. É justamente com o esclarecimento deste caso que o conceito de fixação alcança seu significado psicanalítico. Dora é um exemplo de fixação em um objeto de amor antigo²⁷⁰, seu pai é o objeto ao qual a pulsão ficou fixada. Mas também há fixação da pulsão a certos pontos do desenvolvimento.

²⁶⁹ Cf. AE, VII, p. 56.

²⁷⁰ Cf. AE, VII, p. 51.

Vejamos como a representação de uma fantasia sexual pervertida e a inibição do desenvolvimento jogam um papel central na determinação de um dos sintomas de Dora. Uma tosse contínua se apresentava cada vez que falava de seu pai. Se essa tosse nervosa é um sintoma histérico, ela tem que configurar a realização de um desejo sexual. Uma das repreensões que Dora dirigia à Sra. K. era que na verdade ela não amava a seu pai, mas só se sentia atraída por este ser um homem de recursos. Freud descobriu que a repreensão disfarçava a convicção contrária, isto é, que seu pai não era um homem de recursos – desta vez *recursos* não fazia referência a dinheiro, mas às potencialidades sexuais. Mas admitida a segunda crença, parecia um paradoxo a repreensão dirigida à Sra. K. Mas não foi assim que pensou Dora, pois há outras maneiras de satisfação sexual, aludindo assim ao uso de outros órgãos além dos genitais para as relações sexuais. Concretamente ela pensava na boca. É altamente provável que uma fantasia inconsciente deste tipo estava se manifestando através da tosse. Uma fixação na satisfação da pulsão oral é muito possível, já que a menina Dora era uma *chupadora*.

*Creio que ninguém porá em dúvida, que a mucosa dos lábios e da boca pode ser considerada uma zona erógena primária, pois uma parte dessa satisfação se conservou no beijo, que é tido por normal. A intensa ativação dessa zona erógena em uma tenra idade é, portanto, a condição para a posterior solicitação somática de parte da porção de mucosa que começa nos lábios. Se depois, em uma época em que o genuíno objeto sexual o membro masculino, é conhecido, se apresentam então circunstâncias que fazem aumentar de novo a excitação da zona da boca, que conservou seu caráter erógeno; não faz falta um grande dispêndio de força criadora para substituir, na situação de satisfação, o mamilo originário e o dedo, que foi seu vicário, pelo objeto sexual real, o pênis. Assim, essa fantasia pervertida da sucção do pênis, chocante sob qualquer ponto de vista, tem a origem mais inocente...*²⁷¹.

Na determinação deste sintoma é que a nova teoria da sexualidade e o cenário da realidade psíquica têm sua aplicação mais eficaz. A fantasia que se realizava na tosse nervosa lhe permitia

²⁷¹ FREUD, S.: AE, VII, p. 46-47.

identificar-se com a Sra. K. O que vêm à tona são os vínculos amorosos que tinha com o pai. A paixão que havia sentido por ele tinha se renovado e funcionava como um refúgio que procurava na sua fuga do amor que sentia pelo Sr. K. Mas há outra via interpretativa que nos conduz ao mesmo amor originário: a tosse é também uma imitação do pai, que tinha uma patologia pulmonar. Neste caso se pode afirmar que a identificação substituiu a escolha do objeto²⁷². Outra via leva Freud a ver o sintoma, especificamente no aparecimento e desaparecimento deste, as chegadas e partidas do Sr. K. Desse modo ela representa o desejo de ser a melhor esposa para o homem amado, pois só adoece quando ele parte. O sintoma tem assim vários significados e põe em jogo várias identificações. Mas o que é indubitável é que não pode ser esclarecido se não é reconduzido ao passado.

O passado esclarecedor não é aquele ao qual se chega por meio das recordações, já que muitos deles estão sob repressão e tampouco se buscam vivências efetivas. O passado se reconstrói através do método interpretativo que percorre na direção contrária o caminho que realizou o trabalho do inconsciente. No caso de Dora se tratou de um sonho que se repetiu três noites sucessivas e depois não ocorreu mais. Portanto, tratou-se da representação da realização de um desejo que efetivamente foi logo realizado, em vista do que não precisou mais ser efetivado em sonhos²⁷³. Por outro lado, como assinala em *A interpretação dos sonhos*, os sonhos recorrentes que se sonham pela primeira vez na infância se repetem periodicamente na vida adulta²⁷⁴. O sonho conduziu a infância da jovem e se revelou uma lembrança reprimida, a de ter urinado na cama.

Segundo Freud a enurese tem como causa altamente provável a masturbação. Este material infantil parecia não ter relação com os sentimentos amorosos que sentia pelo Sr. K. A sequência de pensamentos que conecta os fatos é a seguinte: sua angústia ante o assédio a leva a fugir com seu pai, que é o que representa o sonho, um pai protetor. Substitui o Sr. K pelo pai. Mas esta substituição traz a lembrança de outro fato reprimido, sua masturbação infantil. A repressão que

²⁷² Cf. AE, XVIII, p. 100.

²⁷³ Cf. AE, 7, p. 57-60 e AE, XV, p. 203.

²⁷⁴ Cf. AE, IV, p. 205.

recai nos sentimentos amorosos que sente pelo Sr. K se enlaça com a repressão infantil que recai sobre o prematuro gozo sexual; ambos desejos são sufocados. A esta conclusão não se chegou através das recordações²⁷⁵, pois as relativas à tenra infância já estavam sob repressão. O sonho colocou o material infantil e as lacunas foram preenchidas através do método interpretativo, que completa reunindo fragmento por fragmento até que vem à tona o conflito psíquico entre o reprimido e o repressor. A pré-história de Dora com seu prematuro gozo sexual pode

*ser o fundamento de dois tipos de conduta em relação à declaração de amor na idade adulta ou à plena entrega à sexualidade, sem resistência alguma e beirando a perversão, ou, por reação, sua desautorização e a contração de uma neurose. A constituição de nossa paciente e o nível de sua educação intelectual e moral haviam dado o impulso para esta última*²⁷⁶.

O caso ilustra, desse modo, os compromissos entre as duas correntes anímicas em luta ou, o que é o mesmo, ilustra a etiologia psicosssexual da histeria. A mudança de afeto se explica então pela luta entre a sexualidade pervertida e uma força repressora. O gozo sexual da infância é inibido e o prazer que provocava se converte em desprazer.

5.2.2. Joãozinho

Na verdade vos digo, a menos que se portem e se tornem como crianças, jamais entrarão no reino dos céus.

Mateus 18.3

Joãozinho é um exemplar das teses fundamentais que foram expostas em *Três ensaios de teoria sexual* (1905). Como se trata de um caso de fobia, será uma tentativa de solução do enigma próprio desta patologia. Mas o valor deste exemplar radica em funcionar como uma definição ostensiva de *sexualidade infantil* em seu estado bruto, sem os trabalhos que faz o psicanalista.

²⁷⁵ Cf. AE, IV, p. 205.

²⁷⁶ FREUD, S.: AE, VII, p. 77.

*O valor particular desta observação reside no seguinte: o médico que trata psicanaliticamente um neurótico chega, no fim, em virtude de seu trabalho de descobrir camada a camada algumas formações psíquicas, a certos pressupostos acerca da sexualidade infantil, em cujos componentes crê haver encontrado as forças pulsionais de todos os sintomas neuróticos da vida posterior*²⁷⁷.

Distintamente do caso de Dora, aqui o tratamento não foi levado a cabo por Freud, mas pelo pai do menino. O sintoma principal que apresenta Joãozinho consiste em um intenso medo de que o cavalo o morda, o que provoca uma grande perturbação ao andar pela rua e desgosto ao entardecer. O medo se faz extensivo a todos os animais grandes e às carruagens. Assim como no caso Dora, o histórico é o apresentado por James Strachey em sua nota introdutória ao texto de Freud²⁷⁸.

As primeiras notícias paternas datam de quanto João não tinha completado ainda três anos. Naquela época o pequeno se interessava vivamente pelo que ele chamava de *fazedor de pipi* (Wiwi-macher). Também gostava de tocar seu pênis e com a idade de três anos e meio a mãe o encontra em meio a este ato e o ameaça dizendo que seu *fazedor de pipi* será cortado se ele continuar a fazer isto.

O espírito investigador de Joãozinho é guiado por seu *fazedor de pipi*, que começa a ser aplicado a objetos externos a ele, tais como animais, a máquina que joga água, etc. e até é usado como critério de demarcação entre o que é um ser vivo e um ser não vivo, pois observou que a mesa e a poltrona não têm um *fazedor de pipi*. Também tenta aplicar o conceito a seus pais – e cabe colocar ênfase em sua expectativa de que sua mãe teria um *fazedor de pipi* grande como o de um cavalo²⁷⁹.

Quando tem três anos e meio nasce sua irmã Ana. Os fatos associados ao nascimento são o gemer da parturiente, que ele entende como uma tosse; as vasilhas cheias de sangue quando entra no quarto da mãe, o que o leva a comentar que de seu *fazedor de pipi* não sai sangue; e os zelos

²⁷⁷ FREUD, S.: AE, X, p. 7.

²⁷⁸ Cf. AE, X, p. 4-5.

²⁷⁹ Cf. AE, X, p. 10.

dispensados a sua irmãzinha.

Sua irmã também será objeto de investigação e ele se ocupará do *fazedor de pipi* dela e aos quatro anos e meio admite a diferença entre o genital masculino e o feminino.

Quando tem 4 anos e $\frac{3}{4}$, enquanto ia ao parque junto à babá, como costumava fazer, começa a chorar e pede que o levem de volta para onde está sua mãe. Uma vez de volta, se nega a dar explicações. Ao anoitecer se angustia e não quer se separar de sua mãe. O mesmo se repete quando, no dia seguinte, sai com sua mãe. Mas esta vez explica que sentiu medo de que um cavalo o mordesse. Assim começa a angústia e a fobia. A fobia também é chamada de *histeria de angústia*. A diferença em relação à histeria reside em0 que na fobia a libido é liberada como angústia, enquanto que na histeria sai do anímico como inversão corporal. A fobia é um mecanismo que permite fugir da angústia, mas que não consegue converter a angústia em libido, em vista do que só lhe resta controlar a angústia mediante inibições ou proibições, as quais operam como construções protetoras e constituem a essência das fobias. A reconstrução analítica dos passeios coloca o enigma do mecanismo da fobia. Embora haja uma correspondência entre angústia e melancolia, elas não são a mesma coisa. A angústia supõe a ação da repressão e não é eliminada com a satisfação da melancolia, isto é, o objeto desejado não cancela a melancolia e isso faz com que se trate de uma angústia patológica. No segundo passeio há uma angústia deste tipo, já que a presença do objeto desejado, a mãe, não elimina a melancolia. Mas, além disso, exterioriza-se o medo dos cavalos. O enigma que coloca o caso é: por que medo dos cavalos?

Do mesmo modo como o fizemos no caso Dora, identificaremos aqui o fato a partir do qual Freud estrutura todo o caso. A ocasião atual que desencadeou a fobia será o elemento a partir do qual se tecerá a rede. Tal ocasião se deu quando, durante um passeio com sua mãe, viu um cavalo cair de uma carruagem. Quando isto se deu ele se assustou muito. E associou o fato do cavalo que cai e o morde. Este segundo está relacionado a um fato anterior quando um pai disse a sua filha:

*“Não passe a mão no cavalo branco, senão ele te morderá”*²⁸⁰.

A partir deste dois fatos, cavalo que cai e cavalo que morde, se reconstroem cadeias de associações que culminarão com o significado de ambos. Tais associações foram emergindo no diálogo com o pai, às vezes antecipada pelo pai-terapeuta, apresentada ao menino como uma reconstrução dos fatos.

A primeira cadeia de associações parte de certos traços dos cavalos ante os quais o pequeno manifestava angústia, tal como o preto na boca e o que levam ante os olhos. Estes traços permitem a Freud compreender a identificação do cavalo com o pai, o preto com o bigode, e o que tem diante dos olhos com os óculos. O medo do cavalo era o medo de seu pai por ele ter tanto carinho por sua mãe²⁸¹. Há assim uma hostilidade em relação ao pai. Devido à profissão do pai, que deve ter partido várias vezes em viagem, ele ficou só com sua mãe e nessas oportunidades deve ter sentido que ele era o pai²⁸². Nestes momentos distintos do diálogo consegue expressar a identificação de seu pai com o cavalo que cai, com o cavalo que parte²⁸³, com o cavalo que morde²⁸⁴. O desejo da ausência do pai – *Oxalá partisse para sempre!* –, unido a uma experiência de morte, revelam a identificação do pai que morre com o cavalo que cai. Esta hostilidade para com o pai, expressada nestas identificações, pôde manifestar-se apenas quando Joãozinho teve certeza de que o pai não tinha raiva dele pelo que sentia por sua mãe.

A partir do fato do cavalo que cai, recorreremos a outra cadeia de associações. O que mais o assustou deste acontecimento foi o “barulho” que o cavalo fez com as patas²⁸⁵. O ruído de quando as fezes caem no vaso é associado ao barulho das patas do cavalo quando cai. Esta associação permitirá identificar três medos: do defecar, das carruagens com carga pesada e de um ventre muito

²⁸⁰ AE, X, p. 26.

²⁸¹ Cf. AE, X, p. 36.

²⁸² Cf. AE, X, p. 75.

²⁸³ Cf. AE, X, p. 44, 75.

²⁸⁴ Cf. AE, X, p. 91.

²⁸⁵ Cf. AE, X, p. 43.

cheio²⁸⁶. *Lumpf* indica no vocabulário do menino as fezes. As mesmas são também associadas com filhos²⁸⁷. A própria Ana é um *Lumpf*.

O seio materno é associado a uma cesta²⁸⁸ que leva os filhos dentro do mesmo modo que uma carruagem com carga. Como as diligências levam equipamento no teto, a mãe esteve carregada quando estava grávida de Ana²⁸⁹. Assim se revela a nós o outro significado do cavalo que cai: o da mãe no parto²⁹⁰.

Joãozinho nos permite ver e reconhecer o que se entende por sexualidade infantil perversa. A angústia está relacionada com a repressão destes gozos infantis. Analisaremos quatro prazeres que experimentava o menino e que logo foram invertidos. O primeiro que consideraremos será o da masturbação. O abandono²⁹¹ do hábito masturbatório será o principal elemento constitutivo da patogênese dos sintomas apresentados. No mesmo dia do referido passeio com a mãe Joãozinho confessa que todas as noites passa a mão pelo *fazedor de pipi* e ele é advertido para que não o faça mais. Assim, o menino se encontra lutando para eliminar este hábito. Mais adiante mostra o discernimento claro entre intenção e ação e que ele se encontra lutando contra esta última²⁹². Temos assim um primeiro momento em que se tocar nos genitais é uma fonte de prazer e um momento posterior em que encontramos o menino acusando-se por fazê-lo e lutando contra isso. O que houve no meio foi uma ameaça de castração. Na idade de três anos e meio, quando sua mãe o encontra se tocando no pênis, o ameaça com o corte do membro²⁹³. Um tempo depois, procurando um efeito terapêutico, o pai lhe comunica que as mulheres não possuem *fazedor de pipi*, mas ele não aceita isto. A causa desta recusa pode estar no fato de que se há seres vivos que não têm *fazedor*

²⁸⁶ Cf. AE, X, p. 55.

²⁸⁷ Cf. AE, X, p. 58, n.35, p. 79-81.

²⁸⁸ Cf. AE, X, p. 59.

²⁸⁹ Cf. AE, X, p. 76.

²⁹⁰ Cf. AE, X, p. 104.

²⁹¹ Pai e filho consideram que a masturbação é a causa da enfermidade. Cf. AE, X, p. 27. Todavia, Freud sustenta que o medo não pode derivar da satisfação, mas sim da repressão do hábito. Cf. *Idem* p. 25. Cf. também nota 8, p. 27.

²⁹² Cf. AE, X, p. 28.

²⁹³ Cf. AE, X, p. 9.

de pipi, seria bem possível que se pudesse perdê-lo. Esta possibilidade é reforçada com a ameaça que lhe fizera sua mãe anos atrás. A masturbação não é, então, a causa da angústia, já que uma satisfação nunca pode sê-lo. É a luta por não fazê-lo o que a provoca.

O outro prazer está vinculado ao anterior e é o prazer de ver em suas formas tanto de exibicionismo como de voyeurismo. Como no caso da masturbação, há um momento em que lhe é prazeroso observar as meninas e ser observado quando urina. Mas há um momento posterior em que isso não é mais de seu agrado e sente vergonha quando urina na presença de alguém²⁹⁴.

Um terceiro prazer não conectado com a zona genital é o do prazer excrementício. O urinar e o defecar foi para ele uma importante fonte de prazer em sua infância. Isto é revelado pela fantasia de ir com seus filhos ao inodoro, fazer *Lumpf* e pipi e fazer com que eles façam o mesmo²⁹⁵. Mas, assim como nos casos anteriores, esse prazer se transforma em asco pelas fezes e a urina e tudo que os recorde²⁹⁶. A fantasia referida surge como uma restauração de um prazer perdido quando a fobia já está sendo superada.

O quarto prazer é o mais novo e o mais determinante: o de dormir ao lado da mãe. Este desejo nasce da época estival, com as ausências reiteradas do pai²⁹⁷. Este prazer desemboca na hostilidade que sente em relação ao pai, mas por esse mesmo pai sente também uma grande ternura. Uma noite surpreende a seus pais ao levantar-se no escuro e se meter na cama deles. Ele sentiu à noite tristeza de sua mãe e por isso veio ao quarto. A hostilidade em relação ao pai, que encobre o desejo de dormir com a mãe, entra em contradição com o amor que sente por ele. O temor de que o pai se separe dele e a ternura exagerada por meio da reação invertem o sentimento negativo em relação ao pai²⁹⁸. Há uma angústia *diante* do pai e outra *pelo* pai. Ambas derivam do sentimento de ambivalência: a primeira é uma consequência da hostilidade, a segunda do conflito entre a ternura e

²⁹⁴ Cf. AE, X, p. 19.

²⁹⁵ Cf. AE, X, p. 81.

²⁹⁶ Cf. AE, X, p. 48-9, 53-4, 57.

²⁹⁷ Cf. AE, X, p. 91.

²⁹⁸ Cf. AE, X, p. 38-9.

a hostilidade. Quando a angústia já havia desaparecido por completo, estando ele a jogar com seus filhos imaginários, o pai o lembra de que os homens não podem ter filhos, ao que Joãozinho responde:

J: Ego sei. Antes ego era a mamãe, agora sou o papai.

Pai: E quem é a mãe das crianças?

J: Bem, a mamãe, e tu éreis o avô.

Pai: Ou seja, você gostaria de ser tão grande como ego, estar casado com mamãe e que ela então tivesse filhos.

J: Sim, assim gostaria; e a de Laniz (mãe do pai) é então a avó.

Tudo termina bem. O pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz que a prescrita pelo destino. Em vez de eliminar seu pai, concede a ele a mesma sorte que deseja para si; o designa avô e também o casa com a própria mãe dele.²⁹⁹

Os três primeiros prazeres são auto-eróticos, o quarto não, já que há escolha de objeto. No desenvolvimento da fobia se pode perceber o acionamento da repressão sobre estes prazeres. As perversões e as neuroses se caracterizam pelo predomínio de outras zonas erógenas sobre a genital. Embora Freud abra aqui uma exceção para esta generalização – trata-se da homossexualidade, na qual há uma preponderância infantil do pênis.

Esta elevada estima pelo membro masculino converte-se em destino para eles... Os homossexuais são, então, pessoas a quem o significado erógeno de seu próprio genital os impediu de renunciar, em seu objeto sexual, a esta semelhança com a própria pessoa... O que define os homossexuais não é uma particularidade da vida pulsional, mas a escolha do objeto. O homossexual, com seu pulsionar – talvez normal – nunca chega a desprender-se de um objeto singularizado por uma determinada condição; em sua infância, como dá por assentado que essa condição se cumpre onde quer que seja, pode comportar-se como nosso pequeno João, cuja ternura não distingue entre meninos e meninas... É o homossexual, como todos os meninos podem ser, em total harmonia com o fato... de que só tem conhecimento de uma variedade de genital, um genital como o seu³⁰⁰.

Em Joãozinho, no entanto, a alta estima que tem por seu pênis não acaba em

²⁹⁹ FREUD, S. AE, X, p. 80.

homossexualidade, mas em uma *masculinidade enérgica*, com variados objetos sexuais femininos. Quando estes são poucos, sua masculinidade se dirige à mãe e surge o prazer de querer dormir com ela. Desse modo, uma vez que está no caminho do amor de objeto, se comporta como um pequeno Édipo em seus vínculos afetivos com os pais.

O cavalo que cai não é na realidade uma vivência que causa a enfermidade, pois já havia estados de angústia antes deste fato. Trata-se de uma vivência accidental à qual se ligou a neurose. A vivência, por si mesma, não tem força traumática; o que esclarece o enigma que apresenta o caso é a repressão dos prazeres sexuais infantis, não a vivência. Nesses conflitos gerados pela repressão é que reside a verdadeira etiologia do caso.

5.2.3. O homem dos ratos

Se o homem persistisse em sua loucura, tornar-se-
ia sábio
W. Blake

O resumo da anamnese do caso é tomado, como nos anteriores, da introdução que faz James Strachey³⁰¹, apresentado em nossa Tabela 3. O diagnóstico é o de neurose obsessiva, a qual, devido a sua duração e suas conseqüências, pode se considerar grave. O tratamento durou cerca de um ano. Este caso apresenta assim uma tentativa de solução do enigma da neurose obsessiva: sua gênese e seus mecanismos. Dora foi um caso em que o tratamento foi interrompido, Joãozinho não foi um paciente de Freud, o homem dos ratos não apenas é seu paciente como também foi curado, de modo que é também um exemplar do modo como o tratamento logra êxito. Por outro lado, a neurose obsessiva permite ver melhor que a histeria e a fobia são os fatores causais da psiconeurose, isto é, a

³⁰⁰ FREUD, S.: AE, X, p. 90.

³⁰¹ Cf. AE, X, p. 200.

vida sexual infantil³⁰².

Este paciente se trata de um jovem de formação universitária que padece de representações obsessivas intensificadas desde 1903. O conteúdo principal destas são certos temores de que suceda algo a seu pai e a uma jovem à qual se sente inclinado. Apresentam-se nele também impulsos obsessivos, como cortar-se no pescoço com a navalha e impor-se proibições sobre coisas indiferentes. Estas obsessões afetaram seus estudos e sua *carreira*³⁰³.

Sua mãe havia sido criada por uma família rica, dona de uma indústria. Seu pai, graças ao casamento, veio a trabalhar para a empresa. A relação entre seus pais era excelente e por brincadeiras mútuas o rapaz soube que seu pai, antes de casar-se com sua mãe, cortejou uma moça pobre. Antes de entrar na empresa da família de sua mulher, foi sub-oficial, do que restaram apenas suas expressões rudes. Nunca se impôs a seus filhos como uma autoridade inatacável e a relação com eles sempre foi de amizade. No entanto, pouco antes de sua morte, se opôs ao interesse que o jovem começava a sentir pela mulher que chegaria a ter uma presença tão marcante em sua vida³⁰⁴. Esta oposição paterna ao amor que sente por essa dama será a base do conflito

Por relatos de sua mãe, se sabe que, em sua primeira infância, deve ter feito algo que deixou seu pai furioso e este o surrou. O menino começou a golpear e insultar seu pai. Como ainda não conhecia palavras ofensivas, em seu lugar usava nomes de objetos. O pai, impressionado, disse: *Este menino será ou um grande homem ou um grande criminoso*. Ao que Freud acrescenta: *ou um neurótico*³⁰⁵.

Embora as recordações mais nítidas remontem a seus seis anos, consegue que venha à sua memória uma cena que ocorreu entre os quatro ou cinco anos. Com o consentimento da governanta, tocou os genitais e o ventre dela. Desde aí permaneceu uma forte curiosidade por ver o corpo das

³⁰² Cf. AE, X, p. 132.

³⁰³ Cf. AE, X, p. 127.

³⁰⁴ Cf. AE, X, p. 158.

³⁰⁵ Cf. AE, X, p. 161, nota 38.

mulheres. Cena parecida se repete com outra governanta³⁰⁶. Este prazer de ver tem como consequência o desejo de ver nuas as mulheres que lhe agradam. Mas cada vez que surge o desejo, se apresenta a formação delirante, a saber: seus pais advinham tais desejos, ainda que não os comunique. Acompanha também um sentimento de mal agouro relacionado à morte de seu pai.

Aos doze anos estava apaixonado pela irmã de um amigo, mas não era correspondido. Naquele momento ocorreu a ele que ela se interessaria por ele se acontecesse alguma desgraça, tal como a morte de seu pai. Logo em seguida, esta suposição é rechaçada com energia³⁰⁷. Meio ano antes da morte do pai, a mesma idéia lhe ocorre, desta vez não só por que estava apaixonado, mas também porque agora não podia conseguir esta tão desejada união devido a problemas econômicos. Assim, com a morte do pai receberia sua herança e poderia se casar com ela. Na recusa desta idéia, chegou a desejar que o pai não lhe deixasse nada de herança.

Sua vida sexual foi bem mais pobre. Somente entre os 16 e 17 anos é que a masturbação desempenhou algum papel. Sua primeira relação sexual foi aos 26 anos. Realizou anteriormente ao tratamento com Freud uma cura de águas, a única que considera proveitosa entre outras tentativas. Durante a mesma, manteve relações sexuais com uma mulher. Na atualidade, sua vida sexual é irregular, pois carece de oportunidades e sente repulsa pelas prostitutas.

Seu pai morreu de enfisema, nove anos antes de iniciado o tratamento. Pensando que se tratava de um estado de crise superável, foi dormir, e quando despertou se deu conta por um amigo médico que seu pai já havia morrido. Durante um tempo se censurou por não haver estado no momento da morte, mas isto não chegou a martimizá-lo. Um ano e meio depois, por causa da morte de uma tia política, teve que voltar à câmara mortuária, e, a partir dali, as censuras se transformaram em um tormento insuportável. O tio viúvo, nesta ocasião, se lamentou: *Outros maridos se permitiram tudo, e ego vivi apenas para esta mulher!* O paciente supôs uma alusão a uma suposta

³⁰⁶ Cf. AE, X, p. 129.

³⁰⁷ Cf. AE, X, p. 142.

infidelidade conjugal de seu pai, embora o tio tenha negado depois esta interpretação³⁰⁸.

Durante certas manobras militares em X conhece um oficial ao qual define como um ser que *amava o cruel*³⁰⁹. Em meio a uma conversa este relata a ele um castigo espantoso aplicado no Oriente. Tal castigo consiste em que o condenado é atado e colocam um recipiente em seu ânus pelo qual fazem entrar os ratos. No momento do relato surgiu a representação de isso acontecendo com a mulher pela qual se sente atraído e com seu pai³¹⁰. Tais castigos a seus entes queridos se situam no tempo e na eternidade do além. As duas pessoas que estavam no conflito se identificam na representação obsessiva.

Há um segundo fato relacionado com o mesmo oficial. Uma vez este pegou dele um pacote enviado pelo correio e lhe disse: *O tenente primeiro A. pagou por ti a tarifa. Deves devolvê-la a ele*³¹¹. O pacote continha uns binóculos enviados por ele por via telegráfica. Imediatamente se impuseram duas sanções contraditórias entre si. *Não debes devolver o dinheiro ou se realizará a fantasia dos ratos e Deves devolver o dinheiro*. Cada vez que tentava cumprir o segundo comando, surgia uma série de dificuldades. Em um momento dado se encontra com o próprio tenente primeiro A, mas este recusou o dinheiro, pois não fora ele que tinha realizado o pagamento, mas o tenente primeiro B. O capitão cruel havia se enganado, pois não sabia que o tenente B ocupava o posto do tenente A³¹². O fato de não ter podido cumprir o segundo comando o afetou muito e uma luta de argumentos e contra-argumentos começaram a se confrontar em seu interior, e ficou obsessivo com a vontade de cumprir tal ordem. Consolava a si mesmo pensando que voltaria a encontrar o tenente A, até que em um dado momento se propôs a visitá-lo. Da cidade P até o povoado onde estava o tenente se levava cerca de uma hora de carruagem. Chegar ao correio, que estava em Z, levava cerca de três horas de trem. Partiu de trem. Na primeira estação pensou em desembarcar, esperar o

³⁰⁸ Cf. AE, X, p. 139 e nota 11.

³⁰⁹ Cf. AE, X, p. 133.

³¹⁰ Cf. AE, X, p. 133-4.

³¹¹ Cf. AE, X, p. 134.

³¹² Cf. AE, X, p. 166, nota 43.

trem na direção oposta, viajar a P e dali ao lugar onde se encontrava o tenente A e com ele fazer a viagem de trem até o correio. Adiou a descida para a próxima estação, e desse modo de estação em estação, até que seguiu até Viena, mas sempre pensando em voltar a P. Em Viena se encontrou com um amigo, que o tranqüilizou e na manhã seguinte foi ao correio para devolver o dinheiro à direção ao correio. Retomando o último dos fatos relatados, a reconstrução que realiza Freud da confusa cena empírica se dá do seguinte modo: se não enviou o dinheiro nem a A, nem a B, mas diretamente ao correio, então sabia, inclusive antes de partir de viagem, que era a empregada do correio a credora do reembolso. Esta reconstrução de Freud pôde ser verificada. A promessa de devolver o dinheiro a A foi baseada nesse erro, sabendo que era um erro.

Os três fatos que permitirão vincular todos os outros na estrutura do caso serão a ira infantil contra o pai, e as duas sentenças do oficial cruel. A partir deles deve surgir o esclarecimento das representações obsessivas.

Os ratos no intervalo entre o relato do capitão e sua solicitação da devolução do dinheiro adquiriram uma série de significados simbólicos³¹³. O erotismo anal foi um estímulo constante desde a sua infância, devido aos vermes no intestino, e foi reavivado com o castigo dos ratos. A relação dos ratos com o dinheiro está na própria língua alemã: "*Ratten*" (ratos) e "*Raten*" (cotas). Esta associação cotas/ratos indicou outras representações, em especial uma ligada à herança do pai, que a deixou para sua mãe, de quem recebe pequenas somas de dinheiro³¹⁴. Por outro lado, se sabe que o rato é portador de infecções e uma infecção muito temida entre os militares é a sífilítica. Esta última representação está ligada às dúvidas acerca da conduta do pai no serviço. Uma dívida por causa de um jogo de cartas (*Spielratte*) do pai, da qual não estava seguro de ter sido paga, reforça este vínculo. Na medida em que o portador da sífilis é o próprio pênis, o rato se transforma em pênis, que como as sanguessugas e os ratos do relato do capitão, retoma o fio do erotismo anal. Ratos também têm o significado de filhos, em vista do que chega a identificar-se com ela enquanto

³¹³ Cf. AE, X, p. 167-72.

indivíduo repugnante. Para reforçar esta representação, a mulher que amava não podia ter filhos, o que o enchia de dúvidas a respeito de seu amor. Cabe recordar que nas teorias sexuais infantis, o filho sai pelo ânus e os homens também podem ter filhos. Esta é a reconstrução da constelação que une os dois relatos do capitão cruel.

Freud reconstrói a ira contra o pai quando este o pega do seguinte modo. A raiva do pai se devia a alguma coisa que fez com alguma de suas irmãs. Pelas idades das crianças, se infere que a menina é Katherine, a irmã morta. Esta omissão é a que se retoma quando a possibilidade de que algo ocorra com o pai se estende ao além.

O desejo da morte do pai é o desejo chave para solucionar o enigma que coloca a neurose obsessiva. O pai é, na fantasia sobre os ratos, identificado com a dama. Mas o pai é o que coloca uma proibição, gerando um conflito entre a proibição e o objeto sexual. Mas na realidade, este conflito já havia existido na primeira infância. A ira do pai atestaria isto. A representação obsessiva expressa uma dupla cisão de afetos no interior do indivíduo. As recusas da jovem que amava despertaram nele também sentimentos de hostilidade. A ira do pai, do mesmo modo, despertou tais afetos, só que esses afetos negativos foram reprimidos.

*Na repressão ao ódio infantil contra o pai vemos aquele processo que desencadeou dentro dos limites da neurose todo o acontecimento posterior*³¹⁵.

Há assim um jogo de opostos pai-amada, e cada elemento da oposição contém, por sua vez, a oposição de afetos amor-ódio dentro de si. A coexistência destes afetos dirigida a uma mesma pessoa não é em si mesma patológica. Um amor que começa é inicialmente percebido como ódio, e tal como mostra a poesia, juntos perfazem os tormentos dos relacionamentos amorosos. O que é patológico é a coexistência crônica de ambos os afetos dirigidos à mesma pessoa, e ambos em sua intensidade máxima. O amor não venceu o ódio, mas, em vez disto, o enviou ao inconsciente, e aí este afeto não apenas se conservou, mas efetivamente cresceu. A repressão do ódio na infância é a

³¹⁴ Cf. AE, X, p. 208.

³¹⁵ FREUD, S.: AE, X, p. 185.

causa desta patologia afetiva que é um dos traços mais substantivos da neurose obsessiva, embora não se possa dizer que pertençam exclusivamente a esta enfermidade, pois também há ódio inconsciente na histeria e na paranóia. O homem dos ratos permite ver a presença e a ação da relação singular amor-ódio. O indivíduo está imerso em um conflito, pois não consegue decidir entre o amor ou o ódio e a paralisia desta decisão afeta todas as outras ações de sua vida, em vista do que podemos detectar facilmente aqui o mecanismo do deslocamento. Essa irresolução se manifesta como dúvida que afeta o cotidiano; a dúvida do amor se desloca o mínimo, pois cada vez que o amor se desloca a esse mínimo, o ódio também o alcança e assim a indecisão se repete. A compulsão é uma tentativa de compensar a dúvida. A compulsão se expressa através de comandos e proibições. Em nosso caso os dois comandos contraditórios relativos à devolução do dinheiro mostram o deslocamento da dúvida e as proibições que a compensam.

As representações e ações obsessivas são formações de compromisso entre duas forças que se opõem; em algum sentido se parecem com ações sexuais da infância, tais como o onanismo. Há, então, uma regressão ao auto-erotismo da infância. Normalmente os neuróticos obsessivos são pessoas com alta capacidade intelectual. A atividade sexual da infância do homem dos ratos esteve dominada pelas pulsões de ver e de saber. Quando estas pulsões são parte da constituição do indivíduo e se elas foram reprimidas o meditar é o sintoma mais destacado³¹⁶. O pensamento é sexualizado e se torna compulsivo quando utiliza a energia destinada à ação – o pensamento substitui a ação.

A constelação psicológica do homem dos ratos está constituída por uma fragmentação em três personalidades, uma inconsciente e duas pré-conscientes. O vicioso e o pervertido que foi reprimido determinou a primeira. Uma segunda pré-consciente é identificada por Freud como o estado normal do indivíduo, no qual este é uma pessoa alegre e jovial; a terceira é uma personalidade supersticiosa e ascética. A última é a que contém os elementos que se opõem à

³¹⁶ Cf. AE, X, p. 191.

constituição inconsciente, é por trás desta que se descobrirá

... o inconsciente de seu ser, completamente desconhecido para ela e que consiste em algumas mobilizações de desejo primordiais, faz muitas reprimendas³¹⁷.

Na reconstrução do caso Freud se baseia no auto-erotismo do paciente e na proibição do pai. A figura da mãe não é em momento algum central nesta análise e não podemos dizer, conseqüentemente, que o enigma que se apresenta no caso se solucione através do complexo de Édipo; apenas uma parte dele é que entra nesta constelação, o ódio reprimido ao pai – só que o afeto surge não tanto como uma rivalidade pela mãe, mas como um elemento que proíbe a auto-satisfação. Pode-se inferir então que o elemento central no qual se mobiliza o caso é o complexo de castração. Somente quando consideramos a terceira etiologia que Freud apresenta, na qual o complexo de Édipo é uma estrutura e o complexo de castração adquire sentido quando é pensado dentro desta estrutura, é que podemos indiretamente ver uma aproximação de uma solução edipiana no exemplar.

5.2.4. Schreber

Se meus demônios resolverem me abandonar,
tenho medo que meus anjos também alcem vôo.
Rilke

Schreber não foi um paciente de Freud. Foi muito depois de publicadas as *Memórias* que entrou em contato com elas. Contava apenas com os dados que aparecem nesse escrito, em vista do que a reconstrução se baseia apenas nesta obra, sem a colaboração das associações do indivíduo. Em 1956 o doutor Baumeyer acrescentou informação adicional. Strachey constrói a tabela cronológica baseando-se em ambos os materiais e é a que reproduzimos como Tabela 4.

Trata-se de um caso de paranóia e as características que diferenciam das outras neuroses é que os paranóicos revelam o que os outros pacientes ocultam e além disto não vencem suas

resistências interiores. Estas características permitem considerar as *Memórias* como constituindo legitimamente um caso³¹⁸; estes escritos são um exemplar, uma tentativa de solução do enigma que apresenta esta patologia. O enigma se desvela descobrindo no caso os complexos e as pulsões que habitam a alma humana e isto se alcança pelas exteriorizações delirantes e pelas circunstâncias que desencadearam a enfermidade.

O excesso de trabalho do doutor Schreber afetou o estado de saúde de seus nervos. A primeira vez foi quando se candidatou para o *Reichstag* e a segunda ao ser presidente do Superior Tribunal de Dresde. O diagnóstico do doutor Flechsig por ocasião de sua primeira indisposição era o de hipocondria grave.

A segunda enfermidade começou com insônia, piorando em seguida. No quadro clínico se mesclavam idéias hipocondríacas com idéias de perseguição, ilusões sensoriais, alto grau de sensibilidade e grande suscetibilidade à luz e ao barulho. Dava-se por morto e putrefato, permanecia por períodos prolongados em estado de estupor alucinatório³¹⁹. As idéias delirantes adquiriam a forma de idéias religiosas. Em seu delírio de perseguição o personagem principal era o doutor Flechsig, médico que o atendeu em sua primeira enfermidade.

Segundo a informação do doutor Weber, diretor do asilo, o diagnóstico é de paranóia. Sua inteligência não se mostra afetada, mas as representações patológicas se apresentam em um sistema completo e não admitem modificações por concepções objetivas³²⁰. Conseguia falar com interesse e juízo crítico de política, arte, vida social, etc., o que serviu para que ganhasse alta no asilo. Quando se justificava por esta última, nunca negou seu delírio e se mostrou decidido a publicar suas *Memórias*.

O conteúdo de seu sistema delirante era de natureza religiosa, acreditava que podia redimir

³¹⁷ FREUD, S.: AE, X, p. 194.

³¹⁸ Cf. AE, XII, p. 11.

³¹⁹ Cf. AE, XII, p. 14.

³²⁰ Cf. AE, XII, p. 15-6.

o mundo transformando-se em uma mulher. Esta transformação em mulher tem o caráter de um mandato do qual não pode se subtrair. Sente-se um eleito, pois os diferentes órgãos de seu corpo foram destruídos, mas por milagre divino foram restabelecidos. Isto o leva a se convencer de que será imortal enquanto permanecer sendo homem.

O delírio de redenção normalmente é o núcleo da paranóia religiosa. Baseando-se nas *Memórias* se percebe que a amputação ou transformação em mulher foi o delírio primário e apenas secundariamente se une ao papel de redentor. Um delírio de perseguição sexual foi o que derivou o delírio religioso de grandeza. Flechsig, o médico cuja figura é representada como o que o persegue é substituído por Deus³²¹.

Antes da sobrecarga de trabalho em Dresde, quando a doença está começando tem a imagem da beleza na forma de uma mulher copulando. Por isto podemos reconhecer que a transformação em mulher já estava presente naquela época e será a parte que permanecerá.

O sistema teológico do doutor Schreber tem as seguintes peças. A alma humana está contida nos nervos, que são como finíssimas fibras. Há dois tipos destes nervos: os sensoriais e os do entendimento. Estes últimos representam a individualidade espiritual do ser humano³²². Deus, distintamente dos homens, é puro nervo, cujo número é infinito. Quando estes nervos cumprem a função criativa, são como raios, havendo, por conseguinte, uma ligação entre Deus e o Sol. Depois da criação, Deus se retira do universo e só entra em contato com as almas dos mortos. Deus não compreende, por isto, aos homens vivos, seu trato é apenas com os mortos³²³. As almas que passaram por um processo purgador alcançam a bem-aventurança, sentimento voluptuoso do qual se comprazem estas almas purificadas. Há uma bem-aventurança masculina e outra feminina. A masculina ocupa o lugar mais elevado na hierarquia, já que a feminina é um contínuo sentimento de voluptuosidade. Em algumas passagens bem-aventurança e voluptuosidade se confundem, sendo

³²¹ Cf. AE, XII, p. 18-9.

³²² Cf. AE, XII, p. 21.

³²³ Cf. AE, XII, p. 24.

este estado um prolongamento do prazer sensual terreno³²⁴. A bem-aventurança é uma parte do delírio que permanece constante e cumprirá um papel importante para alcançar a reconciliação final com Deus. Se se cultiva a voluptuosidade, Deus deixa de ser hostil. Este cultivo do prazer que se impõe está em franca oposição aos rígidos costumes de Schreber antes de sua enfermidade, mas o afeto sexual que se alcança é feminino. É sua transformação em mulher o que determinará a reconciliação com Deus, como mulher de Deus³²⁵. E será sobre esta atitude feminina diante de Deus que construirá o vínculo privilegiado com Deus. Na construção da relação genética entre esta última parte e a da transformação em mulher é que se centrará a análise de Freud³²⁶.

Entre 1884 e 1885 Schreber passou por uma enfermidade nervosa que foi diagnosticada como uma hipocondria que não passou dos limites da neurose. Em tal ocasião Flechsig foi o médico que o atendeu. Do restabelecimento daquela enfermidade permaneceu um forte sentimento de gratidão frente ao médico que o curou. No período de incubação de sua enfermidade Freud enfatiza um sonho e uma representação para começar a tecer sua reconstrução. O conteúdo do sonho foi o do retorno a sua enfermidade nervosa anterior e o da representação foi o de uma mulher copulando. Estabelecendo um nexo de conteúdos, a interpretação estabelece a seguinte continuidade: a recordação da enfermidade reavivou a recordação do médico. Provavelmente restou da primeira enfermidade um sentimento de ternura por este que logo se transformou em uma simpatia erótica expressada na representação da fantasia da postura feminina³²⁷. Apesar de ser recusada esta fantasia, na formação da psicose vai se impondo até adquirir uma forma paranóica, a do temor de um abuso sexual de seu médico. A patologia teve como origem um avanço da libido homossexual cujo objeto era o médico³²⁸.

A simpatia pelo médico se explica por um processo de transferência na qual o doutor

³²⁴ Cf. AE, XII, p. 28.

³²⁵ Cf. AE, XII, p. 30-1 e nota 28.

³²⁶ Cf. AE, XII, p. 33.

³²⁷ Cf. AE, XII, p. 40.

³²⁸ Cf. AE, XII, p. 41.

Flechsigs é substitutivo de alguém próximo, seu irmão ou seu pai³²⁹. Mas ante a forma erótica que adquire esta simpatia, a resistência que lhe impõe o impossibilita de ser uma mulherzinha, como a da representação, ante seu médico, por isto o substitui por Deus. Não há resistência a ser oferecida à voluptuosidade de Deus³³⁰. Flechsigs é agora o perseguidor. Em um delírio de perseguição a relação perseguidor-perseguido se baseia em afetos intensos que o segundo dirigia ao primeiro em épocas anteriores à enfermidade. Esses afetos foram convertidos em seu contrário, isto é, o que foi amado agora é odiado e temido. A hiper-intensidade da fantasia feminina leva a pensar que o temor que sentia pelo médico consistia no temor de um abuso sexual por parte do médico. A reconstrução da gênese do delírio começaria com um avanço da libido homossexual seguido por uma repulsa desta e assim o delírio responderia a um conflito entre a propensão pervertida e a condenação desta. A base da contradição da enfermidade é justamente esta propensão homossexual. É normal que uma pessoa oscile entre a homo e a heterossexualidade, e frustrado um lado se reforça o outro. Agora a simpatia para com o médico é, por sua vez, o resultado de uma transferência de uma pessoa fundamental para o indivíduo à figura do médico.

Na nova constelação, em que Deus é o substitutivo de alguém mais independente nesta rede, essa pessoa é o pai³³¹. O Deus de Schreber é um Deus ao qual se exige que saiba tratar apenas com cadáveres; além disto, é um Deus que não tem memória, por isto os mesmos martírios e milagres podem se repetir indefinidamente³³² e terminavam, por conseguinte, sendo pueris.

O pai de Schreber era o doutor Daniel Gottlieb, cuja máxima obsessão era a formação harmônica de jovens através de uma educação familiar e escolar. Fundador da ginástica terapêutica na Alemanha, autor do livro *Ärztliche Zimmergymnastik* (Ginástica médica caseira). Nos rígidos conceitos do doutor Gottlieb a masturbação é condenada e o menino se vê proibido desta satisfação auto-erótica. A ameaça de castração do pai adquire a forma, na enfermidade, de transformação em

³²⁹ Cf. AE, XII, p. 44.

³³⁰ Cf. AE, XII, p. 45.

³³¹ Cf. AE, XII, p. 47-8.

mulher³³³.

Diante do médico recusava aceitar o papel de mulherzinha, mas essa resistência não se apresenta frente a Deus. A fantasia de desejo feminino já não é recusada. O desejo de mudança de sexo se realizará em um futuro, o que não implica risco para sua pessoa atual – a castração se cumprirá apenas mais adiante. Enquanto a fantasia inconsciente realizava identificações, a paranóia realiza o processo de decomposição pelo qual o médico e Deus estão no mesmo encadeamento, sendo a figura do perseguidor fragmentada em ambas as figuras. À identificação de ambos se opõe a reação paranóica de fragmentação; ambas são retornos à pessoa amada, mas a que propõe Deus é mais substantiva. A base da fantasia feminina é a tristeza pelo pai; desse modo, temos um retorno à fantasia sexual infantil – o erotismo é exigido pelo próprio Deus, isto é, pelo pai.

*A mais temida ameaça do pai, a castração, emprestou seus elementos à fantasia de desejo da transformação em mulher, primeiro combatida e depois aceita*³³⁴.

Este exemplar tem a virtude de mostrar o modo de ação do complexo paterno. A fantasia central sobre a qual se estrutura a interpretação se resolve com base nesse complexo. Mas este não é próprio da paranóia, por isto também nos ensina a ver como atua nas pessoas normais. O que coloca a paranóia é uma forma de manifestação dos sintomas. A causa desta forma não reside no complexo, mas na repressão, o que significa que este é o mecanismo formador de sintomas. Há um conflito gerado pela fantasia homossexual, esta é rejeitada; há então duas forças em luta, uma propensão erótica e a força repressora. O delírio de perseguição é o modo de defesa da fantasia³³⁵.

O papel da homossexualidade na etiologia da paranóia se trata de uma regressão ao período do narcisismo. A regressão foi possível porque houve uma fixação nesta etapa do desenvolvimento da libido. Esta fixação é o que marca uma predisposição patológica. As frustrações com a mulher que não pode ter filhos e o climatério masculino são frustrações de sua masculinidade que reforçam

³³² Cf. AE, XII, p. 26.

³³³ Cf. AE, XII, p. 52.

³³⁴ FREUD, S.: AE, XII, p. 52.

³³⁵ Cf. AE, XII, p. 55.

esta predisposição. O caso funcionará como exemplar apenas se permitir esclarecer a repressão tal como atua na paranóia. Este processo atua como uma separação da libido das pessoas antes amadas. Mas não é aí que está o patológico, já que este desprendimento também se apresenta em pessoas normais. O delírio de grandeza mostra o caminho, já que este por si só indica paranóia, e o que nos mostra é que nesta patologia a libido volta ao *ego* – nisto consiste a regressão ao narcisismo.

5.2.5. O homem dos lobos

As madrugadas vêm me encontrar pálida de ter
vivido a noite dos sonhos fundos.

Clarice Lispector

O resumo cronológico que apresento para este caso não é o de Strachey como nos casos anteriores, mas do próprio Freud, em nota adicionada em 1924³³⁶. É importante comparar com os resumos anteriores: agora não dispomos apenas de um conjunto de dados da vida e do meio do paciente, mas estamos diante de uma reconstrução. Basta perceber a presença do fato ocorrido durante o período em que o menino padecia de malária. A observação do coito dos pais não é um dado como os outros, mas sim uma cena que Freud reconstruiu, é uma cena inferida da interpretação de um sonho.

*Gostaria muito de saber se a cena primordial foi fantasia ou vivência real em meu paciente, mas remetendo-se a outros casos parecidos, é preciso dizer que não é muito importante decidi-lo*³³⁷.

e é nesse fato que se apóia toda a edificação do caso, porque o exemplar está, justamente, mostrando a determinação psíquica dos sintomas, a cena primordial interessa modo como se trama na realidade psíquica.

A enfermidade em sua forma definitiva, que levou o jovem a passar por diferentes hospitais,

³³⁶ FREUD, S. AE, XVII, p. 110.

³³⁷ AE, XVII, p. 89.

foi diagnosticada pelos psiquiatras como *perturbação maniaco depressiva*. O diagnóstico de Freud foi o de seqüela de uma neurose obsessiva³³⁸. Este caso não é a apresentação da enfermidade em sua forma definitiva, mas sim um caso de uma neurose infantil a partir da lembrança do adulto. A enfermidade, o tratamento e a cura não aparecem na descrição. O que o caso quer mostrar é a sexualidade infantil e o papel das fantasias na formação dos sintomas. Desse modo, é um exemplar que tenciona solucionar o esclarecimento do mecanismo de formação de sintomas na neurose obsessiva.

*Por tanto, o que está em discussão é o valor do fator infantil. A tarefa se restringe a encontrar um caso capaz de demonstrar sem dúvida este valor. Pois bem, o é o caso clínico que tratamos aqui detalhadamente, cujo caráter distintivo radica em que à neurose logo contraída precedeu uma neurose da primeira infância*³³⁹.

O paciente é um jovem que depois de uma infecção de gonorréia desencadeia um estado de completa dependência. Antes dos quatro anos padece de zoofobia, que logo se transformou em uma neurose obsessiva de conteúdo religioso.

O ambiente do paciente está constituído por seus pais unidos por uma relação harmoniosa obscurecida pelas enfermidades de ambos. As alterações de saúde da mãe são as que mais afetam o menino.

Uma das pessoas mais importantes de sua vida é sua irmã, dois anos mais velha que ele. Quando criança era menininha rebelde que logo se transformou em uma jovem de intelectualidade superior; mas ao completar 20 anos uma aflição interior se apoderou dela e acabou por se suicidar enquanto estava em viagem. Quando o menino tinha mais ou menos 3 ¼ anos, a irmã tenta seduzi-lo propondo a ele mostrar-lhe partes de seu corpo e iniciou logo a brincar com o membro do menino. Diante de tais seduções ele reagiu desautorizando-a, talvez porque a relação dos meninos era de uma competição na qual ele vivia com um forte sentimento de inferioridade. Aos quatorze anos se estabelece uma relação de forte companheirismo, mas uma nova distância surge quando ele

³³⁸ Cf. AE, XVII, p. 10.

procura uma aproximação íntima com ele e é recusado. A notícia da morte de sua irmã foi recebida com frieza, mas meses depois ele viajou ao lugar onde ele havia morrido e chorou diante do túmulo de um poeta que na época era seu preferido e com a poesia do qual seu pai comparava as que escrevia sua irmã. O poeta também havia se suicidado³⁴⁰.

Cuida dele uma aia que se dedica a ele com grande afeto. Depois de haver fugido das tentativas de sedução de sua irmã, ele tenta a mesma coisa com a velha babá, masturbando-se na frente dela. A mulher o repreendeu e o ameaçou dizendo-lhe que os meninos que fazem isso ganham uma ferida ali³⁴¹ – temos aqui uma clara ameaça de castração, que constituirá um complexo pleno de sentido ao ficar sob a superestrutura de outro complexo.

Sua infância se alterna entre duas propriedades e constitui um momento importante aquele em que ambas são vendidas e a família se muda para a cidade. A mudança é para o paciente um critério de temporalidade, pois agrupa um conjunto de fatos em um único período, ao qual chama de *estar ainda na primeira residência*³⁴². Colocar uma ordem temporal neste conjunto será tarefa da reconstrução de Freud.

Foi um menino tranquilo até que depois de uma viagem dos pais tornou-se violento e facilmente irritável. Nessa oportunidade ficou cuidando dos meninos uma governanta inglesa bastante perturbada que se hostilizava continuamente com a aia. Começou a desenvolver comportamentos sádicos com os animais, embora suas condutas para com estes eram mais propriamente contrapostas, pois às vezes se aterrorizava se açoitassem um cavalo, mas outras vezes era ele mesmo quem os açoitava³⁴³.

Na reconstrução realizada por Freud a mudança radical de caráter coincide com o momento em que sua irmã inicia sua tentativa de sedução, com a substituição de sua irmã pela babá e a

³³⁹ FREUD, S.: AE, XVII, p. 52.

³⁴⁰ Cf. AE, XVII, p. 20-3.

³⁴¹ Cf. AE, XVII, p. 24.

³⁴² Cf. AE, XVII, p. 16 (ver também nota 4 da mesma página).

ameaça desta. A hipótese de uma sedução por parte da governante como parte da etiologia da enfermidade fica totalmente descartada.

Pouco antes de completar os quatro anos tem um sonho cujo desenlace foi uma angústia que se exteriorizou, a partir deste, martirizando-o. Trata-se do sonho dos lobos. A esse sonho se segue um período de zoofobia. O medo diante dos lobos, que sua irmã aproveitava para martirizá-lo, como também o pânico diante de outros animais, como, por exemplo, uma mariposa que despertou nele grande pavor enquanto o perseguia, são posteriores a este sonho. Embora o paciente não saiba divisar uma ordem temporal, na reconstrução de Freud a zoofobia se segue ao sonho dos lobos.

O fato que permite a Freud dividir a infância do paciente em duas etapas, a rebelde e pervertida, que da sedução até os quatro anos, e a outra que segue a esta imediatamente e na qual se destacam os sinais da neurose³⁴⁴ é justamente este sonho. Este será o fato principal sobre o qual Freud edificará sua reconstrução, que articula cronologicamente³⁴⁵ as etapas da infância do paciente.

Aos 4 ½ esse estado de irritabilidade e angústia permanecia e como uma tentativa de educá-lo a mãe o introduziu na religião. A fase de rebeldia deu lugar a sintomas obsessivos. A neurose religiosa se manifestava principalmente à noite, época em que o medo de dormir e sonhar coisas malignas foi substituído por rituais obsessivos tais como impulsos por beijar todas as imagens sagradas, rezar e repetir várias vezes o sinal da cruz³⁴⁶. Esta compulsão piedosa se contrapunha a certos pensamentos que o levavam a relacionar Deus e a Santíssima Trindade com fezes.

A doença do pai começou a afetá-lo logo que terminara sua infância. Aos 8 anos findou gradualmente seu comportamento rebelde³⁴⁷. A época da neurose obsessiva chega até depois dos dez anos³⁴⁸. Em suma, a infância se articula nas seguintes épocas: primeiro, até a sedução; segundo,

³⁴³ Cf. AE, XVII, p. 17 e 25.

³⁴⁴ Cf. AE, XVII, p. 28.

³⁴⁵ Cabe enfatizar que o paciente se lembra de vários fatos, mas não sabe ordená-los no tempo. Cf. AE, XVII, p. 16. A ordem cronológica é fornecida por Freud.

³⁴⁶ Cf. AE, XVII, p. 58.

³⁴⁷ Cf. AE, XVII, p. 14-8.

³⁴⁸ Cf. AE, XVII, p. 58.

até o sonho de medo – nesta fase se dão os sintomas de angústia e rebeldia; e terceiro, a fase da neurose obsessiva que começa com a zoofobia e a introdução da religião.

O sonho do medo é aquele ao qual nos referimos como o sonho dos lobos, e da interpretação deste serão derivados os pressupostos substanciais para o esclarecimento da formação dos sintomas.

*Sonhei que é de noite e estou em minha cama (minha cama tem os pés na direção da janela e frente à janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno e à noite quando sonhei). De repente, a janela se abre sozinha e vejo com grande terror que sobre a nogueira grande frente à janela estão sentados vários lobos brancos. Eram seis ou sete. Os lobos eram totalmente brancos e pareciam mais com umas raposas ou cachorros ovelheiros, pois tinham grandes rabos como as raposas e suas orelhas tesas como de cachorros à espreita. Tomado de grande medo, evidentemente de ser devorado pelos lobos, começo a gritar e desperto*³⁴⁹.

Este sonho é importante porque parece ser o primeiro de pavor. A interpretação do sonho levou vários anos somente no tempo próximo à cura é que se chegou a compreendê-lo completamente.

O sentimento de realidade do sonho revela que ele se refere a um fato que ocorreu de verdade e não que foi fantasiado³⁵⁰, isto se baseia no que havia sustentado Freud em *A interpretação dos sonhos*, isto é, os juízos que enfatizam a relação entre sonho e realidade pertencem ao conteúdo latente do sonho e indicam que o que o sonho mostra efetivamente ocorreu³⁵¹. Se o referente do sonho é um fato que foi esquecido, este deve ter se dado em uma idade muito precoce. Este argumento o leva a afirmar que o sonho requer uma imagem, e é nessa imagem que se fundamenta a interpretação proposta por Freud. A interpretação do sonho é a seguinte:

É de noite: é a desfiguração de Ego tinha dormido.

Estou em minha cama: começo da reprodução da cena fundamental.

³⁴⁹ FREUD, S.: AE, XVII, p. 29.

³⁵⁰ Cf. AE, XVII, p. 33.

Sei que era inverno e de noite quando sonhei: não pertence ao conteúdo do sonho, mas a uma lembrança.

De repente, a janela se abre sozinha: equivale a *de repente despertei por mim mesmo*, e com isto o resto do conteúdo do sonho se coloca no presente.

A grande noqueira em frente: substitui a árvore de Natal. A árvore alta é símbolo de voyeurismo.

Lobos: seu número: *eram seis ou sete*: influência da história dos sete cabritos. A desfiguração onírica muda o número dois da cena primordial pelo de seis ou sete.

Sentados sobre a árvore: substituem os presentes de Natal que se colocam nas árvores natalinas.

Os lobos eram totalmente brancos: isto procede das roupas e cobertores brancos da cena primordial.

O olhavam com atenção: isto vem da cena primordial.

Pareciam mais com umas raposas ou cachorros ovelheiros, pois tinham grandes rabos como as raposas: está relacionado com a castração.

Tomado de grande pavor, evidentemente de ser devorado pelos lobos: o pavor se explica pela relação com o conto dos sete cabritos filhos que são devorados pelo lobo pai.

A melancolia sexual que se ativa durante a noite requer uma determinada imagem, que tem que ligar um desejo sexual com uma repressão deste, pois se trata de um sonho de angústia. A imagem deve se relacionar com o temor da castração, temor que explica a mudança de afeto. Ao desejo de que chegue logo a noite de Natal com seus presentes se une o desejo mais profundo de ser satisfeito sexualmente pelo pai e ao desejo de voltar a ver o que fora tão atraente. A imagem tem que ter sido a de uma relação sexual dos pais. A posição que eles adotaram é a do homem ereto e a

³⁵¹ Cf. AE, IV, p. 203.

mulher agachada como os animais e esta é a imagem a que Freud se refere como cena primordial. A idade em que foi observada foi mais ou menos a de um ano e meio, mas a compreensão do que viu é da época do sonho, não da observação. Esta posição se infere de vários fatos: durante a juventude só conseguia gozar com a postura que havia sido adotada pelos pais na cena primordial, mas se infere principalmente do temor que lhe despertavam as figuras de lobos erguidos na posição vertical. Talvez não tenha visto os pais, mas o coito entre os animais e em seguida o transferiu aos pais, mas a observação de um coito é o pressuposto forte da interpretação onírica. No sonho se realiza do desejo de chamar a cena primordial, mas esse desejo é reprimido, por isso termina em angústia³⁵². Com a cena primordial ativada, associou masculino a ativo e feminino a passivo. O desejo sexual do sonho tem uma meta passiva, quer ser possuído pelo pai, e é esta meta que é reprimida, por isso a angústia se dirige ao logo erguido, isto é, ao pai, é uma recusa do desejo que instala o sonho. A angústia provocada pelo desejo foi substituída pela fobia em relação ao lobo. Tal situação está baseada na associação entre a observação de seus pais e o conteúdo do sonho, isto é, a postura vertical. Todos os detalhes de outras históricas que ativam esta recordação são incorporados como material que substitui a imagem primordial. Tal é o caso da história dos sete cabritos.

No momento que tem o sonho alcança uma nova organização sexual: desde a sedução, sua meta sexual era passiva, em seguida regressou à organização sádico-anal com objetivo masoquista, e são comuns desta época fantasias em que é castigado. O sonho o levou à organização genital e o que até este momento eram passivo-ativo agora se transformou no par feminino-masculino. É justamente a meta feminina a que fica sob repressão – a identificação com a mãe no curso do sonho lhe diz que se quer ser possuído pelo pai tem que ser castrado, e isto é justamente o que recusa.

Sonhos de agressão à sua irmã e à governanta, tais como lhes arrancar as roupas, surgiram depois de Freud comunicar ao paciente a construção segundo a qual o paciente, sendo menino, é ameaçado pela governanta. Estes processavam de diferentes formas um mesmo conteúdo, isto é,

³⁵² Cf. AE, XVII, p. 41, nota 17.

lembranças de fantasias referentes à infância que se formaram talvez na puberdade. A partir da manifestação destas reminiscências, vieram outras, referidas às tentativas de sedução de sua irmã quando eram crianças³⁵³.

Quando tinha sete ou oito anos, na noite seguinte ao momento em que lhe disseram que teria um novo professor, sonhou com um leão que rugia perto de sua cama e que tinha a mesma posição que o lobo naquela imagem com que a sua irmã o aterrorizara. Despertou com medo. Neste sonho o professor é o substituto do pai. Para o paciente, a posição do lobo lhe recordaria a do pai na cena primordial. Esta imagem do lobo é o ponto de partida de sua angústia e a posição é a mesma que adota o leão onírico. O nexa está entre a angústia, a posição ereta³⁵⁴ e tudo o que se identifique com a postura paterna.

Quando tinha dez anos, teve um professor alemão e graças a conversas com este conseguiu dissipar sua obsessão religiosa. O preceptor se transformou em um substituto do pai. Graças a ele também deixou de cometer crueldades com os animais e conseguiu sublimar seu sadismo. Um pouco antes desta liberação, teve o seguinte sonho: se via montando um cavalo fugindo de uma lagarta gigantesca. Durante o tratamento pôde perceber que esse sonho fazia alusão a outro anterior a quando o professor chegou em sua vida. Nesse outro representou o diabo vestido de negro, e na mesma posição ereta que lhe provocava angústia, e indicava um caracol gigante. O caracol é um símbolo feminino. O desejo que se realizava no sonho é o de que alguém lhe ensinasse o que faltava aprender sobre as relações sexuais tal como o fez seu pai na cena primordial. O sonho da lagarta está relacionado com uma vivência que teve uns dias antes da representação. Cavalgando, passou em frente de um homem que dormia ao lado de seu filho. Outra recordação que se associa com a mesma coisa é o da propriedade com árvores brancas cobertas de lagartas. Assim estamos antes uma fuga da realização do desejo de dormir com o pai. As árvores brancas fazem lembrar do sonho dos lobos que lhe produzira angústia. É a angústia frente a atitude passiva da qual se protegeu:

³⁵³ Cf. AE, XVII, p. 19.

primeiro com a obsessão religiosa e depois com a sublimação militar³⁵⁵.

Quando a babá o recusou, começou a repressão da atividade sexual, desencadeando sadismo e masoquismo. Esta organização pré-genital é a que predispõe à neurose obsessiva. Com a substituição do desejo pelo pai pelo desejo de ser comido por um lobo, a homossexualidade inconsciente retrocede ao canibalismo, mas com o predomínio da atitude masoquista em relação ao pai. Através da religião consegue sublimar esta última tendência sexual. A hostilidade que mais tarde dirige a Deus se corresponde com a hostilidade que sente por seu pai. A ambivalência religiosa reflete a ambivalência afetiva que dirige a seu pai. As idéias blasfemas são compromissos entre estes dois sentimentos opostos. Estas blasfêmias eram expiadas pelo cerimonial religioso obsessivo.

A constituição sádico-anal é a base sobre a qual se constitui a neurose obsessiva. Uma das formas de rastrear o erotismo anal é através de uma de suas expressões mais comuns na vida adulta: a relação com o dinheiro. O paciente havia recebido a herança paterna e havia se transformado em um homem rico e a atitude que mantinha com o dinheiro era em certos momentos de avareza e em outros de desperdício. Como sua irmã já havia morrido, dividia a herança com a mãe e era esta que a administrava, situação que tornava a relação mãe-filho cheia de repreensões. Ele dirigia à mãe a acusação de que ela queria o dinheiro para si, contra o que ela protestava. Os problemas em sua função intestinal o acompanharam desde sua neurose posterior; praticamente não conseguia evacuar de forma espontânea, só o conseguia através de laxantes e purgantes.

Na época em que a família vivia na propriedade teve uma ameaça efetiva de disenteria e ao saber que esta se caracterizava por encontrar sangue nas fezes o menino sentiu grande medo de padecer desta enfermidade. Freud vê nesta angústia uma identificação com a mãe, pois ela sofria de hemorragias, fato do qual ele tinha conhecimento, pois tinha escutado uma conversa dela com o médico. O sonho com o qual começou seu período de angústia lhe permitiu entender com efeito

³⁵⁴ Cf. AE, XVII, p. 38.

retardado a cena primordial que ele havia visto. Pare ele sua mãe padecia de disenteria e não de afecção epigástrica – esta última era a que efetivamente causava as hemorragias –, mas ele relacionava o mal de sua mãe com o que o pai fazia com ela. O medo de padecer ele também de disenteria respondia à recusa de sua identificação com a mãe na cena primordial. A angústia que havia provocado o sonho dos lobos recebe a mesma explicação. O órgão por meio do qual se identificava com sua mãe era a zona anal.

Um dos primeiros significados das fezes é o de um presente, depois adquire o de filho, o qual, de acordo com as teorias infantis, é parido pelo ânus como as fezes. A relação com o dinheiro se deriva do significado de presente. Muitas das idéias blasfemas identificavam Deus com as fezes, o que permite considerá-las como compromissos de sentimentos opostos. O cocô também tem outro significado, o de castração, na medida em que renuncia a uma parte do corpo para obter os favores da pessoa amada, as fezes se identificam, desse modo, com o pênis. Todos estes significados podem sintetizar-se em um único conceito inconsciente, algo pequeno separável do corpo.

No final da análise do caso Freud oferece um panorama do desenvolvimento sexual do paciente. A primeira organização sexual é a canibalesca ou oral. Esta se revela no medo de ser devorado pelo lobo, mas este modo de vir à tona se dá como regressão a partir de um momento do desenvolvimento da libido posterior. No momento da sedução que exerce a irmã ele já havia começado a adquirir uma organização genital, mas a irmã inibe esse desenvolvimento ao proporcionar uma meta sexual passiva inconciliável com a ação genital masculina. A ameaça de castração por parte da babá o faz regressar à organização sádico-anal. O erotismo anal se expressa através de sadismo que logo se transforma em masoquismo. O sonho o faz retornar à organização genital, mas este progresso é rejeitado em virtude da repressão e se gera a fobia. A repressão foi uma consequência da ameaça de castração e o que se reprime é a homossexualidade genital.

O motor desta repressão parece ser a masculinidade narcisista do genital, que entra

³⁵⁵ Cf. AE, XVII, p. 64-6.

*em um conflito, preparado desde muito antes, com a passividade da meta sexual homossexual. A repressão é então um triunfo da masculinidade*³⁵⁶.

Mas isto não significa que o conflito se dê entre a masculinidade e a feminilidade; não é a bissexualidade o motor da repressão, mas, como já havia estabelecido nas generalizações simbólicas, o motor é o conflito entre o *ego* e a libido. O sonho fragmentou os desejos sexuais, por um lado – no inconsciente se chegou a uma organização genital sob a forma de homossexualidade; por outro lado o *ego* recusa essa homossexualidade, formando uma fobia para proteger-se do temor diante do pai – a consciência só percebe o temor diante do lobo. Inclinações sádicas e masoquistas se sobrepõem à homossexual, sendo as segundas as dominantes; contra elas, o *ego* histérico. A religião lhe permitiu uma sublimação ideal de seu amor pelo pai ao identificá-lo com Cristo. A fixação explica sua recusa inicial da religião, desencadeando as agudas críticas do menino. Mas o fator mais importante para explicar a recusa inicial da religião repousa na vigilância do reprimido sobre o sublimado: o resultado foi a blasfêmia. A defesa dessa vigilância se estabeleceu na obsessão religiosa.

Para concluir, o caso permitiu tornar visível o fato infantil na situação inicial da formação da neurose obsessiva, co-determinando os pontos nos quais o indivíduo fracassa ao enfrentar os problemas reais que a vida lhe apresenta.

³⁵⁶ FREUD, S.: AE, XVII, p. 100.

Conclusão

Supondo que nada seja “dado” como real, exceto nosso mundo de desejos e paixões, e que não possamos descer ou subir a nenhuma outra “realidade”, exceto à realidade de nossos impulsos...: não é lícito fazer a tentativa e colocar a questão de se isso que é dado não bastaria para compreender, a partir do que lhe é igual, também o chamado mundo mecânico (ou “material”)? Quero dizer, não como uma ilusão, uma “aparência”, uma “representação”... mas como da mesma ordem de realidade que têm nossos afetos, - como uma forma mais primitiva do mundo dos afetos, na qual ainda esteja encerrado em poderosa unidade tudo o que então se ramifica e se configura no processo orgânico... como uma espécie de vida instintiva, em que todas as funções orgânicas, com auto-regulação, assimilação, nutrição, eliminação, metabolismo, se acham sinteticamente ligadas umas às outras- como uma *forma prévia* de vida?- Afinal, não é apenas lícito fazer essa tentativa: é algo imposto pela consciência do *método*. Não admitir várias espécies de causalidades enquanto não se leva ao limite extremo (-até ao absurdo, diria mesmo) a tentativa de se contentar com uma só: eis uma moral do método, à qual ninguém se pode subtrair hoje; ela se dá “por definição”, como diria um matemático.

Nietzsche

Analiseemos agora o que obtivemos ao tratar a obra freudiana sob a estrutura da matriz disciplinar. Por um lado distinguimos duas partes básicas de tal estrutura: compromissos metateóricos e exemplares. Assinalamos que o consenso verdadeiro surge destes últimos, pois eles representam situações concretas da prática científica altamente bem sucedida. Cada um dos casos apresentados por Freud é um exemplo de êxito na solução de um determinado problema, entendido este à maneira de jogos de raciocínio ou quebra-cabeças. Por um lado, os compromissos metateóricos, expressos através dos modelos heurísticos e ontológicos, dos cânones explicativos adotados, do esquema conceitual ao qual se adere e de todos os valores epistemológicos com os quais se comprometeu; todo este espectro determinou as possibilidades de *ver* de que Freud dispunha. Todo este espectro constitui o *a priori* que permite a intuição biológica da ontogênese dos objetos que são abordados. Este espectro é, definitivamente, o que determina para nós o que é um objeto e o espectro mesmo não está em discussão. É certo que Freud, no contexto da especulação, construiu suas próprias metáforas com a finalidade de formular a rede epistêmica na qual os objetos adquirem sua condição de ser, mas essa rede não é a que está em discussão quando se exerce a psicanálise ou quando são estabelecidas as etiologias. A análise de tais metáforas nos mostrou até onde se comprometia com a visão da época e como a partir dali construía uma nova.

Além destes aspectos metateóricos, a psicanálise é também, e fundamentalmente, uma prática levada a cabo por uma comunidade. As descrições dos exemplos que Freud apresenta representam sistemas que pretendem pertencer ao mundo empírico e que podem ser captados conceitualmente pela teoria. Na análise deste não discutimos o *a priori* que os faz ser objetos, mas o modo como eles fixam as interpretações possíveis da teoria. O ponto principal é se o esboço de lei expresso por meio das generalizações, tanto em sua função definidora quanto etiológica, serve para captar o estado de coisas representado pelo caso. É Dora representável dentro do marco conceitual da etiologia? Esse é justamente o problema que deve ser solucionado, esse é o enigma que Freud desvenda ao incorporá-lo ao conjunto de casos paradigmáticos. Ao estabelecer tal conjunto, está

colocando as bases para uma prática científica futura, pois através da percepção de semelhanças com outros estados de coisas o conjunto apresentado por Freud se expande. Com isso emerge a possibilidade de um consenso que permitirá aos futuros praticantes desta ciência *ver* tais semelhanças. Introduzi-los em tal paradigma equivalerá justamente a educá-los para *perceber* certos padrões de semelhança com os casos paradigmáticos. Desse modo, a constituição de uma comunidade científica depende desse conjunto finito de exemplares que apresenta o autor.

Desse conjunto de casos paradigmáticos emerge, por abstração, a estrutura de dados que a comunidade aceitará. Um dado é uma proposição atômica que utiliza os conceitos da teoria e que descreve um aspecto de um caso exemplar. Balzer, em *Teorias empíricas: modelos, estruturas e exemplos*, determina a condição social para que uma tal proposição seja um dado:

Naturalmente, nem toda proposição atômica é um dado. Quando alguém formula uma proposição atômica com conceitos freudianos, não criou com id ainda dado algum para a teoria de Freud. Para que uma proposição tal se converta em um dado para a teoria terão que ocorrer ao menos mais dois. Em primeiro lugar, tem que reinar uma certa unanimidade entre os especialistas no que se refere à proposição. Estes têm que estar de acordo em relação ao fato de que a proposição descreve corretamente um estado de coisas dentro de um sistema intencional. O conjunto dos especialistas é, no caso da teoria de Freud, comparado, por exemplo, com o conjunto dos especialistas em Mecânica quântica, bastante heterogêneo, de modo que fica difícil especificar com maior exatidão o número e a posição dos especialistas que são necessários para a produção de um dado respeitável. Quando um usuário da teoria, dentro de um grupo de especialistas, alcançou em algum momento uma certa reputação, seus colegas aceitarão sem problemas uma proposição atômica formulada por ele. No caso de que quem formule a proposição seja desconhecido, serão necessárias, por outro lado, mais pessoas para que se conceda à proposição enunciada um grau suficiente de unanimidade³⁵⁷.

A segunda condição à qual Balzer faz referência é a da repetição. Como a maioria das proposições das quais se serve o investigador descrevem vivências do paciente narradas por ele

³⁵⁷ BALZER, W.: 1997, p. 43-44.

mesmo, a repetibilidade consiste justamente em uma repetição destes relatos.

Os compromissos metateóricos nos indicam quando estamos diante de um objeto; o conjunto de casos paradigmáticos determina para nós a estrutura de dados para a teoria freudiana. Um caso isolado não determina, nem de modo completo nem de modo unívoco, a estrutura dos dados. Balzer especifica:

Uma pessoa neurótica pode servir de base para diversas estruturas de dados e uma estrutura de dados não tem que conter todos os dados possíveis dentro do sistema intencional, nem sequer todos os facilmente extraíveis³⁵⁸.

Objeto e dado serão agora os dois conceitos que nos permitirão fechar nossas conclusões no que se refere aos esclarecimentos que pretendemos ter dado à obra de Freud ao vê-la sob a lupa da matriz disciplinar kuhniana.

A meta-teoria determinou para nós uma nova ordem, que constituiu novos objetos. A passagem pelas diferentes metáforas que expressaram o aparato mental nos deixa em condições de decidir se esses três objetos pertencem à mesma rede epistemológica. A primeira metáfora analisada, a apresentada no *Projeto...* pretendeu ser mecânica, mas certos problemas técnicos a levaram a buscar uma justificação ontogênica. O objeto psíquico se vinculava ainda com o corporal, em uma continuidade tal que leva a pensar o primeiro em termos orgânicos. A pergunta que se apresenta agora é se este orgânico é biológico ou, o que vem a ser o mesmo, se o aparato psíquico é um objeto biológico ou mecânico. Um objeto biológico comprometeria a redutibilidade do mental ao corporal? O projeto era totalmente mecânico, de modo que o orgânico era mais bem pensado como uma organização que como um organismo; isto significa que, neste momento metafórico, o aparato mental é um conjunto de partes inter-relacionadas. Neste modelo o todo está em função das partes. Desse modo se aproxima mais de uma máquina que de uma substância viva. Talvez por isso tenham se derivado deste modelo certos projetos teóricos de associar a metáfora em questão com modelos de máquinas lógicas do tipo da de Turing. Os órgãos do corpo humano, as células do

sistema nervoso, não são, em si mesmas, biológicas, no sentido em que se entendia no século XIX. Para um objeto ser um objeto biológico tem que ter algo além de seu caráter sistêmico, tem que incorporar a dimensão diacrônica. A história tem que ser incorporada como ontogênese e não como filogênese. Transformar o modelo da máquina mental em uma máquina viva não significa estabelecer uma filogênese de máquinas mentais, umas derivando das outras, para explicar a espécie humana, sendo a história o pano de fundo no qual se produz tal derivação. A passagem do físico ao biológico requer uma concepção ontogênica – o objeto não *é*, mas sim *vem a ser* uma máquina. O que interessa é *como se desenvolvem suas características diferentes*, isto é, como se chegou a essa organização. Assim, nossa máquina não é algo arbitrário, pois há leis que a fundamentam, concebendo-a como o resultado necessário de determinados processos. Essas leis são leis biológicas que permitem derivar o mecanismo do primitivo na gênese e isso me garante que os órgãos sejam de um tipo de objeto que pertence à ordem do real, justamente porque real, segundo os compromissos metateóricos do século XX, é o que tem uma ontogênese. Mas esta ontogênese serve apenas para garantir que a máquina, a organização de partes, é um ser vivo; mas em si mesma a ontogênese não consegue torná-la um ser vivo. O biológico é usado como justificação e não como aspecto essencial – sua característica destacada é a de máquina.

O segundo modelo que analisamos, o de *A interpretação dos sonhos*, é um modelo mecânico: o todo é um resultado da inter-relação das partes. Mas este modelo não almeja abandonar o caráter de construção que fornece compreensibilidade decompondo em partes componentes com funções específicas. São as funções das partes que explicam a complexidade do todo. Esta máquina, distintamente da anterior, não busca uma justificação biológica, ela é simplesmente um instrumento simplificador. Todavia, tampouco há uma redutibilidade a outros órgãos ou se requer uma tradução da metáfora do aparato psíquico em outras metáforas de outros aparatos do corpo humano. Esta independência metafórica lhe permitirá introduzir uma modificação no trabalho mecânico. Uma de

³⁵⁸ BALZER, W.: 1997, p. 45. Cabe indicar que para Balzer um caso paradigmático é um sistema intencional.

suas partes diferenciadas é a que, paradoxalmente, mais tarde permitirá que o aparato mental possa ser pensado como objeto biológico sem necessidade de incorporar o orgânico. A construção desta articulação lhe permitirá desenhar um novo cenário independente do fático. O dualismo corpóreo é a consequência lógica desta metáfora. É o trabalho do sonho o que leva a redefinir o psíquico. O aparato mental é uma organização que também *vem a ser*, mas esse não é o objetivo explicativo da ficção teórica. O *explicandum* não é a origem da energia psíquica, mas o modo como trabalha e o que provoca com este trabalho: sonhos e sintomas. Estes dois últimos são os que lhe permitem a operacionalização do sistema inconsciente. No entanto, ambos se apresentam como o resultado de uma conexão causal de conteúdos e de significados, não de células. O espaço no qual se desloca esta energia significativa tem que ser diferente do espaço no qual se desloca uma energia física. Sonhos e sintomas não são o resultado de forças físicas, mas sim de forças psíquicas, e estas exigem a concepção de um espaço novo. As formas *a priori* que permitem intuir os fenômenos psíquicos são diferentes das que permitem a intuição dos fenômenos físicos. O sonho, enquanto fenômeno psíquico, é o resultado de um trabalho causal eficiente que transmite conteúdos e para compreender tal trabalho tenho que compreender esses conteúdos. Entretanto, penetrar nestes é entrar em uma realidade diferente da realidade fática, realidade esta muito mais complexa que a que permite inteligir as categorias e leis da física. Schrödinger³⁵⁹ faz uso da analogia com o pictórico para inteligir o físico e o biológico. O físico é análogo a um desenho em papel de parede, que se repete periodicamente, sendo a periodicidade seu aspecto fundamental. O biológico é análogo a um quadro de Rafael, onde a complexidade não permite identificar nenhuma periodicidade. Trata-se do descontínuo frente ao contínuo. Os conteúdos que são transmitidos pertencem a uma rede polissêmica cuja complexidade é análoga à da obra clássica da pintura – só chegamos ao significado desses conteúdos através de uma exegese da polissemia escondida. Para compreender a ação do

³⁵⁹ SCHRÖDINGER.: *What is life?*, 1944: Nesta obra o autor trata de explicar por que a biologia é irreduzível à física, isto é, por que não se pode formular o que é a vida em termos de leis físicas. Não se trata do fato de que o vital viole as leis básicas da física, mas sim do fato de que as ultrapassa, de modo tal que estas fracassam na hora de captar o mais elementar. O autor sugere como um caminho possível o da física quântica.

significado precisamos desta hermenêutica que permite intuir biologicamente o conteúdo, ou seja, o conteúdo tem uma ontogênese. O *explicandum* é mecânico, o *explanans* incorpora junto à determinação causal eficiente a exegese hermenêutica, pois só é possível intuir a ação do significado se se compreender o significado. Embora o conteúdo atue com uma estrutura causal eficiente, ele mesmo é resultante de uma ontogênese. É possível chegar ao objeto psíquico por leis causais do mesmo tipo que as do objeto físico, isto é, seguindo uma heurística física, mas o objeto psíquico não pode se reduzir à inteligência física. O objeto psíquico, por sua polissemia, adquire um algo mais, o que o torna irreduzível, de modo completo, a uma estrutura causal_estrutura causal eficiente. As formas que nos permitem intuir os objetos desta realidade psíquica não podem ser as mesmas que a dos objetos da rede empírica. O inconsciente será concebido justamente como atemporal.

A terceira metáfora que analisamos nos coloca frente a um objeto que sugere um retorno ao tipo de objeto constituído pela metáfora do *Projeto...* O aparato mental é, em *Para além do princípio de prazer*, comparado com um ser vivo – não com um órgão, mas com um ser completo. Nesta figuração o aparato mental não é uma organização, é um organismo. A inteligibilidade não se dá ao todo através das partes, mas sim das partes através do todo. Um organismo é antes de tudo uma unidade. A biologização do aparato mental em *O ego e o id* significa o seguinte: o aparato mental é um todo resultante de uma ontogênese. As partes não podem ser explicadas por si mesmas, pois já não são partes descontínuas; o todo, cujas partes agora se encontram em um contínuo, é explicado teleologicamente: fim da espécie e fim do indivíduo. De alguma forma retorna-se ao biológico do primeiro modelo, mas já não mais como justificação de uma máquina, mas como um modo de ser; já não se trata de uma máquina viva. Também aqui o biológico garante a realidade do aparato mental. A biologização implica um compromisso com a ontologia da época, os objetos reais são intuídos sob o *a priori* histórico, sob *a priori* mecanicista só se consegue conceber objetos imaginários. As máquinas, as organizações, são produto de nossa fantasia, os organismos não.

Então, o biológico requer um conflito com o meio; a questão é se este biológico é o resultado de forças externas ou se é a própria ordem imanente da estrutura vital o que provoca a ontogênese. Nunca se realiza uma ou outra das alternativas de modo absoluto, mas, segundo o modelo, prevalece um dos aspectos. Na metáfora orgânica do *Projeto...*, o meio é determinante. Essa foi a razão pela qual o biológico nos colocou ante um modelo denotativo, mas se o determinante é a ordem imanente, o significativo não requer denotação desse meio, o significativo requer uma hermenêutica organicista. A questão consiste em saber onde colocamos a ênfase para inteligir um objeto como biológico. Com Darwin se aprendeu que o biológico é o relativo à sobrevivência no conflito com o meio. Se a ênfase recai sobre o meio, o modelo tem que ser denotativo e explicativo por causalidade eficiente. A ontogênese é o resultado da ação de forças externas ao organismo. Mas se a ênfase é colocada no conflito, sem negar a ação do meio, mas colocando esta disputa como uma entre forças do mesmo tipo, isto é, como forças que pertencem ambas à ordem do psíquico, temos que a ontogênese é o resultado da sobrevivência de um conflito interno. O conflito se debate no interior da alma humana. A segunda metáfora já havia permitido conceber uma realidade diferente da empírica e é a desta realidade que emergirá o significativo. Uma realidade psíquica irreduzível à realidade empírica mecânica da física, mas análoga à empiricidade organicista, embora sem subsumir-se sob ela. Esta realidade psíquica, campo de batalha onde se decidem os conflitos da alma humana, não é resultante de uma introspecção do empírico nem é de ordem intelectual. A realidade psíquica é da ordem existencial, uma ordem onde nada é arbitrário e onde tudo está determinado de modo multívoco, por isso a polissemia que oculta cada um desses componentes. Podemos aproximar-nos deste mundo psíquico se o comparamos com uma ópera: a realidade psíquica é bastante parecida com esta realidade cênica. Para compreendê-la não interessa a relação com a realidade externa, o que ocorre no cenário é independente do que ocorre no mundo empírico. Só uma hermenêutica organicista nos permite atingir o significativo, que expande no interior deste mundo como um contínuo, impedindo a intelecção completa de partes isoladas. Às vezes, para decifrar a linguagem dessa realidade operística não devemos nos concentrar no texto cantado, não é

no que se diz que encontramos o fio de Ariadne a nos guiar neste mundo hermenêutico. Pode servir de guia uma melodia distante, executada ao fundo do texto sinfônico. Melodia distante que nos lembra significados alheios ao texto cantado, mas que são os que permitem compreender a trama da obra. O mundo criado tem suas próprias leis, sua substância tem como características fundamentais a continuidade e a aperiodicidade. Admitida esta realidade psíquica, o paradigma biológico não precisa apelar a forças externas a essa realidade; as forças que modelam a ontogênese são forças psíquicas, do meio psíquico.

Em suma, o paradigma biológico se realiza plenamente quando se postula uma ordem imanente organicista. Essa ordem está dada pelo conflito entre forças psíquicas e para compreender a trama dessa guerra é necessária uma hermenêutica. Desse modo, podemos nos arriscar a afirmar uma continuidade entre as três metáforas, continuidade na qual vão se realizando os ajustes necessários para situar os fenômenos psíquicos sob o *a priori* biológico do século XIX, *a priori* onde o principal não são os órgãos, mas o vital. E a partir desse *a priori* é que o mundo psíquico e os objetos que o habitam adquirem realidade. É da metafísica da vida que os princípios que explicam a alma humana são derivados.

Deixemos de lado agora os compromissos metateóricos que tiveram por consequência este objeto organicista. Na clínica, estas consequências são questionadas, o objeto é admitido como um objeto que pertence a esta rede epistêmica. É a obviedade do objeto. O paciente se entende a partir de seu histórico. Alcançado o consenso sobre o objeto, a matriz disciplinar nos revela que a base consensual só começa com a adoção da mesma rede conceitual, mas não é esta que o efetiva. É claro que se este espectro não é adotado unanimemente por uma comunidade, essa comunidade não trabalha sob o mesmo paradigma; trata-se de uma condição necessária, mas não suficiente. O trabalho paradigmático se dá realmente quando diante de um mesmo caso todos *vêem* quase o mesmo, isto é, todos verão alguma versão do complexo paterno quando se depararem com um neurótico. Entretanto, se *vêem* nos sintomas seqüelas de uma vivência traumática, não estão *vendo* a

mesma coisa; o esquema de lei, a etiologia que se está aplicando não é a mesma.

Das análises de casos se poderá extrair uma estrutura que servirá de padrão para determinar quando uma determinada proposição atômica é um dado. Em princípio, a proposição não pode incluir variáveis – os símbolos que contém não entram como variáveis, mas como designação de objetos determinados. Como estes são proposições atômicas que surgem das descrições dos exemplos da teoria captados conceitualmente, tal estrutura de dados não poderá incluir proposições que não possam ser formuladas com conceitos da teoria.

Se compararmos os casos apresentados que provêm da época em que Freud aderiu à teoria do trauma com os casos apresentados quando já abandonou tal teoria veremos claramente a diferença da estrutura de dados que se alcança. A diferença terapêutica é clara: no método interpretativo se quer trazer à luz o significado do sintoma, no método catártico se quer eliminá-lo. E essa diferença também revela conjuntos de semelhanças diferentes, os casos paradigmáticos se transformaram. A partir do conjunto apresentado quando adere à teoria do trauma podemos extrair a conclusão de que um dado para tal teoria é uma proposição que descreve uma vivência negativa que ocorre em um tempo *t*. O sintoma não é visto como *significando* essa vivência concreta e real, mas sim como efeito da representação dessa vivência. O sintoma é percebido como o efeito de algo que ocorreu no passado. Qualquer proposição que descreva essas vivências do passado, capazes de provocar um sentimento de desprazer, unida a outra que descreva a repressão de uma reação normal, constituem dados relevantes. Como os dados são obtidos a partir dos casos como proposições atômicas que são formuladas seguindo o esquema de algum conceito básico da teoria, temos listas de dados para os diferentes conceitos.

A situação é totalmente diferente no conjunto de exemplares que analisamos nesta tese. Todos eles pertencem à época posterior à teoria do trauma. A generalização etiológica é diferente e requer outros dados. Todas aquelas proposições que descrevem algo sobre o pai são dados. No entanto, a diferença fundamental com a estrutura de dados anterior está no fato de que não interessa

agora se elas descrevem estados de coisas efetivos da realidade empírica. Como o sintoma já não é um efeito, mas um significado, concretamente o significado de um conflito, quaisquer proposições que descrevam partes possíveis de um conflito podem ser dados. Por exemplo, o par auto-erotismo/alguma proibição paterna. Como a realidade que agora se admite é a realidade psíquica, os dados não são necessariamente proposições que descrevem fatos, mas incluem proposições que descrevem fantasias, cujo único fator empírico consiste no relato do paciente. Determinar se relato e paciente constituem a reconstrução empírica na estrutura conceitual da teoria é o problema a resolver. Problema não referido à teoria, mas às condições iniciais requeridas para poder explicar um estado de coisas determinado com as leis da teoria. Então, quando se observa um sintoma, se vê a realização de uma fantasia e se *verá* na empiricidade do relato tais fantasias, mas não se requer uma empiricidade externa a este relato que constitua um dado. Por exemplo, encontrar a versão adequada do complexo paterno para solucionar o caso Schreber é um trabalho que se concentra fundamentalmente no relato das *Memórias*; os dados biográficos não são propriamente dados da estrutura de dados que emerge do caso, pois estes estão em função da compreensão das fantasias e não como fatores causais delas. Os dados relevantes para a solução do caso são aquelas proposições que relatam as fantasias, tais como a que relata a representação de uma mulher copulando ou aquelas partes da obra do juiz que falam da mudança de sexo. Esta conclusão nos permite explicar duas coisas: primeiro, por que um sonho é um dado; e também a incorporação na anamnese de um fato inferido. O relato do fenômeno onírico se incorpora na estrutura de dados, pois quando se vê um neurótico se vê a ação de fantasias em conflitos, algumas das quais se ligam ao passado do indivíduo e não representações de fatos que desde o passado o atormentam. Como os sonhos são feitos da mesma matéria dos sintomas, as conexões oníricas que emergem na tradução verbal nos servem de dados para inteligir o mundo psíquico.

Ver um sintoma como a realização de uma fantasia, realização que não exige uma efetivação empírica, nos permite compreender por que na anamnese do Homem dos lobos Freud

coloca como fato a *observação do coito dos pais ou de seu estar juntos*. A anamnese é constituída por descrições de fatos empíricos, tal como as apresentadas por Strachey. Trata-se do correlato empírico da ontogênese do paciente. Mas estes momentos cronológicos só ganham relevância se podem ser ligados a uma fantasia, não em um enlace causal, mas em uma conjunção. Retomando o caso do Homem dos lobos, a observação que assinalamos poderia ter sido efetiva ou não, mas é sobre a fantasia que se une a esta observação que Freud encontra a solução do caso. Essa observação é um dado? Na realidade trata-se de um pressuposto, uma hipótese que permite tal solução. Longe de ser alheio a qualquer elaboração, é o resultado de uma inferência pelo melhor explicação; inferência que inclui vários pressupostos. Suponhamos que vemos uma mancha em uma parede, por inferência pela melhor explicação; inferimos que a causa deve ser um cano que se rompeu e a água que se desvia é o que provoca a mancha. Descartamos a possibilidade de a causa ser algum tipo de espírito que se diverte manchando as paredes de nossa casa. O vazamento de água é, assim, um fato que se infere e não algo que percebamos de modo direto por nossos sentidos; é algo que poderá ser confirmado, mas em si mesma a proposição que descreve este estado de coisas não constitui um dado, mas uma conjectura. No caso que estamos analisando a proposição empírica é inferida como a melhor explicação a partir de uma fantasia – e admitindo a teoria –, mas a cópula dos pais diante do menino pode ter sido algo que o menino observou ou algo que ele imaginou e não interessa escolher entre estas duas opções. Quando essas hipóteses empíricas, às quais se chega pela reconstrução à maneira dos arqueólogos, são parte da anamnese, é justamente uma prova de que a *visão* se estende muito além de nossos torpes olhos e que ela, tal como a entende Kuhn, é o resultado de uma educação que nos ensina a *ver* de um determinado modo. O homem dos lobos é um exemplo da teoria do *complexo de Édipo*, pois é captado conceitualmente por ela, ou, do mesmo modo, tal caso paradigmático é um caso de solução bem sucedida do enigma que representa encontrar a versão adequada a essa situação a partir do esquema de lei do complexo paterno.

Os casos que analisamos nesta tese representam, cada um deles, o esforço por encontrar

versões adequadas de lei, qual seja, a do complexo de Édipo. De um ponto de vista teórico ela encontra sua fundamentação quando a incluímos na terceira etiologia, mas esta não é mais que um aperfeiçoamento da segunda. Mas o aperfeiçoamento teórico não leva necessariamente a um aperfeiçoamento na solução destes jogos de raciocínios aos quais os sistemas de casos concretos nos desafiam. A questão agora é em relação à primeira etiologia. Ela implica uma mudança no consenso? O conjunto de exemplares determinado pela teoria do trauma representa um conjunto de soluções bem sucedidas distintas das que representa o conjunto de exemplares para a teoria do complexo paterno. As generalizações que guiam tais soluções são diferentes; por conseguinte, o que se busca é diferente. E as teias de semelhanças nas quais serão educados os investigadores futuros são diferentes, conforme se parte de um grupo ou de outro. Seu passado e, portanto, sua ontogênese e sua patologia, são vistos de modo diferente. Se um cientista que adere à teoria do trauma coloca-se frente a uma histérica, *verá* coisas diferentes das que verá outro cientista, diante da mesma histérica, que não adere a tal teoria, mas à do complexo de Édipo tal como a compreendemos na terceira etiologia. As generalizações da primeira etiologia, confrontadas com as da segunda e da terceira, implicam certas mudanças de definição de alguns conceitos, tais como o de sexualidade, que em grande medida as tornam irreduzíveis. E como os casos concretos são captados através desses conceitos e como a *visão* é treinada a partir desses conjuntos paradigmáticos através de relações de semelhança, podemos concluir que dois cientistas, educados em um grupo ou outro de exemplares, *verão*, diante da mesma paciente, pacientes diferentes.

A única pergunta que resta por resolver é se esta situação é própria apenas de uma ciência como a psicanálise e se este aspecto lhe veda a possibilidade de ser científica. Segundo Kuhn esta é exatamente a situação de toda a ciência, incluindo a mais paradigmática das ciências: a física.

Tabelas

Dora

Tabela 1

<i>Ano</i>	<i>Idade de Dora</i>	<i>Fatos</i>
1882		nascimento de Dora
1888	6 anos	tuberculose do pai, mudança da família a B
1889	7 anos	enurese
1890	8 anos	dispnéia
1892	10 anos	desprendimento de retina do pai
1894	12 anos	o pai sofre um ataque de confusão e é atendido por Freud. Enxaqueca e tosse nervosa em Dora.
1896	14 anos	Cena do beijo.
1898	16 anos	(no início do verão) Dora pede atendimento pela primeira vez no consultório de Freud. (final de junho) Cena no lago. (inverno) morre a tia de Dora, que mora em Viena.
1899	17 anos	(março) Apendicite. (Outono) a família deixa B e se muda para a cidade onde se encontrava a fábrica do pai.
1900	18 anos	A família se muda para Viena. Tentativa de suicídio. (de outubro a dezembro) tratamento com Freud.
1901		(janeiro) redação do histórico clínico.
1902		(abril) última ocasião em que Dora é atendida no consultório de Freud.
1905		Publicação do histórico clínico

Joãozinho
Tabela 2

Ano	Idade do menino	Fatos
1903		Abril: nascimento de Joãozinho
1906	3-3 $\frac{3}{4}$ anos 3 $\frac{1}{4}$ -3 $\frac{1}{2}$ anos	Primeiras notícias Verão: primeira estadia em Gmunden
1907	3 $\frac{1}{2}$ anos 3 $\frac{1}{2}$ anos 3 $\frac{3}{4}$ anos 4 anos 4 $\frac{1}{4}$ - 4 $\frac{1}{2}$ anos	Ameaça de castração Nascimento da irmã Primeiro sonho Mudança para nova casa Segunda estadia em Gmunden. Episódio do cavalo que morde
1908	4 $\frac{3}{4}$ anos	Episódio do cavalo que cai. Começo da fobia
	5 anos	Fim da análise

Homem dos Ratos
Tabela 3

Ano	Idade	Fato
1878		Nascimento do paciente
1881	3 anos	Ira contra o pai
1882	4 anos	Cena com a Srta Peter. Morte
1883	5 anos	Katherine. Pássaro dissecado
1884	6 anos	Ereções. Idéia de que os pais conheceriam seus pensamentos
1885	7 anos	Cena com a Srta Lina. Dispara contra irmão com espingarda de brinquedo
1886	8 anos	Vai à escola. Conhece Gisela
1887	9 anos	Morte do pai de Gisela
1888	10 anos	Lombrigas nas fezes do primo
1889	11 anos	Esclarecimento sexual “porco nojento”
1890	12 anos	Apaixona-se pela irmã de um amigo. Obsessão pela morte do pai. Flatulências da mãe
1891	13 anos	Exibição dos genitais diante da Srta Lina
1892	14 anos	Devoção religiosa até esta época
1893	15 anos	Masturbação ocasional
1894	16 anos	Masturbação ocasional
1895	17 anos	Apaixona-se por Gisela.
1898	20 anos	Obsessão pela morte do pai. Suicídio da costureira.
1899	21 anos	Operação de Gisela. Morte do pai. Recomeço da masturbação. Serviço militar
1900	22 anos	Jura contra a masturbação. É recusado por Gisela
1901	23 anos	Enfermidade da avó de Gisela. Reaparece a masturbação.
1902	24 anos	Morte da tia e começo da neurose obsessiva. Veraneio em Gmunden.
1903	25 anos	Exame Exame. Morte de um tio que lhe é indiferente. Plano de casamento. Exacerbação da neurose obsessiva. (Julho) Exame. Gisela o recusa pela segunda vez. Veraneio em Unterach. Idéias de suicídio
1904	26 anos	Primeiro coito (Trieste)
1906	28 anos	Em Salzburgo.

1907

29 anos

Fórmula de proteção com
“iniciais”. Sonho das espadas
japoneses
Manobras militares na Galícia
(Outubro) começo do
tratamento

Notas sobre alguns irmãos do
paciente: Hilde, irmã mais
velha, casada

Katherine, quatro ou cinco
anos mais velha que o
paciente; morreu quando este
tinha 4 anos de idade.

Gerda

Constanze

Irmão um ano e meio mais
novo que o paciente (Hans?)

Julie, três anos mais nova que
o paciente, casada com Bob S.

Schreber
Tabela 4

Ano	Acontecimento
1842	25 julho: nasce em Leipzig Daniel Paul Schreber
1861	novembro: morre o pai aos 53 anos de idade
1877	morre seu irmão (três anos mais velho que ele, aos 38 anos de idade)
1878	casa-se
	Primeira enfermidade
1884	Outono: é candidato à câmara baixa do parlamento (Reichstag) Outubro: internado durante algumas semanas no asilo Sonnenstein 8 de dezembro: clínica psiquiátrica de Leipzig
1885	1º de junho: recebe alta
1886	1º de janeiro: inicia sua atividade no Tribunal Regional de Leipzig.
	Segunda enfermidade
1893	Junho: é informado de sua nomeação próxima para o Tribunal Superior 1º de outubro: inicia sua atividade como <i>Senatspräsident</i> 21 de noviembre: vuelve a ser internado en la clínica de Leipzig
1894	14 de junho: é conduzido ao asilo de Lindenhof 29 de junho: é conduzido ao asilo de Sonnenstein
1900-02	Escreve suas <i>Memórias</i> e inicia uma ação judicial para receber alta
1902	14 de julho: pronunciamento do tribunal em favor da alta

	20 de dezembro: recebe alta
1903	são publicadas as <i>Memórias</i>
	Terceira enfermidade
1907	Maio: morre a mãe, aos 92 anos de idade 14 de novembro: a esposa sofre um ataque. Imediatamente depois ele fica enfermo 27 de novembro: é internado no asilo de Dösen , Leipzig
1911	14 de abril: morre
1912	Maio: morre a esposa, aos 54 anos de idade.

Homem dos lobos

Tabela 5

Idade	Fato
Nascimento no dia de Natal	
1 ½ ano	Malária. Observação do coito dos pais ou de seu estar juntos, em que depois introduziu a fantasia do coito
Pouco antes dos 2 ½ anos	Cena com Grusha
2 ½ anos:	Lembrança encobridora da partida dos pais com a irmã. Esta recordação o mostra apenas com a babá e assim desmente Grusha e a irmã.
antes dos 3 ¼ anos:	Queixa da mãe ao médico
3 ¼ anos	Começo de sedução pela irmã; pouco depois, ameaça de castração pela babá.
3 ½ anos	A governanta inglesa. Começo da alteração do caráter.
4 anos	Sonho dos lobos, início da fobia.
4 ½	Influência da história bíblica. Emergência dos sintomas obsessivos.
Pouco antes dos 5 anos	Alucinação da perda do dedo.
5 anos	Abandono da primeira propriedade.
Depois dos 6 anos	Visita ao pai enfermo (compulsão de expiração)
8 anos	Últimas deflagrações da neurose obsessiva
10 anos	Últimas deflagrações da neurose obsessiva
17 anos	Fraqueza desencadeada pela gonorréia
23 anos	Começo do tratamento

Neuroses atuais	Neuroses de transferência	Neuroses narcisistas	Neuroses traumáticas
Neurastenia Neurose de angústia Hipocondria (Melancolia tensão sexual psíquica)	Histeria de angústia (fobias) Neurose obsessiva Histeria	<i>Dementia praecox</i> Paranóia Melancolia	
Enfermidade específica da pulsão sexual (excesso de quantidade de libido) <i>Relação conflitiva:</i> libido-corpo Os sintomas não têm significado	Enfermidade provocada por conflito psíquico <i>Relação conflitiva:</i> libido-alma Os sintomas têm significado	Enfermidade provocada por conflito psíquico <i>Relação conflitiva:</i> libido-alma Os sintomas têm significado	Os sintomas têm significado
A psicanálise não cura	<u><i>A psicanálise cura:</i></u> Amor-ódio <i>Causa específica:</i> Teoria das pulsões: Conflito (pulsões sexuais-pulsões egóicas) Estrutura do ego: Conflito(<i>ego-id</i>) <i>Tipo de angústia:</i> libidinal	A psicanálise não cura: Indiferença <i>Causa específica:</i> Teoria das pulsões: Conflito (libido egóica-libido de objeto) Estrutura do ego: Conflito(<i>ego-superego</i>) <i>Tipo de angústia:</i> moral, de morte, sentimento de culpa	<i>Causa específica:</i> Teoria das pulsões: Conflito (pulsão de vida-pulsão de morte)
	<i>Lugar de fixação:</i> Complexo de Édipo	<i>Lugar de fixação:</i> narcisismo	<i>Lugar de fixação:</i> momento do trauma

Bibliografia

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud et Nietzsche*, Quadrige/Presses Universitaires de France, 1980.
- BALZER, W.; MARCOU, P. "A Reconstruction of Sigmund Freud's Early Theory of the Unconscious". In: *Psychological Theories from a Structuralist Point of View*, Hans Westmeyer (Ed.), Springer-Verlag, Germany.
- _____. *Teorias empíricas: modelos, estruturas y ejemplos*. Madrid: Alianza Universidad, 1997.
- BLUM, V.L. *O estatuto das entidades metapsicológicas à luz da teoria kantiana das idéias*, Campinas, SP: Centro de Lógica, Epistemologia e História da ciência, Unicamp, 1998.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*, RJ: Forense Universitária, 1995.
- CARNAP, Rudolf (1958). *Introduction to symbolic logic and its applications*. USA: Dover Publications.
- CEDARBAUM, D.G. "Paradigms", in *Studies in History and Philosophy of Science*, September 1983, V. 14, N. 3, pp. 173-213.
- FOUCAULT, M. *Las palabras y las cosas*, México: Siglo veintiuno editores, 1993.
- GUSDORF, Georges. *Les origines de l'hermeneutique*. Paris: Ed. Payot, 1988.
- GUTTING, G. "Introduction", in *Paradigms and Revolutions, Appraisals and Applications of Thomas Kuhn's Philosophy of Science*, Gary Gutting (Ed.), University of Notre Dame Press, pp. 12-15.
- HACKING, Ian. (1995) *Rewriting the Soul, Multiple personality and the sciences of memory*, Princeton: Princeton University Press.
- _____. (1990) "Cinco parábolas", in: *La filosofía en la historia*, Rorty, Schneewind, Skinner (ed), España: Ediciones Paidós.
- HAWLEY, K. "Thomas S. Kuhn's Mysterious Worlds", in: *Studies in History and Philosophy of Science*, June 1996, V. 27, N. 2, pp. 291-300.
- HOPKINS, James: (1996) "La interpretación de los sueños", in: *Guía de Freud*, compilación de Jerome Neu.
- KUHN, T. S. (1957) *La Revolución Copernicana, la astronomía planetaria en el desarrollo del pensamiento occidental*, Planeta-Agostini, 1994.
- _____. (1970) *La estructura de las revoluciones científicas*, México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- _____. (1971) "Les notions de causalité dans le développement de la physique". In: BUNGE, Mario (et. al.) *Les theories de la causalité*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 7-19.
- _____. (1977) *A Tensão Essencial*, Lisboa: Edições 70.
- _____. (1979) "Metaphor in science", in: *Metaphor and thought*, edited by Andrew Ortony, Cambridge University Press.
- _____. (1987) *¿Qué son las revoluciones científicas? y otros ensayos*. Barcelona: Paidós, 1989..
- LOPARIC, Z. "Heidegger and Winnicott", in *Natureza Humana*, volume 1, número 1, pp. 103-135.

- MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. SP: Ed. Perspectiva, 1982.
- MONZANI, L. R. *Freud. O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 1989.
- MUSGRAVE, A. "Kuhn's second thoughts", in: *Paradigms and revolutions*, Edited by Gary Gutting, 1980, USA.
- PRIBRAM, K. "From metaphors to models: the use of analogy in neuropsychology", in *Metaphors in the history of psychology*, Leary (ed). Cambridge University Press, 1992.
- PUTNAM, H. (1974) "La 'corroboración' de las teorías". In: HACKING, I. (ed.) *Revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- RAPAPORT, David. *A estrutura da teoria psicanalítica. Uma tentativa de sistematização*. SP: Ed. Perspectiva, (1960) 1982.
- SCHRÖDINGER, *What is life?*. Cambridge University Press, 1944.
- WOODFIELD, A.: *Teleology*, Cambridge University Press, 1976, Great Britain.
- FREUD, Sigmund: *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1978-1985.
- _____ *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1968.

